
BLAKE PIERCE
um thriller psicológico de jessie hunt —livro 3
a
casa
perfeita

a casa perfeita

(um thriller psicológico de jessie hunt —livro 3)

blake pierce

Blake Pierce

Blake Pierce é a autora da série bestselling um mistério de RILEY PAGE, composta por quinze livros (a continuar). Blake Pierce é também a autora da série um mistério de MACKENZIE WHITE, composta por nove livros (a continuar); da série um mistério de AVERY BLACK, composta por seis livros; da série um mistério de KERI LOCKE, composta por cinco livros; da série um mistério dos PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta por três livros (a continuar); da série um mistério de KATE WISE, composta por dois livros (a continuar); da série um thriller psicológico de CHLOE FINE, composta por três livros (a continuar); série um thriller psicológico de JESSIE HUNT, composta por três livros (a continuar).

Uma leitora ávida e uma fã desde sempre dos géneros de mistério e thriller, Blake adora ouvir sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e para se manter em contacto.

Copyright © 2018 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book está licenciado apenas para seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright hurricanehank, usada com autorização da Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)
O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)
A CASA PERFEITA (Livro #3)
O SORRISO PERFEITO (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)
A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)
BECO SEM SAÍDA (Livro #3)
VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)
VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)
SE ELA VISSE (Livro #2)
SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)
À ESPERA (Livro #2)
A CORDA DO DIABO (Livro #3)
AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)
ACORRENTADAS (Livro #2)
ARREBATADAS (Livro #3)
ATRAÍDAS (Livro #4)
PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)
PERDIDAS (Livro #10)
ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE
ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK
RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE
RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

-

CONTEÚDO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

CAPÍTULO QUARENTA

CAPÍTULO QUARENTA E UM

CAPÍTULO UM

Eliza Longworth tomou um longo gole de café enquanto olhava para o Oceano Pacífico, maravilhada com a vista a poucos passos de seu quarto. Ela às vezes tinha que se lembrar do quão sortuda era.

Penelope Wooten, sua amiga já há vinte e cinco anos, estava na espreguiçadeira ao lado, naquele pátio com vista para o desfiladeiro de Los Liones. Era um dia de março relativamente claro e, à distância, a Ilha Catalina era visível. Olhando para a esquerda, Eliza podia ver as torres reluzentes do centro de Santa Monica.

Era meio da manhã de segunda-feira. As crianças tinham ido para a creche e para a escola e o tráfego da hora de ponta havia diminuído. A única coisa que as amigas de longa data tinham programado até a hora do almoço era aproveitar a mansão de três andares de Eliza, na encosta de Pacific Palisades. Se ela não estivesse tão agradecida por aquele momento, ela poderia até começar se sentindo um pouco culpada. Mas quando tal sensação começou surgindo em seu cérebro, ela imediatamente a tentou contrariar.

Você terá muito tempo para se estressar mais tarde hoje. Apenas permita-se este momento.

“Quer mais café?”, Penny perguntou. “Eu preciso ir ao troninho de qualquer maneira.”

“Não obrigado. Eu estou bem por agora”, Eliza disse, antes de acrescentar com um sorriso travesso, “A propósito, você sabe que pode chamar isso de banheiro quando há apenas adultos por perto, certo?”

Ao se levantar, Penny colocou a língua de fora em resposta, desdobrando suas pernas incrivelmente longas para sair da espreguiçadeira, como uma girafa se colocando em pé depois de uma soneca. Seu longo e lustroso cabelo loiro, muito mais estiloso que o castanho claro de Eliza, estava amarrado em um rabo de cavalo

utilitariamente *fashion*. Ela ainda se parecia com a modelo de passarela que tinha sido durante alguns anos, entre os seus vinte e trinta anos, antes de desistir de tudo por uma vida reconhecidamente menos excitante, mas muito menos maníaca.

Ela se encaminhou para dentro, deixando Eliza sozinha com seus pensamentos. Quase imediatamente, apesar de seus melhores esforços, sua mente voltou à conversa que elas tinham tido minutos antes. Ela a repetiu em sua cabeça constantemente, sem conseguir parar.

"Gray parece tão distante ultimamente", dissera Eliza. "Nossa prioridade era sempre ter um jantar em família com as crianças. Mas desde que ele se tornou sócio sênior, ele passou a ter todos esses jantares de negócios."

"Tenho certeza de que ele está tão frustrado quanto você", Penny garantira. "Quando as coisas assentarem, vocês provavelmente voltarão à antiga rotina."

"Eu consigo lidar bem com o fato de ele ter que se ausentar mais. Eu entendo. Agora ele tem mais responsabilidade no sucesso da empresa. Mas o que me incomoda é que ele parece não ter consciência disso. Ele nunca expressou qualquer lamento por ter que se ausentar. Nem tenho certeza se ele se dá conta."

"Tenho certeza que sim, Lizzie", Penny dissera. "Provavelmente ele simplesmente se sente culpado por isso. Reconhecer tudo o que ele está perdendo tornaria as coisas piores. Aposto que ele está bloqueando esses pensamentos. Eu faço isso às vezes."

"O quê exatamente?", Eliza perguntou.

"Finjo que algo pouco admirável que estou fazendo na minha vida não é assim um problema tão grande, porque admitir que *é* só me faria sentir pior."

"E o que você faz que é tão ruim assim?", Eliza perguntou ironicamente.

"Na semana passada, comi meia lata de batatas fritas de uma só vez. E depois gritei com as crianças por quererem sorvete como lanche da tarde. É isso."

"Você está certa. Você é uma pessoa horrível."

Penny mostrou a língua antes de responder. Penny era mestre em mostrar a língua daquele jeito.

“Meu ponto é que, talvez, ao contrário do que parece, ele tenha consciência disso. Você já pensou em terapia de casal?”

“Você sabe que não acredito nessa porcaria. Além disso, por que eu deveria ir a um terapeuta quando tenho você? Com a terapia da Penny e a ioga, eu me garanto emocionalmente. Falando nisso, ainda estamos combinadas para amanhã de manhã na sua casa?”

“Absolutamente.”

Pensando nisso agora, brincadeiras à parte, talvez a terapia de casal não fosse uma idéia tão ruim. Eliza sabia que Penny e Colton iam a cada duas semanas e eles pareciam estar mais fortes por isso. Se ela fosse, ela sabia que pelo menos sua melhor amiga não iria mais esfregar isso na sua cara.

Elas davam apoio uma à outra desde a escola primária. Ela ainda se lembrava de quando Kelton Prew puxou suas tranças e Penny o chutou na canela. Isso tinha sido no primeiro dia da terceira série. Desde então elas se tornaram inseparáveis.

Elas tinham ajudado uma à outra a passar por inúmeras dificuldades. Eliza tinha estado lá para Penny quando ela teve bulimia no ensino médio. Em seu segundo ano de faculdade, tinha sido Penny a convencê-la de que *não* tinha sido apenas um encontro ruim, mas sim que Ray Houson a estuprara.

Penny tinha ido com ela à polícia do campus e esteve na sala do tribunal para oferecer apoio moral quando ela testemunhou. E quando o treinador de tênis quis tirá-la da equipe e terminar sua bolsa de estudos porque ela ainda estava tentando superar a situação meses depois, Penny foi até ele e ameaçou processar o cafajeste para ajudar sua amiga . Eliza permaneceu na equipe e venceu o troféu de melhor jogadora junior do campeonato naquele ano.

Quando Eliza perdeu o bebê depois de tentar engravidar durante dezoito meses, Penny foi visitá-la todos os dias até que finalmente ela estivesse pronta para sair da cama. E quando o filho mais velho de Penny, Colt Jr., foi diagnosticado com autismo, foi Eliza quem fez semanas de pesquisa e encontrou a escola que finalmente o ajudou a começar a prosperar.

Elas passaram por tantas batalhas juntas que gostavam de se chamar ‘Guerreiras de Westside’, mesmo que seus maridos achassem que o

nome era ridículo. Por isso, se Penny estava sugerindo que ela reconsiderasse a terapia de casal, talvez ela o devesse fazer.

Eliza foi arrancada de seus pensamentos por um toque no telefone de Penny. Ela se aproximou e o pegou, pronta para deixar sua amiga saber que alguém estava tentando contatar. Mas quando ela viu o nome na tela, abriu imediatamente a mensagem que tinha chegado. Era de Gray Longworth, o marido de Eliza. A mensagem dizia:

Mal posso esperar pra te ver logo mais. Sinto falta do seu cheiro. 3 dias sem vc é muito. Eu disse a Lizzie que tenho um jantar de negócios. Mesma hora e lugar, certo?

Eliza pousou o telefone. Sua cabeça começou subitamente a girar e ela se sentiu fraca. A caneca escorregou de sua mão, bateu no chão e quebrou em dezenas de cacos de cerâmica.

Penny correu de volta lá para fora.

“Tudo bem?”, ela perguntou. “Ouvi algo quebrar.”

Penny olhou para a caneca com café espalhado por toda parte e depois para o rosto aturdido de Eliza.

“O que está passando?”, ela perguntou.

Os olhos de Eliza se moveram involuntariamente para o telefone de Penny e ela observou a amiga rastreá-los com os seus. Pelo olhar de Penny, Eliza notou que sua amiga tinha se dado conta do que havia acontecido, do que tinha espantado a sua mais antiga e querida amiga.

“Não é o que parece”, Penny disse ansiosamente, dispensando qualquer tentativa de negar o que ambas sabiam.

“Como você foi capaz?”, Eliza exigiu saber, mal conseguindo pronunciar as palavras. “Eu confiava mais em você do que em qualquer outra pessoa no mundo. E você faz isso?”

Ela sentiu como se alguém tivesse aberto um alçapão por baixo dela e ela estivesse caindo em um buraco vazio. Tudo em que sua vida se baseava parecia estar se desintegrando diante de seus olhos. Ela pensou que poderia vomitar.

“Por favor, Eliza”, Penny implorou, ajoelhando-se ao lado de sua amiga. “Deixe-me explicar. Aconteceu, mas foi um erro - que eu tenho tentado consertar desde então.”

“Um erro?”, Eliza repetiu, sentando-se ereta em sua cadeira enquanto náuseas se misturavam com raiva, fazendo um caldeirão de bile subir do

estômago até à garganta. “Um erro é tropeçar na beira da calçada e derrubar alguém. Um erro é confundir um número numa conta de subtração. Um erro não é acidentalmente deixar o marido da sua melhor amiga entrar em você, Penny!”

“Eu sei”, Penny reconheceu, sua voz sufocando com arrependimento. “Eu não deveria ter dito isso. Foi uma decisão terrível, feita num momento de fraqueza, alimentada por muitos copos de vinho. Eu disse a ele que acabou.”

“'Acabou' sugere que foi mais de uma vez”, observou Eliza, tentando se levantar. “Há quanto tempo exatamente você anda dormido com meu marido?”

Penny ficou ali em silêncio, claramente ponderando se ser honesta faria mais mal do que bem.

“Há cerca de um mês”, ela finalmente admitiu.

De repente, o recente tempo do marido afastado da família fazia mais sentido. Cada nova revelação parecia desferir um novo soco no estômago. Eliza sentiu que a única coisa que a impedia de desmoronar era sua justa sensação de raiva.

“Engraçado”, Eliza apontou amargamente. “Isso coincide com esses jantares de negócios de Grey pela noite adentro, que você me disse que ele provavelmente sentia mal por isso. Que coincidência.”

“Eu pensei que seria capaz de me controlar...”, Penny começou a dizer.

“Não venha com essa”, disse Eliza, interrompendo-a bruscamente. “Nós duas sabemos que você pode ser incansável. Mas é assim que você lida com isso?”

“Eu sei que isso não ajuda”, insistiu Penny. “Mas eu ia acabar com tudo. Não falo com ele há três dias. Eu estava apenas tentando encontrar uma maneira de acabar com ele sem prejudicar você.”

“Parece que você vai precisar de um novo plano”, Eliza disse bruscamente, lutando contra o desejo de chutar os pedaços de xícara de café em sua amiga. Apenas seus pés descalços a impediram. Ela se agarrava à raiva, sabendo que era a única coisa que a impedia de desmoronar completamente.

“Por favor, deixe-me encontrar uma maneira de fazer isso direito. Tem que haver algo que eu possa fazer.”

“Há”, assegurou Eliza. “Saia agora.”

Sua amiga olhou para ela por um momento. Mas ela deve ter percebido a seriedade de Eliza porque sua hesitação foi breve.

“Tudo bem”, disse Penny, pegando suas coisas e caminhando apressadamente em direção à porta da frente. “Eu irei. Mas vamos nos falar mais tarde. Temos passado por tanta coisa juntas, Lizzie. Não vamos deixar isso estragar tudo.”

Eliza se obrigou a não gritar epítetos em resposta. Esta poderia ser a última vez que ela veria sua ‘amiga’ e ela precisava que ela entendesse a magnitude da situação.

“Isso é diferente”, disse ela lentamente, com ênfase em cada palavra. “Todas aquelas outras vezes fomos nós contra o mundo, apoiando uma a outra. Desta vez, você me apunhalou pelas costas. Nossa amizade acabou.”

Então ela bateu a porta no rosto de sua melhor amiga.

CAPÍTULO DOIS

Jessie Hunt acordou sobressaltada, por momentos insegura sobre onde estava. Demorou um momento para lembrar que ela estava no ar, num vôo de segunda-feira de manhã de Washington, DC, de volta a Los Angeles. Ela olhou para o relógio e viu que ainda tinha duas horas antes de aterrissarem.

Tentando não apagar de novo, despertou-se tomando um gole da garrafa de água que estava enfiada no bolso da poltrona à sua frente. Ela bochechou um pouco, tentando se livrar da secura que sentia em sua boca.

Ela tinha bons motivos para cochilar. As últimas dez semanas tinham estado entre as mais exaustivas de sua vida. Ela acabara de completar a Academia Nacional do FBI, um intenso programa de treinamento para policiais locais, criado para familiarizá-los com as técnicas de investigação do FBI.

O programa exclusivo estava disponível apenas para aqueles indicados pelos supervisores para participar. Salvo ser aceita para ir para Quantico para se tornar realmente uma agente formal do FBI, esse curso intensivo era a melhor coisa que podia ter acontecido.

Em circunstâncias normais, Jessie não teria direito a ir. Até recentemente, ela tinha sido apenas uma consultora interina de perfis criminais para o Departamento da Polícia de Los Angeles. Mas depois que ela resolveu um caso de grande relevância, sua importância tinha subido rapidamente.

Em retrospecto, Jessie entendia por que a academia preferia oficiais mais experientes. Durante as primeiras duas semanas do programa, ela se sentiu completamente sobrecarregada pelo volume de informação que estava sendo jogado para ela. Ela tinha aulas de ciência forense, direito, mentalidade terrorista e sua área de foco, ciência comportamental, que enfatizava entrar nas mentes dos assassinos para entender melhor seus

motivos. E nada disso incluia o treinamento físico implacável que deixava todos os músculos doendo.

Por fim, ela conseguiu se orientar. Os cursos, que faziam lembrar seu recente trabalho de pós-graduação em psicologia criminal, começavam a fazer sentido. Depois de cerca de um mês, o corpo dela já não estava mais gritando de dor quando ela acordava todas as manhãs. E o melhor de tudo, o tempo que ela passou na Unidade de Ciências Comportamentais permitiu que ela interagisse com os melhores especialistas do mundo em assassinos em série. Ela esperava um dia estar entre eles.

Havia um benefício adicional. Por ter trabalhado tanto, mental e fisicamente, em quase todos os momentos, ela quase nunca sonhava. Ou pelo menos não tinha pesadelos.

Enquanto ela estava em casa, freqüentemente acordava gritando e suando frio quando lembranças de sua infância ou de seus traumas mais recentes se repetiam em seu inconsciente. Ela ainda se lembrava de sua mais recente fonte de ansiedade. Tinha sido sua última conversa com o encarcerado assassino em série Bolton Crutchfield, aquela em que ele disse a ela que iria conversar com seu próprio pai assassino em breve.

Se ela estivesse estado em Los Angeles nessas últimas dez semanas, teria passado a maior parte do tempo obcecada com a dúvida sobre Crutchfiel estar falando a verdade ou manipulando ela. E se ele *estivesse* sendo honesto, como ele conseguiria coordenar uma conversa com um assassino em fuga enquanto estava sendo mantido em um hospital psiquiátrico de segurança máxima?

Mas, como ela tinha a estado a milhares de quilômetros de distância, concentrada em tarefas implacavelmente desafiadoras em quase todos os segundos que estivera acordada, Jessie não se tinha conseguido focar nas afirmações de Crutchfield. Ela provavelmente focaria em breve, mas não ainda. Agora, ela estava simplesmente demasiado cansada para seu cérebro a desafiar.

Quando Jessie se acomodou em seu assento, permitindo que o sono a envolvesse novamente, ela pensou.

Portanto, tudo o que tenho que fazer para conseguir um bom sono para o resto da minha vida é passar todas as manhãs trabalhando até

quase vomitar, seguido por dez horas de instrução profissional ininterrupta. Soa como um plano.

Antes de formar o sorriso que começava a brotar em seus lábios, ela já estava dormindo de novo.

*

Essa sensação de conforto aconchegante desapareceu no segundo em que ela saiu do aeroporto internacional de Los Angeles, logo depois do meio-dia. A partir deste momento, ela precisaria estar em guarda constante novamente. Afinal, como ela já tinha aprendido antes mesmo de partir para Quantico, um assassino em série estava solto e em sua busca. Xander Thurman estava procurando por ela há meses. Thurman por acaso era também o pai dela.

Ela chamou um carro por aplicativo para levá-la do aeroporto ao trabalho, que era a Delegacia Central da Comunidade no centro de Los Angeles. Ela só voltaria formalmente ao trabalho no dia seguinte e não estava com vontade de conversar, então nem sequer passou pelo escritório central da Delegacia.

Em vez disso, ela foi até sua caixa pessoal de correio e pegou sua correspondência, que havia sido reencaminhada de uma caixa postal. Ninguém - nem seus colegas de trabalho, nem seus amigos, nem mesmo seus pais adotivos - conhecia seu endereço real. Ela tinha alugado o apartamento através de uma empresa de leasing; seu nome não estava em lugar algum no contrato e não havia papelada conectando-a ao prédio.

Depois que ela pegou a correspondência, caminhou por um corredor lateral até o pátio de estacionamento das viaturas, onde os táxis estavam sempre esperando no beco adjacente. Ela pulou dentro de um deles e foi até o centro comercial que ficava próximo de seu complexo de apartamentos, a cerca de três quilômetros de distância da Delegacia.

Uma das razões pelas quais ela tinha escolhido este lugar para morar, depois que sua amiga Lacy havia insistido que ela se mudasse, era que era difícil de encontrar e ainda mais difícil de acessar sem permissão. Primeiro de tudo, as garagens do complexo de apartamentos ficavam no subsolo do shopping adjacente, no mesmo prédio, então qualquer um que

a seguisse teria dificuldade em determinar para onde ela estava indo de verdade.

Mesmo que alguém descobrisse, o prédio tinha um porteiro e um segurança. A porta da frente e o elevador só eram acionados com um cartão-chave específico. E nenhum dos apartamentos tinha numeração do lado de fora. Os moradores só tinham que lembrar qual era o deles.

Ainda assim, Jessie tomava precauções extras. Ela pagou o táxi em dinheiro e, assim que ele a deixou, ela entrou no shopping. Primeiro ela passou rapidamente por um café, vagando pela multidão antes de tomar uma saída lateral.

Então, puxando o capuz de seu moletom sobre o cabelo castanho na altura dos ombros, ela passou por uma praça de alimentação para um corredor que tinha banheiros ao lado de uma porta marcada como ‘Somente Funcionários’. Ela empurrou a porta do banheiro das mulheres para que qualquer um que a seguisse visse o fechamento e pensasse que ela havia entrado. Em vez disso, sem olhar para trás, ela se apressou pela entrada dos funcionários, que era um longo corredor com entradas pelos fundos para cada loja.

Ela correu pelo corredor curvo até encontrar uma escada com uma placa indicando ‘Manutenção’. Apressando-se degraus abaixo o mais silenciosamente possível, ela usou o cartão-chave que tinha conseguido do gerente do prédio para destrancar aquela porta também. Ela negociou autorização especial para essa área com base em sua conexão com a polícia de Los Angeles, em vez de tentar explicar que suas precauções estavam relacionadas com o fato de ter um pai assassino em série à solta por aí.

A porta de manutenção se fechou e trancou atrás dela enquanto ela caminhava ao longo de uma passagem estreita com canos expostos projetando-se em todos os ângulos e jaulas de metal protegendo equipamentos que ela não entendia. Depois de vários minutos esquivando-se entre os obstáculos, ela alcançou um pequeno nicho perto de uma grande caldeira.

No meio da passagem, a área recuada estava sem iluminaççao e fácil de não ser notada. Ela tinha precisado de orientações na primeira vez que tinha estado aqui. Ela entrou no nicho enquanto tirava a chave antiga que tinha recebido. A tranca daquela porta era um ferrolho de estilo antigo.

Ela virou a chave, abriu a pesada porta e rapidamente a fechou e trancou atrás de si.

Agora, na sala de suprimentos no subsolo de seu prédio, ela havia passado oficialmente da propriedade do shopping para o complexo de apartamentos. Ela se apressou pelo quarto escuro, quase tropeçando em um balde com água sanitária no chão. Ela abriu a porta, passou pelo escritório vazio do gerente de manutenção e subiu a escadaria apertada que dava para o corredor dos fundos do piso principal do prédio.

Ela dobrou a esquina para o saguão onde ficavam os elevadores, onde ela podia ouvir Jimmy, o porteiro, e Fred, o segurança, conversando amigavelmente com um residente no saguão da frente. Ela não tinha tempo para conversar agora, mas prometeu a si mesma que se reconectaria com eles mais tarde.

Ambos eram caras legais. Fred era um ex-policial rodoviário que havia se aposentado cedo depois de um acidente de moto no trabalho. Deixou-o com uma perna manca e uma grande cicatriz na bochecha esquerda, mas isso não o impedia de brincar constantemente. Jimmy, com vinte e poucos anos, era um garoto doce e sincero que usava esse emprego para pagar a faculdade.

Passou pelo saguão até o elevador de serviço, que não era visível do saguão, deslizou o cartão-chave e esperou ansiosamente para ver se alguém a havia seguido. Ela sabia que as chances eram remotas, mas isso não a impediu de mudar nervosamente de um pé para o outro até o elevador chegar.

Quando ele chegou, ela entrou, apertou o botão do quarto andar e depois o botão de fechar a porta. Quando as portas se abriram, ela se apressou pelo corredor até chegar ao seu apartamento. Tomando um momento para recuperar o fôlego, ela observou a porta.

À primeira vista, parecia tão comum quanto todas as outras naquele andar. Mas ela tinha feito várias adaptações de segurança quando se mudou. Primeiro, ela deu um passo para trás, ficando a um metro da porta e diretamente alinhada com o olho mágico. Um brilho verde opaco que não era visível de qualquer outro ângulo emanou da borda ao redor do olho mágico, um indicador de que a unidade não tinha sido acessada à força. Se tivesse sido, o aro ao redor do olho mágico teria ficado vermelho.

Além da câmera de segurança na campainha, que envia imagens para o telefone, que ela havia instalado, havia também várias câmeras escondidas no corredor. Uma delas tinha a visão direta para sua porta. Outra tinha em foco o corredor, voltada para o elevador e a escadaria adjacente. Uma terceira apontava na outra direção para o segundo lance de escadas. Ela havia verificado todas as filmagens no caminho e não tinha encontrado nenhum movimento suspeito em torno de sua casa hoje.

O passo seguinte era entrar. Ela usou uma chave tradicional para abrir um ferrolho, depois pegou o cartão e ouviu o outro ferrolho abrir também. Ela entrou quando a advertência do alarme do sensor de movimento disparou, largou a mochila no chão e ignorou o alarme, enquanto fechava de novo as duas portas e puxava a barra deslizante de segurança também. Só então ela digitou o código de oito dígitos.

Depois disso, agarrou o cassetete que mantinha junto à porta e se apressou para o quarto. Ela levantou a moldura removível ao lado do interruptor de luz que revelou o painel de segurança escondido. Jessie digitou o código de quatro dígitos para o segundo alarme silencioso - que iria direto para a polícia se ela não o desativasse em quarenta segundos.

Só então ela se permitiu respirar. Enquanto ela inspirava e expirava devagar, ela andou pelo pequeno apartamento, com o cassetete na mão, pronta para qualquer coisa. A varredura em todo o lugar, incluindo os armários, chuveiro e despensa, levou menos de um minuto.

Quando ela ficou confiante de que estava sozinha e segura, ela checou a meia dúzia de câmeras-de-bebê que havia colocado em toda a unidade. Depois ela verificou as trancas nas janelas. Tudo estava em ordem. Faltava um lugar para revisar.

Ela entrou no banheiro e abriu o armário estreito que continha prateleiras com suprimentos como papel higiênico extra, um desentupidor, algumas barras de sabão, esponjas e produto de limpeza de espelho. Havia um pequeno fecho no lado esquerdo do armário, invisível a menos que se soubesse onde procurar. Ela virou-o e puxou-o, sentindo o estalido do trinco oculto.

A estante se abriu, revelando uma abertura muito estreita na parede atrás dela, com uma escada feita de corda presa à parede de tijolos. Aquela abertura dava acesso a um tubo, que se estendia, junto com a escada, desde o apartamento de Jessie no quarto andar até um espaço

rasteiro na lavanderia do subsolo. Foi projetado como sua última saída de emergência caso todas as suas outras medidas de segurança falhassem completamente. Ela esperava nunca precisar daquilo.

Ela recolocou a prateleira e estava prestes a voltar para a sala quando se viu no espelho do banheiro. Era a primeira vez que ela realmente se observava bem desde que tinha partido. Ela gostou do que viu.

Na superfície, ela não parecia tão diferente de antes. Ela tinha feito aniversário enquanto estava no FBI e agora tinha vinte e nove anos, mas não parecia mais velha. Na verdade, ela achou que parecia melhor do que quando tinha partido.

Seu cabelo ainda era castanho, mas parecia de alguma forma mais resistente, menos mole do que quando saíra de LA todas aquelas semanas atrás. Apesar dos longos dias no FBI, seus olhos verdes brilhavam com energia e não tinham mais as olheiras pesadas por baixo que se tinham tornado tão familiares para ela. Ela ainda tinha seumetro e setenta e sete de altura e continuava magra, mas se sentia mais forte e firme do que antes. Seus braços estavam mais torneados e seu abdômen estava definido por causa de intermináveis abdominais e pranchas. Ela se sentiu... preparada.

Movendo-se para a sala de estar, ela finalmente acendeu as luzes. Levou um segundo para lembrar que todos os móveis do espaço eram dela. Ela havia comprado a maior parte antes de partir para Quantico. Ela não tinha tido muita escolha. Ela vendera todas as coisas da casa que possuía com Kyle, seu ex-marido sociopata, atualmente encarcerado. Por um tempo depois disso, ela tinha ficado no apartamento de sua antiga colega de faculdade, Lacy Cartwright. Mas depois de o apartamento ter sido invadido por alguém que queria mandar uma mensagem para Jessie em nome de Bolton Crutchfield, Lacy insistiu em que ela saísse, praticamente na mesma hora.

Então, ela tinha feito exatamente isso, passando a morar em um hotel semanal por um tempo até encontrar um lugar - esse lugar - que atendesse às suas necessidades de segurança. Mas como não estava mobiliado, ela gastou uma boa parte do dinheiro do divórcio de uma só vez em móveis e eletrodomésticos. Desde que ela teve que sair para a Academia Nacional logo depois de comprar tudo, ela ainda não havia tido a chance de apreciar nada disso.

Agora ela esperava poder apreciar. Ela sentou-se na larga poltrona e recostou-se, acomodando-se. Havia uma caixa de papelão marcada ‘coisas para analisar’ no chão ao lado dela. Ela pegou e começou a vasculhar. A maior parte era papelada que ela não tinha intenção de tratar agora. Na parte de baixo da caixa havia uma foto de casamento 8x10 dela e de Kyle.

Ela olhou para a foto quase sem entender, espantada que a pessoa que teve aquela vida era a que estava sentada aqui agora. Quase uma década atrás, durante seu segundo ano na USC, ela havia começado a namorar Kyle Voss. Eles tinham ido viver juntos logo após a formatura e tinham se casado há três anos.

Por um longo tempo, as coisas pareceram ótimas. Eles viviam em um apartamento legal não muito longe daqui, no centro de Los Angeles, ou CLA{1}, como era frequentemente chamado. Kyle tinha um bom emprego na área das finanças e Jessie estava fazendo seu mestrado. A vida era confortável. Eles iam a novos restaurantes e frequentavam os bares concorridos. Jessie era feliz e provavelmente poderia ter permanecido assim por muito tempo.

Mas depois Kyle conseguiu uma promoção no escritório da empresa em Orange County e insistiu que eles mudassem para uma McMansão lá. Jessie consentiu, apesar de sua apreensão. Foi só então que a verdadeira natureza de Kyle foi revelada. Ele havia ficado obcecado em se juntar a um clube secreto que acabou se revelando uma fachada para uma rede de prostituição. Ele havia tido um caso com uma das mulheres de lá. E quando tudo correu mal, ele a matou e tentou incriminar Jessie por isso. Para completar, quando Jessie descobriu o plano, ele tentou matá-la também.

Mas mesmo agora, enquanto analisava a foto do casamento, não havia indício do que seu marido era capaz de fazer. Ele tinha a aparência de um bonito e amigável futuro mestre do universo. Ela amassou a foto e a jogou na lata de lixo na cozinha. Ela caiu bem no centro, o que lhe deu uma inesperada onda de catarse.

Cesta! Isso deve significar alguma coisa.

Havia algo libertador sobre este lugar. Tudo - o novo mobiliário, a falta de lembranças pessoais, até mesmo as medidas de segurança

paranoicas - pertencia a *ela*. Ela havia conseguido um novo começo.

Ela se esticou, permitindo que seus músculos relaxassem após o longo vôo no avião apertado. Este apartamento era dela - o primeiro lugar em mais de meia dúzia de anos sobre o qual ela podia realmente dizer isso. Ela podia comer pizza no sofá e deixar a caixa por aí sem se preocupar com alguém reclamando. Não que ela fosse do tipo que fizesse isso. Mas a questão era, *ela podia o fazer*.

Ao pensar em *pizza*, Jessie ficou repentinamente faminta. Ela se levantou e checou a geladeira. Não só estava vazia como não estava ligada. Só então ela se lembrou de que a tinha deixado assim, não vendo nenhum motivo para pagar pela eletricidade se ela ia ficar fora por dois meses e meio.

Ela a ligou e, sentindo-se inquieta, decidiu dar um pulo até o mercado. Então ela teve outra ideia. Tendo em vista que ela não iria começar a trabalhar antes de amanhã e ainda não era tarde, havia outra parada que ela poderia fazer: um lugar - e uma pessoa – que ela sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que visitar.

Ela tinha conseguido tirar isso da cabeça durante a maior parte do tempo em Quantico, mas ainda havia a questão de Bolton Crutchfield. Ela sabia que deveria deixar aquilo para lá, que ele tinha estado apenas a provocá-la durante o último encontro deles.

Mas ainda assim ela precisava saber: Crutchfield realmente encontrara uma maneira de se encontrar com o pai dela, Xander Thurman, o Executor de Ozarks? Teria ele encontrado uma maneira de alcançar o assassino de inúmeras pessoas, incluindo o da sua mãe; o homem que a tinha deixado, uma criança de seis anos, amarrada ao lado do corpo para enfrentar a morte certa em uma cabana congelante e isolada?

Ela estava prestes a descobrir.

CAPÍTULO TRÊS

Eliza estava esperando quando Gray chegou em casa naquela noite. Ele chegou a tempo para o jantar, com um olhar no rosto que sugeria que ele sabia o que estava por vir. Uma vez que Millie e Henry estavam sentados ali, comendo seu macarrão com queijo coberto com pedaços de salsichas, nenhum dos pais disse nada sobre a situação.

Foi só depois que as crianças foram dormir que o assunto surgiu. Eliza estava em pé na cozinha quando Gray entrou, depois de colocá-los para dormir. Ele havia tirado o casaco esportivo, mas ainda usava a gravata meio solta e as calças. Ela suspeitava que era para fazê-lo parecer mais crível.

Gray não era um homem grande. Com um metro e setenta e cinco e setenta e dois quilos, ele era apenas uns três centímetros mais alto do que ela, embora pesasse uns 13 quilos a mais. Mas ambos sabiam que ele era muito menos imponente em uma camiseta e calça de moletom. Traje de negócios era sua armadura.

“Antes de dizer qualquer coisa”, ele começou, “por favor, deixe-me tentar explicar.”

Eliza, que passara a maior parte do dia pensando em como isso poderia ter acontecido, ficou feliz em deixar sua angústia em espera durante um breve momento para permitir que ele se contorcesse enquanto tentava se justificar.

“Fique à vontade”, disse ela.

“Primeiro. Sinto muito. Não importa o que mais eu diga, eu quero que você saiba que eu peço desculpas. Eu nunca deveria ter deixado isso acontecer. Foi um momento de fraqueza. Ela me conhece há anos e ela sabia das minhas vulnerabilidades, o que despertaria meu interesse. Eu deveria sido mais esperto, mas eu caí na dela assim mesmo.”

“O que você está dizendo?”, Eliza perguntou, estupefata tanto quanto ferida. “Que a Penny é uma sedutora que manipulou você para ter um

caso com ela? Nós dois sabemos que você é um homem fraco, Gray, mas você está brincando comigo?"

"Não", ele disse, escolhendo não responder ao comentário de que ele era 'fraco'. "Assumo total responsabilidade pelas minhas ações. Eu bebi três copos de whisky *sour*. Eu olhei para as pernas dela no vestido com a fenda do lado. Mas ela sabe o que mexe comigo. Eu acho que é fruto dessa intimidade que vocês duas têm tido ao longo dos anos. Ela sabia passar a ponta do dedo ao longo do meu antebraço. Ela sabia falar, quase ronronar no meu ouvido esquerdo. Ela provavelmente sabia que você não estava fazendo qualquer uma dessas coisas já há um bom tempo. E ela sabia que você não iria entrar naquela festa porque estava em casa, nocauteada pelas pílulas para dormir que você toma na maioria das noites."

Aquilo ficou suspenso no ar por vários segundos enquanto Eliza tentava se recompor. Quando ela teve certeza de que não gritaria, ela respondeu em uma voz chocantemente calma.

"Você está me culpando por isso? Porque parece que você está dizendo que não consegue ficar com as calças vestidas porque eu tenho problemas para dormir à noite."

"Não, eu não quis dizer isso assim", ele choramingou, não enfrentando o veneno que saía das palavras dela. "É só que você *sempre* tem problemas para dormir à noite. E você nunca parece assim tão interessada em ficar acordada comigo."

"Só para ficar claro, Grayson - você diz que não está me culpando. Mas logo em seguida você diz que estou muito apagada por causa do Valium e não dou atenção suficiente para o garotinho grande, e então por isso você teve que fazer sexo com minha melhor amiga."

"Que tipo de melhor amiga ela é para fazer isso?", Gray botou para fora desesperadamente.

"Não mude de assunto", ela disse bruscamente, forçando-se a manter a voz firme, em parte para evitar acordar as crianças, mas principalmente porque isso era a única coisa que a impedia de se descontrolar totalmente. "Ela já está na minha lista. É a sua vez agora. Você não poderia ter vindo até mim e dito: 'Ei querida, eu realmente adoraria passar uma noite romântica com você hoje à noite' ou 'Querida, eu me

sinto desconectado de você ultimamente. Podemos nos aproximar esta noite?' Essas opções não existiam?"

"Eu não queria te acordar para te incomodar com perguntas como essas", respondeu ele, sua voz mansa, mas suas palavras cortando.

"Portanto, você decidiu ser sarcástico agora?", ela exigiu saber.

"Olha", disse ele, se contorcendo para encontrar qualquer saída, "já não existe nada entre mim e Penny. Ela quis terminar comigo esta tarde e eu concordei. Eu não sei como vamos ultrapassar isso, mas eu quero, mesmo que apenas pelas crianças."

"Apenas pelas crianças?", ela repetiu, atordoada com a quantidade de disparates que ele conseguia dizer a cada instante. "Apenas saia. Estou te dando cinco minutos para arrumar uma mala e estar em seu carro. Reserve um hotel até novo aviso."

"Você está me chutando para fora da minha própria casa?", ele perguntou, incrédulo. "A casa que eu paguei?"

"Não só eu estou te expulsando", ela sussurrou, "se você não estiver saindo da garagem em cinco minutos, eu vou chamar a polícia."

"Para dizer a eles o que?"

"Me teste", ela fervia.

Gray olhou para ela. Implacável, ela foi até o telefone e o pegou. Foi apenas ao escutar o som dos números sendo discados que ele entrou em ação. Dentro de três minutos, ele estava passando rápido pela porta como um cachorro com o rabo entre as pernas, a mochila recheada de camisas e casacos. Um sapato caiu quando ele se apressou em direção à porta. Ele não percebeu e Eliza não disse nada.

Foi só quando ela ouviu o carro arrancando que colocou o telefone de volta na base. Ela olhou para a mão esquerda e viu que a palma da mão estava sangrando onde ela havia cavucado fortemente com suas unhas. Só agora ela sentia a dor.

CAPÍTULO QUATRO

Apesar de ter perdido um pouco a prática, Jessie navegou pelo tráfego do centro de LA para Norwalk sem muita dificuldade. Ao longo do caminho, como uma maneira de tirar seu destino iminente de sua mente, ela decidiu ligar para seus pais.

Seus pais adotivos, Bruce e Janine Hunt, moravam em Las Cruces, Novo México. Ele era aposentado do FBI e ela era uma professora aposentada. Jessie passara alguns dias com eles a caminho de Quantico e esperava fazer o mesmo no caminho de volta também. Mas não houve tempo suficiente entre o final do programa e seu retorno ao trabalho, e, por isso, ela teve que abrir mão da segunda visita. Ela esperava voltar em breve, especialmente porque sua mãe estava lutando contra o câncer.

Não parecia justo. Janine lutava contra aquilo há mais de uma década e isso se somava à outra tragédia que eles já tinham enfrentado anos atrás. Pouco antes de levarem Jessie para casa quando ela tinha seis anos, eles haviam perdido seu filho, também com câncer. Eles estavam ansiosos para preencher o vazio em seus corações, mesmo que isso significasse adotar a filha de um assassino em série, alguém que havia assassinado a própria mãe da criança e a deixado também para morrer. Como Bruce estava no FBI, a adoção parecia encaixar perfeitamente para os delegados dos EUA, que haviam colocado Jessie no Programa de Proteção às Testemunhas. No papel, tudo fazia sentido.

Ela tentou não pensar mais naquilo, enquanto discava o número deles.

“Oi, Pa”, ela disse. “Como estão as coisas?”

“Tudo bem”, ele respondeu. “Ma está cochilando. Você quer ligar mais tarde?”

“Não. Podemos conversar. Eu falarei com ela esta noite ou algo assim. O que está acontecendo por aí?”

Quatro meses atrás, ela teria relutado em falar com ele sem sua mãe lá também. Bruce Hunt era um homem de quem era difícil se aproximar e Jessie também não era o melhor exemplo de fofurice. As lembranças da juventude dela com ele eram uma mistura de alegria e frustração. Houve viagens de esqui, camping e caminhadas nas montanhas, e férias em família para o México, apenas a cem quilômetros de distância.

Mas também havia gritos, especialmente quando ela era adolescente. Bruce era um homem que apreciava a disciplina. Jessie, com anos de ressentimento reprimido por ter perdido sua mãe, seu nome e sua casa de uma só vez, tendia a se comportar mal. Durante seus anos na USC e depois, eles provavelmente tinham se falado menos de duas dúzias de vezes no total. Visitas mútuas eram raras.

Mas recentemente, o retorno do câncer de Ma os tinha forçado a falar sem um intermediário. E o gelo tinha de alguma forma quebrado. Ele até tinha viajado para Los Angeles para ajudá-la a se recuperar de sua lesão abdominal, quando Kyle a atacara no outono passado.

“As coisas estão calmas aqui”, disse ele, respondendo à pergunta dela. “Ma teve outra sessão de quimioterapia ontem, e é por isso que ela está se recuperando agora. Se ela se sentir bem o suficiente, talvez a gente saia para jantar mais tarde.”

“Com toda a equipe de policiais?”, ela perguntou brincando. Alguns meses atrás, seus pais haviam se mudado de sua casa para um centro de convivência sénior, ocupado principalmente por aposentados do Departamento de Polícia de Las Cruces, do Departamento do Xerife e também do FBI.

“Não, apenas nós dois. Estou pensando num jantar à luz de velas. Mas em algum lugar que nós possamos colocar um balde ao lado da mesa para o caso de ela vomitar.”

“Você é realmente um romântico, Pa.”

“Eu tento. Como estão as coisas com você? Estou assumindo que você passou no treinamento do FBI.”

“Por que você assume isso?”

“Porque você sabia que eu perguntaria sobre isso e você não teria ligado se tivesse que dar más notícias.”

Jessie teve que reconhecer. Para um cachorro velho, ele ainda era bem afiado.

“Passei”, ela disse a ele. “Estou de volta a LA agora. Começo a trabalhar de novo amanhã e estou... resolvendo algumas tarefas.”

Ela não queria preocupá-lo com o destino para o qual estava indo.

“Isso soa sinistro. Por que tenho a sensação de que você não está comprando um pedaço de pão?”

“Eu não queria que soasse assim. Eu acho que estou apenas cansada de todas essas viagens. Na verdade, estou quase chegando”, ela mentiu. “Devo ligar de novo esta noite ou esperar até amanhã? Eu não quero atrapalhar o seu jantar chique de vômito.”

“Talvez amanhã”, ele aconselhou.

“Ok. Diga um oi para Ma. Eu te amo.”

“Também te amo”, ele disse, desligando.

Jessie tentou se concentrar na estrada. O tráfego estava piorando e a viagem para a instalação da DNR, um trajeto que levava cerca de quarenta e cinco minutos, ainda demorava meia hora.

A DNR, abreviação Divisão de Não Reabilitação, era uma unidade autônoma especial afiliada ao Departamento Metropolitano do Hospital Estadual de Norwalk. O principal hospital abrigava uma ampla gama de perpetradores mentalmente desordenados, considerados inaptos para cumprir pena em uma prisão convencional.

Mas o anexo da DNR, desconhecido do público e até mesmo da maioria dos policiais e profissionais de saúde mental, cumpria um papel mais clandestino. Foi projetado para abrigar um máximo de dez criminosos, secretamente. Neste momento, só havia cinco pessoas sendo mantidas lá, todos homens, todos estupradores em série ou assassinos. Um deles era Bolton Crutchfield.

A mente de Jessie vagou para a última vez que ela tinha estado lá para vê-lo. Tinha sido sua última visita antes de partir para a Academia Nacional, embora ela não tivesse dito isso a ele. Jessie estava visitando Crutchfield regularmente desde o outono passado, quando obteve permissão para entrevistá-lo como parte do estágio de seu curso de mestrado. Segundo os funcionários, Crutchfield quase nunca consentiu em conversar com médicos ou pesquisadores. Mas, por motivos que não tinham ficado claros para ela até bem mais tarde, ele havia concordado em se encontrar com ela.

Nas semanas seguintes, chegaram a uma espécie de acordo. Ele iria discutir os detalhes de seus crimes, incluindo métodos e motivos, se ela compartilhasse alguns detalhes de sua própria vida. Parecia um comércio justo inicialmente. Afinal de contas, o objetivo dela era se tornar uma especialista de perfis criminais especializada em assassinos em série. Ter alguém disposto a discutir os detalhes dos crimes que havia praticado poderia ser de valor inestimável.

E lá, acabou por ter ainda um bônus adicional. Crutchfield tinha a habilidade Sherlock *Holmesiana* de deduzir informações, mesmo trancado em uma cela em um hospital psiquiátrico. Ele fora capaz de discernir detalhes sobre a vida de Jessie naquele momento só de olhar para ela.

Ele usara essa habilidade, junto com a informação de casos que ela compartilhava, para lhe dar pistas sobre vários crimes, incluindo o assassinato de um rico filantropo de Hancock Park. Ele também dissera que o próprio marido de Jessie poderia não ser tão confiável quanto parecia.

Infelizmente para Jessie, as habilidades de dedução dele também funcionavam contra ela. A razão pela qual ela quis se encontrar com Crutchfield em primeiro lugar foi porque ela tinha percebido que ele havia moldado a forma dos seus assassinatos depois daqueles realizados pelo pai dela, o lendário assassino em série, nunca capturado, Xander Thurman. Mas Thurman havia cometido os crimes dele no interior rural do Missouri mais de duas décadas antes. Parecia uma escolha aleatória e obscura para um assassino do sul da Califórnia.

Mas acabou que Bolton Crutchfield era na verdade um grande fã de Thurman. E assim que Jessie começou a perguntar-lhe sobre seu interesse naqueles velhos assassinatos, não demorou muito para juntar as coisas e determinar que a jovem à sua frente estava pessoalmente ligada a Thurman. Por fim, ele admitiu que sabia que ela era sua filha. E ele revelou mais um petisco - ele havia se encontrado com o pai dela dois anos antes.

Com alegria na voz, Crutchfield havia dito a ela que seu pai tinha entrado na instalação sob o disfarce de um médico e conseguira ter uma longa conversa com o prisioneiro. Aparentemente ele estava procurando por sua filha, cujo nome havia sido mudado e que havia sido colocada no

Programa de Proteção às Testemunhas depois que ele havia matado sua mãe. Thurman suspeitava que ela poderia um dia visitar Crutchfield porque seus crimes eram tão semelhantes. Thurman queria que Crutchfield o avisasse se ela aparecesse e desse a ele seu novo nome e localização.

Daquele momento em diante, o relacionamento deles passou a ter uma desigualdade que a deixava incrivelmente desconfortável. Crutchfield ainda lhe dava informações sobre seus crimes e insinuações sobre outros. Mas ambos sabiam que ele segurava todas as cartas.

Ele sabia o novo nome dela. Ele sabia como ela era. Ele sabia a cidade em que ela morava. Em determinado momento, ela descobriu que ele sabia que ela estava morando na casa de sua amiga Lacy e onde ela estava. E aparentemente, apesar de estar encarcerado em uma instalação supostamente secreta, ele tinha a capacidade de dar ao pai de Jessie todos esses detalhes.

Jessie tinha certeza de que isso tudo era pelo menos parte do motivo pelo qual Lacy, uma aspirante a estilista, havia aceitado um trabalho de seis meses em Milão. Sem dúvidas era uma ótima oportunidade, mas também estava a meio mundo de distância da vida perigosa de Jessie.

Quando Jessie saiu da rodovia, a poucos minutos de chegar à DNR, ela se lembrou de como Crutchfield havia finalmente puxado o gatilho da ameaça implícita que sempre pairava nos encontros entre os dois.

Talvez fosse porque ele sentira que ela estava indo viajar por vários meses. Talvez tenha sido apenas por despeito. Mas, na última vez em que ela tinha olhado através do vidro em direção aos seus olhos desonestos, ele havia jogado uma bomba sobre ela.

“Eu vou ter uma pequena conversa com seu pai”, ele disse a ela em seu sotaque sulista. “Eu não vou estragar as coisas dizendo quando. Mas vai ser lindo, tenho certeza.”

Ela mal conseguiu sufocar a palavra “Como?”

“Oh, não se preocupe com isso, Menina Jessie”, ele disse suavemente. Só saiba que quando falarmos, eu vou dar a ele os seus cumprimentos.”

Ao entrar na propriedade do hospital, Jessie perguntou-se a mesma pergunta que a estivera ruminando desde então, a pergunta que só conseguia tirar de sua cabeça quando estava concentrada em outro

trabalho: ele havia mesmo feito aquilo? Enquanto ela estava aprendendo a pegar pessoas como ele e seu pai, os dois tinham mesmo se encontrado uma segunda vez, apesar de todas as precauções de segurança projetadas para evitar esse tipo de coisa?

Ela tinha a sensação de que o mistério estava prestes a ser resolvido.

CAPÍTULO CINCO

Entrar na unidade de DNR foi exatamente como ela se lembrava. Depois de obter autorização para entrar no campus cercado do hospital através de um portão com vigias, ela dirigiu por trás do prédio principal para um anexo, menor e discreto, que ficava nos fundos.

Era uma estrutura sem graça de concreto e aço no meio de um estacionamento não pavimentado. Somente o telhado era visível atrás de uma grande cerca de metal de arame farpado de malha verde que cercava todo o lugar.

Ela passou por um segundo portão com vigias para acessar a DNR. Depois de estacionar, ela caminhou em direção à entrada principal, fingindo ignorar as múltiplas câmeras de segurança que a seguiam a cada passo. Quando chegou à porta exterior, ela esperou para ouvir a campainha de permissão de acesso. Ao contrário da primeira vez que ela tinha vindo, agora ela era reconhecida pela equipe e admitida logo à vista.

Mas isso foi apenas na porta externa. Depois de passar por um pequeno pátio, ela chegou à entrada principal da instalação, que tinha grossas portas de vidro à prova de balas. Ela passou o cartão de acesso à entrada, o que fez a luz do painel ficar verde. Em seguida, o oficial de segurança atrás da mesa, que podia ver a mudança de cor também, fez soar outra campainha de permissão de acesso, completando o processo de inscrição.

Jessie estava em um pequeno vestíbulo, esperando a porta externa se fechar. A experiência lhe ensinara que a porta interna não podia ser aberta até que a externa se fechasse completamente. Só depois que a porta externa fez o som claro de que estava fechada, o guarda de segurança destrancou a porta interna.

Jessie entrou, onde um segundo oficial armado estava esperando por ela. Ele recolheu seus pertences pessoais, que eram mínimos. Ela

aprendeu com o tempo que era melhor deixar quase tudo no carro, que não corria perigo de ser arrombado.

O guarda fez uma revista nela e então fez sinal para ela passar pelo scanner de onda milimétrica do estilo da segurança do aeroporto, que dava uma visão detalhada de todo o seu corpo. Depois de passar pelo *scanner*, seus itens foram devolvidos sem uma palavra. Era a única indicação de que ela estava livre para continuar.

“A oficial Gentry vem me encontrar?”, ela perguntou à policial atrás da mesa.

A mulher olhou para ela, com uma expressão de completo desinteresse em seu rosto. “Ela sairá daqui a pouco. Apenas espere perto da porta da Área Transitória de Preparação.”

Jessie fez o que lhe foi instruído. A Área Transitória de Preparação era a sala onde todos os visitantes tinham que ir para mudar de roupas antes de interagir com um paciente. Uma vez lá dentro, eles eram obrigados a mudar para uma roupa cinza de hospital, remover todas as jóias e tirar qualquer maquiagem. Como ela havia sido avisada, os homens presos ali não precisavam receber nenhum estímulo adicional causado por roupas ou acessórios.

Um momento depois, a policial Katherine ‘Kat’ Gentry apareceu pela porta da sala de preparação para cumprimentá-la. Vê-la era como um colírio para os olhos de Jessie. Embora elas não tivessem começado com o pé direito quando se conheceram no verão passado, agora as duas mulheres eram amigas, ligadas por uma consciência compartilhada da escuridão dentro de algumas pessoas. Jessie tinha passado a confiar tanto nela, que Kat era uma das poucas dezenas de pessoas no mundo que sabia que ela era filha do Executor de Ozarks.

Quando Kat se aproximou, Jessie notou mais uma vez o quanto a chefe de segurança da DNR era dura. Fisicamente imponente, apesar de ter uma altura nada excepcional de um metro e setenta, o seu corpo de sessenta e três quilos era composto quase inteiramente de músculo e de uma vontade de ferro. Ela era uma ex-Ranger do Exército que tinha servido duas vezes no Afeganistão, e trazia no rosto as marcas daqueles dias, queimaduras por estilhaços e uma longa cicatriz que começava logo abaixo de seu olho esquerdo e corria verticalmente para baixo ao lado de

sua bochecha. Seus olhos cinzentos eram atentos, examinando tudo o que via para determinar se era uma ameaça ou não.

Ela claramente não considerava Jessie uma ameaça. Kat abriu um sorriso e deu-lhe um grande abraço.

“Há quanto tempo que não vejo você, senhora do FBI”, disse ela com entusiasmo.

Jessie engasgou para respirar com o abraço apertado, conseguindo falar somente depois que ela foi liberada.

“Eu não sou do FBI”, ela lembrou a Kat. “Foi apenas um programa de treinamento. Eu ainda sou afiliada ao Departamento da Polícia de Los Angeles.”

“Seja como for”, disse Kat com desdém. “Você estava em Quantico, trabalhando com as autoridades em sua área, aprendendo técnicas sofisticadas do FBI. Se eu quiser chamá-la de senhora do FBI, é o que farei.”

“Se isso significa que você não vai quebrar minha coluna ao meio, você pode me chamar como quiser.”

“Falando nisso, eu acho que não conseguiria mais fazer isso”, observou Kat. “Você parece mais forte que antes. Eu estou supondo que eles não exercitaram apenas seu cérebro enquanto você estava lá.”

“Seis dias por semana”, Jessie disse a ela. “Longo percurso de trilhas, cursos de obstáculos, autodefesa e treinamento de armas. Eles definitivamente arrancaram meu couro para chegar nessa forma um pouco decente.”

“Eu deveria ficar preocupada?”, Kat perguntou com uma falsa tensão, recuando e levantando os braços em uma postura defensiva.

“Acho que não sou uma ameaça para você”, admitiu Jessie. “Mas sinto que poderia me proteger diante de um suspeito, o que definitivamente não era o caso antes. Olhando para trás, tive a sorte de ter sobrevivido a alguns dos meus recentes encontros.”

“Isso é incrível, Jessie”, disse Kat. “Talvez devêssemos treinar juntas em algum momento, lutar alguns *rounds*, só para mantê-la em forma.”

“Se por alguns rounds, você quer dizer algumas rodadas de *drinks*, eu estou dentro. Caso contrário, eu prefiro fazer uma pausa desse negócio de corrida todo dia e dar socos, etc.”

“Eu retiro tudo o que disse”, disse Kat. “Você ainda é a mesma pateta que você sempre foi.”

“Essa *é* a Kat Gentry que eu conheço e amo. Eu sabia que havia uma razão pela qual você era a primeira pessoa que eu queria ver quando voltei para a cidade.”

“Estou lisonjeada”, disse Kat. “Mas acho que nós duas sabemos que não sou a pessoa que você realmente veio ver. Devemos parar de enrolar e entrar?”

Jessie assentiu e seguiu Kat para a Área Transitória de Preparação, onde a esterilidade e o silêncio puseram fim ao clima lúdico da visita.

*

Quinze minutos depois, Kat levou Jessie até a porta que ligava à ala de segurança da DNR, em direção a algumas das pessoas mais perigosas do planeta. Eles já haviam ido ao escritório de Kat para um interrogatório sobre os últimos meses, o que havia transcorrido surpreendentemente sem quaisquer ocorrências.

Kat informou a Jessie de que, depois que Crutchfield ameaçara fazer uma reunião iminente com o pai dela, a segurança já apertada aumentara ainda mais. A instalação tinha acrescentado mais câmeras de segurança e ainda mais etapas de verificação de identidade para os visitantes.

Não havia indícios de que Xander Thurman tivesse tentado visitar Crutchfield. Seus únicos convidados tinham sido o médico que vinha todos os meses para checar seus sinais vitais, o psiquiatra com quem ele quase nunca falou, um detetive da polícia que esperava, futilmente como se viu, que Crutchfield compartilhasse informações sobre um caso antigo em que estava trabalhando, e seu advogado nomeado pelo tribunal, que apareceu apenas para se certificar de que ele não estava sendo torturado. Ele mal se envolveu com qualquer um deles.

De acordo com Kat, ele não havia mencionado Jessie para a equipe, nem mesmo para Ernie Cortez, o oficial despreocupado que supervisionava seus banhos semanais. Era como se ela não existisse. Ela se perguntou se ele estava chateado com ela.

“Eu sei que você se lembra do protocolo”, disse Kat, quando elas estavam na porta de segurança. “Mas já faz alguns meses, pelo que

vamos revisar os procedimentos de segurança como precaução. Não se aproxime do prisioneiro. Não toque a barreira de vidro. Eu sei que este será inútil, mas oficialmente, você não deve compartilhar nenhuma informação pessoal. Entendeu?"

"Sim", disse Jessie, contente por relembrar as instruções. Foi útil para colocá-la no estado de espírito adequado.

Kat deslizou o distintivo dela no sensor e acenou para a câmera sobre a porta. Alguém lá dentro autorizou a entrada delas. Jessie ficou imediatamente impressionada com a surpreendente onda de atividade. Em vez dos habituais quatro guardas de segurança, havia agora seis. Além disso, havia três homens em uniformes de técnicos andando por ali com vários equipamentos.

"O que está acontecendo?", ela perguntou.

"Ah, esqueci de mencionar - vamos receber alguns novos residentes no meio da semana. Nós vamos estar totalmente cheios, nas dez celas. Então, estamos verificando o equipamento de vigilância nas celas vazias para garantir que tudo esteja funcionando corretamente. Também aumentamos a equipe de segurança em cada turno, de quatro oficiais para seis durante o dia, não me incluindo, e de três para quatro à noite."

"Isso soa... arriscado", disse Jessie diplomaticamente.

"Eu lutei contra isso", admitiu Kat. "Mas o condado tinha uma necessidade e nós tínhamos celas disponíveis. Era uma batalha perdida."

Jessie assentiu enquanto olhava ao redor. As características básicas do lugar pareciam iguais. A unidade fora projetada como uma roda com um centro de comando no meio e raios se estendendo em todas as direções, levando às celas dos presidiários. Havia atualmente seis policiais no espaço agora apertado do centro de comando, que parecia um posto de enfermeiras de hospital extremamente ocupado.

Alguns dos rostos eram novos para ela, mas a maioria era familiar, incluindo Ernie Cortez. Ernie era um espécime enorme de um homem, com cerca de dois metros de altura e 113 quilos bem musculosos. Ele estava na casa dos trinta e começava mostrando um pouco de cinza em seu curto cabelo preto . Ele deu um grande sorriso quando viu Jessie.

"Garota da Vogue!", ele chamou, usando o apelido carinhoso que ele tinha dado a ela em seu primeiro encontro, quando ela apareceu e ele

tentara dar uma cantada nela, sugerindo que ela deveria ser uma modelo. Ela o tinha dispensado bem rápido, mas ele não parecia guardar rancor.

“Como vai, Ernie?”, ela perguntou, sorrindo de volta.

“Você sabe; o mesmo de sempre. Certificando-me de que pedófilos, estupradores e assassinos se comportam direitinho. E você?”

“Basicamente o mesmo”, disse ela, decidindo não entrar nos detalhes de suas atividades nos últimos meses com tantos rostos desconhecidos por perto.

“Então, agora que você teve alguns meses para superar seu divórcio, quer gastar um pouco de tempo com o Ernster aqui? Estou planejando ir a Tijuana neste fim de semana.”

“O Ernster?”, Jessie repetiu, incapaz de parar de rir.

“O quê?”, ele disse, fingindo uma defensiva. “É um apelido.”

“Sinto muito, Ernster, mas tenho certeza de que vou ter planos nesse final de semana. Mas você se divirta na trilha do *jai alai*. Compre alguns chicletes para mim, ok?”

“Ai”, ele respondeu, agarrando seu peito como se ela tivesse disparado uma flecha em seu coração. “Você sabe, meninos grandes também têm sentimentos. Nós também, você sabe… garotos grandes.”

“Tudo bem, Cortez”, Kat interveio, “já chega disso. Você acabou de me fazer regurgitar um pouco na minha boca. E Jessie tem negócios a tratar.”

“Isso magoa”, Ernie murmurou baixinho enquanto voltava sua atenção para o monitor à sua frente. Apesar de suas palavras, seu tom sugeria que ele não estava tão chateado assim. Kat fez sinal para Jessie segui-la até o telefone que ligava à cela de Crutchfield.

“Você vai querer isso”, disse ela, segurando o pequeno chaveiro com o botão vermelho no meio. Era o dispositivo que servia como ‘em caso de emergência, quebre o vidro’. Jessie o considerava uma espécie de cobertor de segurança digital.

Se Crutchfield a provocasse e ela quisesse sair da sala sem deixá-lo saber sobre o impacto que ele estava tendo, ela deveria apertar o botão escondido em sua mão. Isso alertaria Kat, que poderia removê-la da sala por algum motivo oficial e inventado. Jessie tinha certeza de que Crutchfield estava ciente do aparelho, mas estava feliz por tê-lo na mão, mesmo assim.

Ela pegou o chaveiro, acenou para Kat que ela estava pronta para entrar e respirou fundo. Kat abriu a porta e Jessie entrou.

Parecia que Crutchfield tinha previsto sua chegada. Ele estava em pé, a poucos centímetros da parede de vidro que dividia a sala ao meio, sorrindo largamente para ela.

CAPÍTULO SEIS

Jessie levou um segundo para tirar os olhos dos dentes tortos dele e avaliar a situação.

Na superfície, ele não parecia assim tão diferente do que ela lembrava. Ele ainda tinha o cabelo loiro, cortado perto da cabeça. Ele ainda usava o mesmo uniforme azul-marinho obrigatório. Ele ainda tinha o rosto um pouco mais rechonchudo do que se poderia esperar de um homem com cerca de um metro e setenta de altura e setenta quilos. Isso o fazia parecer mais perto de vinte e cinco anos de idade do que dos trinta e cinco que ele realmente tinha.

E ele ainda tinha aqueles olhos castanhos com ar de perseguidores. Eles eram o único indício de que o homem em frente a ela havia matado pelo menos dezenove pessoas e talvez o dobro disso.

A cela não havia mudado também. Era pequena, com uma cama estreita sem lençóis e aparafusada à parede oposta. Uma pequena escrivaninha com uma cadeira presa ao chão ficava no canto traseiro direito, ao lado de uma pequena pia de metal. Atrás, havia um vaso sanitário, colocado atrás de uma porta de plástico deslizante para um mínimo de privacidade.

“Menina Jessie”, ele falou suavemente. “Que surpresa inesperada esbarrar com você aqui.”

“E, no entanto, você estava em pé aí como se esperasse minha chegada a qualquer instante”, rebateu Jessie, não querendo dar a Crutchfield nem um momento de vantagem. Ela se aproximou e sentou-se na cadeira atrás de uma pequena mesa do outro lado do vidro. Kat assumiu sua posição habitual, de pé e em alerta no canto da sala.

“Senti uma mudança na energia dessa instalação”, ele respondeu, com seu sotaque do Louisiana tão pronunciado quanto antes. “O ar parecia mais doce e achei que estava ouvindo um pássaro cantando do lado de fora.”

“Você não costuma ser tão cheio de bajulação”, observou Jessie. “Se importa em compartilhar o que te deixou num clima tão cordial?”

“Nada em particular, Menina Jessie. Não pode o homem apenas apreciar a pequena alegria que vem de ter uma visita inesperada?”

Algo na maneira como ele disse a última frase fez o couro cabeludo de Jessie se arrepiar, como se houvesse algo a mais no comentário. Ela ficou em silêncio por um momento, permitindo que sua mente trabalhasse, sem se preocupar com qualquer tipo de constrangimento. Ela sabia que Kat iria deixá-la conduzir aquele encontro da forma que ela quisesse.

Revirando as palavras de Crutchfield em sua cabeça, Jessie percebeu que elas poderiam ter mais de um significado.

“Quando você fala sobre visitas inesperadas, você está se referindo a mim, Sr. Crutchfield?”

Ele olhou para ela por vários segundos sem falar. Finalmente, lentamente, o largo sorriso forçado em seu rosto transformou-se em um sorriso mais malévolo - e mais crível.

“Nós não estabelecemos as regras básicas para esta visita”, disse ele, de repente virando as costas para ela.

“Eu acho que os dias de regras básicas já passaram há muito tempo, não é, Sr. Crutchfield?”, ela perguntou. “Nós nos conhecemos há tempo suficiente para que possamos conversar, não podemos?”

Ele caminhou de volta para a cama anexada à parede de trás da cela e se sentou. A expressão dele estava ligeiramente escondida na sombra agora.

“Mas como posso ter certeza de que você será tão aberta e sincera comigo, da mesma forma que você gostaria que eu fosse com você?”, ele perguntou.

“Depois que você ordenou a um de seus lacaios que invadisse o apartamento da minha amiga e a assustasse a ponto de ela ainda não conseguir dormir, não tenho certeza se você merece minha confiança ou minha disposição para ser receptiva.”

“Você menciona esse incidente”, ele disse, “mas você não menciona as várias vezes em que eu lhe dei auxílio em casos tanto profissionais quanto pessoais. Para cada suposta indiscrição de minha parte, tenho compensado com informações que se revelaram inestimáveis para você.

Tudo o que estou pedindo são garantias de que isso não será uma via de mão única.”

Jessie olhou para ele com intensidade, tentando determinar como ela poderia ser mais aberta e ainda assim manter uma distância profissional.

“O que é exatamente o que você está procurando?”

“Agora mesmo? Apenas seu tempo, Menina Jessie. Eu prefiro que você não seja alguém tão afastada de mim. Já se passaram setenta e seis dias desde a última vez que você me agraciou com sua presença. Um homem menos confiante do que eu poderia ficar ofendido com essa longa ausência.”

“Ok”, disse Jessie. “Prometo visitá-lo com mais regularidade. De fato, vou me certificar de passar aqui pelo menos uma vez mais esta semana. Como isso soa?”

“É um começo”, ele respondeu sem compromisso.

“Ótimo. Então vamos voltar à minha pergunta. Você disse antes que apreciava a alegria que vem de ter uma visita inesperada. Você estava se referindo a mim?”

“Menina Jessie, embora seja sempre uma delícia deleitar-me com sua companhia, devo confessar que meu comentário foi de fato em referência a outra visita.”

Jessie podia sentir Kat enrijecer no canto atrás dela.

“E a quem você está se referindo?”, ela perguntou, mantendo seu nível de voz.

“Eu acho que você sabe.”

“Eu gostaria que você me dissesse” insistiu Jessie.

Bolton Crutchfield levantou-se novamente, agora mais visível sob a luz, e Jessie pôde ver que ele estava enrolando a língua na boca, como se fosse um peixe em uma linha com a qual ele estava brincando.

“Como eu assegurei na última vez que falamos, eu teria uma conversa com seu pai.”

“E você teve?”

“Eu tive, realmente”, ele respondeu tão casualmente como se ele estivesse dizendo a ela que horas eram. “Ele me pediu para passar os cumprimentos dele, depois que eu ofereci os seus.”

Jessie olhou para ele de perto, procurando qualquer sinal que revelasse mentiras em seu rosto.

“Você falou com Xander Thurman”, ela reconfirmou, “nesta sala, em algum momento nas últimas onze semanas?”

“Eu falei.”

Jessie sabia que Kat estava prestes a fazer suas próprias perguntas para tentar confirmar a veracidade da afirmação dele e como isso poderia ter acontecido. Mas para Jessie, isso era secundário e poderia ser tratado mais tarde. Ela não queria que a conversa se desviasse, então seguiu em frente antes que sua amiga pudesse dizer qualquer coisa.

“O que vocês falaram?”, ela perguntou, tentando que sua voz não emitisse qualquer julgamento.

“Bem, nós tivemos que ser bastante enigmáticos, de modo a não revelar a verdadeira identidade dele àqueles que ficam ouvindo. Mas a essência da nossa conversa foi sobre você, Menina Jessie.”

“Eu?”

“Sim. Se você se lembra, ele e eu conversamos um par de anos atrás e ele me avisou que você poderia um dia me visitar. Mas você teria um nome diferente daquele que ele havia lhe dado, Jessica Thurman.”

Jessie se encolheu involuntariamente com o nome que ela não tinha ouvido falar em voz alta por ninguém além de si mesma em duas décadas. Ela sabia que ele tinha visto a reação dela, mas não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso. Crutchfield sorriu conscientemente e continuou.

“Ele queria saber como sua filha perdida estava indo. Ele estava interessado em todos os tipos de detalhes - o que você faz para viver, onde mora, como se parece agora, qual é o seu novo nome. Ele está muito ansioso para se reconectar, Menina Jessie.”

Enquanto ele falava, Jessie disse a si mesma para respirar lentamente para dentro e para fora. Ela se lembrou de relaxar o corpo e fazer o melhor para parecer calma, mesmo que fosse apenas uma fachada. Ela tinha que parecer imperturbável ao fazer sua pergunta seguinte.

“Você compartilhou algum desses detalhes com ele?”

“Apenas um”, disse ele maliciosamente.

“Qual?”

“Casa é onde está o coração”, disse ele.

“Que diabos isso significa?”, ela quis saber, com seu coração, de repente, batendo rapidamente.

“Eu disse a ele a localização do lugar que você chama de casa”, ele disse com naturalidade.

“Você deu a ele meu endereço?”

“Eu não fui tão específico. Para ser honesto, não sei seu endereço exato, apesar dos meus melhores esforços para descobri-lo. Mas eu sei o suficiente para ele encontrar o caminho até você se ele for esperto. E como ambos sabemos, Menina Jessie, seu pai é muito esperto.”

Jessie engoliu em seco e lutou contra o desejo de gritar com ele. Ele ainda estava respondendo suas perguntas e ela precisava do máximo de informação quanto pudesse antes de parar.

“Então, quanto tempo eu tenho antes que ele bata na minha porta?”

“Isso depende de quanto tempo levará para ele juntar as peças”, disse Crutchfield com um encolher de ombros exagerado. “Como eu disse, eu tive que ser um pouco enigmático. Se eu tivesse sido muito específico, teria enviado sinais de alerta para as pessoas que monitoram todas as minhas conversas. Isso não teria sido produtivo.”

“Por que você não me diz exatamente o que você disse a ele? Dessa forma, posso descobrir o calendário provável para mim.”

“Mas onde está a graça disso, Menina Jessie? Eu estou bastante comprometido com você. Mas isso me parece uma vantagem irracional. Temos que dar ao homem uma chance.”

“Uma chance?”, Jessie repetiu, incrédula. “Para quê? Para que ele tenha uma vantagem para me esfaquear toda, como ele fez com minha mãe?”

“Isso não me parece justo”, ele respondeu, aparentando ficar mais calmo quanto mais agitada Jessie ficava. “Ele poderia ter feito isso naquela cabana no meio da neve naqueles anos lá atrás. Mas ele não o fez. Então, por que assumir que ele está pensando em lhe causar algum mal agora? Talvez ele só queira levar sua pequena senhora para passar o dia na Disneylândia.”

“Você vai me desculpar por eu não estar tão inclinada a dar-lhe o benefício da dúvida”, ela disse bruscamente. “Isto não é um jogo, Bolton. Você quer que eu te visite de novo? Eu preciso estar viva para fazer isso. Eu não serei muito conversadora se seu mentor esfaquear sua amiga favorita.”

“Duas coisas, Menina Jessie: primeiro de tudo, eu entendo que isso vai soar como uma notícia disruptiva, mas eu preferiria que você não adotasse um tom tão familiar comigo. Me chamando pelo meu primeiro nome? Isso não é apenas pouco profissional, é impróprio para você.”

Jessie fervia em silêncio. Mesmo antes de ele lhe dizer a segunda coisa, ela sabia que ele não lhe diria o que ela queria. Ainda assim, ela permaneceu em silêncio, literalmente mordendo a língua, caso ele mudasse de ideia.

“E segundo”, ele continuou, claramente gostando de vê-la se contorcer, “apesar de eu gostar da sua companhia, não presuma que você é minha amiga favorita. Não nos esqueçamos da sempre vigilante oficial Gentry atrás de você. Ela é verdadeiramente simpática – uma simpatia podre e rançosa. Como eu disse a ela em mais de uma ocasião, quando eu partir deste lugar, pretendo dar a ela uma despedida especial, se você entender o que quero dizer. Então, por favor, não tente invadir a linha da amizade.”

“Eu...”, Jessie começou, na esperança de fazê-lo mudar de ideia.

“Nosso tempo acabou, receio”, disse ele secamente. Com isso, ele se virou e caminhou até o minúsculo nicho da cela com o vaso sanitário e puxou o divisor de plástico, terminando a conversa.

CAPÍTULO SETE

Jessie não parava de virar o pescoço de um lado para o outro, à procura de alguém ou algo fora do comum.

Quando ela retornou ao seu apartamento, seguindo a mesma rota tortuosa que tinha feito no início do dia, todas as precauções de segurança das quais ela se orgulhava há apenas algumas horas agora pareciam insuficientemente inadequadas.

Desta vez, ela amarrou o cabelo em um coque e o escondeu debaixo de um boné de beisebol e do capuz de um moletom que tinha comprado no caminho de volta de Norwalk. Sua pequena bolsa estava presa na frente para que ela a abraçasse em seu peito. Apesar do anonimato extra que eles tinham fornecido, ela não usava óculos de sol por preocupação de limitar sua linha de visão.

Kat prometera rever a fita de todas as visitas recentes de Crutchfield para ver se eles haviam perdido alguma coisa. Ela também disse que se Jessie pudesse esperar até o término do trabalho, ela faria a viagem para o centro acompanhando-a, mesmo que ela morasse na longínqua Cidade da Indústria, para garantir que Jessie voltava em segurança. Ela recusou educadamente a oferta.

“Eu não posso contar com uma escolta armada em todos os lugares que eu vá a partir de agora”, Jessie insistiu.

“Por que não?”, Kat perguntou apenas meio brincando.

Agora, enquanto caminhava pelo corredor até seu apartamento, ela se perguntava se deveria ter aceitado a oferta da amiga. Ela se sentia especialmente vulnerável com a sacola de compras em seus braços. O corredor estava mortalmente quieto e ela não tinha visto ninguém desde que tinha entrado no prédio. Uma ideia maluca invadiu a mente dela, antes mesmo que ela pudesse descartá-la - que seu pai tinha matado todos em seu andar para que ele não tivesse que lidar com complicações quando se aproximasse dela.

Seu olho mágico emanava a luz verde, o que lhe deu uma certa segurança ao abrir a porta, olhando para as duas extremidades do corredor, para flagrar qualquer um que pudesse pular sobre ela. Ninguém pulou. Uma vez lá dentro, ela acendeu as luzes e, em seguida, trancou tudo de novo antes de desarmar os dois alarmes. Imediatamente depois, ela rearmou o alarme principal no modo ‘casa’ para que ela pudesse se mover pelo apartamento sem desligar os sensores de movimento.

Ela colocou a sacola no balcão da cozinha e vasculhou o lugar, com o cassetete na mão. Ela tinha conseguido obter uma permissão de arma de fogo antes de partir para Quantico e deveria pegar sua arma quando fosse à delegacia trabalhar amanhã. Parte dela queria ter pego logo a arma quando tinha ido lá mais cedo para buscar sua correspondência. Quando ela finalmente estava confiante de que o apartamento estava seguro, ela começou a guardar as compras, deixando de fora o sashimi que ela comprara para o jantar, em vez da pizza.

Nada como sushi de supermercado na segunda-feira à noite para fazer uma garota solteira se sentir especial na cidade grande.

O pensamento a fez rir brevemente antes de se lembrar de que seu pai assassino em série tinha recebido orientações para encontrar o apartamento dela. Talvez não tenha sido um roteiro completo. Mas a partir do que Crutchfield dissera, era o suficiente para ele mais cedo ou mais tarde encontrá-la. A grande questão era: quando seria esse ‘mais cedo ou mais tarde’?

*

Noventa minutos depois, Jessie estava socando um saco pesado, com suor escorrendo de seu corpo. Depois de terminar o sushi, ela se sentira inquieta e confinada e decidiu resolver suas frustrações de maneira construtiva na academia.

Ela nunca tinha sido muito viciada em fazer exercício físico. Mas, enquanto esteve na Academia Nacional ela chegou a uma descoberta inesperada. Quando ela treinava até a exaustão, não havia mais espaço dentro dela para a ansiedade e para o medo que tanto a consumiam no resto do tempo. Se ela soubesse disso há uma década, ela poderia ter

salvado milhares de noites sem dormir, mesmo as noites cheias de pesadelos sem fim.

Também poderia tê-la salvado de algumas viagens para ver sua terapeuta, Dra. Janice Lemmon. Dra. Lemmon, uma renomada psicóloga forense, era uma das poucas pessoas que sabiam todos os detalhes sobre o passado de Jessie. Ela tinha sido um recurso inestimável nos últimos anos.

Mas ela estava atualmente em recuperação de um transplante de rim e não estaria disponível para sessões por mais algumas semanas. Jessie estava tentada a pensar que poderia dispensar completamente as visitas. Mas, embora pudesse ser mais barato seguir com a terapia de treino sozinha, ela sabia que certamente haveria momentos em que precisaria ver a médica no futuro.

Enquanto começava a desferir mais uma série de socos, ela lembrou como, antes de sua viagem para Quantico, muitas vezes acordava coberta de suor, respirando pesadamente, tentando lembrar-se que estava segura em Los Angeles e não de volta em uma pequena cabana no Missouri Ozarks, amarrada a uma cadeira, vendo o sangue pingar lentamente do corpo gelado de sua mãe morta.

Quem dera que isso tivesse sido apenas um sonho também. Mas tinha sido tudo real. Quando tinha apenas seis anos e o casamento de seus pais estava em ruínas, seu pai levara ela e sua mãe para aquela cabana remota. Enquanto estavam lá, ele revelou que vinha sequestrando, torturando e matando pessoas durante anos. E depois ele fez o mesmo com sua própria esposa, Carrie Thurman.

Enquanto ele prendia as mãos dela nas vigas do teto da cabana e a esfaqueava intermitentemente com uma faca, ele fez Jessie - então Jessica Thurman – assistir tudo. Ele amarrou os braços da criança em uma cadeira e colou as pálpebras dela com fita para os olhos ficarem abertos, e então rasgou o corpo da mãe em definitivo

Depois ele usou a mesma faca para cortar uma grande ferida na clavícula de sua filha, do ombro esquerdo até a base do pescoço. A seguir, ele simplesmente saiu da cabana. Três dias depois, quando estava hipotérmica e em estado de choque, Jessie foi descoberta por dois caçadores que estavam passando por ali.

Depois que ela se recuperou, ela contou à polícia e ao FBI a história. Mas a essa altura, seu pai já há muito que tinha ido embora e qualquer esperança de pegá-lo também já tinha sumido. Jessica foi colocada no programa de Proteção às Testemunhas em Las Cruces com a família Hunt. Jessica Thurman se tornou Jessie Hunt e uma nova vida começou.

Jessie enxotou aquelas lembranças de sua cabeça, trocando de socos para joelhadas, como se estivesse mirando na virilha de um agressor. Ela abraçou a dor que sentia no quadril ao desferir as joelhadas. A cada golpe, a imagem da pele pálida e sem vida de sua mãe desaparecia um pouco mais.

Então, outra lembrança surgiu em sua cabeça, a de seu ex-marido, Kyle, atacando-a em sua própria casa, tentando matá-la e acusá-la pelo assassinato da amante dele. Ela quase podia sentir o ferro do atiçador de lareira que ele encravou no lado esquerdo do abdômen dela.

A dor física daquele momento foi tão grande quanto a humilhação que ela ainda sentia por ter passado uma década envolvida com um sociopata sem nunca ter percebido isso. Ela era, afinal, supostamente especialista em identificar esse tipo de pessoas.

Jessie trocou os golpes de novo, na esperança de afastar a vergonha de sua mente com uma série de cotoveladas para o saco, perto de onde o queixo de um assaltante estaria. Seus ombros estavam começando a gritar, mas ela continuou a esmurrar o saco, sabendo que sua mente logo estaria cansada demais para ficar angustiada.

Essa era a parte de si mesma que ela não esperava ter descoberto no FBI - a durona fisicamente forte. Apesar da apreensão normal que sentiu ao chegar lá no curso, ela suspeitava que se sairia bem na parte acadêmica das coisas. Ela tinha acabado de passar os três anos anteriores num ambiente similar, imersa em psicologia criminal.

E ela estava certa. As classes em lei, ciência forense, e terrorismo tinham sido fáceis. Mesmo o seminário de ciência comportamental, no qual os instrutores eram como heróis para ela e ela pensou que ficaria nervosa, decorreu naturalmente. Foi mesmo nas aulas de condicionamento físico e no treinamento de defesa pessoal onde ela mais se surpreendeu consigo mesma.

Seus instrutores haviam mostrado a ela que, com um metro e setenta e sete de altura e sessenta e cinco quilos, ela tinha o tamanho físico para

lidar com a maioria dos criminosos se estivesse adequadamente preparada. Ela provavelmente nunca teria as mesmas habilidades de combate um-contra-um de um veterano das Forças Especiais, como Kat Gentry tinha. Mas ela deixou o programa confiante de que poderia se defender na maioria das situações.

Jessie tirou as luvas e foi para a esteira. Olhando para o relógio, ela viu que estava se aproximando das oito da noite. Ela decidiu que uma corrida de oito quilômetros deveria cansá-la o suficiente para deixá-la dormir sem sonhos essa noite. Essa era uma prioridade, já que ela iria voltar ao trabalho amanhã, onde sabia que todos os seus colegas iriam incomodá-la bastante, esperando que ela fosse agora algum tipo de super-heroína do FBI.

Ela estabeleceu o tempo em quarenta minutos, colocando pressão sobre si mesma para completar os oito quilômetros em um ritmo de cinco minutos por quilômetro. Então ela aumentou o volume dos fones de ouvido. Quando os primeiros segundos de *'Killer'* de Seal começaram a tocar, sua mente ficou em branco, concentrando-se apenas na tarefa à sua frente. Ela estava completamente alheia ao título da música ou quaisquer memórias pessoais que isso poderia evocar. Havia apenas a batida e as pernas trotando em harmonia com ela. Era o mais próximo de paz que Jessie Hunt conseguia.

CAPÍTULO OITO

Eliza Longworth se apressou até à porta da frente de Penny o mais rápido que pôde. Eram quase 8 da manhã, hora em que normalmente a instrutora de ioga aparecia.

Tinha sido uma noite em grande parte sem dormir. Só na primeira luz da manhã ela sentiu que sabia o caminho que precisava seguir. Assim que Eliza tomou uma decisão, ela sentiu um peso sair dos ombros dela.

Ela tinha mandado uma mensagem a Penny para dizer que a longa noite tinha lhe dado tempo suficiente para pensar e reconsiderar se ela tinha sido muito apressada em terminar a amizade delas. Elas deviam fazer a aula de ioga. E depois, quando a instrutora, Beth, fosse embora, elas poderiam tentar encontrar uma maneira de resolver as coisas.

Penny não tinha respondido, mas isso não impedira que Eliza fosse até lá de qualquer maneira. Assim que ela chegou à porta da frente, viu Beth dirigindo pela estrada residencial sinuosa e acenou para ela.

“Penny!”, ela gritou quando bateu na porta. “Beth já chegou. Ainda estamos combinadas para a ioga?”

Não houve resposta, então ela apertou a campainha e balançou os braços na frente da câmera.

“Penny, posso entrar? Devemos conversar por um segundo antes que Beth chegue.”

Continuou sem haver resposta e Beth estava a uns cem metros ao fundo da rua, então ela decidiu entrar. Ela sabia onde a chave secreta era mantida, mas tentou abrir a porta assim mesmo. Não estava trancada. Ela entrou, deixando a porta aberta para Beth.

“Penny”, ela gritou, “você deixou a porta destrancada. Beth já está estacionando. Você recebeu minha mensagem? Podemos conversar em particular por um minuto antes de começarmos?”

Ela entrou no saguão de entrada e esperou. Permanecia sem resposta. Ela foi até à sala de estar onde elas geralmente faziam as sessões de ioga.

Estava vazia também. Ela estava prestes a ir até à cozinha quando Beth entrou.

“Senhoras, estou aqui!”, ela gritou da porta da frente.

“Oi, Beth”, disse Eliza, virando-se para cumprimentá-la. “A porta estava destrancada, mas Penny não está respondendo. Eu não tenho certeza do que está acontecendo. Talvez ela tenha dormido demais ou esteja no banheiro ou algo assim. Eu posso verificar lá em cima se você quiser pegar algo para beber. Tenho certeza que vai ser apenas um minuto.”

“Não há problema”, disse Beth. “Meu cliente das nove e meia cancelou, então não estou com pressa. Diga a ela para não se apressar.”

“Ok”, disse Eliza enquanto começava a subir as escadas. “Apenas nos dê um minuto.”

Ela estava a meio caminho do primeiro lance de escadas quando se perguntou se não deveria ter pegado o elevador. O quarto principal ficava no terceiro andar e ela não estava entusiasmada com a caminhada. Antes que ela pudesse reconsiderar seriamente, ela ouviu um grito lá embaixo.

“O que está acontecendo?”, ela gritou enquanto se virava e corria de volta para baixo.

“Depressa!”, Beth gritou. “Ai meu Deus, depressa!”

Sua voz vinha da cozinha. Eliza começou a correr quando chegou lá em baixo, atravessando a sala e dobrando a esquina.

No chão da cozinha de cerâmica espanhola, deitada em uma enorme piscina de sangue, estava Penny. Seus olhos estavam congelados em terror, seu corpo contorcido em um horrível espasmo de morte.

Eliza apressou-se em direção à sua mais antiga e querida amiga, escorregando no líquido espesso quando se aproximou. Seu pé escorregou e ela caiu com força no chão, todo o seu corpo espirrando sobre o sangue.

Tentando não vomitar, ela se arrastou e colocou as mãos no peito de Penny. Mesmo com roupas, ela estava fria. Apesar disso, Eliza sacudiu-a, como se isso pudesse acordá-la.

“Penny”, ela implorou, “acorde.”

Sua amiga não respondeu. Eliza olhou para Beth.

“Você sabe fazer respiração boca a boca?”, ela perguntou.

“Não”, a mulher mais jovem disse com uma voz trêmula, sacudindo a cabeça. “Mas acho que é tarde demais.”

Ignorando o comentário, Eliza tentou se lembrar da aula de primeiros socorros que havia frequentado anos atrás. Tinha sido voltada para tratar crianças, mas os mesmos princípios deviam ser aplicados nessa situação. Ela abriu a boca de Penny, inclinou a cabeça para trás, apertou o nariz dela e soprou com força para dentro da boca da amiga.

Então ela montou sobre a cintura de Penny, colocou uma mão em cima da outra com as palmas das mãos para baixo e começou a bombear sobre o esterno de Penny. Ela fez isso uma segunda vez e depois uma terceira, tentando entrar em algum tipo de ritmo.

“Oh Deus”, ela ouviu Beth murmurar e olhou para cima para ver o que estava acontecendo.

“O que está acontecendo?”, ela exigiu duramente.

“Quando você bombeia, o sangue escorre do peito dela.”

Eliza olhou para baixo. Era verdade. Cada compressão causava um pequeno vazamento de sangue do que pareciam ser grandes cortes na cavidade torácica de Penny. Ela olhou para cima novamente.

“Ligue para o 911!”, ela gritou, embora soubesse que seria inútil.

*

Jessie, que se sentia inesperadamente nervosa, chegou cedo ao trabalho.

Com todas as precauções extras de segurança que tinha, decidira partir vinte minutos antes para seu primeiro dia de trabalho em três meses, para ter certeza de que chegaria às nove da manhã, o horário que o capitão Decker lhe dissera para aparecer. Mas ela devia estar a ficar melhor em passar por todas as curvas e escadas ocultas no seu prédio, porque não demorou tanto tempo quanto pensava para chegar à Delegacia Central.

Enquanto caminhava do estacionamento para a entrada principal da delegacia, seus olhos se moviam para frente e para trás, procurando por algo fora do comum. Mas então ela se lembrou da promessa que tinha feito para si mesma antes de adormecer na noite passada. Ela não permitiria que a ameaça de seu pai a consumisse.

Ela não fazia ideia de quão vagas ou específicas tinham sido as informações que Bolton Crutchfield passara para o pai dela. Ela não podia sequer ter a certeza de que Crutchfield estava dizendo a verdade. Independentemente disso, já não havia mais muita coisa que ela pudesse fazer a esse respeito, além daquilo que ela já estava fazendo. Kat Gentry estava verificando os videos das visitas de Crutchfield. O apartamento onde vivia era basicamente um bunker. Ela iria receber sua arma oficial hoje. Além disso, ela precisava viver a vida. Caso contrário, ficaria louca.

Ela voltou para o principal escritório da delegacia, apreensiva com a recepção que receberia depois de tanto tempo. Além disso, quando ela tinha estado aqui pela última vez, ela era apenas uma consultora interina e junior de perfis criminais.

Agora, a etiqueta de ‘interina’ havia desaparecido e, embora tecnicamente ainda fosse consultora, ela era paga pelo Departamento de Polícia de Los Angeles e recebia todos os benefícios correspondentes. Isso incluía seguro de saúde, do qual, se a experiência recente fosse um exemplo, ela precisaria muito.

Quando ela entrou na grande área de trabalho central, composta por dezenas de mesas, separadas por nada mais do que quadros de cortiça, ela inspirou e esperou. Mas não aconteceu nada. Ninguém disse nada.

Na verdade, ninguém pareceu nem notar sua chegada. Algumas cabeças estavam baixas, estudando arquivos de casos. Outros colegas estavam presos às pessoas do outro lado da mesa, na maioria dos casos testemunhas ou suspeitos algemados.

Ela se sentiu um pouco desanimada. Mas mais que isso, ela se sentiu boba.

O que eu estava esperando - um desfile?

Não é como se ela tivesse ganho o mítico Prêmio Nobel de resolução de crimes. Ela foi para uma academia de treinamento do FBI por dois meses e meio. Era bem legal. Mas ninguém ia explodir em aplausos para ela.

Ela caminhou em silêncio pelo labirinto de mesas, passando pelos detetives com quem trabalhara anteriormente. Callum Reid, com quarenta e poucos anos, levantou os olhos do arquivo que estava lendo.

Quando ele acenou para ela, seus óculos quase caíram de sua testa, onde eles estavam apoiados.

Alan Trembley, de vinte e poucos anos, com seus cachos loiros bagunçados como de costume, também usava óculos, mas os dele estavam na ponta do nariz enquanto ele questionava um homem mais velho que parecia estar bêbado. Ele nem percebeu Jessie quando ela passou por ele.

Ela chegou à sua mesa, que estava embaraçosamente arrumada, jogou a jaqueta e a bolsa e sentou-se. Ao fazê-lo, viu Garland Moses saindo devagar da sala de descanso, com o café na mão, enquanto subia as escadas para o escritório do segundo andar, que era essencialmente um pequeno armário de vassouras.

Parecia um espaço de trabalho bastante inexpressivo para o especialista em perfis criminais mais célebre que a polícia de Los Angeles tinha, mas Moses não parecia se importar. Na verdade, ele não se incomodava com muita coisa. Com mais de setenta anos de idade e trabalhando como consultor para o departamento principalmente para evitar o tédio, o lendário especialista podia fazer praticamente o que quisesse. Ex-agente do FBI, ele tinha se mudado para a Costa Oeste para se aposentar, mas foi convencido a prestar consultoria para o departamento. Ele concordou, contanto que ele pudesse escolher seus casos e trabalhar as horas que quisesse. Considerando seu histórico, ninguém se havia oposto na época e ninguém havia questionado até hoje.

Com um monte de cabelos brancos desgrenhados, pele com uma textura de couro e um estilo de se vestir típico de 1981, ele tinha a reputação de ser rabugento na melhor das hipóteses e francamente grosseiro na pior. Mas na única interação significativa de Jessie com ele, ela o tinha achado, se não simpático, pelo menos conversativo. Ela queria aprender mais com sua inteligência, mas ainda estava um pouco receosa em se dirigir a ele diretamente.

Enquanto ele subia as escadas e desaparecia de vista, ela olhou ao redor, procurando por Ryan Hernandez, o detetive com quem ela trabalhava com mais frequência e com quem se sentia quase à vontade para chamar de seu amigo. Eles até tinham recentemente começado a usar o primeiro nome um do outro, uma coisa pouco frequente nos círculos policiais.

Na verdade, eles se tinham conhecido em circunstâncias não profissionais, quando o professor de Jessie o convidara para fazer uma exposição para a turma de psicologia criminal, em seu último semestre na UC-Irvine, no outono passado. Ele apresentou um estudo de caso para a turma, e Jessie foi a única na sala capaz de resolvê-lo. Mais tarde, ela soube que tinha sido apenas a segunda pessoa desde sempre a descobrir o desfecho.

Depois disso, ela e Hernandez permaneceram em contato. Ela o tinha chamado para pedir ajuda depois de começar a desconfiar dos motivos do marido, antes de ele tentar matá-la. E depois que ela tinha se mudado de volta para o centro de LA, acabou sendo designada para a Delegacia Central, onde ele estava baseado.

Eles trabalharam em vários casos juntos, incluindo o assassinato da filantropa de alta sociedade Victoria Missinger. Foi em grande parte a descoberta de Jessie do assassino que a fez conquistar o respeito dos seus pares e que garantiu a ela o treino no FBI. E isso não teria sido possível sem a experiência e os instintos de Ryan Hernandez.

Na verdade, ele era tão bem cotado que havia sido designado para uma unidade especial da seção de Roubos e Homicídios, chamada Seção Especial de Homicídios, ou SEH, abreviado. Eles eram especializados em casos de alta relevância que geravam muito interesse da mídia ou escrutínio público. Isso geralmente significava assassinatos, assassinatos com várias vítimas, assassinatos de pessoas notáveis e, é claro, assassinos em série.

Além dos dons dele como investigador, Jessie era obrigada a reconhecer que não era nada desagradável passar um tempo com Ryan. Os dois tinham um relacionamento fácil, como se eles se conhecessem há mais tempo do que aqueles seis meses. Em algumas ocasiões em Quantico, quando sua guarda estava em baixa, Jessie se perguntara se as coisas poderiam ter sido diferentes se eles tivessem se conhecido em outras circunstâncias. Mas na época, Jessie ainda era casada e Hernandez e sua esposa estavam juntos há mais de seis anos.

Nesse momento, o capitão Roy Decker abriu a porta do escritório e saiu. Alto, magro, quase careca, salvo por alguns cabelos soltos, Decker ainda não tinha sessenta anos. Mas ele parecia muito mais velho do que isso, com um rosto amarelado que sugeria um estresse constante. Seu

nariz tinha uma ponta aguda e seus pequenos olhos estavam em alerta, como se estivessem sempre a investigar. Jessie supunha que ele estava realmente sempre a fazê-lo.

Quando ele entrou no escritório, alguém apareceu depois logo atrás dele. Era Ryan. Ele estava exatamente como ela se lembrava. Com pouco mais de um metro e oitenta de altura e noventa quilos, com cabelo preto curto e olhos castanhos, ele usava um casaco e gravata que escondia o que ela sabia ser uma estrutura bem musculosa.

Ele tinha trinta anos, jovem para ser um detetive completo. Mas ele subiu rapidamente na carreira, especialmente depois de ter ajudado a pegar um notório assassino em série chamado Bolton Crutchfield, quando ainda era policial de rua.

Quando ele e o capitão Decker saíram, algo que o chefe disse o fez mostrar aquele sorriso caloroso e fácil, capaz de desarmar qualquer um, até mesmo os suspeitos que ele interrogava. Para surpresa de Jessie, a visão daquilo causou uma reação inesperada nela. Em seu peito, ela teve uma sensação estranha que não sentia há anos: uma palpitação diferente no coração.

Hernandez a viu e acenou enquanto os dois homens se aproximavam. Ela se levantou, incomodada por ter tido aquela sensação inesperada e torcendo para que o movimento interrompesse aquilo. Forçando seu cérebro a entrar no modo profissional, ela tentou discernir sobre o que eles poderiam estar falando em particular, com base em suas expressões. Mas os dois homens pareciam usar máscaras, o que sugeria que estavam tentando manter o conteúdo da discussão deles em sigilo. Jessie notou algo, no entanto: Ryan parecia cansado.

“Bem-vinda de volta, Hunt”, disse Decker de forma quase rotineira. “Imagino que seu tempo na Virgínia tenha sido inspirador?”

“Muito mesmo, senhor”, ela respondeu.

“Excelente. Embora eu adorasse ouvir sobre os detalhes, teremos que adiar isso por enquanto. Ao invés disso, você vai colocar suas novas habilidades em teste imediatamente. Você tem um caso.”

“Senhor?”, ela disse, ligeiramente surpresa. Ela havia pensado que ele iria reintegrá-la gradualmente e explicar com calma quais seriam os novos deveres como especialista de perfis criminais não temporária, em tempo integral.

“Hernandez vai passar os detalhes para você no caminho”, disse Decker. “O caso é um pouco sensível e seus serviços foram especificamente solicitados.”

“Mesmo?”, Jessie perguntou, lamentando seu entusiasmo no momento em que ela disse isso.

“Mesmo, Hunt”, respondeu Decker, franzindo o cenho ligeiramente. “Aparentemente você desenvolveu um pouco de reputação como a ‘Feiticeira dos Subúrbios’. Eu não posso explicar mais agora. Basta dizer que o pessoal do andar de cima quer que este caso seja tratado com delicadeza. Espero que você tenha isso em mente ao prosseguir.”

“Sim senhor.”

“Muito bem. Nós botaremos o papo em dia mais tarde”, disse ele. Então ele se virou e saiu sem dizer outra palavra.

Ryan, que não falara até então, finalmente o fez agora.

“Bem-vinda a casa”, disse ele. “Como vai você?”

“Nada mal”, disse ela, ignorando a sensação de vibração que subitamente retornara ao seu corpo. “Apenas voltando à rotina, sabe?”

“Bem, mergulhar logo de cabeça deve ajudar”, disse ele. “Temos que sair imediatamente.”

“Eu tenho tempo para pegar a arma que requisitei antes de sair para Quantico?”

“Eu verifiquei isso para você hoje de manhã”, disse ele, enquanto começavam a caminhar pelo escritório. “Infelizmente, houve algum tipo de confusão burocrática e o pedido ainda não havia sido processado. Eu resolvi a questão da papelada, mas você provavelmente não conseguirá sua arma até à próxima semana. Acha que pode sobreviver apenas usando o teu cérebro como arma por alguns dias?”

Ele sorriu, mas ela notou algo que não tinha percebido antes. Ele tinha olheiras sob os olhos, que estavam um pouco vermelhos.

“Claro”, disse ela, balançando a cabeça, tentando acompanhar seu ritmo acelerado. Está tudo bem?”

“Sim. Por quê?”, ele perguntou, olhando para ela.

“Você só parece um pouco... cansado.”

“Sim”, ele disse, olhando para frente novamente enquanto falava. “Eu tenho tido um pouco de dificuldade para dormir ultimamente. Shelly e eu estamos nos separando.”

CAPÍTULO NOVE

Já no carro, só depois de passados vários minutos é que as coisas voltaram a parecer normais novamente.

Jessie tinha manifestado sua compaixão quando ainda estavam na delegacia e Ryan agradecera. Mas ele não tinha dito nada além daquilo e ela achava que fazer perguntas não seria apropriado. E já que o caso que eles estavam lidando era muito sensível para discutir dentro da delegacia, eles ficaram enrolando com papos-furados sobre o vôo de volta dela e os perigos do sushi de supermercado. Eles pareciam não estar em sintonia.

Num primeiro momento, as coisas não pareceram melhorar quando pegaram a estrada. Quando saíram da garagem para a rua, um sem-teto bateu na janela pedindo um trocado. Ela pulou de susto em seu assento, batendo a cabeça no teto do carro.

“Você está bem?”, Ryan perguntou, lançando-lhe um olhar de soslaio.

“Sim, eu acho que estou apenas sem prática”, disse ela enquanto esfregava o ponto dolorido. “Não há tantos sem-teto nas ruas da periferia da Virgínia.”

Ryan parecia estar prestes a responder, depois pensou melhor. As coisas ficaram um pouco menos estranhas quando eles começaram a se movimentar no trânsito.

“Então, o que é tão sensível sobre este caso que não podíamos discutir na delegacia?”, ela perguntou.

“Nós provavelmente poderíamos ter discutido”, admitiu Ryan, enquanto entrava na autoestrada indo para o oeste. “Mas Decker pode ser um pouco paranóico e acho mais fácil jogar o jogo dele do que lutar contra ele. Nós estamos indo para Pacific Palisades.”

“Isso é um pouco fora da nossa área, não é?”

“Sim, por cerca de trinta quilômetros. Mas mesmo que seja quase em Malibu, tecnicamente é parte da cidade de Los Angeles, então é na jurisdição do Departamento da Polícia de Los Angeles. O pessoal da delegacia do Oeste de LA pegou um caso e pensaram que nós poderíamos ajudar. Na verdade, eles acharam que *você* poderia ajudar. Eu estou apenas junto para o passeio.”

“Espere... o quê?”, Jessie perguntou, completamente confusa.

“Deixe-me voltar um pouco atrás”, disse Ryan. “Em algum momento nas últimas doze horas, uma mulher chamada Penelope Wooten foi assassinada. Ela foi esfaqueada pelo menos oito vezes no peito e no abdômen. Meu velho parceiro, Brady Bowen, era o encarregado do caso. Acontece que Penelope é casada com Colton Wooten. Esse nome te lembra alguma coisa?”

“Não. Deveria?”

“Talvez ainda não”, disse Ryan. “Mas a notoriedade dele estava prestes a ficar muito mais alta. Wooten é um ex-procurador público distrital que agora dirige um grande escritório de advocacia em Santa Monica. Mas dizem por aí que ele estava prestes a apresentar sua candidatura para procurador geral em alguns meses. E a maioria das pessoas achava que ele tinha uma boa chance de vencer.”

“É por isso que Decker disse que o caso tem que ser tratado com delicadeza?”

“Isso é uma grande parte do motivo. Obviamente, quando uma esposa é morta no que parece ser um crime passional, o marido é automaticamente um dos principais suspeitos. Então, já estamos em uma situação intrinsecamente sensível antes mesmo de começarmos a investigar.”

“Eu não sei se estou especialmente qualificada para conduzir algo assim”, admitiu Jessie.

“Não”, Ryan concordou. “Na verdade, você provavelmente é menos qualificada do que a maioria.”

“Obrigada por isso”, disse ela, sorrindo.

“Desculpe. Mas é verdade. Dito isto, o que você *está* qualificada é para lidar com crimes envolvendo pessoas ricas em bairros exclusivos. E os moradores das propriedades com vista para o mar nas encostas de Pacific Palisades definitivamente fazem parte desse grupo.”

“Eu resolvi um caso, Ryan”, disse ela com ceticismo.

“Oficialmente”, ele respondeu. “Mas não oficialmente, você também resolveu o caso envolvendo seu marido. E sua vida que levou a isso estava imersa naquele mundo - mansões, clubes de campo, pessoas que queimam seu próprio dinheiro por diversão.”

“Isso pode ser um pouco de exagero”, disse ela, tentando não rir.

“Você entendeu o meu ponto”, ele disse. “Você viveu entre esse tipo de pessoas. Você *era* uma dessas pessoas. Você as entende. Você entende como eles pensam. Isso é um dom valioso.”

“Obrigada, eu acho”, Jessie disse, desconfortável com o elogio. “Mas como é que as pessoas lá de Pacific Palisades tiveram notícias sobre uma qualquer especialista de perfis junior do centro da cidade?”

“As notícias correm no meio policial”, ele respondeu. “Além disso, eu posso ter ido tomar uma bebida com Brady há algumas semanas e falado um pouco sobre você.”

“Ok...”, disse Jessie, insegura sobre como responder.

“De qualquer forma”, Ryan disse, passando por aquela situação o mais rápido possível, “quando este caso surgiu, ele pensou em você. E tendo trabalhado com ele, fazia sentido que eu acompanhasse também. O parceiro mais recente dele acabou de se aposentar, então vou me juntar a ele para o caso e você será a especialista em perfis criminais responsável. Parece bom?”

“Parece que não tenho muita escolha”, disse Jessie.

“Você está chateada por ter que investigar um caso com vista para o mar e numa casa que tem elevador?”

“Eu só… é verdade que conheço este mundo. Mas minhas lembranças não são boas. E se as pessoas que moram aqui são parecidas com aquelas que eu conheci em Westport Beach, nós estaremos lidando com algumas verdadeiras dondocas. Isso não me entusiasma.”

“Bem, eu tenho boas e más notícias.”

“Más notícias primeiro”, insistiu Jessie. “Sempre me dê as más notícias primeiro.”

“A má notícia é que, pela minha experiência, você está realmente entrando no território das dondocas.”

“Então, qual é a boa notícia?”

“Eu conheço um ótimo lugar de frutos do mar onde podemos ir almoçar.”

“Estamos indo para uma cena de assassinato e você está pensando em lugares para almoçar?”, Jessie perguntou incrédula.

“Sempre”, Ryan respondeu com um nível quase perturbador de entusiasmo.

*

A casa dos Wooten ficava dentro do que só poderia ser chamado de um complexo.

Eles tinham que entrar por um portão situado no sopé da colina, vigiado por um oficial que verificava as identificações de quem chegasse. O caminho de subida até à casa era um trecho de quase quinhentos metros repleto de curvas fechadas. Havia um segundo portão situado em um muro que cercava toda a casa, que também tinha um oficial de guarda.

“Ambos os portões têm painéis de código”, Ryan notou enquanto eles passavam. “Isso tornaria difícil a entrada de pessoas de fora.”

“Sim”, concordou Jessie. “E você nem saberia que existe uma casa aqui na estrada. Além disso, sem ter visto o corpo, ser esfaqueada oito vezes não parece ser resultado de um roubo por invasão aleatória a uma casa que tenha dado errado. Parece que foi algo pessoal.”

Detetive Brady Bowen estava esperando por eles quando pararam na enorme estrada de entrada circular. Ele não parecia nada com a imagem que Jessie tinha acerca de um detetive de uma comunidade costeira chique. Atarracado, com um peitoral largo, uma barriga volumosa, um bigode, suor escorrendo de sua testa e pedaços mal ajustados da camisa saindo pela sua calça, que parecia prestes a estourar as costuras. Ele lembrava a Jessie de Andy Sipowicz, daquele show dos anos 90, o *NYPD Blue,* seu personagem favorito de pai adotivo.

Quando eles saíram do carro, Brady deu a Ryan um grande abraço de urso e depois se virou para Jessie. De perto, ela notou que seus chamativos olhos azuis brilhavam com simpatia e entusiasmo.

“Prazer em conhecê-la, Menina Hunt. Já ouvi falar muito bem de você”, ele disse, enxugando a mão na calça e apertando educadamente a

dela.

“Prazer em conhecer você também. E por favor me chame de Jessie.”

“Só se você me chamar de Bradenator”, disse ele, antes de acrescentar: “Brincadeira, Brady está perfeito.”

“Ei, Bradenator”, disse Ryan com um pouco de sarcasmo. “O que temos aqui?”

“Sempre direto ao assunto esse cara”, disse Brady, piscando para Jessie. “Ok, a situação é a seguinte. Penelope Wooten, de trinta e quatro anos. Casou-se há sete anos com Colton Wooten. Dois filhos - Colt Jr., seis anos, e Anastasia, quatro. Ela foi encontrada por volta das oito horas da manhã pela professora de ioga, Beth Copeland, e pela vizinha e melhor amiga, Eliza Longworth. Elas tinham uma sessão marcada para hoje. Havia oito feridas profundas em seu peito e abdômen, junto com algumas menores defensivas em suas mãos. Parece que ela pode ter caído enquanto tentava se defender do ataque, e levou a pior enquanto estava no chão.”

“Hora da morte?”, Ryan perguntou.

“Ainda é muito cedo para algo definitivo, mas provavelmente estamos olhando para algum momento entre a meia-noite e as sete da manhã. Nenhum sinal de entrada forçada. A melhor amiga diz que a porta da frente estava destrancada.”

“A amiga e a professora de ioga estão lá dentro agora?”, Jessie perguntou.

“A professora de ioga, Copeland, está lá atrás”, disse Brady. “A amiga Longworth teve que ir ao hospital. Quando ela viu a vítima, ela correu para fazer primeiros-socorros e escorregou no sangue. Ela caiu com força e machucou o joelho. Ela também estava coberta de sangue por tentar reanimar a vítima. Quando os paramédicos chegaram, ela estava muito assustada e eles recomendaram que ela fosse para o hospital. Parecia que ela poderia estar em choque. Um oficial foi com ela para tomar sua declaração.”

“Temos certeza que ela ficou coberta de sangue só porque escorregou em cima dele?”, Jessie perguntou ceticamente.

“Esse foi o meu primeiro pensamento também”, disse Brady. “Mas a professora de ioga disse que não tinha uma gota nela até o momento em que ela caiu. Ela estava bem ali quando aconteceu.”

“O Sr. Wooten já chegou?”, Ryan perguntou com cuidado.

“Ah sim”, disse Brady em um tom não entusiasta. “O conselheiro está na sala de jantar agora. Acredite em mim, eu não estaria fazendo piadas de Bradenator se ele estivesse no alcance da audição. Um oficial fez algumas perguntas preliminares, mas ainda não falei com ele. Eu imaginei ser melhor esperar para que todos pudéssemos obter as respostas dele pela primeira vez juntos.”

“O policial revelou alguma impressão inicial?”, Jessie perguntou.

“Ele descreveu Wooten como perturbado e confrontador. Não é surpreendente, mas não é muito divertido também.”

“Bem, acho que devemos verificar o corpo”, disse Ryan. “E depois podemos conversar com Beth Copeland enquanto as coisas ainda estão frescas para ela. Wooten vai se recusar se tiver que esperar?”

“Acho que podemos detê-lo um pouco”, assegurou-lhe Brady. “O oficial pode dizer-lhe que vamos nos encontrar com ele assim que terminarmos a nossa investigação da cena do crime, entrevistas de testemunhas, etc. Ele é um membro do tribunal. Mesmo nessas circunstâncias, ele provavelmente vai entender.”

“Também acho que devemos conversar com Eliza Longworth o mais rápido possível”, Jessie acrescentou, “preferencialmente antes de se limpar demais. Eu quero suas respostas cruas, antes que ela tenha muito tempo para se recompôr.”

“Não é um problema”, disse Brady. “Ela só foi levada cerca de vinte minutos atrás. Vou dar instruções para que ela não troque de roupas nem tome banho enquanto não tivermos falado com ela. Podemos entrar?”

Jessie e Ryan assentiram e seguiram Brady em direção à casa. Quando se aproximaram, Jessie esticou o pescoço para analisar todo o lugar. Era uma mansão de estilo espanhol, de três andares, construída na encosta de uma colina com vista para o Oceano Pacífico, cujas águas brilhavam a cerca de oitocentos metros ao longe. Outras casas semelhantes ocupavam esta e outras colinas próximas. Elas eram todas impressionantes, mas pelo que Jessie podia ver, a maioria delas não tinham portões.

Eles entraram no saguão. Quase imediatamente ela notou que ao lado da base da escada havia um elevador. Ela tinha pensado que Ryan estava brincando. Brady os conduziu pela ampla sala até à cozinha, entregando-

lhes luvas de látex antes de entrar. Enquanto Jessie as vestia, ela se fortaleceu, sabendo que, assim que virasse a esquina, estaria olhando para algo horrível.

Era pior do que ela esperava. A outra vítima de alto padrão cujo assassinato ela tinha resolvido, uma filantropa de Hancock Park chamada Victoria Missinger, tinha sido envenenada. Naquele crime não havia sinais evidentes de violência e ela parecia que estava dormindo. Esse não era o caso aqui.

Penelope Wooten estava deitada de bruços no chão da cozinha espanhola, cercada por uma poça de sangue grande, e agora já coagulando, que lhe cobria os longos cabelos louros. Ela estava usando uma roupa de ioga, que tinha sido perfurada em vários pontos em seu torso por várias feridas de faca.

Mas isso não foi o que chamou a atenção de Jessie. Ela já tinha visto feridas de faca e cadáveres de perto antes. Foram os olhos da mulher. Estavam bem abertos, fixados com as emoções dúplices que ela deve ter sentido no momento de sua morte: medo e confusão. Eles pareciam estar pedindo simultaneamente ajuda e perguntando ‘porquê?’.

Jessie sabia que não podia fazer nada sobre o primeiro pedido. Mas ela silenciosamente jurou responder à segunda parte - por que isso aconteceu e mais ainda: quem fez isso?

CAPÍTULO DEZ

Quanto mais Jessie estudava a cena do crime, mais certa estava de que Penelope conhecia o assassino.

Enquanto andava pela cozinha, ela tentou empregar as táticas que tinha acabado de aprender em seus seminários de ciência comportamental na academia de treinamento do FBI. Seus instrutores haviam pregado um princípio primordial: deixar as evidências guiarem suas conclusões.

Parecia um conselho lógico, mas exigia uma mudança de mentalidade para Jessie. Ela sempre deixara seus instintos serem seu guia. Ela parecia ter um dom para ler pessoas, pelo menos pessoas que ela não conhecia. Mas ela percebeu que se tornara dependente demais dessa habilidade.

Em mais de uma ocasião, ela tinha ignorado evidências que poderiam tê-la ajudado a resolver um caso, porque seu instinto a estava enviando por um caminho diferente. Ela percebeu que era especialmente suscetível a dar a quem ela gostava o benefício da dúvida. Em parte porque ela não tinha percebido as pistas de que seu ex-marido era, na verdade, um sociopata. Também foi por isso que ela quase tinha sido morta pela assassina de Victoria Missinger, uma charmosa socialite chamada Andrea Robinson.

Felizmente, seus pontos cegos não a prejudicaram demais. Ela tinha sobrevivido a ambas essas situações e até resolveu os casos. Mas ela sabia que muito disso tinha sido sorte, o que acabaria por se esgotar. Seus instintos ainda poderiam desempenhar um papel nas investigações, mas ela estava determinada a não deixar que isso obscurecesse seu julgamento ou substituísse as evidências.

E as provas à sua frente agora eram bem claras: quem quer que tivesse matado Penelope Wooten tinha um sério ressentimento. Como já tinham sido informados, havia oito facadas, mais profundas. Havia

também feridas defensivas nas palmas das mãos que sugeriam que Penelope tinha visto o ataque acontecer.

Jessie apontou para as feridas enquanto falava.

“A pessoa que fez isso poderia tê-la esfaqueado nas costas, mas aparentemente quis que ela ficasse assustada, ao ver o que estava prestes a acontecer. Isso sugere que foi algo pessoal e não apenas algum ladrão em pânico.”

“Concordo”, diz Ryan. “Isso não parece um roubo que deu errado.”

“Nenhuma entrada forçada, certo?”, ela checou novamente com Brady.

“Certo.”

“Esse é outro sinal de que Penelope provavelmente conhecia seu agressor bem o suficiente para deixá-lo entrar”, ela refletiu, “supondo que o culpado já não estivesse em casa antes.”

“A arma parece ser a grande faca de açougueiro que está faltando no bloco de talheres no balcão da cozinha”, disse Ryan, acenando naquela direção. “Isso me faz suspeitar que o assassino sabia que seu DNA ou impressões digitais poderiam ser encontrados nela.”

“Outro sinal de que isso foi um crime passional”, acrescentou Jessie. “Se tivesse sido premeditado, o agressor provavelmente teria usado luvas.”

“Há uma câmera na porta da frente que envia imagens para o telefone”, disse Brady. “Estamos tentando desbloquear o celular dela para podermos acessar as gravações. Essas câmeras são ativadas por movimento, por isso não nos mostra tudo. Ainda assim, talvez haja algo lá.”

“O marido não pode nos mostrar as imagens?”, Ryan perguntou.

“Ele não tem isso no telefone dele”, disse Brady. “Foi ela quem cuidou da instalação do sistema todo.”

“Ele pode pelo menos nos dar a senha para o telefone dela?”, Ryan queria saber.

“Ele não tem isso também. A senha que ele tinha não funciona. Aparentemente, ela mudou e nunca disse a ele.”

“Isso não é nada suspeito”, disse Jessie sarcasticamente.

“Não tire conclusões precipitadas”, avisou Ryan, “especialmente com este caso.”

“Nunca”, ela assegurou a ele, sorrindo docemente. “Bradenator, você disse que as crianças têm seis e quatro anos. Então, eles estão provavelmente na escola ou creche no momento. Como eles foram levados para lá?”

“O pai os leva cedo às terças-feiras por causa da aula de ioga dela. Ele disse que ela não voltaria a tempo se tivesse que os levar.”

“Então ela estava aqui quando eles partiram pela manhã?”, ela perguntou.

“Ele disse que ela estava dormindo quando ele saiu com as crianças às seis e quarenta e cinco.”

“Ele a viu dormindo?”

“Eu não falei com ele ainda”, disse Brady. “Mas ele disse ao policial que, quando saiu da cama, ela estava deitada ao lado dele.”

“Então, se ele está dizendo a verdade”, Ryan ponderou, “isso significa que a hora da morte foi entre as seis e quarenta e cinco e as oito da manhã.”

“Se ele está dizendo a verdade”, concordou Brady. “É claro que ele poderia tê-la matado e depois usado as crianças como um álibi.”

“É verdade”, concordou Jessie. “Mas ele teria que mantê-los fora da cozinha a manhã toda. Soa complicado. Além disso, o cara mataria sua própria esposa com seus filhos na casa? Se foi ele ou outra pessoa, parece que o assassino fez isso em um momento em que sabia que as crianças não seriam um fator.”

“Isso contradiz a teoria do 'crime passional”, destacou Ryan.

“Não necessariamente”, rebateu Jessie. “É possível que o assassino tenha vindo por algum outro motivo e as coisas começaram a se intensificar. Se assim for, a chave é descobrir qual era esse motivo.”

“Diplomaticamente”, lembrou Brady, “sem transformar isso em um circo da mídia.”

“Diplomática é o meu nome do meio”, Jessie assegurou-lhe.

“Ainda bem que você não está sob juramento”, Ryan murmurou baixinho, antes de acrescentar em voz alta: “Vamos entrevistar algumas testemunhas!”

CAPÍTULO ONZE

Jessie tentava esconder sua frustração.

Beth Copeland, a professora de ioga, não estava ajudado muito. Ela estava compreensivelmente abalada, mas mesmo considerando isso, ela simplesmente não parecia saber muito. Ela havia chegado exatamente às 8 da manhã, como de costume. Ela tinha visto Eliza Longworth entrando na casa enquanto estacionava.

“Tem certeza de que ela não estava saindo da casa?”, Jessie perguntou.

“Eu pensei que ela estivesse entrando. Mas agora não tenho tanta certeza.”

Ela havia descoberto o corpo e tinha começado a gritar. Eliza, que procurava Penny no andar de cima, chegou correndo e escorregou no sangue. Ela tentou reanimá-la, apesar de Penny estar obviamente morta.

“Ela parecia perturbada ou poderia estar fingindo?”, Brady perguntou, mais desajeitadamente do que Jessie gostaria.

“Ela parecia totalmente assustada”, Beth respondeu. “Eu sei que elas são melhores amigas desde o ensino fundamental. Eliza mora na colina ao lado. Ela ficou arrasada. Quero dizer, ela continuou tentando ressuscitá-la, berrando o tempo todo, por muito mais tempo do que a maioria das pessoas teria tentado.”

Quando ficaram satisfeitos por terem obtido tudo o que podiam, Brady autorizou-a a ser levada para o hospital para receber cuidados. Enquanto caminhavam para a sala de jantar onde Colton Wooten estava esperando, Jessie expôs a eles uma teoria.

“É muito conveniente que Eliza Longworth tenha escorregado em todo aquele sangue. Agora ela tem uma desculpa perfeita para ter o DNA da vítima nela.”

“Uau, você realmente tem uma visão sombria da humanidade”, disse Brady.

“Você é um detetive do Departamento de Polícia de Los Angeles”, retrucou Jessie, surpresa. “Você está me dizendo que acha que a maioria das pessoas está cheia de doçura e luz?”

“Claro que não”, ele respondeu defensivamente. “Mas talvez a gente fale com ela antes de chegar a uma conclusão assim.”

“Eu não estou tirando nenhuma conclusão”, disse Jessie. “Eu só estou pensando em ideias. É tudo um processo, garotos.”

“Bem, talvez nós mantenhamos nossas ideias para nós mesmos quando entrevistarmos o potencial futuro procurador público”, sugeriu Brady enquanto entravam na sala de estar.

“Eu acho que o FBI deformou a tua alma”, Ryan murmurou para ela baixinho em voz baixa.

Ela estava prestes a dar uma resposta quando viu um sorriso torto em seu rosto e percebeu que ele estava brincando com ela. Não havia tempo, de qualquer maneira, pois Colton Wooten já se levantava para os receber.

O homem era exatamente o que se esperaria de um advogado de alto nível com ambições políticas óbvias. Imaculadamente vestido com um terno azul-marinho de três peças, Wooten era pelo menos cinco centímetros mais alto que Ryan e quase tão musculoso quanto ele. Seu cabelo preto grosso e ondulado estava dividido ao lado e sua mandíbula quadrada era bem definida. Ele parecia uma versão morena do boneco Ken.

Mas havia algumas falhas na face dele. Seu rosto estava bronzeado demais, como se tivesse sido meticulosamente produzido em um salão. Havia manchas em suas bochechas, escondidas por maquiagem, que Jessie identificou como sendo uma leve rosácea, frequentemente um sinal de muita ingestão de álcool. E seus olhos estavam extremamente vermelhos. Isso poderia ter sido de tanto chorar, falta de sono, ou talvez até mesmo estresse depois de matar um ente querido. Ele parecia agitado, o que não era irracional dadas as circunstâncias.

“Sou o detetive Brady Bowen” disse Brady, estendendo a mão ao se aproximarem. “Lamentamos muito a sua perda, Sr. Wooten.”

“Demoraram muito para virem falar comigo”, disse Wooten, intencionalmente não apertando as mãos. “Eu estou sentado aqui há séculos. Ninguém me diz nada.”

“Pedimos desculpas por isso, senhor”, disse Brady, ignorando o tom de Wooten. “Como certamente sabe, mais do que a maioria, é importante ter uma noção do crime desde cedo, antes que algo possa ser alterado. Infelizmente, isso significou ter que fazer o senhor esperar por mais tempo do que gostaríamos. Mas estamos aqui agora. O senhor se importa se fizermos algumas perguntas?”

“Só se eu puder fazer uma primeiro”, ele respondeu agudamente.

“É claro”, disse Brady, embora ele estivesse obviamente surpreso.

Jessie ficou surpresa com o confronto de Wooten. Ele não lhe pareceu como alguém tomado pelo luto. Mas, ela lembrou a si mesma, que as pessoas sofrem de maneiras diferentes. Ela estava determinada a não fazer julgamentos precipitados nem a deixar que seus instintos por si só orientassem suas conclusões. Caso contrário, as dez semanas de treinamento do FBI não teriam servido para nada.

Deixe as provas te guiarem mais do que o comportamento idiota do marido.

“Por que diabos o assassinato de minha esposa foi atribuído a um detetive de nível júnior?”, Wooten exigiu. “Eu pesquisei sobre você, Bowen. Seu registro não está exatamente transbordando de recomendações meritórias de serviço. E eu nem sequer reconheço esses outros dois.”

Jessie sentiu o desejo de deixar escapar alguma coisa em resposta, mas conseguiu se controlar engolindo em seco.

“Senhor”, Brady respondeu, fazendo o possível para manter o nível de sua voz, “Eu fui designado para este caso porque eu estava disponível e, para ser honesto, porque eu tenho uma reputação de discrição. O departamento sabe que esta é, além de uma tragédia, uma situação delicada que envolve uma figura de alta relevância pública. Meu trabalho é impedir que isso se torne um circo.”

Wooten olhou para ele por um longo segundo e então, aparentemente satisfeito com a resposta, virou-se para Ryan e Jessie.

“E esses dois?”

“Esse é o detetive Ryan Hernandez. Ele na verdade trabalha no centro da cidade, mas nós o trouxemos por causa de sua experiência em lidar com casos de assassinatos de grande relevância. Ele foi fundamental na captura do assassino em série Bolton Crutchfield, entre

outros. Nós também costumávamos ser parceiros. Eu tenho muita confiança nele.”

“E a menina?”, Wooten interrogou desdenhosamente.

A espinha de Jessie endureceu involuntariamente e apenas uma quase imperceptível sacudida de cabeça de Ryan a impediu de dar uma joelhada na virilha daquele sujeito.

“Esta é Jessie Hunt, senhor”, começou Brady. “Ela está entre os nossos especialistas em perfis criminais mais qualificados. Ela treinou com a equipe de ciência comportamental do FBI e seu histórico é impecável. Ela é especialista nesse tipo de casos e foi especificamente solicitada a ajudar neste caso. Ela é um recurso inestimável e temos a sorte de tê-la.”

Jessie ficou lá em silêncio, chocada com o que tinha acabado de ouvir. Não só ela mal reconhecia a descrição de si mesma, com também nada sobre Brady Bowen a tinha levado a acreditar que ele era capaz de dizer algo assim. Wooten fungou em aceitação relutante antes de dizer.

“Você tinha perguntas.”

“Sim, senhor”, disse Brady, iniciando o assunto. “Nós revisamos sua declaração para o oficial inicial e só queríamos ter certeza de que o senhor confirma o que foi relatado. Sua esposa estava na cama dormindo quando o senhor se levantou às cinco e meia nesta manhã e o senhor acredita que ela permaneceu assim quando o senhor saiu para levar seus filhos à escola às seis e quarenta e cinco, está correto?”

“Está.”

Ryan falou.

“Nenhuma chance de que, em seu estado sonolento ao acordar, o senhor possa ter confundido um edredom ou travesseiros como sendo sua esposa?”

“Não, a menos que os travesseiros estivessem roncando”, respondeu Wooten. “Ela tomou uma pílula para dormir ontem à noite e ela sempre dorme muito depois disso. Eu não a incomodei.”

“Sua esposa tomava remédios para dormir com frequência?”, Jessie perguntou.

“Às vezes”, ele respondeu, claramente irritado com a pergunta, “se ela estiver estressada. Nosso filho é autista e ocasionalmente os desafios do dia pesam sobre ela. Todos nós temos nossos mecanismos de defesa.”

Sua voz embargou um pouco na última frase, mas Jessie não conseguiu decidir se era um momento genuíno de emoção ou apenas um show.

“Sua esposa alguma vez mencionou se sentir ameaçada por alguém?”, Brady perguntou.

“Não.”

“Ela recentemente teve algum desentendimento com alguém?”

“Não que eu saiba.”

“Sr. Wooten”, disse Ryan, “é um segredo aberto que o senhor está pensando seriamente em concorrer para procurador geral. Como sua esposa se sentia sobre isso?”

“Para ser perfeitamente honesto, ela não ficou extasiada com a ideia. As coisas foram estressantes quando trabalhei no escritório do procurador há vários anos. Depois se acalmaram desde que entrei na advocacia privada. Ela estava preocupada que a tensão de tal trabalho público pudesse ser duro para com a família, especialmente com os desafios de Colt. Ele está indo muito bem desde que Eliza, sua melhor amiga, encontrou sua nova escola. Mas qualquer mudança dramática é difícil para ele. Ela estava começando a se acostumar com a ideia um pouco. Mas essa é a razão pela qual eu não anunciei nada ainda. Eu queria ter certeza de que ela concordava genuinamente.”

“Vocês brigavam por causa disso?”, Jessie perguntou, olhando para ele de perto.

“Às vezes” Wooten respondeu, encarando o olhar de Jessie com um olhar próprio. “Não era uma decisão fácil. Nada em um casamento é fácil. Você é casada, Menina Hunt?”

“Não mais. Era muito difícil”, ela disse, e depois acrescentou sem perder o ritmo: “Por que o senhor não sabia a senha do telefone dela?”

“O quê?”

“Quando o policial pediu o código do telefone para que ele pudesse acessar a filmagem da câmera da sua porta da frente, o senhor deu a ele um código antigo. Por que o senhor não tem o atual?”

“Ela deve ter mudado e esquecido de me dizer”, ele respondeu com cautela.

“Esqueceu ou intencionalmente manteve em segredo do senhor?”

“O que você está sugerindo, Menina Hunt?”

“Estou apenas fazendo uma pergunta, Sr. Wooten. O senhor acha que o fato dela não ter lhe contado sobre a nova senha foi um descuido ou intencional? Sua esposa guardava muitos segredos do senhor?”

“Sim”, ele retrucou beligerantemente. “Ela adorava frequentar orgias e festas de swing, mas não me convidava porque sou muito quadrado. É isso que você quer ouvir?”

“Essa é a sua resposta, senhor?”, ela interrogou, não recuando um milímetro, apesar de sentir o desconforto dos detetives perto dela.

“Não”, ele disse, cedendo um pouco. “Olha, eu não sei porque ela mudou isso sem me dizer. Talvez uma das crianças a tenha visto e estivesse acessando o telefone. Isso já aconteceu antes. Cole faz disso um hábito. Francamente, eu não consigo lembrar de metade dos códigos que temos nesta casa. Talvez ela tenha percebido que era apenas mais um que eu esqueceria. Ela provavelmente teria razão. Nós tínhamos um bom casamento. Não era perfeito, mas era bom. Eu não acho que ela estivesse escondendo alguma coisa de mim.”

Eles fizeram mais algumas perguntas, mas todas as respostas de Wooten eram aquelas que eles tinham ouvido antes ou já sabiam as respostas. Quando Brady concluiu a conversa com a promessa padrão de mantê-lo informado, Ryan e Jessie caminharam de volta para fora.

“O que você acha?”, ele perguntou a ela.

“Eu acho que ele é um idiota”, respondeu Jessie.

“Obrigado pela análise aguçada. O que você acha da história dele?”

“Eu não sei. Eu estou tentando não permitir que a péssima atitude dele influencie na minha opinião sobre os fatos. Eu sou conhecida por já ter sido enrolada por personalidades encantadoras. Eu não quero ser muito dura na direção oposta com esse cara. O que você acha?”

“Eu quero ver aquela filmagem da câmera de segurança. Acho que isso realmente nos ajudará a definir mais a linha do tempo. E devemos pegar os dados de GPS do telefone dele. Talvez isso ofereça uma pista. Quanto à sua credibilidade, eu realmente não sei. Difícil acreditar que sua esposa simplesmente esqueceu de lhe dar o código do telefone. Se eu fizesse isso, antes da separação, Shelly teria transformado minha vida num inferno.”

“Sim”, disse Jessie, não querendo investigar esse assunto muito profundamente. “Você sabe quem quase certamente saberia se Penelope

Wooten estava guardando segredos de seu marido?”

“Quem?”

“Sua melhor amiga desde o ensino fundamental - proponho ir visitá-la no hospital.”

CAPÍTULO DOZE

Eliza Longworth parecia extenuada.

Quando Jessie, Ryan e Brady chegaram ao seu quarto no Centro Médico da UCLA em Santa Monica, ela havia tomado banho e estava descansando em uma cama com um tubo no braço. Seu cabelo castanho claro, solto e desgrenhado, escondia parte do rosto.

“Pensei que você tinha mandado ordens para ela não se limpar”, disse Jessie a Brady, em tom mais acusador do que pretendia.

“Eu mandei”, respondeu ele, olhando para o médico.

“Recebi o seu pedido, mas tomei uma decisão de comando”, disse o médico enquanto eles observavam pela pequena janela retangular na porta do quarto. “Ela ficou realmente histérica por um tempo ali - coberta com o sangue de sua amiga, falando sobre como ela poderia tê-la salvado se ela fizesse a massagem cardíaca um pouco mais. Nós tivemos que sedá-la.”

“Nós podemos falar com ela?”, Ryan perguntou.

“Sim. Ela está apenas descansando. Mas na medida do possível, por favor, peguem leve com ela. Foi realmente difícil fazê-la se acalmar. Seria ótimo se não a deixassem agitada demais novamente.”

“Vamos fazer o nosso melhor”, assegurou-lhe Brady enquanto abriam a porta e entravam. O barulho fez Eliza se mexer um pouco, embora ela não tenha acordado.

“Vou fazer as honras”, disse Ryan, andando até a beira da cama e falando baixinho. “Senhora Longworth, você pode, por favor, acordar? Precisamos falar com você.”

Eliza se mexeu um pouco, mas seus olhos continuaram fechados. Ryan olhou para Jessie com uma expressão que sugeria que ele hesitava em forçar demais. Jessie se aproximou e fez uma tentativa.

“Senhora Longworth”, disse ela com uma voz ligeiramente mais alta que Ryan enquanto tocava gentilmente o ombro da mulher. “Por favor,

acorde. Precisamos conversar com você.”

O toque físico pareceu ser o truque. A mulher começou a acordar lentamente mas, num instante, seus olhos abriram rapidamente.

“O que foi?”, ela murmurou, ligeiramente desorientada.

“Senhora Longworth”, disse Jessie, “somos do Departamento de Polícia de Los Angeles. Precisamos fazer algumas perguntas sobre o que aconteceu esta manhã.”

Ao ouvir aquelas palavras, a lembrança do que tinha acontecido pareceu encher os olhos de Eliza. Ela recostou-se na cama, a cabeça caindo no travesseiro.

“Oh deus, foi mesmo real”, ela gemeu, fechando os olhos com força como uma tentativa para afastar a memória.

“Sinto muito ter que revisitar o que aconteceu com você”, Jessie disse delicadamente. “Mas precisamos obter sua declaração enquanto os fatos ainda estão frescos em sua mente. Você acha que está pronta para isso?”

Eliza Longworth apertou os olhos ainda mais do que antes, depois os abriu de repente e assentiu.

“O que for preciso”, ela disse, sua voz agora mais presente do que antes.

“Muito bem”, Jessie começou. “Eu sou Jessie Hunt, especialista em perfis criminais do Departamento da Polícia de Los Angeles. E estes são os detetives Brady Bowen e Ryan Hernandez. Estamos investigando o caso. Você pode nos dizer o que aconteceu com suas próprias palavras?”

Eliza se forçou a sentar-se um pouco e demorou um momento para se recompor. Então ela começou a contar a eles os detalhes do que tinha acontecido quando ela estava na casa de Penelope, desde o momento em que ela tinha chegado até o momento em que os paramédicos responderam ao chamado. Ela teve que parar algumas vezes ao descrever a cena na cozinha, mas acabou conseguindo.

“Quando foi a última vez que você a viu antes da cozinha?”, Ryan perguntou.

“No dia anterior”, disse Eliza. “Ela esteve na minha casa para tomar um café, em torno do meio da manhã.”

“Você notou algo incomum naquele dia?”, Brady perguntou.

Eliza ficou em silêncio por vários segundos, como se estivesse avaliando tomar uma grande decisão. Então ela soltou um suspiro enorme e assentiu.

“Sim”, ela disse baixinho.

“Por favor, conte-nos”, disse Brady.

Eliza esperou um momento, como se estivesse reunindo sua coragem. Então ela começou.

“Nós estávamos na minha varanda. Quando ela foi buscar mais café, ela recebeu uma mensagem em seu telefone. Eu olhei de relance para ele. Era do meu marido, Gray. Aquilo revelou que… que, bem, mostrou que eles estavam tendo um caso.”

Os três policiais olharam para ela de boca aberta, atordoados com a revelação. Jessie percebeu que ou Eliza era incrivelmente honesta ou que o sedativo que lhe tinham dado devia estar atuando como algum tipo de soro da verdade inadvertido.

“Por quanto tempo?”, Ryan, o primeiro a se recuperar, perguntou.

“Ela disse que tinha cerca de um mês.”

“O que aconteceu depois disso?”, ele perguntou cuidadosamente.

“Eu surtei. Ela disse que estava terminando com ele. Mas eu disse a ela que ela havia traído minha confiança e que nossa amizade tinha acabado. Eu expulsei ela lá de casa. E então, quando meu marido chegou naquela noite, eu o expulsei também.”

“Mas você foi até casa dela na manhã seguinte”, ressaltou Jessie.

“Sim. Você tem que entender. Nós eramos amigas desde a terceira série. Nós fomos para a mesma faculdade. Nossas famílias saem de férias juntas. Nossas filhas são melhores amigas. Então, depois de uma longa noite em que não dormi, tomei uma decisão. Eu não podia simplesmente jogar tudo isso fora sem tentar encontrar uma maneira de perdoá-la. Ela me disse que já não o via há três dias e que planejava terminar. Eu mandei uma mensagem, mas ela não respondeu. Então eu decidi ir até lá e encarar as coisas de frente. Nós tínhamos uma aula de ioga programada para mais tarde naquela manhã. Eu esperava falar com ela antes de Beth chegar, para dizer que poderíamos discutir as coisas depois da aula. Mas eu não consegui encontrá-la e... você sabe o resto.”

“Então você estava indo só para dar-lhe um salvo-conduto por ter dormido com seu marido durante o último mês?”, Jessie perguntou

incrédula.

Eliza olhou para ela indignada.

“De jeito nenhum”, ela insistiu. “Eu senti que, bem, se você quer saber a verdade, eu senti vontade de matá-la. Eu sei que não deveria dizer isso, mas é verdade. E, no entanto, ela é como uma irmã para mim. Eu sou filha única, mas nunca me senti como tal por causa da Penny. O que eu deveria fazer - fingir que os últimos vinte e cinco anos de nossas vidas juntas não faziam sentido? Eu tinha que tentar encontrar um jeito de passar por cima disso.”

“Deixe-me esclarecer uma coisa”, disse Jessie, recusando-se a ser influenciada pela emoção do momento. “Quando Beth chegou, você estava entrando na casa pela primeira vez ou saindo?”

“Eu estava entrando. Eu vi Beth estacionando e queria entrar para falar com Penny, mesmo que por alguns segundos. Caso contrário, teria sido apenas muito estranho, passar por uma sessão de ioga de uma hora com essa coisa não dita entre nós.”

“Mas você não conseguiu encontrá-la?”

“Não, eu só fui até à sala antes de Beth entrar. Nós estávamos chamando por Penny. Pensei que ela estava lá em cima e comecei a subir para ir procurá-la quando Beth começou a gritar da cozinha. Foi aí... foi aí que...”

Ela parou, incapaz de continuar. Ryan trocou de assunto rapidamente na esperança de impedi-la de se perder completamente.

“O marido dela sabia sobre o caso?”, ele perguntou.

Eliza conseguiu se recompor. Sentada totalmente ereta agora, ela empurrou o lençol da cama e revelou que estava vestindo apenas uma camisola hospitalar. Havia uma contusão feia no joelho direito de Eliza, onde ela deve ter batido no ladrilho da cozinha depois de escorregar no sangue.

Jessie não pôde deixar de notar que o corpo da mulher tinha um tônus muscular ligeiramente pronunciado, o que sugeria que o ioga não era a única parte de sua rotina regular de exercícios. Penelope Wooten era muito mais alta, mas magra como uma modelo. Já Eliza era claramente uma atleta. Não era difícil imaginar essa mulher mais baixa, mas mais forte, vencendo a outra fisicamente.

“Eu sinceramente não sei”, disse Eliza, deslizando as pernas para fora da cama. “Um dia atrás, eu teria dito que ela me contava tudo. Mas agora eu não sei mais o que ela escondia, nem de quem. Colton é um advogado bem conhecido. Não sei se eu deveria falar sobre isso, mas ele estava pensando em concorrer a um cargo. Tenho certeza de que isso teria complicado as coisas. Ela poderia querer manter em segredo dele apenas por esse motivo.”

“Mas ela nunca deu qualquer dica sobre problemas no casamento deles?”, Brady perguntou.

“Ela disse que eles iam à terapia de casal e que isso ajudava. Mas ela me disse que era para as coisas de sempre - falta de comunicação, esse tipo de coisa. Ela até sugeriu que Gray e eu fôssemos também porque eu estava reclamando que ele tinha ficado distante. Claro, agora vejo isso sob uma luz diferente.”

“Você disse que Penelope ia terminar com o seu marido, que ela não esteve em contato com ele por três dias?” Jessie perguntou.

“Isso foi o que ela me disse.”

“Você sabe se ela realmente fez isso? Acabou com o caso?”

“Sim. Quando enfrentei Gray naquela noite, ele disse que ela quis terminar e que ele concordara.”

“Ele parecia com raiva por isso?”, Brady perguntou.

“Com raiva que tenha acabado ou com raiva que ele tenha sido descoberto?”

“Qualquer que seja”, Brady disse.

“Ele estava com raiva, na medida em que ele efetivamente mostra esse tipo de coisa. Gray não é exatamente o tipo de ‘berrar e gritar’. Ele é muito... discreto. Mas à sua maneira, ele estava definitivamente chateado. Eu não sei se era porque ele tinha sido descoberto, porque ele não conseguiria mais transar com ela, ou porque eu estava expulsando-o de casa. Meu palpite é que foi uma combinação de tudo isso.”

“Você sabe para onde ele foi depois que ele deixou sua casa?”, Jessie perguntou.

“Para um hotel, presumo. Não falo com ele desde a noite passada.”

“Nem mesmo para contar a ele sobre o falecimento de Penelope?”, Jessie indagou.

Eliza olhou para ela espantada.

“Eu tenho estado um pouco ocupada”, disse ela.

Só então a porta se abriu e uma enfermeira entrou.

“Senhora Longworth”, disse ela, claramente perturbada, “por favor, não tente sair da cama. Você está medicada e tem um soro na veia. Nós não queremos que você caia.”

“Desculpe”, disse Eliza distraidamente. Ela tentou recolocar os pés de volta para a cama, mas teve dificuldade, então Brady lhe deu uma mão.

“Eu sei que vocês estão fazendo uma investigação”, a enfermeira disse para os três, “mas a Senhora Longworth realmente precisa descansar o máximo possível. Vocês acham que poderiam retomar seu questionamento mais tarde?”

“Tudo bem”, disse Brady. “Acho que estamos bem por agora. No entanto, podemos querer falar um pouco mais tarde novamente, Senhora Longworth. Aqui está o meu cartão, se você lembrar de mais alguma coisa nesse meio tempo.”

Ele colocou o cartão na pequena mesa ao lado da cama e todos eles caminharam para fora enquanto a enfermeira puxava o lençol de volta sobre Eliza.

“Pensamentos iniciais?”, Brady perguntou enquanto caminhavam pelo corredor até o elevador.

“Ela tem um motivo”, disse Jessie. “Sua melhor amiga traiu a amizade delas de umavida, transando com seu marido. Não fica muito mais claro do que isso.”

“Não sei”, Ryan respondeu. “Há também um marido injustiçado, especialmente alguém que podia estar preocupado que sua campanha para o cargo público estivesse prestes a ir por água abaixo graças a um escândalo pessoal. Isso me parece um motivo bastante convincente também.”

Brady sacudiu a cabeça.

“Eu ponho na mesa também a carta do marido traidor que acabara de dar cabo da sua vida e não poderia mais se divertir com a mulher que tinha admitido a aventura para sua esposa.”

“Sim, talvez devêssemos conversar com esse cara”, Ryan concordou. “Parece que temos uma miscelânea de possíveis suspeitos.”

“Também precisamos voltar e conversar com Wooten”, disse Brady. “Ou ele está mentindo ou ele é muito sem noção para um cara que costumava ser um procurador. Será que deveríamos acreditar que ele não tinha ideia de que isso estava acontecendo bem debaixo do nariz dele?”

“Você pode se surpreender”, Jessie advertiu. “Às vezes as pessoas podem ser chocantemente cegas para os segredos das pessoas mais próximas a elas, as pessoas que amam.”

Nem Brady nem Ryan responderam, embora ambos soubessem sobre qual relação ela estava se referindo. Jessie se sentiu grata pelo tato deles.

Enquanto eles desciam no elevador, uma imagem passou pela mente dela, ela deitada e totalmente alienada na cama ao lado de seu então marido, Kyle. A imagem foi rapidamente substituída por uma dele vestindo um macacão cinza, provocando-a através de uma divisória de vidro na prisão onde ele estava encarcerado.

Todo mundo tem segredos. Alguns de nós são apenas melhores a escondê-los.

CAPÍTULO TREZE

Jessie havia sido derrotada.

Ela queria entrevistar Gray Longworth primeiro, antes que ele tivesse muito tempo para formular respostas a perguntas sobre a morte de Penny. Supondo que eles fossem ser os responsáveis por dar a notícia da morte para ele, ela queria estudar a reação dele a isso. Quanto mais eles esperassem, mais provavelmente ele teria tempo de se preparar para a chegada deles.

Mas Brady estava convencido de que eles precisavam voltar para Colton Wooten e deixá-lo esclarecer sua declaração. Se ele falasse com a imprensa antes que tivessem tempo de confrontá-lo sobre o caso de sua esposa, o próprio circo da mídia que eles estavam tentando evitar poderia ser inevitável.

Ryan viu o mérito de ambos os argumentos, mas em última análise, concordou com Brady, que era o detetive principal do caso. Era ele que enfrentaria o calor de seus superiores se as coisas saíssem dos trilhos, então parecia justo que ele fizesse a escolha final.

Como todos concordaram que não deveriam se separar, isso significava que a próxima parada seria nos escritórios da Wooten & Camby, LLC, onde Colton estava aparentemente enfurnado. Eles estacionaram na garagem do subsolo da reluzente torre de Santa Mônica, onde o escritório dele estava sediado. Enquanto seguiam para o vigésimo segundo andar em um elevador panorâmico, Brady recebeu um telefonema.

“É da delegacia”, disse ele enquanto respondia. “Vou colocá-lo no viva-voz.”

“Detetive Bowen?”, perguntou a jovem voz feminina ao telefone.

“Sim”, ele respondeu com um sorriso enquanto pronunciava a palavra ‘novata’ para eles. “É a oficial Mueller?”

“Sim senhor. Eu tenho algumas atualizações em relação aos assuntos que o senhor queria investigar.”

“Pode dizer, Mueller.”

“Nós temos os dados de GPS do telefone de Colton Wooten, bem como as filmagens da câmera de segurança desta manhã.”

“E os dados de localização de Eliza e de Gray Longworth?”, ele perguntou.

“Ainda estamos esperando por isso”, disse ela. “Deve estar disponível dentro de uma hora. Gostaria que eu lhe enviasse a gravação da câmera agora?”

“Isso seria ótimo, Mueller”, disse ele quando a porta do elevador se abriu e os três saíram para o corredor do vigésimo segundo andar. “Enquanto isso, o que o GPS mostrou?”

“De acordo com os dados de localização, o Sr. Wooten saiu de casa às seis e quarenta e três da manhã. Parou na pré-escola *Palisades Friends* às seis e cinquenta e dois e saiu novamente às sete e um. Sua próxima parada foi na escola *Mendocino School for Strivers* às sete e treze. E é isso.”

“O que você quer dizer com 'e é isso'?”, Brady perguntou.

“Depois disso, o sinal desaparece. Não há nenhuma maneira de saber se o telefone morreu ou se foi desligado intencionalmente. Foi ativado novamente às oito e vinte e duas da manhã”

“Onde ele estava quando religou?”

“No escritório de Santa Monica”, disse Mueller.

“Então, seu paradeiro é desconhecido por mais de uma hora?”

“Parece que sim.”

“E quanto ao GPS no carro dele?”, Jessie perguntou.

“Estamos trabalhando nisso. Mas isso exige tomar algumas atitudes e o chefe quer que sejamos... discretos na forma como lidamos com os pedidos.”

“Entendido”, disse Bowen. “Eu vejo que a filmagem da câmera de segurança acabou de chegar. Obrigado Mueller. Temos que ir, mas mantenha-me informado de quaisquer atualizações.”

“Sim, senhor”, disse Mueller, parecendo aliviada por não ter recebido a culpa pelo atraso sobre os dados do local do carro.

Depois de desligar, Brady estava prestes a tocar a filmagem da câmera de segurança quando um jovem em um terno chique passou por eles.

“Bem”, disse ele depois que o homem passou por eles, “talvez a gente devesse ir para algum lugar um pouco mais privado para ver isso.”

Todos eles foram para o extremo oposto do corredor do escritório de Wooten e viraram a esquina perto da saída de emergência. Jessie e Ryan se aglomeraram em torno dele enquanto ele apertava o ‘*play’*.

A filmagem da câmera ativada por movimento mostrava Eliza Longworth na porta da frente da casa.

“Penny!”, eles a ouviram gritar. “Beth já chegou. Ainda estamos combinadas para a ioga?”

Ela tocou a campainha e tentou novamente. A filmagem não era da melhor qualidade, mas pelo menos para Jessie, ela não parecia estar agindo de forma suspeita. Talvez um pouco nervosa, mas isso poderia ser facilmente explicado pela natureza da situação. Afinal, ela estava lá para conversar sobre passar por cima de tudo depois que sua melhor amiga tinha dormido com seu marido.

“Penny, posso entrar? Devemos conversar por um segundo antes que Beth chegue.”

Depois de esperar mais alguns segundos, Eliza tentou abrir a porta da frente, que estava destrancada.

“Penny”, eles a ouviram gritar algures lá de dentro, sua voz ficando mais distante a cada segundo. “Você deixou a porta destrancada. Beth já está estacionando. Você recebeu minha mensagem? Podemos conversar em particular por um minuto antes de começarmos?”

Alguns segundos depois, Beth entrou pela porta aberta, gritando: “Senhoras, estou aqui!”

As duas mulheres falaram brevemente e, embora fosse difícil captar o conteúdo real de sua conversa, nenhuma delas parecia especialmente angustiada.

Cerca de trinta segundos depois, os gritos começaram.

“Bem”, Brady disse quando terminou, “eu não sei o quão útil foi isso além de confirmar tudo o que já suspeitávamos.”

“Uma coisa ficou clara”, observou Ryan. “Isso mostra que Eliza estava entrando em casa, não saindo, quando Beth chegou. Isso não a

isenta completamente, mas pelo menos a história dela está valendo até agora.”

“Sim, mas ela sabia que a câmera estava na campainha. Essa coisa toda poderia ter sido encenação”, Jessie respondeu, embora estivesse se tornando cada vez mais difícil sustentar tal hipótese.

“Você realmente tem alguma coisa contra essa mulher”, disse Brady. “Porquê?”

“Eu só estou olhando por todos os ângulos”, Jessie respondeu, ignorando o olhar cético que viu Ryan lhe lançar pelo canto do olho.

“Vamos deixar isso de lado por enquanto”, disse Ryan, sem comentar nada sobre a veracidade do que Jessie acabara de dizer. “Por enquanto, vamos nos concentrar no homem que viemos aqui para ver. Ele nos deve algumas explicações.”

Brady pareceu satisfeito com esse plano e seguiu pelo corredor em direção a Wooten & Camby. Quando Jessie começou a segui-lo, Ryan colocou a mão no ombro dela e gentilmente a puxou para o lado.

“Quando tivermos algum tempo sozinhos, você vai me dizer o que diabos está acontecendo com você.”

E antes que ela pudesse responder, ele já estava na metade do corredor.

CAPÍTULO CATORZE

Wooten fez com que esperassem vinte minutos.

Jessie achou estranho que ele mantivesse as pessoas responsáveis por investigar o assassinato de sua esposa esperando. Mas ela guardou isso para si quando eles finalmente foram levados para o escritório. Ao longo do caminho pelo corredor, notou várias obras de arte muito familiares protegidas por vidros pesados. Ela se perguntou se aqueles eles eram os originais e se arrependeu por breves momentos de não ter prestado mais atenção em sua aula de história da arte.

Quando entraram no escritório de Wooten, situado numa quina do prédio com paredes de vidro, ele estava em pé ao telefone, sem paletó, de costas para eles. O assistente chamou a atenção dele, apontou os três policiais na sala e saiu. Wooten falou por mais trinta segundos antes de desligar.

“Alguma atualização?”, ele perguntou sem preâmbulos.

“Algumas, na verdade”, disse Brady. “Gostaria de se sentar?”

“Eu prefiro ficar de pé.”

Jessie, vagamente irritada com a postura dele, decidiu tomar a iniciativa e sentou-se em uma das cadeiras do outro lado da mesa.

“Fiquei surpresa ao saber que você estaria aqui no escritório, Sr. Wooten”, disse ela. “Eu pensei que o senhor gostaria de ter um dia mais privado.”

“Infelizmente, não é tão simples assim. Eu tenho um monte de clientes em procedimentos no tribunal hoje e o sistema judiciário não deixa de funcionar só porque o meu mundo está desmoronando.”

“O senhor não poderia ter pedido adiamentos?”

“Na maioria dos casos, sim”, disse ele. “Mas um julgamento criminal está atualmente com o júri e tivemos um depoimento em um caso civil de alto nível. Esses tinham que ser delegados para as pessoas certas. Não

sei quanto tempo passarei afastado do trabalho e quero garantir que cada cliente seja colocado com o substituto apropriado.”

“Sua dedicação profissional é admirável”, disse ela com um pequeno indício de ceticismo.

Ele não percebeu ou fingiu que não percebeu.

“A verdade é que não há muito mais que eu possa fazer agora”, ele disse. E de um jeito estranho, isso me mantém são. Concentrar-me nas minúcias legais impede que minha mente vá para lugares mais escuros. Além disso, esta é a minha única janela de tempo para fazer as coisas hoje. A partir do momento em que eu pegar as crianças mais tarde, tudo o resto vai ficar em segundo plano. Não sei como vou contar isso para eles. Ana vai aguentar bem. Ela tem apenas quatro anos. Mas Colt - não sei como isso funcionará. Há ainda um outro problema além das consequências emocionais. A mãe é fundamental para a rotina dele. E sem essa rotina, ele tende a... ter dificuldades.”

“Sinto muito, Senhor Wooten”, disse Brady, parecendo genuinamente simpático. “Faremos o nosso melhor para ser rápidos aqui para que o senhor possa voltar a esses assuntos. Temos apenas algumas perguntas adicionais para lhe fazer.”

“Eu pensei que você tinha dito ter atualizações”, lembrou Wooten.

“Atualizações *e* perguntas”, Brady respondeu inocentemente. “A primeira coisa é que ficamos um pouco confusos sobre para onde o senhor foi depois que deixou seus filhos nas escolas esta manhã.”

“Eu vim direto para cá. Porquê?”

“O senhor desligou o telefone em algum momento?”, Ryan perguntou, não respondendo à pergunta de Wooten.

“Não. Ele ficou sem bateria. Eu não tinha meu carregador comigo, por isso não consegui ligá-lo até chegar aqui.”

“Mas a sua última parada, a escola do seu filho, está a menos de vinte minutos daqui”, observou Ryan. “E, ainda assim, seu telefone ficou desligado por mais de uma hora.”

Wooten olhou para ele com ar de impaciência, mas se viu obrigado a responder à pergunta.

“Eu fui arrastado para uma reunião bem cedo e esqueci do telefone até sair. Do que que se trata isso tudo?”

“Estamos apenas tentando estabelecer uma linha do tempo para todos”, disse Brady, entrando na conversa.

“De quem mais vocês estão olhando a linha do tempo?”, Wooten perguntou.

“Bem, acabamos de falar com Eliza Longworth no hospital e traçámos a dela”, disse Jessie, sabendo que o que ela estava prestes a dizer poderia ter sérias consequências. “Enquanto estávamos lá, ela também nos contou que sua esposa estava tendo um caso com o marido dela. Existe alguma razão para *o senhor* não ter voluntariamente nos dado essa informação?”

Jessie observou-o atentamente, procurando por qualquer reação que pudesse revelar algo não intencional. Wooten olhou para ela com olhos semi-cerrados e penetrantes. Ele não pareceu chocado com a pergunta dela.

“Sim, existe, Menina Hunt. Além de ter ficado chocado com a morte dela, fiquei envergonhado. Eu sei que isso não deveria ter sido a minha prioridade nesta manhã. Mas isso pesou. Eu tinha acabado de descobrir que minha esposa estava tendo um caso, não apenas com alguém que eu conhecia, não apenas nosso vizinho, mas com o marido de sua melhor amiga. Foi muito para processar. E acho que não lidei com isso tão bem quanto poderia.”

“O senhor mentiu para nós, Sr. Wooten”, insistiu Jessie.

“ Não, eu disse que tínhamos um bom casamento. Eu disse que ela não estava escondendo nada de mim, o que é verdade. Ela já havia me contado sobre o caso antes que isso acontecesse - ontem, na verdade. Eu não saí contando tudo de uma vez para vocês, mas também não menti.”

“Como o senhor se sentiu quando ela lhe contou?”, Ryan perguntou.

“Como você acha que me senti, detetive? Eu fiquei devastado. Eu fiquei chateado. Eu me senti traído. Em geral, senti que todo meu mundo estava em colapso.”

“Pois isso prejudicaria sua tentativa de concorrer à procuradoria?”, Jessie pressionou.

Wooten novamente olhou para ela e novamente permaneceu com compostura enquanto respondia.

“Eu não vou negar que isso foi um fator”, ele admitiu. “Mas isso não foi o principal. Mesmo a traição em si não foi o principal.”

“O que foi então?”, Ryan perguntou.

“Foi tão… perturbador. Penny é a pedra da nossa família. Ela paga as contas. Ela faz voluntariado nas escolas das duas crianças. Caramba, como você viu, ela até lidava com os códigos das câmeras de segurança. A ideia de que ela pudesse fazer algo tão imprudente, de que ela era tão alienada - realmente arruinou toda a minha concepção de quem ela era.”

“Mas ela lhe disse que estava terminando o caso?”, Brady insistiu, aparentemente tentando se afastar dos sentimentos e voltar a fatos concretos.

“Ela não apenas me disse, ela me mostrou.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Ela mandou uma mensagem para ele enquanto eu estava com ela”, ele respondeu. “Eu a vi digitar a mensagem.”

“O que ela escreveu a ele?”, Brady perguntou.

“Não me lembro das palavras exatas. Você pode verificar o telefone dela para saber isso. Mas a essência foi: ‘Isso acabou. Eu contei a Colton. Eu contei a Eliza. Temos de enfrentar as consequências do que fizémos’.”

“Ele respondeu?”, Jessie perguntou.

“Sim”, disse Wooten, balançando a cabeça com a lembrança. “Eu pensei que ele daria uma resposta qualquer sem graça, quer ele aceitasse o que ela tinha dito ou tentasse mudar um pouco a decisão dela. Grey é meio que um cara sem graça, reservado.

“Mas ele não fez isso?”, perguntou Ryan.

“Não. Ele respondeu com força. Ele exigiu saber como ela pôde fazer isso sem falar com ele primeiro. Ele a chamou de cadela. Ele disse que ela tinha arruinado a vida dele. Eu fiquei surpreso. Ele é geralmente um cara tímido. Mesmo sob as circunstâncias, não parecia dele.”

“O senhor falou com ele depois disso?”, Jessie perguntou.

“O quê? Para defender a honra da minha esposa? Nada do que ele disse estava errado, se você quer saber. Além disso, eu também não iria até lá para brigar com o cara. Eu sabia que Eliza iria dar a ele o que ele merecia. Ela iria ser implacável com ele.”

“Eliza é do tipo 'implacável'?”, Ryan perguntou.

“Tudo que sei é que, por mais puto que eu estivesse, ela provavelmente estaria em dobro. Ela e Penny se conhecem desde

sempre. Elas trocaram caixas de suco na escola primária. E aí agora o próprio marido dela foi dar uma cantada na Penny. Não deve ter sido bonito."

"Foi bonito em sua casa?", Jessie perguntou.

"Não foi tão feio quanto você imagina. Por causa do Colt, gritarias não são realmente uma opção em nossa casa. Se começarmos a gritar um com o outro, ele se desespera. Escalar qualquer situação só piora tudo. E quando ele e Ana foram para a cama, Penny tomou a pílula para dormir. Ela não estava em condições de esclarecer nada. Então eu decidi deixar isso em espera por um dia. Eu imaginei que as coisas ficariam mais claras hoje. Isso realmente resultou..."

Os detetives ficaram em silêncio por vários segundos, sem saber como responder à reação de Colton Wooten à morte de sua esposa.

"Presumo que você não se importe que verifiquemos os dados de GPS do seu carro" disse Brady finalmente. "Para confirmar seu paradeiro esta manhã."

"Meu álibi, você quer dizer?", ele respondeu de forma ácida. "Eu presumi que você já tinha feito isso."

*

Dez minutos depois, os três saíram do elevador panorâmico e atravessaram o saguão do prédio até ao estacionamento do outro lado da rua.

"Você sequer *considerou* prendê-lo?", Jessie perguntou a Brady, incapaz de conter a frustração que se acumulava desde que eles tinham saído do escritório de Wooten.

"Com base em quê?", ele perguntou indignado.

"Seu álibi é questionável, na melhor das hipóteses. Ele não foi honesto sobre o caso de sua esposa e ele tem um motivo perfeito."

Brady olhou para ela irritado.

"Seu álibi será provado ou desmentido dentro de uma hora. Não mencionar o caso da esposa em uma entrevista inicial, embora seja suspeito, não é um crime. Ele não estava sob juramento. E ele é uma de pelo menos três pessoas com um motivo sólido. Precisamos de algo mais definitivo do que isso para levá-lo sob custódia."

“Tem certeza de que essas são as razões?”, ela provocou.

“Só para ficar claro, você parece estar sugerindo que eu não o algemei lá atrás porque ele está concorrendo para a procuradoria, certo? Você realmente acha que, depois do que acabei de expor, fazer isso seria a estratégia mais correta?”

“Só estou tentando garantir que sua principal prioridade seja resolver este caso e não evitar um escândalo.”

“Com todo o respeito, Jessie, acho que posso fazer as duas coisas”, disse ele, parando. “Eu vou entrar em contato com a delegacia. Vocês dois vão em frente. Eu os encontrarei no carro.”

Ele pegou o telefone enquanto Jessie e Ryan continuaram andando até ao estacionamento.

“Algo em sua mente?”, Ryan perguntou quando eles já estavam longe o suficiente para não serem ouvidos.

“O que você quer dizer?”, Jessie perguntou.

“Primeiro você tratou Eliza Longworth como se ela fosse uma ex-condenada em liberdade condicional. Depois você forçou para um ex-promotor fosse preso em seu escritório. E agora você vai atrás de Brady. Parece que você está pronta para jogar todos atrás das grades hoje.”

Jessie parou e olhou para ele, frustrada por seus comentários.

“Você não acha que eu estou apenas empregando algum ceticismo profissional?”

“Acho que vai um pouco além disso”, disse Ryan. “O ceticismo é bom. Na verdade, é essencial na nossa linha de trabalho. Mas você ainda tem que estar aberta à possibilidade de que as pessoas estejam ocasionalmente dizendo a verdade.”

Jessie continuou a andar, tentando entender aquelas palavras sem absorver qualquer julgamento.

“Eu acho que já me queimei muito ao assumir o melhor das pessoas”, disse ela lentamente. “Aconteceu com Kyle e novamente com o caso de Andrea Robinson, então estou apenas tentando ficar objetiva. Com Eliza Longworth, reconheço sua situação. Caramba, *eu* já estive na mesma situação dela. Então eu sinto uma conexão com ela. Eu não quero que isso ponha uma nuvem sobre minha capacidade de avaliação, então eu tenho que ser dura com ela. Talvez eu tenha pego muito pesado. E, então, para ser justa com ela, eu tive que ser igualmente dura com

Wooten. E considerando que ele agiu feito um idiota, ser dura com ele foi fácil, talvez fácil demais. Eu não sei. Talvez todo esse treinamento do FBI tenha me embaralhado."

"Ou", rebateu Ryan, "talvez você esteja um pouco nervosa e enferrujada porque você não faz isso em uma situação real há alguns meses."

"Talvez", admitiu Jessie.

"Então relaxe um pouco. Só não dilacere todas as pessoas que entrevistamos no processo. Parece bom?"

"Parece bo...", Jessie começou a responder, antes de ser interrompida por um som alto de estouro a menos de 30 metros de distância.

Ela moveu a mão em direção à cintura para pegar sua arma, mas quando lembrou que ainda não tinha uma, se jogou no chão, deitada de bruços no cimento da garagem. Após cerca de cinco segundos de silêncio, ela olhou para Ryan. Ele estava olhando para ela com um olhar atordoado no rosto.

"Tenho certeza que foi apenas um escape de carro", disse ele.

"Você provavelmente está certo", disse ela, timidamente se levantando. "Ainda assim, é melhor prevenir do que remediar."

"Mesmo?", ele disse, duvidoso. "Isso me pareceu mais do que apenas cautela. Você esteve nervosa o dia todo. Você quer me dizer o que está te deixando tão perturbada?"

"Apenas o nervosismo de 'primeiro dia de volta', eu acho."

"Eu não acredito nisso nem por um segundo", disse ele.

Jessie viu Brady andando na direção deles de longe.

"Deixa por enquanto", ela disse calmamente. "Eu vou te atualizar mais tarde."

"Por favor", Ryan insistiu, "porque isso não pode continuar."

Jessie assentiu enquanto se perguntava como iria abordar o assunto.

Sim, talvez no almoço, com um sanduíche de presunto e queijo, eu lhe direi como meu pai assassino está caçando meu endereço.

CAPÍTULO QUINZE

A lista de suspeitos de Jessie parecia estar em constante mutação.

Eles estavam chegando à imobiliária de imóveis comerciais de Gray Longworth em Venice quando Brady recebeu uma ligação da oficial Mueller. Desta vez, ele não a colocou em viva-voz. Após cerca de trinta segundos, ele desligou.

“Tenho algumas novidades”, disse ele.

“Nós meio que imaginamos, Brady”, respondeu Ryan. “Boas ou más?”

“Depende de quem você seja. Eu estou supondo que Colt Jr. e Anastasia vão ficar felizes com isso. Temos os detalhes dos dados de GPS do veículo de Wooten. Eles mostram que ele chegou ao trabalho no momento em que ele nos disse. Também verificamos as imagens das câmeras de segurança do prédio dele. Elas mostram ele entrando, mas não saindo.”

“Ele não poderia ter se esgueirado por alguma saída alternativa e ter feito um passeio de volta para casa?”, Jessie perguntou.

“Suponho que seja tecnicamente possível”, respondeu Brady. “Mas isso teria dado a ele uma pequena janela de tempo para chegar lá, matar a esposa e voltar ao trabalho a tempo para a reunião.”

“Ponto justo”, reconheceu Jessie, notando a surpresa de Brady por sua disposição em admitir o argumento. “Então, talvez nós devessemos colocá-lo no cesto de ‘suspeitos improváveis’.”

“Sim”, Ryan concordou enquanto estacionava em uma vaga na rua. “Mas não vamos eliminá-lo completamente. Ele pode ter contratado alguém. Um ex-promotor conheceria pessoas dispostas a fazer esse tipo de trabalho. Ainda não estou pronto para riscá-lo da lista ainda.”

Eles saltaram do carro e andaram meio quarteirão até ao escritório de Longworth. Considerando que ele trabalhava com imobiliárias de imóveis comerciais, o prédio era surpreendentemente pouco inspirador.

Composto principalmente de concreto fosco, com cor de casca de ovo, parecia particularmente fora de contexto no meio desta parte excêntrica de Venice. Ao longo da curta caminhada até ao escritório, eles passaram por um restaurante vegano, uma loja de roupas orgânicas e uma distribuidora legalizada de maconha. O prédio dele se destacava por não se destacar.

Eles entraram no saguão, onde Ryan mostrou o distintivo para a recepcionista.

“Precisamos falar com Gray Longworth”, ele disse secamente.

A mulher pareceu surpresa e olhou para um caderno espiral na mesa à sua frente.

“Parece que ele está em uma reunião agora. Vou informá-lo assim que ela acabar. Por favor sentem-se.”

“A reunião dele acabou”, disse Ryan com firmeza. “Por favor, leve-nos ao escritório dele agora.”

Apesar de estar claramente nervosa, a recepcionista fez o que lhe foi pedido. Ryan assumiu a liderança. Enquanto Jessie e Brady seguiam logo atrás, ela se aproximou e murmurou para ele.

“Acho que posso adivinhar quem é que fazia o papel de bom policial e quem fazia o de policial mau quando vocês interrogavam suspeitos.”

“Nós tínhamos nossos papéis”, admitiu Brady. “Mas, neste caso, acho que Ryan só quer entrar lá e questionar Longworth antes que o cara tenha a chance de se preparar.”

“De se preparar para o quê?”

“Para saber da morte de Penelope Wooten. Ao contrário de você, eu não sou especialista em perfis criminais, por isso eu preciso de dicas visuais bem claras para saber se um suspeito está genuinamente surpreso com notícias ou está fingindo. Isso vai ajudar.”

Chegaram ao escritório de Longworth, separado do longo corredor por uma parede e uma porta de vidro. Ele estava ao telefone e olhou para cima quando a recepcionista abriu a porta.

“Sr. Longworth” disse ela, “esses detetives estão aqui para falar com o senhor.”

Ele ficou olhando enquanto os três entravam na sala, um após o outro. Depois de um momento de silêncio mútuo, ele falou ao telefone.

“Vou ter que ligar para você depois”, disse ele. “Surgiu... uma coisa.”

Ele desligou e continuou olhando para eles, sua expressão era uma mistura de confusão e apreensão.

Jessie fez um rápido raio-x dele. Grey Longworth não era um grande homem, talvez não mais alto do que sua esposa. Seu cabelo loiro era fino e a pele clara parecia não sobreviver a meia hora sob o sol. E, ainda assim, havia algo sobre ele que fazia Jessie entender por que Eliza poderia ter interesse nele.

Apesar da descrição que Colton Wooten tinha feito dele como sendo sem-graça, ele se portava com uma pitada de malícia e malandragem que era intrigante. Ela imaginou que aquele jeito talvez fosse mais pronunciado quando ele não estava enfrentando três membros da lei.

“Podemos nos sentar?”, Ryan perguntou, embora não parecesse que ele precisava de permissão.

Longworth assentiu e os três se sentaram à sua frente.

“O que posso fazer pelos senhores, oficiais?”, ele perguntou hesitante.

“Detetives, na verdade”, disse Ryan. “Precisamos fazer algumas perguntas sobre Penelope Wooten.”

Ao som do nome dela, os olhos de Gray Longworth ficaram do tamanho de dois pires.

“O que tem ela?', ele perguntou, com sua voz trêmula, toda aquela aura de malandragem desaparecendo.

“Antes de começarmos nossas perguntas, há algo que você queira nos dizer?”

Jessie viu o que Ryan estava fazendo. Longworth parecia abalado. Se ele não soubesse exatamente do que a polícia estava ciente, talvez ele inadvertidamente revelasse algo que eles ainda não conheciam. Longworth parecia à beira do pânico, como se estivesse colocando na balança alguma decisão importante. Finalmente ele falou.

“Eu não queria fazer isso.”

Houve um momento de silêncio em que Jessie se perguntou se Ryan iria primeiro informar os direitos dele. Se ele estivesse prestes a confessar, eles não poderiam deixar que essa formalidade ficasse no meio do caminho.

“Não queria fazer exatamente o quê?”, Ryan perguntou devagar.

“Enviar aquela mensagem”, ele respondeu. “No segundo em que enviei, desejei poder apagá-la. Você tem que entender. Eu estava chateado. Ela tinha acabado de me dizer que havia revelado tudo para minha esposa. Eu podia ver todo o meu mundo desmoronando ao meu redor. Então eu ataquei. Foi errado, eu sei. Mas é realmente um crime?”

“Sr. Longworth”, disse Brady, falando pela primeira vez, “você está nos dizendo que sua única admissão neste momento é ter enviado uma mensagem de texto desagradável?”

“Não”, respondeu Longworth. “Quero dizer, também estou admitindo que tive o caso. Mas eu *sei* que isso não é um crime. Eu não achava que a mensagem fosse também. Ela deu entrada com uma ordem restritiva ou algo assim? Porque não é necessário.”

“Sr. Longworth”, disse Ryan, ignorando a pergunta, “onde estava esta manhã entre as seis e as oito da manhã?”

“O quê? Eu não sei. Porquê?”, Longworth perguntou, afobado.

“Responda à pergunta, por favor.”

“Você não tem que me dizer o que é que se está passando aqui?”, ele interrogou, levantando-se. O tremor voltou à sua voz, mas agora estava misturado com uma indignação petulante. “Parece que você está me pedindo um álibi. Eu sinto que você não está sendo honesto comigo.”

“Só estou fazendo uma pergunta, senhor Longworth”, disse Ryan. “O senhor está se recusando a me responder? Porque um homem que não tem nada a esconder provavelmente não reagiria a uma pergunta simples desta maneira.”

Gray Longworth saiu de trás da mesa e atravessou a sala para abrir a porta de vidro.

“Por favor, saiam”, disse ele, segurando-a aberta.

Jessie não pôde deixar de notar que ele não estava agindo de acordo com sua reputação de ‘tímido’.

“Isto não funciona assim, senhor Longworth”, disse Ryan, sem se mexer nem um centímetro. “Agora, se você está se recusando a responder perguntas, esse é um direito seu. Na verdade, estou prestes a listar toda uma série de direitos para você, incluindo seu direito a um advogado. Mas se eu der esse passo, significa que estou prestes a levá-lo em custódia. Esse é o passo que você quer que eu dê?”

“Me levar em custódia porquê?”, Longworth perguntou beligerantemente, ficando perigosamente perto de Ryan. “Por não querer conversar sobre como meu casamento pode estar acabado porque eu estava transando com a melhor amiga de minha esposa?”

“Não, Sr. Longworth. Eu levaria você sob custódia por suspeita de assassinar a melhor amiga de sua esposa.”

“Espere? O quê?”

Este era o momento que Jessie estava esperando. O rosto de Grey Longworth era a imagem de choque. Seu comportamento hostil transformou-se em desanimado desalento. O problema era que Jessie não podia ter certeza se ele estava surpreso por Penelope Wooten estar morta, ou por ele estar sendo potencialmente preso por isso, ou ainda se ele estava fingindo a coisa toda.

“Eu vou precisar algemá-lo, senhor Longworth”, insistiu Ryan, “ou está disposto a responder minhas perguntas?”

“Penny está morta?”, ele perguntou, soando como se não tivesse entendido completamente.

“Está”, garantiu-lhe Ryan. “Isso é uma surpresa para você?”

A expressão de Longworth mudou subitamente de alarme para raiva. Seu rosto ficou vermelho.

“Como você se atreve...”, ele começou a gritar quando colocou as duas mãos no peito de Ryan.

Isso foi um erro. Ryan era meia cabeça mais alto e uns vinte quilos mais pesado que Longworth. Ele também foi treinado em combate corpo-a-corpo. Demorou cerca de quatro segundos para ele afastar os braços de Longworth, dar-lhe uma joelhada na virilha, atirá-lo ao chão com o rosto virado para baixo, apoiar o joelho na lombar do homem e colocar-lhe algemas.

“Precisa de uma mãozinha?”, Brady perguntou, divertido.

“Estou bem”, respondeu Ryan, antes de ler os direitos a Longworth. Quando ele terminou, ele colocou o homem em pé e o levou para fora do escritório.

“Você não pode fazer isso”, protestou Longworth. “Eu não fiz nada de errado.”

“Você agrediu um policial”, observou Brady enquanto caminhavam pelo corredor. “Se você acha que isso não é errado, estou preocupado

com o que mais você considera dentro dos limites de comportamento apropriado.”

Jessie se perguntava a mesma coisa.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Jessie não tinha certeza sobre o que pensar de Gray Longworth.

Enquanto ela olhava para ele através do espelho falso de uma sala de interrogatório na delegacia de West LA, ela não sabia dizer se a transpiração nervosa dele se devia à ansiedade geral com a situação ou medo de ser preso por algo muito pior do que empurrar um policial.

“Está pronta?”, Ryan perguntou, aparecendo ao lado de Jessie. “Acho que já o deixamos sofrer de nervoso tempo suficiente.”

“Quanto tempo já passou, trinta minutos?”, ela perguntou. “E ele ainda não pediu um advogado?”

“Não. E ele também está se oferecendo para falar. Brady acha que ele está querendo tentar me encantar para me fazer desistir da acusação de agressão.”

“E ele pode conseguir isso?”, Jessie perguntou.

“Fico feliz em deixá-lo pensar assim, se isso o transformar num tagarelinha.”

“Então, nós temos um plano de ação?”

“Eu digo que deixemos ele desabafar um pouco. Ele provavelmente vai querer se justificar. Brady parecerá receptivo a isso, para que ele fique confortável em falar mais.”

“Nesse caso”, sugeriu Jessie, “talvez eu deva ficar aqui um pouquinho. Ter uma mulher lá com idade próxima à da esposa dele pode fazê-lo se sentir mais sob julgamento do que sem mim lá. Dê-me um sinal quando você estiver realmente pronto para atacá-lo e eu me juntarei à festa. Talvez ele começe a suar ainda mais quando me vir entrar.”

“Parece bom”, Ryan concordou e fechou a porta.

Jessie puxou uma cadeira e sentou-se como se estivesse se preparando para assistir a um filme. Porém, para essa exibição, ela tinha uma caneta, um bloco de papel e o conhecimento de que logo estaria falando com o personagem principal.

Alguns segundos depois, Brady e Ryan entraram e se sentaram do outro lado da mesa, em frente a Longworth. Ninguém falou por alguns segundos. Por fim, Ryan se inclinou para frente e falou quase sussurrando.

“Você sabe, a maneira como você partiu para cima de mim em seu escritório não combina muito com a maneira como Colton Wooten descreveu você.”

Longworth se contorceu na cadeira, como se estivesse debatendo se respondia ou não. Por fim, ficou claro que ele não conseguiria se conter.

“O que ele disse?”, ele finalmente perguntou.

“Ele disse que você era um tipo sem graça.”

“Sim, bem, o Colt pode enfiar a opinião dele naquele lugar.”

“Uohhh”, disse Ryan, fingindo surpresa. “Parece que pode haver um pouco de animosidade por aí. Isso deve ter sido divertido nas suas viagens juntos em família.”

“Acho que não vamos mais fazer esse tipo de viagens”, respondeu Longworth.

O comentário inoportuno ficou pairando no ar por um bom tempo antes dele tentar consertá-lo.

“Eu só quis dizer...”, ele começou.

“Acho que sabemos o que você quis dizer, Gray”, Ryan interrompeu. “Você não se importa se eu te chamar de Gray?”

“Na verdade, eu prefiro…”

“Então, Gray” prosseguiu Ryan, ignorando Longworth “descobrimos que você não é tão insosso quanto Wooten pensa, que você não gosta muito dele, que estava dormindo com a esposa dele e que você não parece tão abalado com a morte dela.”

“Isso não é verdade” protestou Longworth, tentando se levantar, mas impedido pelas algemas que prendiam a mão dele à perna da mesa.

“Você acabou de fazer uma piadinha sobre as férias em família”, observou Ryan. “Isso me parece muito insensível.”

“Eu não quis dizer aquilo.”

“Mas você tem que admitir”, Brady interveio soando simpático “aquilo soou meio frio. Você não parece muito arrasado com a morte de Penelope.”

“Eu ainda estou em choque. Uma pessoa com quem eu estava envolvido está morta e eu estou sentado em uma delegacia de polícia, algemado, sendo questionado sobre isso. Eu não tive muito tempo para processar o que aconteceu com ela, com a tentativa de provar que eu não estava envolvido nisso.”

“É justo”, disse Brady generosamente. “Então talvez você possa responder à pergunta que estávamos tentando esclarecer em seu escritório. Onde você estava entre as seis e as oito da manhã?”

Longworth permaneceu imóvel por um momento, com uma expressão enrugada como se estivesse tentando se lembrar. Jessie achou pouco convincente que ele estivesse se esforçando para lembrar de algo que tinha acontecido menos de oito horas antes.

“Passei a noite em um hotel. Esta manhã eu voltei para o nosso bairro, estacionei na rua a um quarteirão de distância da nossa casa, e fui dar uma corrida em uma trilha nas proximidades. Depois da corrida, quando soube que Eliza levara as crianças para a escola, fui até a casa para tentar tomar banho, trocar de roupa e pegar algumas roupas limpas. Mas ela tinha mudado as fechaduras. Então fui à minha academia para tomar banho lá. E depois fui para o trabalho.”

“Você levou seu celular com você em sua corrida?”, Brady perguntou.

“Não, eu não tenho a braçadeira que uso para segurá-lo, então deixei no carro.”

“Quanto tempo durou a corrida?”

“Eu não sei a quilometragem exata”, disse Longworth. “Mas eu acho que cerca de uns oito quilômetros. Eu sei que durou menos de uma hora.”

“Sr. Longworth”, Brady perguntou, quase de forma submissa, “você estaria disposto a entregar seu telefone para que possamos confirmar sua localização naquele momento usando seus dados de GPS?”

Jessie se levantou. Ryan não tinha feito sinal para ela, mas ela vira uma oportunidade e não esperaria permissão para tirar vantagem disso. Enquanto ia, ouviu Longworth responder.

“Eu não me incomodo com isso”, disse ele.

Ela foi até à porta da sala de interrogatório, bateu e enfiou a cabeça para dentro.

“Posso me juntar a vocês por um momento?”, ela perguntou.

“Fazemos questão”, disse Brady, como se a estivesse convidando para um jantar.

“Muito obrigada”, disse Jessie enquanto se aproximava. Ryan instintivamente se levantou e ela pegou a cadeira dele, movendo-a para que ficasse a apenas meio metro de distância de Longworth.

“Oi, Sr. Longworth”, ela disse, sua voz toda cheia de doçura e luz. “Na verdade, nós ainda não nos falamos. Mas eu tenho uma pergunta para você. Pode ser?”

“Claro”, ele respondeu, embora parecesse desconfortável com o quão perto ela estava.

“Ótimo. Eu só estava me perguntando por que, em sua mensagem de texto para Penny, você a chamou de cadela?”

“Eu não chamei... chamei?”, ele disse, então começou de novo. “Ouça, eu fiquei chateado. Eu tinha descoberto que toda a minha vida tinha sido destruída. Eu ataquei. Eu disse algumas coisas que me arrependo agora.”

“Você estava muito bravo com ela, né? Por ter destruído toda sua vida?”

“Naquele momento, com certeza. Eu estava chateado. Mas isso não significa...”

“Você sabia que Eliza ficaria irritada, certo?”, ela disse, cortando-o e inclinando-se para perto de modo que seus rostos estivessem a apenas alguns centímetros de distância. “Você sabia que o que você tinha feito era muito pior do que se tivesse saído com alguma prostituta, não sabia? Esta era a melhor amiga de sua esposa, desde que elas brincavam de bonecas e faziam festas do pijama. Seria imperdoável. Não havia como consertar isso. Isso deve ter sido tão frustrante, ver a sua vida perfeita se desintegrando diante de seus olhos. Não é verdade, Gray?”

Longworth respirou fundo, como se tentasse sugar um reservatório extra de paciência. Não pareceu funcionar.

“Ela poderia apenas ter acabado com isso”, ele soltou. “Ela não precisava contar a todos. Agora as vidas de duas famílias estão arruinadas por causa do que ela fez.”

“Por causa do que *ela* fez?”, Jessie repetiu. “Ela amarrou você e forçou você a trair sua esposa? Você foi apenas um observador passivo

nesse processo? Você foi a vítima, Gray?”

Longworth sacudiu a cabeça, frustrado, inadvertidamente encostando no nariz de Jessie com a parte de cima da cabeça. Aproveitando aquilo, ela jogou o peso do corpo para trás e caiu da cadeira, desmoronando no chão.

Ela olhou para ele, fingindo choque e um pouco de medo. Ele parecia completamente desconcertado, como se não tivesse entendido totalmente o que havia acontecido.

“Eu não queria...”

Ryan agressivamente pulou entre eles.

“Você acabou de agredir um policial pela segunda vez em menos de duas horas, senhor Longworth”, disse ele. “Enquanto o detetive Bowen ajuda ela, eu vou acompanhá-lo a uma de nossas celas, onde você ficará menos propenso a machucar qualquer outra pessoa.”

Em dez segundos, Longworth foi desalgemado da mesa e retirado rapidamente da sala. Ele já estava na metade do corredor quando Jessie o ouviu implorar: “Foi um acidente.”

“Pensamento rápido”, disse Brady. “Eu acho que teríamos que deixá-lo ir em breve se ele não tivesse 'agredido' você assim.”

“Obrigada. Mas provavelmente só nos comprará um dia. Ele vai estar fora amanhã, com certeza. Precisamos usar essa janela de tempo para ver se ele é mais do que apenas um idiota.”

“O que você tem em mente?”, Brady perguntou enquanto esticava a mão para ajudá-la.

“Acho que ele tem muita raiva reprimida”, Jessie disse enquanto ele a puxava para cima. “A questão é, ele estava possuído o suficiente para matar?”

CAPÍTULO DEZESSETE

“Então, você está pronta para me dizer agora o que se passa com você?”

Ryan fez a pergunta enquanto faziam a viagem de volta para a delegacia central no meio da tarde. Os dois, tendo perdido o almoço de frutos do mar que ele havia prometido, estavam mandando para dentro de suas bocas sanduíches comprados na loja do posto de gasolina.

Longworth ficaria sob custódia durante a noite. Os policiais que seguiam Colton Wooten e Eliza Longworth informaram que nenhum dos dois estava agindo de forma incomum. Colton ainda estava no trabalho e Eliza, depois de ter sido liberada do hospital, pegou seus filhos e foi para casa. Não era claro se ela sequer sabia que seu marido estava preso.

Os dados de GPS do carro e do celular de Gray Longworth confirmaram que ambos tinham estado no mesmo local, das 6:18 às 7:27 da manhã. Depois disso, os dados mudaram para a casa dele brevemente e depois para o escritório. Não havia maneira oficial de confirmar onde ele tinha estado naquela hora. Mas os oficiais haviam planejado ir até a pista de corrida amanhã de manhã para perguntar se outros corredores o tinham visto. Enquanto isso, eles poderiam mantê-lo trancado por pelo menos vinte e quatro horas.

O relatório preliminar do legista não estaria disponível até amanhã também. Então não havia razão para permancer no lado oeste da cidade. Depois de prometerem a Brady que voltariam de manhã, os dois estavam retornando para o centro da cidade, quando Ryan começou o seu próprio interrogatório.

“O que você quer dizer?”, Jessie perguntou, tentando ganhar tempo.

“Sem jogos, por favor”, ele insistiu. “Você prometeu que iria me dizer por que estava tão nervosa hoje. Você quase atravessou o teto do carro quando aquele mendigo bateu na sua janela esta manhã. E mais

tarde, você se jogou no chão depois que o escape de um carro estourou. Algo está te deixando à beira do limite. Fale a verdade."

Jessie olhou para ele do banco do passageiro e debateu consigo mesma o quanto ela seria capaz de dizer. Ryan era uma das poucas pessoas no mundo que conhecia a verdade sobre sua história familiar e sua relação com um assassino em série nunca capturado. Ele também sabia da conexão do pai dela com Bolton Crutchfield, embora não estivesse tão profundamente por dentro de todas as minúcias quanto Kat Gentry.

Não era que ela achasse que ele fosse incapaz de lidar com isso. Ela só não queria sobrecarregar outra pessoa com o pesadelo que era sua história pessoal. Ainda assim, ele merecia saber. Se ela ia trabalhar muito com ele, então ele também podia estar em risco. Se o pai dela descobrisse onde ela estava, não havia como saber quem ele poderia machucar para chegar até ela.

"Aqui está a versão curta", disse ela, finalmente cedendo. "Lembra de eu te dizer no inverno passado que meu pai, Xander Thurman, era o Executor de Ozarks?"

"Eu vagamente me lembro de ouvir algo sobre isso", disse Ryan, com um toque de sarcasmo em sua voz.

"E você também se lembra", ela continuou, ignorando o tom dele, "que eu tenho me encontrado de forma intermitente com Bolton Crutchfield, que via meu pai como um mentor."

"Isso também faz soar um sininho na minha memória."

"E", ela insistiu, impressionada em como ele conseguia demonstrar senso de humor, considerando o tópico, "eu mencionei que Crutchfield me disse que meu pai estava procurando por mim."

O meio sorriso de Ryan desapareceu.

"Eu lembro", ele disse baixinho.

"Bem, eu fui ver Crutchfield ontem e ele me disse que enquanto eu estava em Quantico, ele de alguma forma tinha falado com meu pai novamente e dado a ele informações sobre o meu paradeiro."

"Ele deu a ele seu endereço?", Ryan perguntou incrédulo. "Ele *sabe* seu endereço?"

"Ele foi mais enigmático do que isso. Ele admitiu que não sabia onde eu moro. Mas ele insinuou que deu a Xander detalhes suficientes para

que ele pudesse descobrir.”

Ryan ficou quieto por um segundo.

“Quando eles tiveram essa conversa?”, ele finalmente perguntou.

“Não temos certeza. Kat está revendo as imagens de vigilância das últimas onze semanas para tentar resolver isso.”

“Então seu pai, em tese, poderia saber seu endereço exato agora? Pode já saber há semanas?”

“É possível”, admitiu Jessie. “Mas eu tenho minhas dúvidas de que ele já tenha descoberto. Eu tenho medidas de segurança bastante robustas em minha casa, algumas das quais foram instaladas por pessoas que você recomendou. Nada indica que elas tenham falhado ou sequer que alguém tenha tentado entrar. Eu faço um caminho tortuoso para acessar meu prédio. Minha correspondência não é entregue lá. Em teoria, ele nem sabe meu nome atual, meu trabalho ou em que cidade eu moro. Eu sei que ele descobriu que eu fui colocada no programa de Proteção às Testemunhas anos atrás. Mas ele ainda pode pensar que estou morando em algum lugar no sudeste do Missouri.”

“Você acha que Crutchfield não deu a ele nada disso?”

“Não posso dizer que não com certeza”, admitiu Jessie. “Mas de alguma forma eu penso que ele não falou nada. É estranho dizer isso. Mas eu não acho que ele consideraria isso muito... justo.”

“Ok, então supondo que você esteja certa. O que acontece agora?”

“Agora, eu uso cautela. Eu fico em alerta. Espero que Kat encontre alguma coisa nas filmagens da DNR. E eu conduzo minha vida da melhor maneira que posso.”

“Essa é uma atitude bastante saudável”, Ryan ficou maravilhado. “Você aprendeu isso no FBI?”

“Talvez não *isso* especificamente. Mas eu aprendi a não me estressar com as coisas que eu não posso controlar. Eu me sinto fisicamente mais forte do que nunca. Eu desenvolvi habilidades de investigação que eu não tinha antes. Eu não sinto que estou fingindo... tanto assim. Se meu pai vier até mim, eu estou tão preparada quanto posso estar. Além disso, eu não posso deixá-lo consumir minha vida. Embora eu não me importasse de ter aquela arma para a qual enviei o pedido.”

“Estou trabalhando nisso”, assegurou Ryan. “A burocracia deve ficar resolvida em breve.”

“Isso seria ótimo”, Jessie disse, acidamente. “Porque as aulas de autodefesa são agradáveis e tudo, mas uma bala é um recurso sólido também.”

*

“Atualização para você. Ligue para mim o mais rápido possível.”

Isso era tudo que a mensagem de texto de Kat dizia.

Ela havia chegado no meio da reunião em que Jessie e Ryan estavam atualizando o Capitão Decker sobre o estado do caso. Assim que saíram do escritório, ela pegou um atalho até o canto do pátio externo da delegacia e ligou de volta.

“E então?”, ela perguntou assim que Kat atendeu.

“Ele não estava mentindo”, sua amiga respondeu imediatamente. “Eles se encontraram.”

“Como isso aconteceu?”, Jessie perguntou em descrença.

“Ele se disfarçou como um detetive da Divisão Rampart, chamado Joe Capsione, que havia se encontrado com Crutchfield anteriormente. Ele usou uma peruca e um bigode e o que parece ser algum tipo de enchimento nas roupas para fazê-lo parecer mais pesado. Mais importante, ele tinha a identidade de Capsione.”

“Oh, Deus...”, Jessie murmurou.

“Sim. Nós informamos o capitão de Joe e eles estão enviando uma equipe para o apartamento dele agora. Mas, obviamente, não parece nada bem. Capsione é solteiro e mora sozinho e deveria estar de férias por uma semana. Ninguém estava esperando por ele.”

“Então meu pai pode ter planejado tudo isso e esperado até que as férias do detetive começassem para maximizar sua vantagem inicial.”

“É muito provável. Ele não teve apenas sorte nisso.”

“Quando eles se encontraram?”, Jessie perguntou.

“Sexta-feira passada”, disse Kat. “Eles só conversaram por cerca de dez minutos.”

“O que eles disseram?”, Jessie perguntou.

“Eu não tenho ideia. Convenientemente, a reunião aconteceu no dia em que os técnicos estavam fazendo melhorias de áudio por causa das novas celas. Então não há gravação da conversa. Eu ia pedir a um amigo

que sabe ler os lábios para assistir a gravação, mas Cortez reparou que os dois homens cobriram a boca durante boa parte da conversa. Então esse é um beco sem saída."

"Mas Crutchfield disse que eles tiveram que conversar enigmaticamente porque as pessoas estavam ouvindo", lembrou Jessie. "Então, porquê cobrir suas bocas?"

"Não tenho certeza. É possível que Crutchfield não soubesse que o áudio estava desligado", sugeriu Kat. "Mas considerando com quem estamos lidando, acho que é mais provável que ele tenha mentido diretamente, para que tivéssemos problemas em definir exatamente o momento que a conversa teria ocorrido."

"O momento escolhido por eles não pode ser uma mera coincidência, Kat."

"Eu sei. Quando desligar com você, vou revisar os dados pessoais de todos, desde a segurança até à equipe de zeladores. Eu odeio admitir isso, mas definitivamente temos um informante. O que você vai fazer?"

"Não tenho certeza. É terça-feira agora", disse Jessie. "Então ele está com qualquer informação que Crutchfield tenha lhe dado já há mais de quatro dias. Não é difícil pensar que pode ser tempo suficiente para me rastrear se a informação for de alguma forma específica."

"Sim, mas você só está de volta à cidade há cerca de vinte e quatro horas, Jessie. Talvez ele tenha ido para seu apartamento enquanto você estava fora. Mesmo se ele tivesse ficado lá o final de semana inteiro, ele não teria encontrado você."

"Pode ser", Jessie admitiu. "Mas algo me faz pensar que o que Crutchfield disse a ele foi tão enigmático quanto as pistas que ele me dá. No segundo em que ele revelar o meu nome ou emprego, ele perderá toda a sua influência. Xander Thurman é seu herói, mas Crutchfield não é bobo. Ele sabe que tem as cartas e eu acho que ele não iria simplesmente colocá-las todas na mesa, mesmo para o Executor de Ozarks."

"Você está fazendo uma grande suposição", observou Kat.

"Eu sei. Mas algo sobre o que ele me disse, aquilo de 'casa é onde está o coração', me faz pensar que ele não terminou de jogar seus joguinhos. Eu acho que ele quer me dar uma chance de lutar."

“Eu espero que você esteja certa, Jessie”, Kat disse ceticamente. “Porque sua vida pode depender disso.”

CAPÍTULO DEZOITO

Além de uma dor de cabeça brutal, o corpo inteiro de Jessie latejava.

Ela estava de volta no apartamento dela, terminando o jantar e tentando descomprimir. Mas nada parecia ajudar. Ela não tinha certeza se era por causa do seu treino super intenso na noite passada ou em razão do longo e emocionalmente exaustivo dia de interrogatórios, mas ela sentia como se tivesse passado por um moedor de carne. Ela decidiu tomar algumas aspirinas e um banho quente para acalmar seus músculos e para tirar sua mente das investigações.

Quando ela saiu, percebeu que tinha perdido uma ligação da mãe dela feita já há muitas horas. Deve ter ido direto para o correio de voz enquanto ela ainda estava no Palisades, onde o serviço de celular era irregular. Ela ouviu o recado enquanto se secava e se vestia.

“Oi docinho. É a Ma. Pa me disse que você ligou ontem. Desculpe não ter conseguido falar com você. Estou tão orgulhosa por você ter passado na coisa do FBI. O Pa não lhe dirá isso, mas ele está sorrindo o dia todo. Ele disse a todos os caras da equipe de polícia com quem ele joga poker. Eu também quero que você saiba que, apesar da brincadeira do Pa, eu não vomitei nenhuma vez no jantar ontem à noite. Agora que eu disse isso em voz alta, parece uma maneira estranha de terminar essa mensagem. Então, que tal isso? Eu te amo. Nos falamos em breve.”

Jessie pensou em ligar de volta, mesmo que apenas para implicar com a Ma por ter chamado o programa da Academia Nacional de ‘coisa do FBI’.

Ela olhou para a hora. Eram 19h30 aqui, o que significava que eram 20h30 em Las Cruces. Em circunstâncias normais, não estava muito tarde para ligar. Mas com tudo o que Ma estava lidando fisicamente, Jessie decidiu adiar até ao dia seguinte, quando tinha certeza que Ma estaria mais revigorada.

Ela colocou um moletom, se acomodou no sofá e ligou a TV. O chuveiro tinha ajudado e a medicação para a dor tinha feito efeito até ao ponto em que ela sentia apenas um leve desconforto agora. Ela olhava para a tela enquanto sua mente vagava para outro lugar.

Ela tentava ativamente não pensar no encontro entre Bolton Crutchfield e seu pai e o que poderia ter resultado daquilo. Esse caminho só levaria a uma noite sem dormir.

Em vez disso, ela tentou se distrair concentrando-se no caso do assassinato de Penelope Wooten, um assunto tão ‘feliz’ quanto o primeiro. Da forma como as coisas estavam agora, ela não tinha certeza de quanto progresso no caso eles seriam capazes de fazer nos próximos dias.

Todos os três principais suspeitos pareciam ter suas histórias bem amarradas e, a menos que um deles de repente confessasse, precisariam esperar que a evidência forense da autópsia oferecesse mais pistas. Evidência essa que provavelmente só iria estar disponível sabe-se lá a que horas no dia seguinte. Eles estavam em uma situação de espera.

Jessie se acomodou no sofá, tentando imaginar os últimos momentos de Penny. Com base nas feridas defensivas nas palmas das mãos, a vítima tinha visto claramente o ataque vindo. Como deve ter sido aterrorizante ver aquela faca grande vindo na direção dela e perceber que a ameaça vinha de alguém que ela conhecia, alguém em quem confiava?

Jessie recuou mentalmente, lembrando-se de empregar as táticas que aprendera na Academia e não fazer suposições sem base em evidências. Não era uma certeza que Penny conhecesse seu agressor. Embora fosse improvável que ela tivesse deixado um estranho entrar em sua casa, não era impossível. Ou o culpado poderia ter sido um conhecido que ela conhecia bem o suficiente para não suspeitar.

Ela havia chegado a um beco sem saída mental e permitira que seus pensamentos se desviassem de imaginar a cozinha como uma cena de crime para vê-la como um local de encontro. Era onde a família fazia as refeições, onde as crianças faziam os deveres. Isso seria possível de novo? Como o pequeno Colt Jr. e Anastasia lidariam com a notícia da morte de sua mãe? O que Colton Wooten vai dizer a eles?

No começo, ela suspeitava que ele iria querer levá-los a um hotel durante a noite. Mas então ela lembrou que com o autismo de Colt,

alterar a rotina dele poderia ser mais prejudicial do que permanecer na residência. Era possível que eles pudessem passar a noite na mesma casa em que a mãe deles tinha sido massacrada.

O pensamento do lugar que essas crianças chamavam de casa, sendo deformado em algo tão horrível, era inquietante. Ela se perguntou se eles seriam capazes de se sentir confortáveis lá novamente. Será que Wooten decidiria que eles deveriam se mudar? (Isto é, assumindo que ele não estava na prisão pelo assassinato da própia esposa.)

De repente, um pensamento fugaz e distante saltou ao redor da cabeça de Jessie como um fliperama rápido. Desapareceu antes que ela pudesse se agarrar a ele. Ela se levantou e caminhou até à cozinha em busca de um pouco de água, esperando que ao se movimentar conseguisse lembrar.

Lá estava o pensamento outra vez, uma memória de palavras mais do que de imagens, deslizando fluidamente através de seu cérebro, visível, mas muito escorregadia para se agarrar totalmente. Ela tentou se lembrar do que estava pensando antes do flash chegar até ela. Era algo sobre as crianças terem que se mudar, terem que deixar o lugar que chamavam casa. Por que essas palavras eram tão familiares para ela?

E então ela se tocou. Essas eram as palavras exatas que Bolton Crutchfield usara quando contou o que revelara ao pai dela.

“Eu disse a ele a localização do lugar que você chama de lar”, ele disse depois de mencionar, aparentemente ao acaso, que “casa é onde está o coração.”

Ocorreu-lhe que talvez Crutchfield não estivesse se referindo à sua atual residência. Talvez ele estivesse falando sobre o lugar que Jessie mais considerava sua casa, o lugar onde ela tinha se sentido mais segura e amada. E se ele a conhecia tanto quanto ela temia, isso só poderia significar um lugar: Las Cruces.

CAPÍTULO DEZENOVE

Quando entrou no táxi, Jessie ligou para Pa pela quarta vez.

"Para o aeroporto", ela gritou para o motorista enquanto ouvia o toque sem fim. Depois de um minuto, ela desistiu e tentou sua mãe novamente, o que já deveria ser a terceira ou quarta vez. Ao não obter resposta novamente, ela tentou o telefone de casa mais uma vez. Ela havia perdido a noção de quantas vezes tinha ligado para esse número sem sucesso.

Ela percorreu seus contatos, procurando pelo do escritório administrativo do condomínio ou um dos amigos aposentados de Pa. Mas ela não conseguia encontrar nenhum deles e seus dedos tremiam. Finalmente, ela desistiu e acabou ligando para o escritório de campo do FBI em Las Cruces.

Ela teve que passar por um atendente automático aparentemente interminável para finalmente falar com uma pessoa de verdade. Quando conseguiu, ela se identificou como sendo uma especialista em perfis criminais do Departamento da Polícia de Los Angeles em vez de uma filha preocupada e pediu para falar com o agente de plantão. Ela foi imediatamente transferida.

"Agente Pearsall", disse um homem que soava como um jovem.

"Agente, aqui é Jessie Hunt. Eu sou uma especialista em perfis criminais do Departamento de Polícia de Los Angeles, na Delegacia Central. Estou ligando porque estou preocupada que um assassino procurado que acompanhei tenha descoberto o endereço de meus pais e queira causar-lhes algum mal. Um deles é um agente especial aposentado do FBI do seu escritório, Bruce Hunt. Não consegui falar com ele nem com minha mãe, Janice, em nenhum de seus telefones. Eu preciso que isso seja verificado o mais rápido possível."

Jessie deu ao agente de voz trêmula o endereço, o código para acessar o prédio, a localização da chave oculta da porta da frente e o

código de segurança interior do condomínio.

“Ok, vamos mandar alguém lá agora”, o Agente Pearsall assegurou.

“Não mande alguém, agente”, disse Jessie com força. “Envie todos. Se este assassino está lá, ele é extremamente perigoso. Ele assassinou inúmeras pessoas e evitou ser preso por mais de vinte anos. Você não pode simplesmente mandar um agente ou pedir que um oficial passe lá pela porta. Além disso, estes são os pais de alguém de outra agência de aplicação da lei e um dos que estão em risco é um veterano de 25 anos do FBI. Alguma cortesia profissional tem que existir. Estamos entendidos?”

“Sim, Senhora Hunt. Vou emitir a ordem assim que desligarmos.”

“Obrigado. Eu estou indo para o aeroporto no momento. Eu devo estar lá em algumas horas. Não hesite em me ligar para me atualizar.”

Ela deu-lhe o número e desligou. Ela pensou em ligar para Ryan Hernandez, mas decidiu não o fazer. Não havia sentido em criar ansiedade para mais ninguém ainda. Poderia ser um alarme falso, embora ela soubesse no fundo que não era.

*

Ela recebeu prioridade de embarque no primeiro vôo de Los Angeles e estava no ar antes que alguém pudesse ligar com atualizações. Não havia vôos diretos para Las Cruces, então ela pegou o primeiro disponível para El Paso, a uma distância de quarenta e cinco minutos de carro.

Ela finalmente aterrou depois das 11 da noite. Foram as três horas mais longas de sua vida, presas em um tubo de metal, sem saber o que estava acontecendo abaixo dela, incapaz de fazer qualquer coisa para ajudar. Ela tentou passar o tempo lendo, depois assistindo a uma série na minúscula tela à sua frente. Nada ajudou. Cheia de medo, ela acabou passando as últimas duas horas do vôo simplesmente olhando para o encosto da cadeira diante dela.

Quando ela desembarcou do avião e chegou ao terminal, ela olhou pela área do portão de desembarque que estava quase vazia e viu dois homens em pé usando ternos sem graça com cortes de cabelo padrão,

esperando desconfortavelmente perto da banca de jornal. Ela sabia que eles estavam lá por causa dela e se aproximou.

Um deles era alto e quadrado, com cabelos castanhos e olhos escuros que sugeriam que ele tinha visto algumas coisas difíceis em sua vida. O outro era mais magro, com cabelos cor de palha, sardas e uma maneira nervosa que sugeria que ele era mais novo nesse tipo de coisa.

“Eu sou Jessie Hunt”, disse ela. “Eu penso que vocês estão esperando por mim.”

“Nós estamos”, o que era claramente mais experiente dos dois disse. “Sou o agente especial Miles Gerard e este é o agente Keith Pearsall, com quem você falou anteriormente. Você pode nos acompanhar, Senhora Hunt?”

Jessie fez o que lhe pediram. Embora ela estivesse tentada a pedir uma atualização, ela segurou a língua. Algo sobre o modo como os homens se portavam disse a ela que eles tinham informações para compartilhar, mas queriam fazê-lo em um ambiente mais privado. Essa percepção a encheu de um medo crescente.

Eles chegaram ao escritório da segurança do aeroporto. O agente Gerard liderou o caminho para uma sala privada na parte de trás que parecia ser usada para interrogatórios. Quando todos se sentaram, ele respirou fundo, levantou a cabeça, olhou-a nos olhos e começou a contar o que ela já sabia.

“Sinto muitíssimo dizer isso, Senhora Hunt. Mas, mais cedo, fomos ao apartamento de seus pais e encontramos os dois mortos. Eles foram assassinados. Nós acreditamos que tenha acontecido no começo da tarde.”

Jessie assentiu levemente, engoliu em seco e conseguiu soltar uma única frase cortada.

“Estado da investigação?”

Ambos os homens ficaram surpresos com a resposta dela. Mas Gerard entrou no jogo dela e respondeu à pergunta.

“Temos equipes de investigação e forenses no local agora. Parece que sua mãe foi morta primeiro e rapidamente. Seu pai morreu depois. Parece que ele foi... questionado primeiro.”

“Torturado, você quer dizer”, Jessie esclareceu.

“Parece que ele sofreu algum trauma antes da morte, sim.”

Jessie assentiu. Ela estava prestes a dizer algo quando sentiu uma onda crescente de náusea surgindo dentro dela.

“Posso utilizar seu banheiro?”, ela conseguiu perguntar entre os dentes cerrados.

“É bem na porta à esquerda”, o Agente Gerard disse rapidamente.

Jessie assentiu uma segunda vez enquanto se levantava e saía da sala o mais rápido que podia. Uma vez no banheiro, com a porta fechada, ela respirou várias vezes, lenta e profundamente, esperando exalar o desconforto que fazia gotas de suor se formarem em sua testa.

Flashes dos rostos de Bruce e de Janine Hunt brotavam pelos cantos da mente dela, tentando forçar caminho para dominá-la por completo. Ela engasgou involuntariamente ao perceber que nunca mais veria aqueles rostos sorridentes. Ela sentiu um outro suspiro, algo mais perto de um soluço, subindo em seu peito e lutou para empurrá-lo de volta.

Haverá tempo para tudo isso. Mas não agora.

Ela respirou fundo várias vezes até ter certeza de que estava no controle, até ter certeza de que poderia voltar e falar com os agentes sem surtar.

“Eles tinham uma câmera de segurança ligada à campainha, como a maioria de seus vizinhos”, disse ela ao entrar novamente na sala de interrogatório, assustando os dois agentes. “Toda a comunidade é de policiais e agentes da lei aposentados. O complexo tem várias câmeras em vários pontos de entrada. Todas as imagens já foram analisadas?”

“Ainda estamos fazendo isso”, disse o agente Gerard, sem comentar a breve ausência de Jessie da sala. “Mas a revisão inicial sugere que o suspeito usou um dispositivo a laser para cegar as câmeras das quais ele tinha conhecimento. Ainda estamos esperançosos de que ele possa ter falhado algumas e consigamos obter algumas imagens. Ainda não tivemos acesso à filmagem da casa dos seus pais.”

“Eu posso te dar o código para isso. Me leve até lá, por favor. Quanto mais cedo estivermos no local, menos a cena será comprometida e poderei ter uma imagem mais precisa do que aconteceu.”

Os agentes olharam silenciosamente para ela por um segundo. Para surpresa dela, foi Pearsall quem falou primeiro.

“Com todo o respeito, Senhora Hunt”, ele disse, “é uma cena bastante horrível neste momento. Você pode querer esperar até que a

Unidade de Cena do Crime tenha tido a oportunidade de limpar um pouco.”

Jessie se levantou e olhou para os dois homens com uma certeza fria.

“Leve-me até lá agora.”

CAPÍTULO VINTE

Quando Jessie se aproximou dos destroços do que tinha sido o ‘lar doce lar’ de seus pais, ela se forçou a lembrar de seu treinamento. Se havia alguma situação em que ela precisasse depender disso, era essa.

Siga as evidências. Deixe-as contar a história do que aconteceu aqui. Não tente encaixá-la em uma teoria existente. Não tire conclusões precipitadas. Não deixe que se torne pessoal.

Essa última lição ia ser difícil de seguir.

Ela ficou parada do lado de fora da porta da frente por alguns segundos, desejando que sua mente se tornasse uma lousa em branco para que ela pudesse absorver a cena que estava prestes a observar, sem emoção ou preconceito. Ela sabia que era uma tarefa quase impossível. Mas se ela quisesse fazer justiça para Bruce e Janine Hunt - seus verdadeiros pais - ela teria que deixar de lado seus próprios sentimentos o máximo que conseguisse.

Ela colocou as luvas forenses, calçou toucas de plástico sob os sapatos, respirou fundo várias vezes e atravessou a porta da frente. A primeira coisa que notou foi que havia duas equipes trabalhando no que pareciam ser cenas de crime separadas.

Ela caminhou pelo corredor até onde o grupo menor estava reunido, no quarto de seus pais. Os agentes Gerard e Pearsall seguiram a uma distância respeitosa, prontos para responder a qualquer pergunta que ela pudesse ter.

Ela entrou no quarto e viu Janine Hunt deitada na cama. Ela estava de calça de moletom e uma camisa de algodão de mangas compridas que comprara em Cancún há alguns anos. Dizia: ‘Margarita é o meu nome do meio. Não, é sério’.

Seus olhos estavam abertos e sua cabeça estava virada de maneira não natural para a esquerda, resultado de seu pescoço ter sido estalado.

Jessie desviou o olhar por um segundo, piscou algumas vezes, demorou um momento para se recompor e voltou a olhar para a cama.

Além da lesão que a matou, Ma parecia geralmente não perturbada. Seu cabelo castanho fino, irregular em partes, estava exposto e sua peruca descansava na mesa de cabeceira. Os vincos nas bordas dos olhos pareciam de alguma forma menos pronunciados agora.

Ou ela não estava ciente do que estava prestes a acontecer com ela ou Xander Thurman ajustou seu corpo para parecer em paz depois que ele a matou. Seus braços descansavam frouxamente nas laterais do corpo. Ela usava meias grossas, pois seus pés sempre ficavam frios e formigantes nos dias após a quimioterapia.

Jesse deixou os olhos vagarem pela sala, procurando por algo fora do comum. Não havia nada. A porta do armário estava fechada. A porta do banheiro estava entreaberta. A TV estava desligada e o controle remoto estava em cima dela. O antigo videocassete estava à direita. O visor dele estava tão coberto de poeira que mal se via a palavra '*play*'. Nenhuma foto de família parecia ter sido tirada. Tudo parecia normal, salvo a mulher assassinada na cama.

Jessie saiu e caminhou pelo corredor até onde o grande grupo de investigadores havia se reunido na sala. Quando ela chegou mais perto, viu o que gerava tamanho interesse. Ela percebeu que sua mãe tinha recebido o tratamento leve. Ela se ajoelhou, fingindo amarrar o sapato, embora ele estivesse coberto por plástico. Enquanto se apoiava em um joelho, ela se permitiu exalar silenciosamente o grito que se materializou em seus pulmões. A imagem diante dela era brutal e dolorosamente familiar.

Bruce Hunt estava sentado em uma cadeira da sala de jantar, com os antebraços amarrados com fita adesiva aos braços da cadeira. Suas pernas estavam amarradas às pernas da cadeira. Suas pálpebras estavam coladas com fita para mantê-las bem abertas. E havia um longo e profundo corte de faca em seu peito, que começava no ombro esquerdo até logo abaixo do pescoço.

A mão de Jessie involuntariamente foi até ao local em seu próprio peito, onde ela tinha uma cicatriz que combinava exatamente com a ferida dele, assim como tudo o mais sobre aquela cena. Quando Xander tinha forçado a pequena Jessica Thurman a vê-lo matar sua mãe, ele

amarrara seus braços e pernas em uma cadeira e também havia colado os olhos dela com fita para ficarem abertos. Ele havia feito um longo corte ao longo de sua parte superior do tórax também. Tinha sido tudo igual, com uma exceção.

O pai dela sofreu uma segunda ferida de faca no peito. A arma não estava à vista, mas deve ter sido grande porque o buraco na carne sobre o coração era tão grande quanto uma bola de golfe. O sangue, agora praticamente seco, havia escorrido pela frente e formado uma poça entre os pés.

Ele parecia tão frágil. Seu peito corpulento estava enrolado em si mesmo. Seus braços anteriormente musculosos estavam frouxos. Ele não era mais o homem que ela tanto respeitava e, ocasionalmente, se ressentia, que a protegera do perigo por todos aqueles anos. Ele era apenas um homem velho, que havia sido torturado antes de ser morto.

Tentando afastar toda a tristeza, Jessie se forçou a olhar ao redor da sala, procurando por algo incomum, algo significativamente diferente de sua visita menos de três meses antes. Nada chamou sua atenção, mas ela não confiava em seus poderes de observação naquele exato momento.

“Certifique-se de tirar muitas fotos da sala”, ela murmurou, falando com Gerard e Pearsall pela primeira vez desde que entrara no apartamento. “Eu vou querer estudar os detalhes com atenção mais tarde.”

Os dois assentiram enquanto Jessie voltava lá para fora para o ar frio do fim de dia no Novo México. Ela andou vários passos e sentou-se em um banco perto de um pequeno jardim ao lado do caminho. Sua cabeça estava dando voltas.

Tudo aquilo tinha sido feito para ela - como punição ou advertência. Era um lembrete do que Xander havia feito muitos anos atrás à pessoa que ela mais amava no mundo. Era um lembrete de que ele ainda poderia chegar às pessoas com quem ela se importava, as pessoas que a faziam se sentir segura.

De uma maneira estranha que ela não conseguia explicar e não queria pensar, essa era também a forma dele se reaproximar depois de tantos anos longe. Ele estava dizendo ‘Estou de volta’.

*

Jessie ficou sentada do lado de fora do apartamento por mais uma hora enquanto as equipes faziam seus trabalhos, processando evidências e depois removendo os corpos de seus pais adotivos. Por fim, Gerard se aproximou.

“Nós vamos querer que você vá ao gabinete do médico legista para assinar oficialmente as identificações”, ele disse baixinho. “Eles precisarão guardar os corpos por alguns dias para a investigação. Mas eles devem ser capazes de liberá-los para você até o final da semana, o mais tardar no fim de semana.”

“Obrigada”, disse ela, sem olhar para cima.

“John Brode, o agente responsável no nosso escritório, gostaria de falar com você hoje à noite ou amanhã. Ele queria saber tudo o que você pudesse dizer a ele sobre seu suspeito.

“Eu vou dar a ele uma declaração hoje à noite. Ele pode nos encontrar no gabinete do médico legista?

“Claro, eu vou dizer a ele”, Gerard prometeu. “Você tem um lugar para ficar? Eu posso fazer algumas recomendações, se quiser.”

“Tudo bem. Assim que tivermos tudo resolvido hoje à noite, planejo ir direto para Los Angeles. Vou querer suas recomendações de alojamento para quando eu voltar para o funeral, talvez neste fim de semana.”

“Você vai sair da cidade amanhã?”, ele perguntou incrédulo.

“Sim, estou no meio de um caso. Além disso, tenho a sensação de que o cara que fez isso está indo para lá. Este foi apenas o primeiro ato da obra dele.”

O telefone dela tocou. Se afastando do abismado agente do FBI, ela olhou para a mensagem e engoliu em seco. Era do Pa dela, Bruce Hunt.

CAPÍTULO VINTE E UM

Jessie demorou alguns segundos para descobrir o que deveria ter acontecido.

A mensagem não era, como ela esperava, uma declaração de amor vinda do fundo do túmulo. Em vez disso, era simplesmente uma confirmação de que uma encomenda da Amazon que ele havia feito fora processada. O pedido, para ser entregue a Jessie, era o disco compacto de um álbum chamado *The Best of Bobby McFerrin*.

Ela olhou para a hora em que o pedido tinha sido feito - 17h17 - e percebeu que esse horário estava bem na janela temporal em que ele estava sendo torturado. Ocorreu a ela que ele poderia ter feito o pedido através de sua assistente virtual Alexa enquanto estava amarrado na cadeira, por meio de comando de voz. E como estava sendo enviado para ela, era quase certo que se tratava de algum tipo de mensagem codificada.

Ela clicou no *link* do álbum e rolou para a lista de faixas, na esperança de descobrir qualquer mensagem que pudesse haver ali. Ela apenas lembrava vagamente o nome de Bobby McFerrin e não conseguia pensar em nenhuma música dele.

E então ela viu. A primeira música do álbum era uma com a qual ela estava familiarizada, embora nunca tivesse sabido quem a cantava. O nome da música era ‘Não se preocupe, seja feliz’[{2}].

Uma enxurrada de lembranças repentinamente a dominou. Essa era a canção que Pa costumava cantar para ela como uma canção de ninar quando ela era criança. Cantou nos primeiros meses depois que ela veio viver com eles, quando ainda estava em choque com o que tinha acontecido e não conseguia dormir. Ele cantava quando ela acordava gritando no meio da noite. E isso a tinha ajudado.

Ela lembrou que, a um certo ponto, tudo o que ele tinha que fazer era cantar alguns compassos dessa música para acalmá-la. Ele fez isso logo

antes de ela esquiar pela primeira vez numa pista intermediária, pouco antes de subir ao palco na peça da escola primária, e pouco antes de ele colocar o dedo deslocado dela de volta ao lugar, durante o treino de *softball*.

A música tinha uma habilidade pavloviana para acalmá-la. Era a maneira dele de dizer ‘estou aqui e tudo vai ficar bem’. Mas, nesse caso, Jessie subitamente entendeu, significava algo ligeiramente diferente. Significava ‘eu vou te proteger’. Era a maneira dele de deixá-la saber que não importava o que a tortura lhe infligisse, Bruce Hunt não revelaria nada sobre a vida ou localização dela.

Jessie amava Pa por isso. Ela adorava como, mesmo em seu momento de maior dor, ele ainda se portava como o Bruce Hunt de sempre. Ele havia mantido a calma. Ele havia pensado num plano. Ele tinha feito tudo o que podia para proteger sua garotinha.

Mas ela sabia que tinha sido um gesto fútil. Pa não podia mantê-la a salvo de Xander Thurman. Na melhor das hipóteses ele havia adiado o inevitável. Agora equipado com o novo nome dela e tendo visto as fotos dela espalhadas por todo o apartamento, o Executor de Ozarks acabaria por encontrá-la.

Enquanto mantia um olhar perdido para a tela do celular, outro pensamento ocorreu a Jessie. Ela olhou para Gerard e Pearsall, que estavam ao lado, ambos olhando-a apreensivamente.

“Existe alguma razão que me impeça de voltar ao apartamento?”, ela perguntou.

Gerard sacudiu a cabeça.

“A cena já foi processada”, ele assegurou. “Você pode voltar.”

Ela voltou e examinou a sala de estar. A cadeira na qual Pa tinha sido amarrado estava a uns bons cinco metros do aparelho Alexa, que ficava na bancada de café da manhã situada entre a sala de estar e a cozinha. Para ter certeza de que o seu pedido de encomenda fosse ouvido, ele teria que ter falado em voz alta. Era difícil imaginar que Xander tivesse permitido que ele fizesse isso. Isso significava que ele deveria ter feito o pedido quando Xander estava em outro lugar.

Onde no apartamento Xander teria ido por tempo suficiente que Bruce se sentisse confiante em fazer o pedido?

Teria que ser longe o suficiente para que Bruce tivesse certeza de que ele não seria ouvido. Jessie caminhou de volta pelo corredor, tentando recriar os movimentos que Xander provavelmente teria feito. Ela olhou para o lavabo, reconhecendo que era possível que ele tinha ido lá, dando tempo a Bruce para fazer o pedido. Mas de alguma forma isso não parecia certo.

Ela voltou para o quarto dos pais. A cama agora estava vazia e sem lençóis. Quase tudo o mais estava como antes. Mas ela tinha a sensação, não baseada em qualquer análise forense, de que era nesse ponto que Xander estava quando Bruce fez o pedido. E ele estava fazendo algo aqui que fez Bruce ter certeza de que ele poderia pedir o CD sem ser ouvido. Um pensamento feio surgiu em sua cabeça.

“Minha mãe não foi agredida sexualmente, correto?”, ela perguntou a Gerard, que estava esperando no meio do corredor.

“Não”, ele disse. “O médico legista vai fazer uma análise completa. Mas não havia indicação inicial de nenhum trauma além da lesão no pescoço dela.”

Jessie concordou com a cabeça e voltou sua atenção para o quarto, deixando seus olhos escanearem casualmente o lugar. Assim como antes, nada parecia fora do lugar. Seu olhar pousou na televisão.

Quase nada.

Ela viu o controle remoto, apoiado em cima do aparelho, e percebeu: não havia justificativa para o controle remoto estar lá. No estado enfraquecido em que Ma se encontrava, ela teria mantido o controle remoto ao lado da cama. Pa não tinha motivo para movê-lo. Mesmo se ele o estivesse usando, ele o teria deixado do seu lado da cama. Não havia motivo para colocá-lo na televisão.

Xander o havia mudado de posição.

Porquê?

Ela se aproximou da tela, então olhou para o videocassete e percebeu algo que lhe havia escapado quando ela havia estado aqui antes. Seus pais não eram nem um pouco especialistas em tecnologia, como evidenciado pelo fato de que eles ainda tinham um videocassete. E, desde que ela se lembra, o aparelho sempre mostrava aquela familiar hora de ‘12:00’ na tela.

Mas agora, sob uma espessa camada de poeira, a tela dizia ‘*play*’. Isso significava que alguém havia colocado uma fita de vídeo na máquina. E ela estava esperando para ser assistida.

Ela olhou para trás para se certificar de que nenhum agente do FBI tinha entrado no quarto. Então ela apertou o botão de ejeção. Uma fita de vídeocassete surgiu da abertura. Um olhar confirmou suas suspeitas de que era de Xander.

Colado à parte da frente da fita havia uma pequena etiqueta com uma palavra manuscrita em tinta preta: JOANINHA.

Esse era o apelido que seu pai lhe chamava quando ela era pequena. A fita tinha sido planejada para ela. Sem pensar, ela retirou-a da máquina e a guardou no bolso do casaco.

“Vamos embora”, ela disse aos agentes no corredor. “Não há nada aqui.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Jessie precisava lembrar a si mesma que não estava em perigo imediato.

Quando ela estava do lado de fora do terminal do aeroporto de Los Angeles, esperando Kat Gentry pegá-la, ela disse a si mesma que seu pai não iria querer esfaqueá-la, pelo menos não até ter certeza de que ela tinha visto o que estava naquela fita. Até que ela visse a mensagem, ela estava quase certamente segura.

Jessie olhou para o relógio. Eram 10:51 da manhã. Ela estivera em Las Cruces menos de doze horas. Depois de identificar formalmente os corpos de seus pais no legista e dar ao agente Brode uma descrição detalhada, mas intencionalmente incompleta, de quem era o Executor de Ozarks, ela tinha reservado um vôo de volta a Los Angeles e pedira ao agente Pearsall que lhe desse uma carona.

Ela prometera voltar no final de semana para o funeral e responder a quaisquer perguntas adicionais que pudessem ter. Não havia razão para ela ficar em Las Cruces, mas haviam muitas para voltar a Los Angeles. Ela precisava avisar as pessoas da Delegacia Central de que havia um perigoso assassino em série à solta. Ela precisava confrontar Bolton Crutchfield sobre o que havia acontecido. E ela precisava encontrar um lugar tranquilo para assistir ao vídeo que Xander havia deixado para ela.

Quando Kat encostou o carro e acenou para ela, Jessie sentiu uma súbita pontada de emoção ao vê-la. Depois de uma noite inteira permanecendo firme e profissional, ela finalmente via um rosto amigável. Ela sabia que seu sistema estava desesperado para baixar a guarda, para sentir genuinamente o impacto dos acontecimentos da noite anterior. Mas ela ainda não podia fazer isso. Então segurou novamente a sensação dentro de si.

Kat saiu e deu a volta no carro, estendendo os braços para envolver Jessie em um abraço.

“Eu sinto muito”, ela sussurrou enquanto a apertava com força.

“Obrigada”, Jessie disse, impressionada com o quão suave sua própria voz havia soado. “Vamos sair daqui.”

Felizmente, Kat não a perturbou com perguntas sobre a viagem durante o caminho até à delegacia, um trajeto feito praticamente todo em silêncio. Jessie já a havia atualizado quando tinha ligado do aeroporto de El Paso para pedir a carona. Ela também havia pedido a Kat para entrar em contato com Ryan Hernandez para atualizá-lo. Ela não se sentia com vontade de ficar repetindo a mesma história várias vezes.

“Ryan disse que o Capitão Decker reservou um horário para se reunir com você quando chegarmos. Ryan passou a ele o básico, embora você provavelmente tenha que preencher as lacunas.”

“Eu não gosto disso”, admitiu Jessie. “Ele vai querer saber por que eu não revelei mais detalhes anteriormente.”

“Você não tem essa obrigação”, insistiu Kat. “Até agora, não sabíamos se Crutchfield estava só de papo-furado. Nós não sabíamos o que o seu pai estava planejando. Não havia nada para contar.”

“Eu não sei se ele vai ver as coisas dessa maneira.”

“Jessie, eu ficaria surpresa se ele fosse duro com você sob essas circunstâncias. Ele sabe que você passou por muita coisa. Falando nisso, como você está? Você dormiu?”

“Eu dormi umas horas no vôo”, disse Jessie. “Além disso, eu principalmente bloqueei meus sentimentos em relação aos fatos que aconteceram.”

“Isso é saudável?”, Kat perguntou.

“Provavelmente não”, admitiu Jessie. “Mas se eu me deixar relembrar ou lamentar, vou desmoronar. E eu não posso deixar isso acontecer agora. Xander ainda está lá fora e ele tem algum tipo de plano maior que eu ainda não entendi. Eu preciso manter o foco e ficar bem resolvida para que eu possa pegá-lo. O funeral dos meus pais é neste fim de semana. Vou deixar para extravasar meus sentimentos sobre eles quando estiver lá. Mas por enquanto, eu não posso baixar minha guarda.”

“Posso ir ao funeral?”, Kat perguntou baixinho.

“Isso seria bom”, disse Jessie.

Ambas ignoraram a engolida em seco que ela deu.

*

O escritório principal da delegacia ficou visivelmente calmo quando elas entraram. Jessie fingiu não notar e caminhou até à mesa com Kat logo atrás dela. Ryan a viu chegando e se levantou. Quando ela chegou, ele deu-lhe um abraço rápido.

“Diga-me se houver algo que eu possa fazer”, ele disse baixinho em seu ouvido. “Se você precisar de alguém para desabafar, de um motorista, de um entregador ou de um saco de pancadas, eu estou aqui.”

“Obrigado, Ryan”, disse ela. “Por enquanto, o que eu preciso fazer é pegar o homem que fez isso. Tudo o mais é secundário.”

“Entendido. Vamos conversar com o Capitão e ver como podemos fazer isso acontecer.”

Eles começaram a caminhar para o escritório do Capitão quando Ryan olhou para trás e viu Kat de pé ao lado da mesa de Jessie.

“Você deveria vir também”, disse ele. “Considerando sua linha de trabalho, é possível que você tenha algumas informações que possam ajudar.”

Kat assentiu e todos eles entraram no escritório do Capitão Decker. Ele estava ao telefone, mas fez sinal indicando o grande sofá na parede oposta. Ele desligou assim que todos haviam se sentado, e se levantou rapidamente de forma desajeitada. O Capitão não foi até Jessie, mas fez um gesto simpático com a cabeça na direção dela.

“Hernandez me deu uma atualização sobre o que aconteceu, Hunt. Eu realmente sinto muito pela sua perda.”

“Obrigada, Capitão.”

“Saiba que o departamento está aqui para apoiá-la de todas as formas possíveis. Você tem acesso total aos apoios à saúde mental, incluindo um conselheiro de luto. O plano de benefícios lhe concede uma boa quantidade de dias de folga pelo luto. Existem grupos de suporte disponíveis. Estamos todos aqui para você.”

“Eu agradeço, Capitão”, Jessie reiterou.

“Ok, esta é a parte difícil. Tenho certeza de que você está exausta e não quero sobrecarregar você. Como eu disse, Hernandez me atualizou um pouco. E eu não preciso que você me conte nada sobre o que

aconteceu no Novo México. Mas eu estava esperando que você pudesse desenvolver acerca da sua conexão com esse tal de Thurman. Eu sei que há uma, mas é tudo um pouco confuso para mim. Você precisa ser muito mais clara se quisermos mantê-la segura."

Jessie olhou para Ryan, surpresa.

"Eu não falei sobre suas coisas pessoais", ele disse baixinho. "Eu não achei que fosse o meu papel."

Ela assentiu. Parte dela apreciava a discrição dele. Mas, neste momento, ela quase desejava que ele já tivesse revelado tudo para que ela não precisasse fazê-lo agora.

"É uma longa história", disse ela.

"Tenho tempo", assegurou o Capitão Decker.

Então ela contou tudo a ele. Ela começou com sua juventude no sudeste do Missouri e como seu nome verdadeiro era Jessica Thurman. Ela continuou para seu pai raptando-a junto com sua mãe, levando-as para uma cabana isolada em Ozarks e, uma vez lá, a revelação de que ele estava matando pessoas lá por anos. Ela compartilhou como ele tinha assassinado a mãe dela enquanto ela assistia e depois a abandonara para morrer.

Ela ignorou os olhos dele se esbugalhando enquanto ela revelava que seu pai posteriormente tinha recebido o apelido de Executor de Ozarks e sumido completamente. Ela falou sobre como ela tinha sido colocada no programa de Proteção às Testemunhas e adotada por um agente do FBI e sua esposa no Novo México. Ela falou sobre como, depois disso, ela tinha levado, o que parecia no papel, ser uma vida razoavelmente normal como Jessie Hunt. Quer dizer, até seu próprio marido a ter tentado matar.

Finalmente, com alguma contribuição de Kat, ela contou-lhe como o pai dela estivera em contato com Bolton Crutchfield e como, apesar de estar preso, Crutchfield conseguira passar informações sobre a família adotiva de Jessie para ele.

"Você sabe o resto", concluiu.

Decker se sentou na cadeira em silêncio por um bom minuto antes de responder. Jessie percebia que ele queria abordar o fato de que ela tinha mantido tudo isso para si mesma até agora. Mas para crédito dele, ele evitou falar sobre o assunto. Em vez disso, ele dirigiu sua primeira pergunta a Kat.

“Você é capaz de capturar imagens de Thurman para que possamos distribuí-las?”

“Infelizmente, na segunda vez que ele visitou Crutchfield, ele estava usando um elaborado disfarce fingindo ser um detetive da Divisão Rampart, cujo corpo foi descoberto espancado e deixado em sua banheira ontem. A primeira visita de dois anos atrás pode ser mais útil. Ele também estava disfarçado, mas era menos detalhado, provavelmente porque não sabíamos procurá-lo naquele momento. O que você acha, Jessie?”

“Sim, na primeira visita, quando ele se utilizou da identidade de um professor de psicologia, ele parecia um pouco como eu imagino que ele pareça agora.”

“Ok”, disse Decker. “Então nós vamos partir disso, talvez nosso pessoal de tecnologia o altere digitalmente para que tenhamos diversas variações para trabalhar. Isso é um começo pelo menos. Enquanto isso, vamos designar um agente para fazer proteção pessoal a você, Hunt.

“O quê? Porquê?”

“Está brincando, né?”, ele disse, incrédulo. “Esse cara assassinou seus pais e parece que ele está vindo atrás de você em seguida. Você não acha que devemos tomar algumas precauções?”

“Eu não tenho certeza do que ele quer.”

“Eu não tenho certeza se isso importa”, ele respondeu. “Há um assassino em série à solta. E apesar dele não saber sua localização, ele vai saber em breve. Precisamos nos preparar para essa eventualidade.”

“Mas eu preciso ser capaz de me locomover livremente para o trabalho”, protestou ela. “Eu quero ir ver Crutchfield. Ele é a razão pela qual isso aconteceu. Eu quero olhá-lo nos olhos e confrontá-lo.”

“Tem certeza de que essa é a melhor estratégia, dadas as circunstâncias?”, Decker perguntou, em dúvida.

“Na verdade, não é uma má ideia”, Kat entrou na conversa. “Crutchfield tem alguma coisa por Jessie. É difícil de explicar. Eu não diria que ele tem uma queda por ela, tanto quanto... admiração. Thurman é mentor dele e eu acho que ele originalmente tinha planejado seguir os passos do assassino em série em quem ele se inspirava. Mas depois que ele conheceu Jessie, começou a gostar dela. Ele começou a respeitá-la. Ele desenvolveu uma estranha afeição por ela. Eu acho que as lealdades

dele estão conflitantes. Se ela entrar na cela dele e o desafiar sobre sua responsabilidade nas mortes dos Hunts, isso pode ter algum impacto."

"Você acha que ele vai sentir remorso?", Decker perguntou, incrédulo.

"Não", disse Kat. "Ele é um assassino em série. Ele não sente remorso. Mas ele se enxerga como uma espécie de jogador justo. Ele pode sentir que, por ter dado a Thurman informações que levaram à morte dos Hunts, ele deva algo a Jessie em troca, apenas para ser justo."

"Isso faz o gênero dele", concordou Jessie. "Se pudermos apelar para seu senso de justiça distorcido, ele pode oferecer algo útil."

Decker ainda parecia cético, mas acabou dando de ombros.

"Francamente, estou aberto a praticamente qualquer coisa neste momento. Estamos em uma posição difícil."

"Então vamos para Norwalk agora", disse Jessie.

"Tudo bem. Mas depois disso, você está de licença oficial. Eu quero que você vá para casa e descanse um pouco. Você parece terrível. E vou lhe atribuir a proteção pessoal que mencionei antes. Os agentes se juntarão a você para a acompanharem na sua viagem para ver Crutchfield e vão escoltar você até casa, onde permanecerão até novo aviso."

Jessie estava prestes a protestar quando viu Ryan sacudir a cabeça imperceptivelmente. Apesar de suas dúvidas, ela mordeu a língua e assentiu. Terminada a reunião, eles começaram a sair.

"Temos algum videocassete antigo neste lugar?", ela perguntou a Ryan quando eles saíram do escritório de Decker. "Eu não tenho um e estava esperando que houvesse aqui uma máquina dessas que eu pudesse pedir emprestada."

"Claro. Eles têm um monte de videocassetes velhos não reclamados perto da sala de provas. Porquê?"

"Eu encontrei um vídeo antigo no apartamento dos meus pais. Eu estava querendo assisti-lo mais tarde. Pode ter algumas imagens dos melhores momentos com minha família. Isso me faria bem agora, sabe?"

"Eu entendo", disse ele. "Porque você não vai tratar da papelada da sua licença de luto? Não vai demorar muito. Enquanto isso, vou pegar um videocassete para você."

"Obrigada, Ryan", disse ela.

Enquanto ela o observava, sentiu uma pequena pontada de culpa por tê-lo enganado. Mas o sentimento desapareceu rapidamente quando se lembrou porque fizera aquilo. O Executor de Ozarks tinha uma mensagem particular para ela. E ela precisava assistir isso - em breve.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Quando chegaram à DNR, Jessie e Kat deixaram os agentes de escolta para trás.

Os dois homens que o Capitão Decker havia designado para proteger Jessie, os oficiais Beatty e Nettles, as tinham seguido até Norwalk numa viatura. Beatty, loiro e desajeitado, era um novato entusiasmado. Ele tinha cometido alguns erros ao lidar com um suspeito em um caso anterior que Jessie lidou, mas ele era diligente e de muita energia. Era improvável que ele se afastasse enquanto estivesse vigiando o apartamento dela.

Nettles, mais velho, mais encorpado e mais grisalho, tinha mechas cinzas no cabelo preto. Jessie nunca havia trabalhado com ele antes. Mas Ryan havia dito a ela que ele era muito profissional e que sabia ser durão quando tinha que ser. Ryan também avisou que ele tinha uma esposa e dois filhos jovens em casa, então ele provavelmente não iria demonstrar muita empolgação sobre esta atribuição. O comportamento taciturno dele quando foram apresentados, confirmou isso.

Os dois policiais foram autorizados a permanecer na pequena área de espera na recepção da instalação da DNR. Mas assim que Kat levou Jessie para a Área Transitória de Preparação, eles ficaram para trás.

“Vocês não tem autorização de segurança”, Kat disse a eles, terminando o assunto.

Elas passaram pela rotina de segurança rapidamente e entraram na unidade de celas em menos de dez minutos. Quando Kat abriu a porta, Ernie Cortez deu uma olhada.

No segundo que viu Jessie, ele caminhou em direção a ela. Não havia nenhuma das suas bravatas de flerte agora. Ele simplesmente envolveu seus braços maciços ao redor dela e apertou. Quando ele a soltou, os olhos dele estavam úmidos. Parecia que ele queria dizer alguma coisa, mas não conseguia encontrar as palavras.

“Obrigada, Ernie”, Jessie disse, tirando a pressão dele.

Ele assentiu e, com uma fungada, voltou ao seu posto de trabalho. Jessie olhou para Kat, que sorriu levemente e deu de ombros.

Dois minutos depois, Jessie entrou na cela de Bolton Crutchfield. Ela tinha o dispositivo de emergência em sua mão esquerda, embora ela estivesse determinada a não usá-lo. Crutchfield estava deitado de costas na cama de armação de metal, lendo uma brochura surrada e amassada. Quando Jessie e Kat entraram, ele sentou-se com uma expressão levemente surpresa no rosto.

“A que devo a honr...”, ele começou a dizer, antes que Jessie o interrompesse.

“Eles estão mortos”, disse ela bruscamente. “Bruce e Janine Hunt estão mortos.”

Crutchfield delicadamente colocou a brochura no colchão, depois olhou para cima, encontrando o olhar de Jessie.

“Isso é inesperado”, disse ele lentamente.

“Você disse ao meu pai onde encontrá-los e achou que ele só queria ir lá conversar?”, Jessie exigiu incrédula.

Crutchfield ficou em silêncio por alguns segundos. Quando ele finalmente o fez, sua voz parecia um sussurro.

“Primeiro, eu não disse a ele onde encontrá-los. Eu dei a ele uma pista, que eu assumi, que se ele fosse capaz de usá-la, o levaria até sua antiga casa. Eu pensei que ele poderia deduzir o seu paradeiro atual com base nessa informação. Em segundo lugar, eu pensei que provavelmente ele iria querer se manter discreto, recolher os detalhes necessários para encontrá-la, e partir sem que a presença dele fosse conhecida. Em retrospecto, vejo que errei nessa suposição.”

“Você acha?”

“Claramente”, ele continuou, ignorando o sarcasmo dela, “eu não considerei adequadamente o nível de animosidade que seu pai teria em relação às pessoas que ele via como usurpadoras de seu papel paterno. Eu também aparentemente superestimei a preocupação dele em ser pego.”

“Sim, você parece ter cometido muitos erros de julgamento”, Jessie concordou com veneno. “E agora duas pessoas inocentes estão mortas como resultado.”

“Eu me arrependo disso”, ele disse categoricamente.

Jessie respirou lenta e profundamente, forçando-se a permanecer calma. Por mais chateada que estivesse, não adiantaria nada gritar com ele. Ela precisava de qualquer informação que ele pudesse oferecer, e atacá-lo, por mais satisfatório que isso pudesse ser, seria certamente contraproducente.

“Talvez haja uma maneira de mitigar o dano que você fez”, ela finalmente disse.

“Parece que esse navio já partiu, Menina Jessie.”

“Para meus pais, sim”, ela concordou, mantendo a voz uniforme. “Mas Xander Thurman ainda está lá fora. Ele está me procurando. E é claro que ele tem má intenção. A menos que seja seu desejo que ele tenha sucesso, me ajude. Caso contrário, é muito possível que esta possa ser a última vez que nos falamos. Eu posso não estar por perto por muito mais tempo.”

“Como posso ajudá-la?”, ele perguntou. “Estou encarcerado.”

“Você se encontrou com ele duas vezes recentemente. Você sabe como ele pensa. Me dê algumas ferramentas para que eu possa me proteger. Você me deve isso”, ela implorou.

“Temo que seu pai tenha sido muito cauteloso comigo. Ele sabia que eu estava entusiasmado por estar na presença dele e que eu consideraria bastante emocionante ajudá-lo, mesmo que não houvesse nada de importante nisso para mim.”

“Ele deve ter lhe dado alguma dica sobre o motivo pelo qual ele está procurando por mim”, insistiu Jessie.

“Nada específico, infelizmente. Eu acho que a confiança dele em mim não foi tão longe.”

Jessie sentou-se à mesa, do outro lado da parede de vidro da cela, pensando silenciosamente. Pela primeira vez desde que eles tinham começado a interagir, ela não estava com a impressão de que Crutchfield estava fazendo jogos com ela. Ele parecia genuinamente não saber o que seu pai pretendia.

“Há porém uma coisa”, ele finalmente admitiu. “Hesito em mencionar isso, porque não tenho certeza se é de algum significado. Mas se ajudar você a entender melhor como a mente de seu pai trabalha, talvez ajude. Ele não parava de falar sobre família.”

“O que você quer dizer?”

“Ele disse que queria reunir você com a família. Ele queria que a família estivesse junta. Eu não entendi se isso era uma metáfora, que ele mataria você e a reuniria com sua mãe morta. Ou se realmente ele disse aquilo como um desejo literal - seqüestrá-la e levá-la para uma ilha povoada apenas por membros do clã Thurman. Mas isso parecia importante para ele. Ele dava muita importância a assuntos de família quando você era criança?”

“Não”, Jessie recordou. “Eu conheci alguns parentes do lado da minha mãe quando visitávamos. Eu nem me lembro onde eles moravam, mas não era perto de nós. Eu acho que nunca conheci um único membro da família de meu pai.”

“Então parece estranho que isso seja tão importante para ele agora”, ponderou Crutchfield. “Você não concorda?”

Jessie olhou para ele com os olhos desconfiados.

“Como eu posso saber que isso é legítimo e que você não está apenas brincando comigo?”

Crutchfield pareceu ligeiramente ofendido.

“Suponho que você não tenha como saber”, ele admitiu. “Eu não posso provar que o que digo é verdade. Tudo o que posso fazer é dizer o que ele disse. Você pode escolher se acredita em mim ou não. Eu nem sei como isso pode ser útil para você. Mas é tudo que tenho para oferecer.”

Jessie não sabia porquê, mas acreditava nele. Ainda assim, ela se levantou e empurrou a cadeira para trás, pronta para sair. Para sua surpresa, Crutchfield levantou-se também e se aproximou para que ele estivesse bem na frente da divisória de vidro, a apenas um metro e meio dela.

“Menina Jessie”, disse ele calmamente, “você está familiarizada com os meus crimes. Não posso fingir que sou capaz do tipo de empatia que se pode esperar nessa situação. Mas posso dizer que, neste tempo em que estamos nos conhecendo, desenvolvi um respeito relutante por você. Testes de inteligência contra você tem sido revigorantes. Espero que você acredite que nunca foi meu desejo ver aqueles por quem você tem carinho pagando o preço que eles pagaram. Não teria sido minha escolha.”

“Isso é um pedido de desculpas?”, Jessie perguntou.

“É um reconhecimento de minhas deficiências. E se seu pai te encontrar e te cortar em tiras, ficarei feliz em ter dito isso.”

“Obrigada”, disse Jessie sarcasticamente, voltando-se para a porta.

“Mais uma coisa, Menina Jessie”, disse Crutchfield. “Você está quase livre.”

“O quê?”

“Você não vai querer ouvir isso, mas você deveria se ver como uma paciente psiquiátrica involuntária presa a uma mesa. Sua família do Novo México estava te amarrando. Eles eram uma fonte de autoridade, uma que ligava você às percepções tradicionais de moralidade. Suas mortes, por mais dolorosas que sejam, para você, parcialmente a desvinculam dessas restrições. Agora só seu pai permanece. Ele liga você a algum senso de lealdade ao passado. Uma vez que você se liberte do controle que ele ainda tem sobre você, você finalmente estará solta das suas correntes, livre para perseguir sua verdadeira missão, não mais assombrada pelas figuras de autoridade que definiram sua vida até agora.”

Jessie olhou para ele de boca aberta, atordoada com a montanha de loucuras que ele acabara de vomitar verbalmente.

“Você sabe”, ela finalmente respondeu, “às vezes, com sua fala cavalheiresca e seu comportamento educado, eu esqueço.”

“Esquece o que?”, Crutchfield perguntou, seus olhos brilhando com a intensidade correta.

“Que você é completamente louco.”

Então, sem outra palavra, ela se virou e saiu.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Jessie olhou para o monitor da TV, seu dedo pairando sobre o botão ‘*play’* do videocassete, debatendo consigo mesma se deveria apertá-lo ou não.

Ela estava no quarto de seu apartamento, verdadeiramente sozinha pela primeira vez em vinte e quatro horas. Ela e Kat haviam se separado na DNR e os agentes Beatty e Nettles haviam escoltado Jessie de volta para a cidade. Ela os convencera a abandonar a viatura policial, usar um veículo menos chamativo e a vestirem roupas simples.

“O objetivo é evitar dar nas vistas, e não o contrário”, ela disse a eles.

Então, depois que fizeram isso, os três deram um pulo ao supermercado e voltaram para o apartamento dela. Ela mostrou-lhes seu trajeto labiríntico através dos corredores de serviço do centro comercial adjacente, que Nettles parecia entender, mas Beatty aparentava perplexidade.

Quando chegaram ao saguão do prédio do condomínio, Nettles foi falar com Fred, o segurança, enquanto Beatty subiu com ela. Enquanto ele verificava as várias medidas de segurança que Jessie tinha em casa, ela jogou uma pizza congelada no forno para os três. Alguns minutos depois, Nettles se juntou a eles e os atualizou.

“Eu disse ao segurança do prédio, Fred, que eu estava ajudando um morador que tinha entrado com uma ordem de restrição contra um ex-marido. Eu não fui específico sobre quem e ele não me pediu detalhes. Ele tem o contato do meu celular se vir alguém suspeito.”

Depois da pizza e de algumas reprises do *Top Chef*, Jessie disse que estava exausta e que estava encerrando a noite. Ela deu-lhes alguns cobertores e travesseiros e os deixou sozinhos tratando de se acomodarem. Havia apenas um sofá e ela suspeitava que Beatty, o oficial subalterno, iria passar a noite no chão.

Ela tomou banho, colocou um moletom, trancou a porta do quarto e foi até o videocassete que ela havia preparado mais cedo. Ela podia ouvir que os caras tinham trocado de canal para algum filme de ação do Jason Statham e sabia que era alto o suficiente para encobrir o volume do que quer que ela estivesse prestes a assistir.

Finalmente, irritada com a própria hesitação, parou de hesitar com o botão '*play*' e o apertou. A tela passou de azul para estática e, finalmente, para uma cena do que ela reconheceu como sendo o quarto de seus pais.

A imagem permaneceu inalterada por vários segundos, tempo suficiente para Jessie pensar que a imagem poderia estar congelada. Mas então um homem entrou no quadro. Ele parecia muito com a imagem que ela tinha dele do vídeo da prisão e das lembranças de sua infância. Alto e magro, com os braços fortes e com as mãos do tamanho de uma luva de baseball.

Ele estava usando uma máscara de esqui preta no rosto, de modo que apenas seus olhos e boca eram visíveis. Ela pensou ter visto pêlos faciais em torno dos lábios dele, mas não podia ter certeza com a sala mal iluminada. Seus olhos, o mesmo tom verde que os dela, também eram os mesmos que apareciam em seus pesadelos - frios e penetrantes.

No vídeo da prisão, gravado dois anos atrás quando ele esteve com Crutchfield, o cabelo preto dele estava grisalho. Mas com a máscara, ela não sabia se isso tinha avançado ou se ele poderia ter raspado completamente. O fato de que ele estava escondendo o rosto sugeria que ele tinha feito alterações que ele não gostaria que ela soubesse. Ele confirmou quando soltou suas primeiras palavras; era a primeira vez que ela ouvia a voz dele desde os seis anos.

"Desculpe por todo esse disfarce, Joaninha", disse ele, apontando para a máscara. "Eu só quero que você fique surpresa quando nos encontrarmos. Não pode ter essa sensação se você já souber o que está por vir, certo?"

A voz dele era baixa e grave, como se alguém tivesse levado uma lixa para suas cordas vocais.

Foi assim que ele sempre soou? Ou eu bloqueei a lembrança todos esses anos?

"Quando você vir isso, as pessoas simpáticas que moram aqui estarão geladas. Parte de mim lamenta isso. Eu tentei fazer o Brucezinho

me contar um pouco sobre como você era na sua juventude, considerando que perdi muito disso. Mas ele não está sendo muito hospitaleiro; bem caladinho, esse cara. Imagino que isso vá mudar um pouco quando eu apresentá-lo à lâmina. Não é assim tão importante de qualquer maneira. Em breve, poderemos conversar mais pessoalmente. É sobre isso que eu realmente queria falar com você, Joaninha."

Ele ajustou a máscara, que se tinha movido um pouco para cobrir a boca, depois voltou a falar.

"Eu tenho andado procurado por você há muito tempo, Jessica. Nossa família está separada há muito tempo. Mas eu vou corrigir isso em breve. Aquele Bolton foi bem chatinho na verdade, recusando-se a me dar seus detalhes atuais. Mas eu tenho procurado por aqui e, apesar de seus pais substitutos quase não terem nenhum documento sobre você, eu peguei alguns detalhes."

Ele sorriu através da máscara, claramente apreciando o drama do momento.

"Agora que eu sei que você é Jessie Hunt e que você é uma especialista em perfis criminais, não vai demorar muito para descobrir onde você está repousando sua cabecinha hoje em dia. E quando eu fizer isso, você terá uma decisão a tomar."

Ele parou de falar por um segundo e saiu da cena. Quando voltou, ele estava limpando a boca como se tivesse acabado de tomar um gole de alguma coisa. Estranhamente, ele parecia um pouco nervoso, como se estivesse hesitante em dizer a próxima parte.

"O acordo é o seguinte, Joaninha. Seu treinamento foi interrompido. Quando voltei para a cabana para pegar você, todos aqueles anos atrás, você tinha ido embora. Você pode imaginar como fiquei desiludido, todo aquele esforço para nada. Mas agora nós teremos a chance de retomar de onde paramos. Veja, eu fiquei chateado no começo quando descobri que seu novo nome era Hunt, como uma caçadora. Mas agora eu sei que isso era destinado para ser assim, porque estamos indo em uma caçada juntos, Joaninha. É hora de você recuperar o legado de sua família."

"Nós vamos retomar o negócio de tirar a vida dos injustos, só que agora faremos isso juntos. Há muitas almas indignas lá fora. É dever da família Thurman reduzir o rebanho. E é hora de você assumir a tarefa."

Houve batidas na porta do quarto. Jessie tomou um susto e apertou em ‘pausa’.

“Sim?”, ela disse.

“Só ouvi algumas vozes aí dentro e queria ter certeza de que você estava bem”, disse Nettles do outro lado da porta.

“Eu estou legal”, ela respondeu rapidamente. “Apenas assistindo um pouco de TV antes de dormir.”

“Ok”, ele disse através da porta. “Nós vamos diminuir o volume aqui. Nos avise se você precisar de alguma coisa, está bem?”

“Ok”, Jessie assegurou. “Obrigada, policial Nettles.”

“Tudo bem”, ele disse e então ela ouviu passos enquanto ele se afastava da porta.

Para garantir, ela diminuiu o volume e aproximou-se da televisão antes de voltar a assistir. A imagem parada do seu pai voltou ao movimento.

“Nós dois sabemos o verdadeiro motivo de você ter se tornado uma especialista em perfis criminais, Joaninha”, ele disse suavemente. “Está no seu sangue, garota. Você tem os mesmos instintos que seu pai. Você tem um gosto para a matança. E você esperava que, ao caçar esses assassinos, pudesse mergulhar em seus mundos sem se tornar um deles. É como sentir uma excitação só pela proximidade.”

“Mas você sabe tão bem quanto eu que não é suficiente. Quando você sente aquele gostinho, não dá mais para deixar de provar. Você tem que dar uma grande mordida. É hora de fazer um banquete, Joaninha. É hora de aceitar sua verdadeira natureza e assumir.”

Jessie se contorceu involuntariamente enquanto permanecia no lugar. Era como se Xander tivesse alcançado em seu cérebro e ativado uma parte dele que ela tinha forçosamente mantido dormente por anos. Todas as suas ansiedades sobre saber se o filho de um assassino herdaria tal instinto se afloraram nela. Ela deu uma engolida em seco, como se isso pudesse conter seu mal-estar.

“Então, o que se vai passar é o seguinte”, continuou ele alegremente. “Você tem uma escolha, querida. Você pode aceitar sua herança por direito e participar da missão da família. Ou você pode se tornar o primeiro sacrifício no altar do novo mundo que estamos criando aqui. Entenda que, pela maneira como eu vejo as coisas, se você não estiver

disposta a se juntar e deixar a família orgulhosa, não faz sentido deixar você ocupando espaço. Você é parte do problema ou parte da solução, Joaninha. E se você escolher ser um problema, então estou aqui para ser sua solução."

"Então esta é minha proposta. Eu estou gravando este vídeo na terça-feira à tarde. Eu acho que, em algum momento desta noite, essas pessoas agradáveis aqui serão encontradas e você será contatada. Então vamos dizer que aí já foram quarenta e oito horas. Espero que você entre em contato comigo até quinta-feira à noite, digamos, por volta das oito da noite. Se você olhar no verso da etiqueta presa na fita que tem seu nome, vai ver que escrevi um endereço de e-mail. Você pode me contatar através dele."

Jessie fez uma anotação mental para que a equipe de tecnologia investigasse tudo sobre o endereço de e-mail e ver se aquilo poderia oferecer alguma pista.

"Mais uma coisa, garota", acrescentou, aparentemente lendo sua mente. "Siga minhas instruções e você ficará bem. Desobedeça-as e... não ficará. Eu sei que você é uma garota esperta, mas não seja esperta demais. Posso não ser mais tão novo, mas eu aprendi uma coisa ou outra sobre como funcionam as redes de internet. Se você tentar me encontrar ou obter qualquer vantagem investigando meu rastro digital, eu vou saber. E eu não vou achar divertido. Haverá consequências para aqueles que a ajudarem. Basta perguntar ao Sr. e à Senhora Hunt como é para as pessoas que ficam entre mim e minha primogênita. Você foi avisada."

Jessie não sabia se ele estava blefando ou não. Mas a ideia de colocar seus colegas de trabalho em risco para salvar sua própria pele era algo que ela achava que não conseguiria suportar. Seu pai continuou, alheio ao conflito interno dela.

"Estou realmente esperançoso de que você faça a escolha certa aqui, Joaninha. Se você fizer isso, podemos realizar coisas incríveis juntos. Se você não fizer, bem, você se lembra como as coisas correram para sua mamãe. Falo com você em breve."

Ele saiu da cena novamente e, um momento depois, a tela ficou preta. Jessie sentou-se na ponta da cama, tentando colocar ordem mental em tudo o que o pai dissera. Era simplesmente demais. Ela sentiu como se seu cérebro estivesse borbulhando.

Por enquanto, como uma forma de dar um curto-circuito no pânico que ela sentia começar a dominá-la, ela deixou de lado as afirmações dele sobre sua ‘verdadeira natureza’ e concentrou-se na preocupação mais imediata - a contagem regressiva que ele estabelecera para ela. Ela olhou para o relógio de cabeceira. Já passava das 9 da noite de quarta-feira. Isso significava que ela tinha pouco menos de vinte e quatro horas até que ele esperasse algum tipo de resposta.

E, da forma como ele enxergava, ela tinha apenas duas opções: se juntar a ele em uma onda de assassinatos ou ser sua primeira vítima.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Havia um elemento positivo no ultimato de Xander.

Isso significava que Jessie estaria a salvo até ao prazo final, o que significava que ela poderia ir dormir sem temer que ele invadisse seu apartamento e matasse todos ali. No segundo que ela chegou a essa conclusão, ela caiu em um sono profundo e só despertou depois que o oficial Beatty bateu em sua porta na manhã seguinte.

“Você está bem, aí?”, ele gritou.

Ela olhou grogue para o relógio. Eram 7:04 da manhã. Ela tinha dormido por quase dez horas, ininterruptas.

“Eu estou bem”, ela gritou de volta. “Eu sairei em alguns minutos.”

Depois de se refrescar rapidamente, ela entrou em sua sala de estar, onde encontrou os dois policiais completamente vestidos e tomando café.

“Nettles preparou uns ovos”, disse Beatty, fazendo sinal para o prato no balcão. “A esposa dele diz que é a única coisa que ele não deixa horrível.”

“Cale-se, Beatty”, disse Nettles. “Isso foi compartilhado em segredo. Lembre-me de nunca recomendá-lo para uma operação infiltrado.”

“Obrigada”, disse ela, ignorando as brigas deles enquanto se arrastava. “Vocês dormiram bem?”

“Nós dormimos”, disse Nettles, sem muito entusiasmo. “E você?”

“Surpreendentemente bem”, ela admitiu. “Eu tive um pensamento na noite passada que me acalmou um pouco.”

“O que foi?”, perguntou Beatty.

“Eu não sei o quanto o Capitão atualizou vocês. Mas meu pai, vocês sabes, o notório assassino em série...”

“Estamos cientes”, disse Nettles secamente.

“Bem, ele revelou a outro assassino em série com quem ele mantém contato, que quer que nossa família seja reunida novamente.”

“Como isso acalmou você?”, perguntou Beatty. “Isso me assustaria.”

“Ele não disse que queria me matar”, observou ela, com o cuidado de compartilhar apenas o mínimo necessário para fazer seu ponto. “Ele disse que queria se reunir. Essa distinção foi suficiente para me ajudar a relaxar um pouco. E isso foi o estopim para me nocautear na cama.”

“É válido se funcionou, eu acho”, disse Nettles, claramente não convencido. “Então, o que temos na agenda hoje? Porque eu estava pensando em conseguir que este prédio tivesse algumas câmeras externas adicionais; talvez colocá-las do outro lado da rua.”

“Na verdade, eu tinha um plano diferente”, Jessie disse a ele. “Eu estava pensando em ir trabalhar hoje.”

Embora ela soubesse que não devia se sentir assim, Jessie teve enorme prazer ao ver as duas bocas dos oficiais se abrirem, incrédulos.

*

Ela teve a mesma descarga de endorfina uma hora depois.

Aconteceu quando ela repetiu seu pedido ao Capitão Decker no escritório dele e obteve uma reação semelhante de queixo caído.

“Você quer fazer o quê!?”, ele perguntou, enquanto Ryan se mexia desconfortavelmente no sofá ao lado dela.

“Olha”, ela disse calmamente. “Eu não posso simplesmente ficar no meu apartamento por dias a fio. Eu vou ficar louca. Além disso, estou sentada lá, só esperando que ele apareça.”

“Pensei que você tivesse dito que havia protegido o lugar com segurança, nada registrado em seu nome, nenhum número de unidade, correio enviado para uma caixa postal, rota tortuosa para chegar lá, câmeras por toda parte, vários sistemas de segurança.”

“Tudo isso é verdade”, ela reconheceu. “Mas ainda estou sentada em uma caixa de dois quartos, sentindo minha própria ansiedade. Por que não me deixar ser produtiva e trabalhar no caso da Penelope Wooten? Com isso eu não estaria ficando louca e ainda faria algo bom. Além disso, como eu disse, eu não tenho certeza se Thurman quer mesmo me ver morta. Eu acho que ele pode apenas estar querendo voltar à minha vida.”

“Sim”, Ryan interveio, “mas não é como se ele fosse um pai ausente que só quer levá-la para um jogo de bola. A versão dele de ‘querer voltar

à sua vida' pode consistir em seqüestrar e torturar você."

"Eu não senti essa vibração na minha conversa com Bolton Crutchfield", disse Jessie.

"Você não sentiu essa *vibração*?", o Capitão Decker repetiu, no limite de se irritar. "Você quer que eu te aceite de volta ao trabalho com base em uma *vibração*?"

"Você não estava lá, Capitão", insistiu Jessie, cautelosa em não compartilhar a verdadeira fonte de sua confiança na sua segurança temporária. "Crutchfield deixou bem claro que ele achava que meu pai estava procurando por algum tipo de reunião sincera."

Era uma mentira, com certeza, mas uma que ela duvidava que o Capitão investigasse a fundo. Ryan, no entanto, era uma história diferente.

"Ele é um assassino em série, Jessie", disse ele, com um olhar perplexo no rosto. "Ele matou seus pais adotivos. A idéia de que ele só quer se reconectar de alguma forma amistosa e não ameaçadora é difícil de aceitar."

"Veja", Jessie admitiu, "eu não estou dizendo que ele quer me levar para a Disneylândia. Eu estou apenas dizendo que a combinação das intenções dele não serem claras, com o fato de eu estar subindo pelas paredes por não poder fazer algo construtivo com o meu tempo, justifica me colocar de volta no caso."

Ambos os homens ainda não pareciam convencidos. Mas ela sentiu uma abertura e pressionou.

"Eu estaria cercada por policiais, Capitão. Ryan estaria lá. Brady Bowen da Delegacia de West LA também. O policial Beatty poderia vir junto como se fosse minha sombra. E nós estaríamos em Palisades, longe de minha jurisdição habitual. Eu provavelmente estaria mais segura lá, do que aqui. Vamos; deixe-me ajudar a resolver isso. Há duas crianças sem mãe hoje. Se eu puder ajudar a levar a pessoa que fez isso à justiça, você tem que me deixar tentar."

Decker fez uma careta para ela, mas ela podia ver em seus olhos que ele estava se suavizando. Depois de um momento, ele falou.

"Atualize-a sobre o caso, Hernandez", ele murmurou com relutância.

"Senhor", disse Ryan, "eu só quero deixar registrado que eu acho que esta é uma idéia terrível."

“Tomei nota. Estamos cheios de idéias terríveis hoje. Continue com a atualização.”

“Sim senhor. Em primeiro lugar, tivemos que libertar Gray Longworth na noite passada. Ele pagou a fiança e nós não poderíamos mantê-lo trancado a menos que formalmente o acusássemos de algo substancial e não temos o suficiente para fazer isso ainda. Mas ele está sendo observado para vermos para onde ele vai, agora que está livre.”

“Onde você está pensando que ele poderia ir?”, Jessie perguntou.

“Eu não tenho certeza”, ele admitiu. “Mas eu posso te dizer um lugar onde ele não irá - a um lugar para se desfazer da arma do crime. Nós a achamos ontem.”

Jessie não conseguiu esconder sua surpresa.

“Onde estava?”

“Engraçado você perguntar. Estava bem próxima da trilha de corrida, não muito longe dos limites da propriedade Wooten. Um policial encontrou-a quando perguntava a outros corredores se eles o haviam visto na manhã anterior. Ninguém o tinha visto. Longworth afirma que ele havia seguido para o outro lado, até à trilha de Los Liones, em vez da trilha mais cheia da Estrada de East Topanga Fire, onde a faca foi encontrada. Não temos como verificar ou refutar isso ainda.”

“Alguma sorte com a faca?”, Jessie perguntou, “Talvez uma boa impressão digital ou duas?”

“Não. Tinha sido limpa. Ela também foi mergulhada em alguma substância parecida com água sanitária. Portanto, não há sequer qualquer resíduo de sangue. A única maneira que nós conseguimos verificar que era mesmo a faca usada no crime, foi verificando que a lâmina batia com o formato das feridas.”

“Talvez o pessoal da UCC possa identificar a marca da água sanitária”, sugeriu Jessie. “Isso pode ajudar.”

“Eles já fizeram isso. É uma marca bastante obscura chamada *Green Clean*. É suposto ser mais ecológica. Nós pensamos que isso poderia diminuir nossa lista de suspeitos. Mesmo em um lugar como Pacific Palisades, é difícil passar por aqui.”

“Os Wootens tinham isso?”, Jessie perguntou.

“Não”, disse Ryan. “Nós olhamos em todos os lugares.”

“Isso é interessante”, Jessie refletiu. “Isso sugere que, mesmo que tenha sido um crime passional, o encobrimento já não era. O assassino teve que levar a arma para outro local para limpá-la e depois jogá-la na trilha. Alguém já verificou a casa de Longworth para ver se usam essa marca?”, Jessie perguntou, “Foi encontrada na trilha, certo? Faz sentido se Gray for o nosso assassino, ele poderia ter limpado e levado em sua corrida para jogá-la fora.”

“É definitivamente uma possibilidade”, Ryan concordou. “Esse é um dos motivos pelos quais temos alguém vigiando ele, no caso dele tentar jogar fora uma garrafa que tenha escondido em algum lugar. A busca na casa não resultou em nada.”

“Então, para onde vamos daqui?”, Jessie perguntou.

“Eu estava pensando em voltar e conversar com a esposa enganada, Eliza Longworth.”

“Então agora você está começando a compartilhar minhas dúvidas sobre ela?”, Jessie perguntou, incapaz de manter o tom triunfante longe de sua voz.

“Eu não disse isso”, argumentou Ryan. “Eu só imaginei que devêssemos conversar com ela quando ela não estivesse drogada em um hospital. Talvez ela não cause tanta pena se não estiver numa cama de hospital vestindo uma camisola de paciente.

“Eu não tive pena dela quando ela *estava* naquela camisola”, disse Jessie.

“Uau, você realmente tem algo com ela, não é?”, Ryan ficou maravilhado.

“Eu apenas acho que uma mulher enganada tanto pelo marido quanto por sua melhor amiga pode ter um problema. Eu sei que *fiquei* muito chateada quando descobri que meu marido estava me traindo. Eu pegaria mais leve se ela apenas admitisse e não bancasse a mártir.”

“Bem”, Ryan disse, “talvez ela tenha um pouco mais a dizer quando falarmos com ela hoje. Eu também estou esperando que ela possa nos dar um pouco mais de informações sobre o marido. De alguma forma eu acho que ela não vai ficar tão ansiosa para proteger os segredos dele depois do que ele fez.

“Também tem isso”, concordou Jessie.

“Tudo bem, vocês dois”, disse o Capitão Decker, encerrando as coisas. “Vocês podem discutir mais sobre a estratégia lá fora. Deus sabe que vocês terão tempo suficiente. E você não precisa levar Beatty com você. Hernandez, você e o detetive de West LA devem ser suficientes. Agora saiam daqui. Eu tenho outras reuniões.”

Ele se levantou e os conduziu para fora do escritório, suas preocupações sobre o bem-estar de Jessie agora perdendo importância frente a permanecer dentro do horário. Eles caminharam para o escritório principal da delegacia e a porta bateu atrás deles.

“Pausa para o banheiro e saímos em cinco minutos?”, Ryan sugeriu bruscamente.

“Parece bom”, disse Jessie. “Eu te encontro no saguão principal.”

Quando ele saiu, ela não pôde deixar de notar uma certa frieza entre eles, algo que ela nunca tinha sentido antes.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Na primeira metade do trajeto para Pacific Palisades, eles dirigiram praticamente em silêncio.

Jessie sentia-se bem com isso, pois estava navegando em uma complicada confluência de emoções. Parte dela se sentia surpreendentemente leve e alegre sob as circunstâncias. Ela percebeu que era quase inteiramente devido ao fato de que seu pai não era uma ameaça ativa para sua segurança, pelo menos durante as próximas dez horas.

Com isso em mente, ela foi capaz de manter sua atitude positiva. Isto é, desde que ela não permitisse que seus pensamentos se desviassem para o assassinato de seus pais ou para a acusação que Xander tinha feito: que ela só tinha se tornado uma especialista em perfis criminais para conter sua própria sede de sangue.

A verdade é que esta não era a primeira vez que tal noção passava pela sua cabeça. Em mais de uma ocasião, ela já havia se perguntado por que sentia a necessidade de trabalhar em um campo onde interagia regularmente com assassinos cruéis e imorais.

Sua resposta sempre foi que ela tinha visto um de perto, sofrido nas mãos dele, e não queria que os outros passassem pela mesma coisa. Mas, em algum lugar, no fundo, ela sempre se perguntou se isso não era só uma desculpa para vivenciar esse mundo sombrio.

Havia, afinal, outras maneiras de ajudar aqueles que sobreviviam a crimes brutais. Ela poderia ter se tornado defensora da vítima ou conselheira de saúde mental ou promotora criminal. Todos esses lutavam a boa luta em nome das vítimas. E, ainda assim, ela havia escolhido uma carreira que exigia que ela entrasse nas mentes dos assassinos com os comportamentos mais desviantes.

Ela sempre havia acreditado que era porque ela tinha algum conhecimento especial sobre como pará-los. Mas seria o verdadeiro

motivo o fato de ela sentir uma certa afinidade especial com eles? Seria o fato de ela os entender de um jeito que a maioria das pessoas não entendia?

Jessie afastou o pensamento de sua cabeça, decidindo que era preferível direcionar sua mente para outro lugar, mesmo que isso significasse que sua atenção se voltasse para a frieza que se desenvolvera entre ela e Ryan. Ela sabia que ele estava irritado com a opinião dela sobre Eliza Longworth. Mas ela sentia que essa não era a principal razão pela qual ele estava preocupado.

Mesmo que o Capitão Decker não tivesse percebido, ele claramente sabia que ela não estava sendo totalmente honesta sobre as razões dela querer estar trabalhando neste caso. Finalmente, incapaz de conter os pensamentos em sua cabeça, ela falou.

“Desabafe de uma vez por todas”, ela exigiu, mais alto do que ela pretendia.

“O queê?”, ele perguntou, surpreso pela repentina quebra na quietude entre eles.

“Você acha que eu não deveria estar trabalhando no caso.”

“Pensei que eu tinha dito isso claramente lá na delegacia”, ele apontou.

“Sim, mas não pela mesma razão que Decker. Você não acreditou na minha explicação.”

Ele olhou para ela, avaliando-a rapidamente antes de voltar os olhos para a estrada.

“Estamos sendo sinceros aqui, Jessie?”, ele perguntou. “Estamos no ponto em nosso relacionamento de trabalho, onde podemos ser honestos um com o outro, sem nos preocuparmos com sentimentos feridos?”

“Estamos”, ela disse com assertividade.

“Ok, então. Você está certa. Eu não acredito na sua história nem por um segundo. Eu acredito que você possa estar subindo pelas paredes naquele apartamento. Isso definitivamente faz sentido com o que eu conheço de você. Mas não engulo de jeito nenhum que você acredita que seu pai deseje apenas uma reunião de família e que não vai lhe fazer mal. Existe alguma grande informação que você tem - que você não está compartilhando - que te fez ter certeza de que ele não virá atrás de você.

Caso contrário, você estaria sentada em seu sofá com uma arma apontada para a porta da frente.”

“Eu ainda não tenho uma arma”, ela observou petulantemente, “graças à maravilhosa burocracia do Departamento de Polícia de Los Angeles.”

“Não fuja do assunto”, Ryan respondeu. “Você quis honestidade. Isso sou eu sendo honesto. Você não tem que contar para o Decker. Mas você não acha que eu mereço saber o que mudou? Seus pais foram assassinados há menos de dois dias. E, no entanto, você parece tão tranquila quanto aquele dia em que lecionei em sua turma de pós-graduação e te vi a primeira vez. Alguma coisa mudou.”

Jessie permaneceu em silêncio por vários segundos, revirando os pensamentos em sua cabeça. Finalmente, ela chegou a uma decisão.

Ele está certo. Eu lhe devo a verdade. Eu só tenho que confiar que ele não vai ter dúvidas sobre mim.

“Ele me deixou uma fita”, ela disse suavemente.

“O quê?”

“Xander Thurman. Eu encontrei uma fita de vídeo endereçada a mim no apartamento dos meus pais. Eu a escondi e a trouxe de volta comigo. Eu finalmente pude assisti-la na noite passada.”

Ryan parecia ter um milhão de perguntas para ela, mas finalmente decidiu apenas por uma.

“O que tinha na fita?”

“Eu vou te dar a versão curta, porque ainda estou tendo problemas para processar a versão longa. Basicamente, ele quer que eu me junte a ele para nos tornarmos algum tipo de esquadrão familiar de super *serial-killers*. Ele acha que o mundo precisa de uma seleção não-natural e decidiu que a ninhada dos Thurman deveria assumir a tarefa. Eu acho que ele pensa que eu sou geneticamente predisposta a ser como ele. Na verdade, ele basicamente disse que a única razão pela qual eu me tornei uma especialista em perfis criminais foi para que eu pudesse chegar perto da morte e ainda ser vista como alguém normal.”

“Ok”, disse Ryan lentamente. “Primeiro, isso é uma conversa psicótica. Segundo, não vejo por que você está mais relaxada depois de ter visto a fita.”

“Porque ele me deu um prazo. Eu tenho que mandar um e-mail para ele para dizer se eu estou dentro até às oito da noite de hoje, o que significa que, até lá, eu estou razoavelmente confiante de que ele não vai tentar me matar. Então eu tenho isso a meu favor, o que é legal,”

“Alguma chance de rastrear o e-mail?”, Ryan perguntou, notavelmente sem confiar que ela pudesse dizer que sim.

“Improvável. É uma conta de *Gmail* genérica. Ele poderia ler a minha resposta de qualquer biblioteca ou de um café e sair em dois minutos. Ele poderia usar um celular pré-pago qualquer, habilitado para internet. Ele não teria escolhido usar esse método sem ter pensado sobre isso.”

“Então, vamos pensar em outra maneira de pegá-lo”, disse Ryan otimista. “Afinal, temos dez horas inteiras para descobrir isso.”

Jessie sentiu uma enorme e inesperada sensação de alívio com as palavras dele. Ela estava feliz por não carregar mais o fardo de saber aquilo tudo sozinha. E o fato de Ryan não ter esboçado qualquer mínima preocupação de que ela pudesse aceitar a oferta de Xander a tranquilizou de uma forma que a fez se sentir culpada por ter duvidado dele.

“Sim”, ela concordou. “Temos todo o tempo do mundo.”

*

Vinte minutos depois, eles pararam na casa de Eliza Longworth. Brady Bowen já estava esperando na frente.

Eles estavam prestes a sair quando ela recebeu uma mensagem de texto.

“Tudo bem?”, Ryan perguntou.

“Sim. É apenas uma mensagem do agente funerário em Las Cruces. As coisas já estão preparadas para domingo. Tudo o que tenho que fazer é aparecer.”

Ryan ficou sentado no banco do motorista, sem dizer nada. Depois de um momento, ele estendeu a mão e apertou um pouco a mão dela. Ela olhou e viu que ele estava sorrindo em sua direção.

Eles foram interrompidos por Brady batendo na janela de Ryan.

“Vamos fazer isso ou o quê?”, ele perguntou.

Jessie não pôde deixar de rir da forma grosseirona de Bowen. Ryan assentiu e abriu a porta enquanto Jessie enxugava a lágrima que aparecera no canto do olho.

“O que temos aqui, amigo?”, Ryan perguntou.

“Eliza Longworth está lá dentro à espera.”

“Ela está acompanhada por algum advogado?”, Jessie perguntou.

“Não”, disse Brady. “Eu queria que isso fosse mais uma conversa casual. Você tem outra coisa em mente, Jessie?”

“Eu não teria esperanças que isso vá ser casual”, Ryan murmurou para ele alto o suficiente para ela ouvir.

Jessie não respondeu. Em vez disso, concentrou-se em observar a casa de Longworth enquanto caminhavam em direção à porta da frente. Era a primeira vez que ela via o lugar. E, embora não fosse tão opulenta quanto a casa dos Wooten, não era nada para se desprezar.

Também tinha sido construída no lado da colina e com três andares de altura, embora o nível mais baixo parecesse menor e mais estreito do que o dos Wootens. E embora não fosse uma mansão de cortar a respiração, ainda tinha extravagância suficiente para deixar a maioria das pessoas com inveja, incluindo pilares no estilo colonial e um alpendre de mármore. Ao se aproximarem, ela pode ver uma piscina no quintal com uma cascata artifical que parecia uma versão em miniatura das Cataratas de Niagara.

Brady bateu na porta. Enquanto esperavam que ela abrisse, Ryan se inclinou para sussurrar para Jessie.

“Lembre-se, estamos aqui para obter informações, não para lançar bombas.”

Jessie sorriu de volta para ele, mas não disse nada.

Eu vou conseguir o que preciso, muito obrigada.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Assim que abriu a porta, Eliza soube que iria passar por uma situação tensa.

Ela se lembrava vagamente dos três rostos, de quando fizeram a visita ao hospital no outro dia, embora tudo daquela época, incluindo seus nomes, pairasse em algo como uma névoa induzida pelos medicamentos.

Mas agora, mais consciente e mais apreensiva do que no dia do hospital, ela podia ver que isso não seria fácil. Ambos os detetives do sexo masculino tinham expressões razoavelmente livres de julgamento. Mas o rosto da mulher estava sério demais, com uma expressão próxima a uma careta.

“Por favor, entrem”, disse ela, tentando não se sentir intimidada.

“Obrigado, Senhora Longworth”, disse o homem mais pesado e bigodudo. “Você pode não se lembrar, mas sou o detetive Brady Bowen da delegacia de West LA do Departamento da Polícia de Los Angeles. Este é Ryan Hernandez da Delegacia Central. Ele é detetive também. E esta é Jessie Hunt, especialista em perfis criminais que nos presta consulta. Você se lembra de conversar conosco no hospital?”

“Mais ou menos”, disse Eliza. “Está tudo um pouco nublado.”

“Nós entendemos”, disse o detetive musculoso e bonito chamado Hernandez. “É por isso que queríamos nos encontrar com você novamente, quando você estivesse com os seus pensamentos mais nítidos. Você se importa se lhe fizermos algumas perguntas adicionais?”

“Não. Eu farei o melhor que puder para ajudar”, ela prometeu enquanto os levava para a cozinha e fez sinal para eles se sentarem à mesa do café da manhã.

“Ok, ótimo”, disse o detetive Hernandez. “Você pode nos relatar quais foram os seus movimentos na manhã do incidente?”

Eliza tentou não reagir a ele chamando a morte de sua melhor amiga de ‘o incidente’. Ela sabia que ele estava apenas tentando ser diplomático. Mas ainda parecia errado.

“Claro”, ela começou. “Acho que nossa manhã era típica. Bem, não *completamente* típica. Eu tinha chutado meu marido para fora de casa na noite anterior por ele ter dormido com minha melhor amiga. Mas no que diz respeito à rotina diária, era típica. As crianças não sabiam que tinha algo diferente. Eu os acordei - Millie tem quatro anos e Henry tem dois - por volta das seis da manhã, ajudei-os a se vestirem e fiz o café da manhã. Saímos cerca das seis e quarenta e cinco para a pré-escola. É cerca de dez minutos de carro. Deixei-os lá e voltei para cá logo depois das sete.”

“O que você fez depois que voltou?”, a especialista chamada Jessie Hunt perguntou. Eliza notou uma rispidez na voz dela que nenhum dos dois detetives tinha.

“Eu preparei um projeto de arte para a classe de Millie”, disse ela, apontando para uma pilha de papéis na mesa da sala de estar, logo no cômodo ao lado. “Eu sou a docente voluntária de arte. Nós fazemos um projeto todo mês e eu deveria ir lá mais tarde naquele dia. Eu estava correndo para terminar os detalhes de última hora.”

“E então o que houve?”, Hunt perguntou, ainda seca.

“Quando terminei, fui até à casa de Penny. Eu tinha mandado uma mensagem para ela mais cedo naquela manhã para que ela soubesse que eu ia passar por lá antes da nossa aula de ioga, mas ela não respondeu. Eu queria conversar, só nós duas, para que o clima não ficasse tão estranho quando Beth estivesse por perto.

“Sim”, Hunt observou acentuadamente. “Você mencionou no hospital que ia dizer a ela que não queria jogar fora anos de amizade por causa do caso dela com seu marido. Isso é incrivelmente amável de você.”

Eliza podia ver a outra mulher avaliando-a e duvidando dela. Ela tentou manter a calma, não querendo se mostrar chateada com um monte de policiais. Sentia-se como Hunt estivesse provocando ela, para ver se ela iria perder o controle e de alguma forma revelar que era capaz de rajadas inesperadas de raiva. Além de uma atitude mesquinha, Eliza achou que isso também era um insulto.

“Olhe”, disse ela, recusando-se a ser manipulada, “Eu acho que eu disse a você no hospital, que nós éramos amigas desde sempre. Eu não podia simplesmente jogar tudo aquilo fora. Quero dizer, na noite anterior eu achei que pudesse. Mas quando acordei na manhã seguinte, estava menos zangada do que triste. Eu senti como se um enorme pedaço de quem eu era tivesse sido removido. E eu não estava pronta para afastá-la para sempre. Você consegue entender isso?”

“Estou tentando”, disse Hunt, menos do que convincentemente.

Finalmente, Eliza decidiu recuar.

“Olhe, Senhora Hunt. Eu entendo que você tem que investigar por todos os ângulos. Mas você precisa fazer isso com um desdém tão óbvio em relação a mim? Fico feliz em responder a todas suas perguntas. Eu lhe darei qualquer coisa que possa confirmar o que estou dizendo. Mas será que você pode olhar as coisas com a minha perspectiva, apenas por um segundo?”

“Senhora Longworth...”, Hunt começou a dizer.

“Não, espere”, interrompeu Eliza. “Nos últimos dias, descobri que minha amiga mais antiga e mais querida estava tendo um caso com o homem com quem me comprometi a passar minha vida. E, depois, quando tentei encontrar uma maneira de superar isso e recuperar a amizade, descobri que a garota que amava como uma irmã desde os oito anos tinha sido brutalmente assassinada. Eu a encontrei, Senhora Hunt. Eu caí no sangue dela. Eu tentei reanimá-la. Eu segurei o corpo dela em meus braços. E agora você aparece, cheia de atitude, com suas observações maliciosas e seu nariz em pé. Eu entendo que você tenha que me questionar. Entendo que é seu trabalho ser cética. Mas você tem que gostar tanto disso?”

Ela parou e respirou fundo, imaginando se talvez tivesse ido longe demais. Para seu alívio, Hunt parecia pelo menos ligeiramente arrependida.

“Veja”, Eliza continuou, mais calma agora, “se você quiser, eu faço um teste no detector de mentiras. Eu entrego meu celular, meus e-mails, o que for preciso para ajudar. Mas você pode entender como é frustrante ter que me defender das suas insinuações e, ao mesmo tempo, tentar impedir que minha vida desmorone completamente? Meu marido, que eu expulsei da nossa casa, passou uma noite na cadeia recentemente porque

ele está sendo investigado pela mesma coisa que você está me perguntando. Você enxerga como isso é perturbador? Meu marido é suspeito do assassinato da minha melhor amiga, com quem ele estava me traindo. Essa é uma frase que eu jamais pensei ter que dizer, Senhora Hunt."

"Ah, e a propósito, ainda tenho dois filhos para criar. Eles não têm a menor idéia sobre nada disso. Eles acham que papai está viajando a negócios. Millie, minha filha mais velha, é a melhor amiga da filha de Penny, Ana. Ela fica me perguntando quando elas podem se encontrar novamente. Como devo responder a isso? E nesse meio tempo, a vida continua. Aquele projeto de arte que eu deveria ensinar na terça-feira foi remarcado para hoje. Eu terei que entrar e agir como se tudo estivesse normal, diante de um monte de crianças de quatro anos. E isso vai acontecer às... oh céus, eu tenho que estar lá em menos de uma hora."

"Ok, Senhora Longworth, se acalme", disse o detetive Bowen, não pretendendo parecer condescendente, mas falhando. "Não queremos incomodar você e não queremos que a senhora se atrase para a aula de arte de sua filha. Mas temos mais algumas perguntas, se a senhora puder nos ouvir um pouco mais."

Eliza foi até ao armário, pegou um copo e serviu-se de um pouco de água. Depois de engolir a coisa toda, ela se sentiu recomposta o suficiente para responder.

"Vá em frente", disse ela.

"Obrigado", ele respondeu. "Há mais alguém que queira ferir Penny? Alguém que não tenha relação com a sua... situação pessoal?"

Eliza estava se mantendo tão na defensiva que não esperava aquela pergunta. Um pensamento passou pela sua cabeça, um que não tinha lhe ocorrido antes. Ela estava reticente em mencioná-lo, mas podia dizer pela expressão de Jessie Hunt que ela havia percebido a hesitação. Então ela compartilhou algo que achava que nunca faria.

"Talvez", disse ela. "Eu não queria falar sobre isso porque não parecia relevante. E se estou sendo honesta, é também porque, apesar de tudo, não queria manchar a memória dela. Mas Penny tinha outros amantes."

Os dois homens olharam para ela com expressões de aturdidos. Hunt parecia menos surpresa.

“Como isso deixaria a memória dela mais manchada do que já estava?”, perguntou Hunt, claramente fazendo um esforço para manter o tom neutro. “Já não tinha ficado irreparavelmente danificada por ter dormido com seu marido?”

“Sim, para mim sim”, admitiu Eliza, “mas para fora, talvez não. Quando todos os detalhes disso saírem, o público talvez possa ver o que ela fez comigo como algo perdoável. Imagine a manchete: *mulher se apaixona pelo marido da melhor amiga, cede à tentação num momento de fraqueza.* Mas se ela for revelada como namoradora em série, então o mundo apenas a verá como uma vagabunda.”

“E não há alguma verdade nisso?”, Hunt perguntou cuidadosamente.

“Provavelmente”, Eliza admitiu com relutância. “Mas veja, esse não é o ponto. Ouça, admito que depois que soube disso, eu odiei os dois. Talvez eu não devesse dizer isso. Eu sei que me faz parecer culpada. Mas é verdade. Eu me senti traída. Eu ainda me sinto. É como se eu estivesse me contorcendo em areia movediça, e, mesmo que isso me coloque em risco, eu sinto vontade de atacar.”

“Mas quando eu tenho alguns segundos para pensar claramente, entendo - não é assim que eu quero que Penny seja lembrada, mesmo depois do que ela fez comigo. Nós tivemos tantos bons anos juntas. Eu quero me apegar a isso. Eu tenho que acreditar que mais de duas décadas de amizade definem quem ela realmente era, não o último mês de sua vida. Além disso, os filhos dela não precisam viver com isso. Eles não precisam da mamãe com uma letra escarlate, que nem no livro do Hawthorne. Eles já vão passar um mau bocado tentando viver sem ela, especialmente com Colton Wooten como seu principal cuidador.”

Ninguém falou por alguns segundos. Finalmente, o detetive Hernandez levantou a questão que Eliza sabia que acabaria aparecendo.

“Você acha que Colton sabia sobre os casos dela?”, ele perguntou.

Eliza se perguntou o quão honesta poderia ser, mas depois decidiu que, a essa altura, ela poderia colocar tudo em cima da mesa.

“Penny sempre disse que não. Mas acho que no fundo ele poderia ter suspeitado e simplesmente não ter querido saber. Ele é um cara ambicioso, com aspirações políticas e tudo. Se ele soubesse a verdade, ele teria que lidar com isso. Se ele apenas suspeitasse, poderia fingir não saber e tratar tudo como normal.”

“E você acha que um desses casos possa ter acabado mal?”, Hunt perguntou a ela.

“Eu não sei. Nós não falávamos muito sobre isso. Eu não queria dar a ela a impressão de que eu aprovava o que ela estava fazendo, mesmo que Colton fosse um idiota. Mas você perguntou se poderia haver outras pessoas a levar em conta, que poderiam querer machucá-la. Eu tive que mencionar isso, por precaução.”

“Existe algum registro desses casos?”, Detetive Bowen perguntou. “Quantos ela teve? Com quem?”

“Eu sei que ela se comunicava com eles através de mensagens diretas, usando um perfil anônimo do Twitter. Eu a vi no telefone algumas vezes. Contudo, não me lembro do apelido que ela usava.”

“Isso é um problema”, disse o detetive Bowen. “Não conseguimos entrar no telefone dela e o marido não sabe a senha.”

“Oh, isso é fácil”, disse Eliza. “A senha dela é 265262. É o equivalente numérico de ‘ColAna’ para as crianças, Colt Jr. e Anastasia.”

“Obrigado”, disse o detetive Bowen. “Nós vamos investigar isso.”

“Mais uma pergunta para você, Senhora Longworth”, o Detetive Hernandez disse, “e depois nós vamos embora para que você possa chegar à sua aula de arte.”

“Sim?”, ela perguntou, sentindo um embrulho no estômago.

Não é essa a hora que eles fazem a pergunta ‘pegadinha’ que coloca a pessoa indevidamente acusada no corredor da morte?

“Seu marido diz que ele estava correndo numa trilha no momento do assassinato; que ele tinha estacionado perto daqui. Você o viu?”

“Não”, respondeu Eliza, aliviada por finalmente parecerem ter acreditado nas suas palavras, mas em conflito por eles aparentemente a estarem usando contra o marido. “Mas isso não significa muito. Dependeria de onde ele estacionou e quando. Eu poderia facilmente não ter percebido a presença dele.”

“Ele diz que acidentalmente deixou o telefone no carro e seguiu pela trilha de Los Liones. Você acha que essas afirmações são confiáveis?”

Eliza pensou sobre isso.

“Eu consigo imaginá-lo esquecendo o celular. Ele normalmente saía para correr direto de casa. Se ele estivesse saindo do carro, a rotina dele poderia ter sido perturbada e ele poderia ter se esquecido. Além disso, a

recepção do sinal é horrível nos desfiladeiros lá. Ele não iria ser capaz de usá-lo para chamadas de emergência. Por isso, a menos que ele planejasse usar seu aplicativo de corrida, ele não teria motivos para levar o celular."

"E a afirmação dele de que ele correu pela trilha Los Liones?", Hernandez cutucou, notando que ela não havia respondido a essa parte da pergunta.

"Não há uma regra que proíbe fazer uma esposa dizer algo incriminador contra o marido dela?", ela perguntou. "Mesmo que ele seja um traidor cretino?"

"Você tem algo incriminador para dizer?", Hernandez perguntou, com as sobrancelhas levantadas.

"Eu acho que é possível que ele tenha tomado aquele caminho", disse ela.

"Você parece cética", observou Hunt.

"É só que ele não gosta da trilha Los Liones porque é íngreme e ele tem joelhos ruins. A trilha de East Topanga é mais plana, então ele prefere. Isso não significa que ele não tenha seguido por Los Liones. Mas conhecendo Gray, ele não seguiria por lá a menos que ele pudesse reclamar sobre isso depois comigo. Essa é o lance dele - reclamar. Quero dizer, esse é um cara que reclamava quando eu pedia para ele lavar a roupa, dizendo que ele não sabia como. E considerando que eu tinha acabado de expulsá-lo da casa, ele não tinha mais essa justificativa para percorrer o caminho mais difícil. Então tire suas próprias conclusões."

Todos os seus três interrogadores compartilharam um olhar que ela não podia interpretar. Ela não sabia quanto dano tinha causado ao álibi de Gray. Mas, no momento, ela na verdade não dava a mínima. Ela tinha vinte crianças de quatro anos de idade esperando para fazer desenhos de giz e não tinha qualquer intenção de mantê-los esperando.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Jessie, Ryan e Brady estavam num inferno digital.

Depois que Brady ligou para Gray Longworth e lhe deixou uma mensagem informando que gostariam que ele voltasse para um interrogatório adicional, eles retornaram para a delegacia, onde a equipe de tecnologia já tinha acessado o telefone de Penelope Wooten. Os três, sentados em uma grande mesa circular, começaram a vasculhar a conta alternativa dela no Twitter. Aquilo era um emaranhado longo e confuso de informações.

"Ficaria feliz em sair agora e trazer Longworth com minhas próprias mãos", disse Brady depois de cerca de trinta minutos se debruçando sobre as mensagens repletas de gírias pesadas.

"De jeito nenhum", disse Ryan. "Você não vai sair tão fácil dessa tarefa. Além disso, Longworth sabe que queremos conversar com ele. Vamos deixar a ansiedade crescer nele um pouco antes de irmos até ele novamente."

Jessie levantou os olhos da tela.

"Você não está preocupado que ele possa tentar fugir?", ela perguntou. "Ele tem que saber que não podemos verificar seu álibi. Se ele foi o responsável por se desfazer da faca, provavelmente está preocupado que a tenhamos encontrado. E ele já estava ansioso depois que sua vida familiar foi pelo ralo abaixo. Você realmente confia que ele vá aparecer?"

"Nós ainda temos um oficial vigiando ele", assegurou Ryan. "Se ele tentar alguma coisa pervertida, eles podem pegá-lo. Nós tiraremos mais proveito dele se ele vier voluntariamente."

"Eu não sei", disse Brady. "Jessie pode estar certa. Eu realmente acho que eu deveria ir ajudar esse oficial de vigia."

"Você não vai se livrar de analisar as mensagens de Penelope Wooten", disse Ryan enfaticamente. "Eu sei que a tecnologia moderna

assusta sua sensibilidade de velhinho, mas você terá que se virar. Além disso, este é *seu* caso. Estamos apenas te ajudando."

"Mas esses caras com quem ela se comunicava são tão pervertidos", protestou Brady.

"Uau", Ryan respondeu. "Se *você* está dizendo que um cara é pervertido, então ele deve ser realmente ruim. Afinal, você é meio que pervertidinho também."

"Não seja cruel", Jessie disse. "Brady não é tão pervertido assim. Se ele raspasse o bigode, ele se pareceria muito menos com um pedófilo."

"Obrigado pelo apoio, Jessie", disse Brady sarcasticamente.

Um dos caras da tecnologia, alto e magro, com a pele pálida e cabelos negros que se alongavam sobre os olhos, se aproximou e jogou um maço de papel. Ele usava jeans e uma camiseta preta e velha da banda *System of a Down*. Aparentemente, ele não se preocupava com qualquer tipo de código de vestimenta.

"Mais trabalho, Gregor?", Brady choramingou.

"Na verdade, menos", respondeu Gregor. "Nós usamos um algoritmo para analisar e comparar as mensagens diretas de Penelope Wooten. Nós eliminamos qualquer um com quem ela tivesse se comunicado menos de três vezes. Nós achaáos que qualquer coisa menos do que isso era apenas uma tentativa frustrada."

"Isso é muito inteligente", observou Jessie.

"Obrigado, nós tentamos", disse Gregor secamente. "Mas nossa unidade realmente gosta de ir além, por isso demos um passo adiante. Das mensagens restantes, nós puxamos as que incluíam data, hora, ou endereço específicos. Isso reduziu drasticamente as comunicações relevantes."

"Por quanto?"

"Para esta pilha", disse Gregor, apontando para os papéis que ele havia jogado sobre a mesa. "Parece que ela teve 'encontros' com aproximadamente nove pessoas desde que ingressou no Twitter em 2015. Mas desses nove, percebemos que seis foram apenas de uma noite."

"Você está me assustando um pouco agora, Gregor", disse Brady.

"Você não tem nada a temer se você não tiver nada a esconder, detetive Bowen", Gregor disparou de volta.

“Então, isso nos deixa com apenas três casos de longo prazo”, disse Jessie, trazendo-os de volta à tarefa.

“Isso mesmo”, concordou Gregor. “Deixo a você profissionais altamente treinados tirarem conclusões sobre nossos candidatos remanescentes. Aqui está a interação deles.”

Gregor deu um tapinha na pilha e saiu, aparentemente nem precisando, nem esperando um agradecimento.

“Podemos?”, Ryan perguntou, pegando os papéis e distribuindo uniformemente.

Cada um deles ficou responsável por analisar dois encontros de uma noite só e um de longo prazo. Jessie começou a passar pela pilha dela e rapidamente dispensou os dois homens com quem Penelope só estivera uma vez. Um deles morreu de câncer em 2017 e o outro se mudou para Indianápolis no ano passado.

O único relacionamento de longo prazo em sua lista, um corretor de imóveis de Sherman Oaks chamado Matt Stokely, também parecia um fracasso. Pelo que Jessie conseguiu descobrir, eles estiveram envolvidos de abril a julho de 2018 e se encontraram de seis a oito vezes.

Mas, com base nas contas dele em mídias sociais, parecia que Stokely estivera em uma convenção de corretores em Santa Bárbara desde a última quinta-feira até domingo e estendeu para as férias que ainda estavam acontecendo. Havia várias fotos dele em um restaurante na cidade na segunda-feira à noite e na praia de Goleta na terça-feira por volta das 11 da manhã. A janela de tempo não o eliminava completamente. Mas, pelo menos na inspeção inicial, Jessie duvidou que ele fosse o responsável.”

De seus grunhidos intermitentes, parecia que Brady estava tendo pouca sorte. Mas depois de cerca de quinze minutos, Ryan olhou para cima com um brilho nos olhos que sugeria ter encontrado alguma sujeira.

“Acho que podemos ter um peculiar aqui. O nome dele é Jeff Percival. E ele *não* parece um cara de qualidade.”

“O que você quer dizer?”, Brady perguntou.

“Vamos por partes”, disse Ryan. “Parece que Penelope estava se encontrando com ele desde logo após o Dia de Ação de Graças até o final de janeiro deste ano.”

“Isso é bem recente”, observou Jessie.

“Parece que Jeff concorda com você”, disse Ryan. “Porque apesar de não haver comunicação de Penny para ele depois de vinte e nove de janeiro, ele continuou a mandar mensagens privadas repetidamente durante esse mês. E isso é apenas no Twitter. Isso não inclui e-mails ou telefonemas.”

“Parece que ele lidou com a rejeição dela de uma maneira cavalheiresca”, disse Jessie.

“Sim, não muito. Vamos apenas dizer que Jeff não gosta de ser deixado para lá. Isso é confirmado pelo fato de que existe uma ordem de restrição ativa contra ele de outra mulher. Ele também foi condenado por ter perseguido e vigiado constantemente outra mulher há quatro anos.”

“Onde está o Sr. Percival agora?”, Brady perguntou.

“Ele mora atualmente em um apartamento de um quarto perto de Wilshire, em Santa Monica. Gostaria de se juntar a mim para uma visita?”

“Estou pronta”, disse Jessie, se agarrando à chance de sair da mesa.

“Sabem de uma coisa?”, disse Brady, “vou deixar isso para vocês dois. Eu estava brincando antes. Mas eu realmente estou irritado por Grey Longworth não ter retornado a minha ligação. Eu vou até ao escritório dele para informá-lo que a presença dele aqui não foi um pedido, mas uma ordem.”

“Tudo bem”, disse Ryan. “As coisas estão melhorando. Temos dois palhaços para rastrearmos como potenciais suspeitos do assassinato. Isso é mais promissor do que quando o dia começou.”

Enquanto deixavam a delegacia, Jessie se aproximou e fez uma pergunta a Ryan.

“É estranho nós dois estarmos animados para visitar a residência de um perseguidor misógino que poderia ter matado alguém? Eu sinto que estamos mais empolgados do que deveríamos estar.”

“Podemos guardar isso para a terapia, Jessie. Agora estou curtindo uma onda de degenerado. Não acabe com meu clima.”

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Quando pararam o carro na esquina da Wilshire Boulevard com a Stanford Street, Jessie reviu o arquivo com informações sobre Jeff Percival. Era bastante irregular, desde o último problema dele com a lei, à ordem de restrição apresentada no verão passado por uma mulher que trabalhava em um restaurante frequentado por Percival. Ele não tinha nenhum emprego atual listado e estava em uma disputa com o proprietário do apartamento sobre pagamentos de aluguel em atraso.

"Pronta?", Ryan perguntou.

"Sim. Vamos lá dizer oi."

"Ok. Mas considerando que você está desarmada e, como você bem sabe, também não é uma policial, eu vou pedir para você esperar do lado de fora até que eu me certifique que ele não tem uma arma."

"Detalhes, meros detalhes", Jessie brincou enquanto se aproximavam do prédio de Percival.

Ela se forçou a respirar fundo algumas vezes e a se acalmar. Esta estava sendo sua primeira situação de campo real desde a Academia Nacional e ela tentava colocar na cabeça não ser arrogante só porque agora já sabia alguns movimentos.

O lugar que Percival morava não deixaria nem os Wootens nem os Longworths com inveja. O complexo de dois andares tinha cinquenta anos de idade, com portas voltadas para o exterior e uma escadaria de cimento em ruínas que levava ao segundo andar e ao apartamento dele. As unidades tinham grades nas janelas e o cheiro das lixeiras próximas deixava os olhos de Jessie lacrimejando. Ela se perguntou se Percival alguma vez tinha trazido Penelope para cá.

Não é exatamente um ímã de garotas.

Quando chegaram à porta dele, Ryan fez Jessie esperar vários passos atrás enquanto ele batia ruidosamente, com a mão pousada no coldre da arma.

“Jeff Percival”, ele gritou. “Departamento da Polícia de Los Angeles. Precisamos falar com você. Abra!”

Não houve resposta de dentro. Ele chamou de novo.

“Percival, somos do Departamento da Polícia de Los Angeles. Abra a porta agora.”

Nada ainda.

Alguns segundos depois, Jessie ouviu um grito estridente e deu um giro rapidamente. Depois de um momento, ela relaxou. A meio quarteirão de distância, uma mulher empurrava um bebê que estava muito infeliz em um carrinho. Ela tinha acabado de voltar novamente sua atenção para a porta de Percival quando teve uma ideia.

“Ei, Ryan”, ela sussurrou. “Você ouviu esse choro?”

“Sim”, ele disse, sem se virar. “E daí?”

“Tem certeza de que não veio de dentro do apartamento? Podemos ter certeza de que esse cara não sequestrou uma das crianças de Penelope Wooten?”

Ele olhou para ela e revirou os olhos. Mas ao fazê-lo, ele também sorriu.

“Jeff Percival, ouvimos o choro aí dentro”, ele gritou enquanto dava uma piscadela para ela. “Se você está mantendo um refém, agora é a hora de libertá-lo. Caso contrário, nós vamos ter que entrar. Você tem cinco segundos.”

Quando ele disse essa frase, levantou três dedos para indicar quando eles realmente iriam invadir. Jessie assentiu em compreensão e se preparou para segui-lo.

“Um”, ele começou. “Dois, três…”

Ryan chutou a porta logo depois de ‘três’ e entrou correndo. Apesar das instruções anteriores para esperar do lado de fora, Jessie seguiu, sentindo-se nua sem qualquer tipo de arma. Ela examinou a sala da forma mais rápida e eficiente possível. Não havia muito para ver na sala principal.

Percival tinha uma poltrona namoradeira encostada numa parede com uma mesa de centro surrada e a televisão como a única outra mobília. A pequena copa tinha uma pequena mesinha quadrada e duas cadeiras dobráveis. A cozinha, apertada e estreita, não trazia surpresas.

Quando terminou de examinar o ambiente, Ryan já estava entrando no quarto. Ela correu atrás dele e chegou à porta no momento em que ele estava verificando o banheiro.

“Não havia nada no armário”, ele gritou, aparentemente sobre o fato de que ela tinha entrado antes dele ter dito que era seguro. “Verifique debaixo da cama.”

Embora houvesse apenas cerca de quinze centímetros de espaço entre a cama e o chão, Jessie se ajoelhou e olhou por baixo. Havia muita coisa lá - embalagens de comida, roupas sujas, montinhos de poeira - mas não havia nenhuma pessoa.

Ela se levantou e examinou melhor o quarto. Era tão patético quanto a sala de estar, com um cesto de roupa suja transbordando em um canto, um taco de beisebol ao lado da cama e um enorme pôster emoldurado da banda Nickelback como a única arte.

O cartaz estava preso na parede ao lado da janela gradeada e nem mesmo podia-se dizer que era algo *kitsch*. A sala estava muito escura para que fosse possível realmente vê-lo e estava pendurado cerca de meio metro abaixo da linha de visão padrão.

Por que ele pendurou isso tão baixo?

Ela se aproximou da armação e notou um número de arranhões surpreendente na pintura da parede, em volta das bordas do quadro, como se aquela coisa tivesse sido removida apressadamente e substituída muitas vezes.

Por instinto, ela removeu a moldura da parede. O que ela encontrou por trás a fez prender a respiração.

“O que está acontecendo?”, Ryan perguntou, correndo para fora do banheiro.

Ela não precisou responder para ele entender. Ele se aproximou e os dois olharam, tentando absorver aquilo.

Na parede havia uma série de fotos de Penelope Wooten, algumas para as quais ela havia posado, outras que claramente tinham sido tiradas às escondidas. Uma a mostrava saindo do supermercado. Outra era dela no parque com Colt e Anastasia. Uma terceira era dela usando um vestido de festa em um evento formal com Colton. Havia facilmente duas dúzias de fotos presas com fita à parede, cada uma com anotações a

lápis ilegíveis feitas nas bordas. Uma foto era da casa de Wooten, com o endereço escrito abaixo dela.

“Eu realmente acho que precisamos encontrar Jeff Percival”, Jessie disse calmamente.

“Já estou tratando disso”, disse Ryan, puxando o celular. “Eu vou ligar de lá de fora. O sinal é péssimo aqui.”

Enquanto ele saía do quarto, Jessie se aproximou da perturbadora colagem, tentando discernir se havia algum padrão maior naquilo. Ela podia ouvir Ryan ligando para a central de alerta da polícia enquanto ela subia na ponta dos pés, tentando ler uma palavra escrita em grandes letras cursivas sob uma foto que Percival obviamente havia tirado enquanto Penelope dormia. Demorou um pouco para entender, mas ela estava com noventa e cinco por cento certeza ali dizia ‘minha’.

Ela estava prestes a pegar o celular para tirar uma foto da parede quando notou algo estranho. Ryan, de repente, havia parado de falar, mesmo sem ter terminado de fazer o alerta à central. Então ela ouviu - era algo que soava como um grunhido desesperado e dolorido.

Ela guardou o celular de volta no bolso e olhou ao redor do quarto. Seus olhos foram direto para o taco de beisebol ao lado da cama. O mais silenciosamente que pôde, ela se apressou, agarrou o taco e foi até à porta do quarto.

Com aquele bastão agarrado firmemente em suas mãos, ela espiou pela esquina. Para seu horror, mas não para sua surpresa, ela viu Jeff Percival atrás de Ryan, com seu braço direito bem preso ao redor do pescoço do detetive enquanto o socava repetidamente no rim com o punho esquerdo.

Sem pensar, Jessie saiu do quarto, agitando o taco em suas mãos. Percival, de costas para ela, viu o movimento com o canto do olho e olhou bem a tempo de ver Jessie golpear com o taco para a frente. Antes que ele tivesse tempo de reagir, o golpe atingiu a parte de trás do joelho esquerdo dele. Ouviu-se um estalo alto quando ele caiu de joelhos, gritando alto e soltando o pescoço de Ryan.

Jessie girou o bastão para trás novamente, desta vez pronta para acertar Percival na parte de trás da cabeça. Mas enquanto ela preparava o golpe, Ryan, que ainda não conseguia falar, levantou a mão para ela parar. Ela congelou o bastão no ar enquanto o detetive virava Percival de

frente chutando-o. Ele rapidamente algemou o homem, ignorando seus uivos de dor.

“Não há necessidade de exagerar”, Ryan disse com a voz ainda arranhando. “Você o atingiu bem logo de primeira. Ele vai ficar mancando por um ano.”

Jessie assentiu e soltou o bastão. Só então ela percebeu que todo o seu corpo estava tremendo. Ela tentou fingir enquanto passava apressadamente pelos dois homens, murmurando quase inaudivelmente.

“Eu preciso pegar um pouco de ar.”

CAPÍTULO TRINTA

Eles voltaram para o centro da cidade o mais rápido que poderam, sem recorrer à sirene.

Ryan e Jessie estavam completamente preparados para seguir a viatura que levaria Percival para o hospital quando receberam a ligação do Capitão Decker. O reconhecimento facial tinha chegado a um resultado em potencial na identificação do pai dela. O Capitão queria que eles voltassem para assistirem a filmagem no monitor de alta definição, para ver se Jessie achava que era ele.

Como Ryan já havia chamado uma equipe da Unidade de Cena do Crime para checarem o apartamento de Percival, ele pediu aos policiais para levarem Percival ao hospital. Então ele ligou para Brady. A ligação caiu na caixa postal e então ele deixou um recado repassando o que havia acontecido. Explicou por que eles não podiam ficar pela área e sugeriu que ele fosse encontrar Percival no hospital para interrogá-lo. Já era fim de tarde, por isso Ryan prometeu que voltariam de manhã para prosseguirem.

Eles permaneceram em silêncio durante boa parte do caminho de volta, ambos perdidos em seus próprios pensamentos. Finalmente, Ryan falou.

“Obrigado por ter derrubado aquele cara. Eu estava com dificuldades lá. Ele realmente me pegou de surpresa.”

“Sem problemas. Eu fiquei feliz em fazer isso. E eu quero mesmo dizer feliz.”

“Eu acho que você pode ter rasgado todos os ligamentos do joelho dele com aquele golpe”, Ryan ficou maravilhado. “Os Dodgers devem ligar para você e te contratarem para o time de baseball.”

“Não, eu sou muito cara”, disse Jessie, sorrindo pela primeira vez desde o incidente. “Imagine o que eu poderia fazer se eu conseguisse a minha arma.”

“Ainda trabalhando nisso”, ele respondeu.

“Eu vou acreditar quando estiver com ela na minha mão”, Jessie disse, mas logo percebeu o quão cínica havia soado e rapidamente mudou de assunto. “Você acha que ele é nosso cara?”

“Ele tem todo o jeito de ser”, disse Ryan. “Ele poderia facilmente ter visto Gray Longworth correndo na trilha naquela manhã, plantado a faca em uma área onde ele sabia que iríamos encontrá-la, e conectá-la ao marido traidor.”

“Sim”, disse Jessie. “Isso se encaixa.”

“Então por que você parece cética?”, Ryan perguntou, olhando para ela.

“É só que parece se encaixar perfeitamente. Eu acho que algo bagunçado é mais credível.”

“Te entendo”, disse ele. “Vamos ver no que isso vai dar. Como você está se sentindo, a propósito?”

“Estou bem”, disse Jessie. “Eu fiquei tremendo um pouco logo depois daquilo tudo, mas estou bem agora.”

“Não foi isso que eu quis dizer. São quase cinco da tarde - três horas até você ter que responder a seu pai. Aquela aura de despreocupada que você tinha mais cedo já começou a desvanecer?”

“Vamos apenas dizer que eu já não me considero tão feliz como estava há algumas horas”, admitiu Jessie.

“Você já decidiu como vai lidar com isso?”

“Sim. Eu vou dizer a ele para ir se ferrar.”

“Esse é um caminho a tomar”, disse Ryan com cuidado. “Mas você já pensou em dizer sim e pedir um encontro? Talvez pudéssemos apanhá-lo.”

Claro que era uma boa ideia que fazia perfeito sentido em circunstâncias normais numa investigação. Mas estas não eram circunstâncias normais. Jessie já sentia como se estivesse colocando Ryan em risco, só por ter contado sobre o vídeo.

Mas se ela fizesse exatamente o que Xander havia proibido e tentasse montar algum tipo de operação elaborada, ela temia que isso acabasse sendo um tiro pela culatra. Não só ela suspeitava que provavelmente ele já havia desenvolvido alguma medida para desvendar uma jogada daquelas e revidar, como tentar algo desse tipo poderia colocar membros

do esquadrão em risco. Ele ameaçaria a vida de qualquer um que a ajudasse. Se ela deixasse os outros ajudarem e eles fossem mortos, a morte deles seria sua culpa.

“Eu realmente considerei isso”, Jessie disse a ele, decidindo ir com uma meia verdade. “Mas eu descartei bem rápido. Xander não é nenhum tolo. Ele saberia que eu estava mentindo. Ele talvez esteja esperando que eu acabe me desgastando e aceite a proposta psicótica dele. Mas ele nunca compraria a idéia de que, dias depois dele ter matado meus pais adotivos, eu me alistaria para me tornar uma assassina em série amiguinha dele. Não, qualquer outra coisa que não seja uma rejeição simples e direta vai parecer suspeita.”

“Ok, então o que acontecerá quando você o rejeitar?”

“Eu espero que ele fique irritado e tente me convencer pessoalmente.”

“Esse é o seu grande plano?”, Ryan perguntou incrédulo.

“Olhe, eu não tenho um grande plano”, respondeu Jessie, frustrada. “Mas estou cansada de jogar o jogo do gato e rato com ele. Este é o meu jeito de lidar com isso. É muito mais provável que ele apareça se eu esnobá-lo. E eu nunca vou estar em uma posição melhor para lidar com ele do que a que eu estou agora. Meu apartamento é seguro. Eu tenho dois policiais lá, cobrindo meu caminho de volta. O departamento está usando seus recursos para encontrá-lo. Agora é a hora de pegá-lo.”

“Mas se ele é tão esperto quanto você diz, ele não sabe de tudo isso?”, Ryan apontou. “Ele não vai esperar até que as coisas se acalmem para chegar até você?”

“Não tenho certeza se ele é capaz de se conter, especialmente depois do e-mail que pretendo escrever para ele. Vai ser... desrespeitoso.”

“Posso dar uma sugestão?”, Ryan perguntou, parecendo quase nervoso.

“Por favor.”

“Conte a Decker sobre o vídeo. Se ele souber que a ameaça a você é iminente, ele pode fornecer recursos adicionais. Deixe ele ajudar.”

“Ryan, não posso contar a ele sobre a fita”, disse ela. “O que eu fiz pode ser interpretado como roubo de provas.”

“Não necessariamente. Você não precisa ser *completamente* honesta. Apenas mascare a verdade um pouco. Diga a ele que viu uma fita no

videocassete, pensou que fossem vídeos velhos de família, e a levou consigo para relembrar. E foi só mais tarde, quando você foi pegá-la novamente para assisti-la, que você notou a etiqueta e se deu conta de quem era. Isso é completamente plausível."

"Talvez."

"Jessie", Ryan disse delicadamente. "Eu acho que nós dois sabemos que há outro motivo para você hesitar em mostrar a fita a Decker, o motivo pelo qual você nem ofereceu para *me* deixar ver."

"Que motivo é esse?", Jessie perguntou, soando mais defensiva do que pretendia.

"Vamos lá, Jessie", disse ele, calmamente persuadindo ela.

"Tudo bem", ela cedeu. "Talvez eu não queira que meu chefe e as pessoas com quem trabalho escutem o que Xander Thurman disse. Talvez eu não queira que todos ao meu redor pensem que eu só me tornei uma especialista em perfis criminais para que eu pudesse estar perto da violência e da morte."

"Você realmente acha que seus colegas de trabalho acreditariam nisso?", Ryan perguntou.

"Você poderia culpá-los?", ela perguntou. "Está no meu sangue, certo?"

"Se é assim que funciona, todo filho de um criminoso também seria um criminoso."

"Não estamos falando de um ladrão de bancos aqui", lembrou Jessie. "Estamos falando de um cara que tortura e mata outros seres humanos."

"Jessie", Ryan disse baixinho, mas com convicção. "Você não é definida por quem é seu pai. Não o deixe tentar convencê-la de outra forma. Ele está apenas tentando entrar em sua cabeça. Ninguém que trabalha com você acredita que você seja como ele. A verdadeira questão é, você acredita que possa ser como ele?"

Antes que ela pudesse responder, o telefone de Ryan tocou. Ele o colocou no viva-voz.

"Ei pessoal", disse Brady. "Como vai tudo? Parecia que vocês tinham que sair com pressa."

"O Capitão precisou de nós em outro caso importante", Ryan disse, evitando detalhes. "Desculpe por termos abandonado você assim."

“Tudo bem”, respondeu Brady. “Infelizmente, eu só tenho praticamente más notícias para compartilhar.”

“Despeje sobre nós”, disse Ryan. “Estamos todos cobertos de más notícias hoje.”

“Ok, bem, primeiramente, falei com Jeff Percival, que vai ter que usar um gesso na perna por seis semanas, a propósito. Ele não nega que tinha uma obsessão com Penelope Wooten. Mas ele afirma que estava no México desde o último sábado. Ele estava desconfortavelmente tagarela. Ele até me contou que contratou várias prostitutas que se pareciam com Penelope enquanto estava lá. Mas ele disse que só voltou hoje - que tinha acabado de voltar para Los Angeles quando encontrou um intruso em seu apartamento.”

“Oh ótimo. Então esse cara vai tentar nos processar agora?”, Ryan disse.

“Eu não me preocuparia com isso”, assegurou-lhe Brady. “Ele efetivamente *tinha* uma coleção de fotos de uma mulher recentemente assassinada escondida em sua parede. Eu acho que você vai ter o benefício da dúvida nesse caso.”

“A história que ele contou se sustenta?”, Jessie perguntou.

“Até agora, sim. Havia uma mochila com roupas sujas em seu carro, junto com vários recibos no chão. Eles são de Tijuana e alguns são datados do início desta semana. Também estamos verificando com o pessoal da Fiscalização de Alfândega e Fronteiras. Além de analisar as carteiras de motorista, eles rastreiam todas as placas de veículos que passam pela entrada de San Ysidro, perto de San Diego. Isso vai levar algumas horas, mas eles devem ser capazes de verificar se ele realmente cruzou a fronteira e quando. Vamos segurá-lo aqui com base na acusação de agressão contra Ryan, mas parece que ele pode ter mesmo um álibi sobre o assassinato. E para ser honesto, quando mencionei a morte de Penelope Wooten, ele pareceu genuinamente chocado com a notícia.”

“Droga”, disse Ryan. “Eu pensei que nós tivéssemos pego o cara.”

“Se é algum consolo”, Brady ofereceu, “parece que Percival estava bem encaminhado para fazer o que alguém fez primeiro.”

“Não é nenhum consolo”, disse Jessie. “Ainda há um assassino lá fora.”

“Falando nisso, aqui está a outra má notícia. Perdemos Gray Longworth.”

“O quê?”, Jessie e Ryan disseram em uníssono.

“Quando fui ao seu escritório em Venice, eles me disseram que ele havia encerrado o dia mais cedo. Mas, de alguma forma, o policial que estava observando-o não percebeu isso. Talvez ele não estivesse prestando muita atenção porque não esperava que ele fosse embora tão cedo. Seja qual for o motivo, quando cheguei lá, Longworth já havia ido e o policial não tinha a menor ideia.”

“Que tal rastrear o telefone dele?”, Jessie perguntou.

“Foi a primeira coisa que tentei. Está desligado - já faz horas. Pode ter apenas acabado a bateria ou ele pode ter feito isso intencionalmente para nos despistar. Estamos verificando suas últimas coordenadas de GPS e tentando obter uma ordem judicial para checar as comunicações dele hoje. Talvez ele tenha enviado um e-mail ou mensagem que indicasse para onde estava indo. De qualquer maneira, ele já está sumido há horas. Temos unidades à procura do carro dele e a equipe de tecnologia está verificando por movimentações em seu cartão de crédito e de débito. Estamos no modo de esperar e ver.”

“Talvez devêssemos dar à patrulha da fronteira os dados *dele*”, sugeriu Ryan, meio brincalhão. “Poderíamos ter um suspeito deixando o México enquanto outro tenta fugir para lá.”

“Não é uma ideia maluca, na verdade”, observou Brady. “Quando eu desligar, acho que vou entrar em contato com eles.”

“Na verdade, estamos quase de volta à Delegacia Central agora”, Ryan disse a ele. “Então vamos deixar você ir. Mas mantenha-nos informados, ok?”

“Pode deixar. Tenha uma boa noite”, disse Brady e desligou.

Eles fizeram a curva final antes de entrarem na garagem da delegacia. Ryan olhou para Jessie.

“O tempo está quase acabando”, disse ele. “Você já decidiu? Você vai deixar Decker saber o que está acontecendo?”

Jessie suspirou e assentiu.

“O que eu tenho a perder? É apenas minha carreira, certo?”

CAPÍTULO TRINTA E UM

Decker não ficou tão chateado como ela esperava.

Não ficou claro se ele havia acreditado totalmente naquela história de ‘eu inadvertidamente peguei sem querer o que era na verdade uma evidência crucial’. Mas fato é que ele não a confrontou sobre aquilo. Quando ele se certificou de que o rosto de Thurman não era visível no vídeo, o interesse dele naquilo diminuiu.

“Você pode trazê-la amanhã e nós pediremos para a equipe de tecnologia ver se eles podem desvendar qualquer coisa que você não tenha percebido. Você ficaria espantada com o que eles podem conseguir de um trecho aparentemente inútil de filmagem. Enquanto isso, quero que você dê uma olhada nas imagens do cara que identificamos e veja se você acha que é seu pai.”

Um técnica chamada Nora colocou a filmagem para rodar. Era de um homem saindo da estação de metrô de 7th Street Center nesta manhã, às 10:19. Ele usava um boné e óculos escuros e mantinha a cabeça baixa na maior parte do tempo em que estava na câmera. Mas em determinado momento, alguém passando esbarrou acidentalmente nele, fazendo com que ele olhasse para cima brevemente.

Foi esse momento que havia sido sinalizado pelo programa de reconhecimento facial. A mais clara imagem do rosto dele tinha sido isolada e limpa e agora estava olhando para ela através do monitor do computador. De acordo com a leitura na tela, aquele rosto combinava com fotos mais antigas de Thurman com uma precisão de 82%. Ela olhou para o homem por um longo tempo antes de responder.

“Eu simplesmente não sei, Capitão”, ela admitiu. “Pode ser ele. Claramente, o programa acha que pode ser. E isso faz sentido. O quão longe fica aquela estação de metrô de onde estamos agora - cerca de um quilômetro e meio? Mas eu não vi o homem em lugar nenhum além das imagens granuladas nas quais ele está usando disfarces ou máscaras, há

dois anos. As maçãs do rosto são parecidas. Mas não posso dizer honestamente quanto disso é um julgamento objetivo e quanto disso sou eu fazendo suposições."

Decker parecia frustrado, mas não disse nada.

"Você foi capaz de rastrear para onde ele foi depois disso?", Ryan perguntou a Nora.

"Não", disse ela. "Nós não recebemos o alerta de imagem até cerca de duas horas atrás, então não pudemos rastreá-lo em tempo real. Nós já colocamos pessoas para vasculhar as filmagens das câmeras daquela área. Mas nossa cobertura tem lacunas naquele setor. Eu não teria muita esperança em conseguir algo a mais nisso."

"Então, para onde vamos daqui?", Jessie perguntou.

"Para onde *você está* indo é para casa", disse Decker com firmeza. "Nettles e Beatty irão acompanhá-la novamente hoje à noite. Assim que você enviar sua resposta por e-mail para Thurman de dentro da segurança do seu apartamento, nós teremos nosso simpático pessoal de tecnologia aqui em alerta para ver se eles podem rastrear a localização de Thurman quando ele abrir. Nós provavelmente aumentaremos as patrulhas em sua vizinhança durante a noite como uma precaução extra. Podemos até adicionar mais alguns policiais à paisana em seu prédio a partir de amanhã. Eu só preciso de autorização para isso, mas duvido que seja difícil. Enquanto isso, continuaremos a analisar as filmagens das câmeras para ver se ele aparece novamente."

Jessie abriu a boca, pronta para protestar, quando Ryan, que a observava de perto, entrou na conversa.

"Eu acho que é um bom plano, Capitão", disse ele, olhando para ela enquanto falava. "Tenho certeza de que Jessie ficará um pouco frustrada por ter que ficar parada na casa dela. Mas ela sabe que é a estratégia certa neste momento. Eu posso terminar de fazer a papelada sobre a nossa prisão de Jeff Percival para que ela possa ir embora agora."

"Então estamos de acordo?", Decker perguntou, olhando para Jessie para ver se ela concordava.

Ela engoliu em seco, dizendo a si mesma que tudo o que eles estavam sugerindo era razoável. Só porque isso fazia dela uma participante passiva em sua própria vida, não significava que não fosse o curso de ação mais sábio. Ela ainda seria a peça fundamental para

colocar tudo em movimento ao enviar seu e-mail. Ela só não iria controlar o que acontecesse depois disso.

“Sim senhor”, ela finalmente disse, forçando um sorriso nos lábios.

“Ótimo”, disse Decker. Vou notificar Nettles e Beatty para ficarem a postos aqui. Você poderá ir para casa nos próximos dez minutos. E lembre-se de nos avisar antes que você esteja prestes a apertar 'enviar' naquele e-mail. Quando você planeja fazer isso?”

“Eu estava pensando sete e cinquenta e nove, apenas para provocá-lo um pouco.”

“É sempre muito inteligente antagonizar um assassino em série”, respondeu Decker secamente antes de dispensar todos eles. Assim que a reunião terminou, Ryan fez sinal para que Jessie o encontrasse no pátio.

“Eu sinto muito por ter passado por cima de você naquela hora”, disse ele quando estavam lá fora. “Mas a mente de Decker já estava definida. E eu temia que se você recusasse o plano dele, ele começaria a se perguntar o motivo. Você não iria querer isso, especialmente depois que você tinha acabado de dizer a ele o que Thurman quer que você faça.”

“Eu pensei que você havia dito que ninguém acreditaria que eu sequer fosse considerar aceitar a proposta de meu pai.”

“Eu não”, assegurou Ryan. “Mas ele pode pensar que você esteja emocionalmente comprometida, o que não é uma preocupação louca. E se você exigisse fazer algo tolo, como servir de isca, por exemplo, poderia fazê-lo questionar a sua capacidade de julgamento.”

“Eu não ia sugerir servir de isca”, protestou Jessie.

“Nunca passou pela sua cabeça?”, Ryan disse, suas sobrancelhas levantadas.

“Muito rapidamente, só”, disse ela, tentando combater o sorriso que sentia se formar até às bordas da boca.

“Bem, então, o engano foi meu, acho”, respondeu ele, soltando um sorriso cheio.

“Sim, foi”, ela repreendeu brincando.

“Ouça”, disse ele, ficando sério novamente. “Eu queria que você soubesse o meu plano para a noite. Depois de eu fazer essa papelada, eu vou para a academia um pouco. Eu preciso de uma boa sessão de treino para aumentar minha confiança depois que Percival deu aquele salto em

mim hoje. Assim que eu tiver tomado banho, eu pensei que poderia passar lá na sua casa depois para ver como você está aguentando, talvez dar a um dos outros caras uma pequena pausa. Tudo bem por você?”

“Sim”, ela disse. “Fico feliz por ter a companhia extra. Nettles e Beatty são ótimos, mas nenhum deles é um conversador brilhante. Apenas não esqueça de tomar aquele banho. Eu não preciso que você empesteie a minha novíssima cela.. errr.. quer dizer, casa.”

Ele parecia que ia responder, mas pareceu mudar de idéia enquanto seu rosto ficava levemente rosado. Jessie se perguntou o que ele estaria pensando naquele momento, mas decidiu não perguntar.

“Eu vou te ver mais tarde, então”, disse ele e saiu, antes de voltar e acrescentar: “Fique em segurança.”

Jessie observou ele indo, confusa com o que tinha acabado de acontecer.

Eu gostaria que eles tivessem me ensinado como identificar esse perfil no FBI.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Nettles e Beatty pareciam mais à vontade desta vez seguindo o caminho labiríntico do centro comercial até ao prédio de apartamentos dela. Beatty só errou a porta da sala das caldeiras uma vez, motivo pelo qual Jessie lhe deu um aplauso lento e zombeteiro. Ele mostrou o dedo do meio a ela como resposta. Chegaram ao saguão do prédio um pouco antes das 19h.

“Vou fazer o primeiro turno aqui embaixo”, disse Nettles. “Vou checar com a segurança para ver se eles têm alguma atualização. Beatty, você acompanha Jessie até lá em cima. Me avise se está tudo bem quando vocês estiverem em segurança no interior, com as portas trancadas e os alarmes ligados novamente.

“Parece bom”, disse Beatty. “Quando você planeja subir?”

“Eu provavelmente não vou ficar aqui mais do que algumas horas. Eu quero implementar o modo trancados-em-casa às nove da noite, a menos que alguém tenha uma objeção. Talvez eu consiga até mesmo fazer uma chamada de vídeo com meus filhos antes de dormir.

“Nenhuma objeção da minha parte”, disse Jessie. “O detetive Hernandez disse que poderia dar uma passada aqui mais tarde. Mas mais do que isso, eu fico feliz em terminar a noite cedo. Hoje foi um dia duro.”

“Ok, então”, disse Nettles. “Te vejo daqui a pouco.”

Ele desceu o pequeno lance de escadas para encontrar Fred, o guarda de segurança, e Jimmy, o porteiro. Eles o viram chegando, ambos parecendo visivelmente felizes por ter alguém novo para interagir. Jessie e Beatty foram pelo corredor dos fundos para pegar o elevador de serviço.

Enquanto subiam do primeiro andar para o quarto, Beatty tirou a arma e a segurou como se estivesse pronto para agir. Jessie olhou para ele. Ele viu a expressão dela e sorriu.

“Apenas precaução”, ele disse, tranquilizando-a.

“Ei, eu não estou reclamando”, disse Jessie.

As portas se abriram e Beatty saiu primeiro. Os dois examinaram o longo corredor procurando por algo suspeito, mas estava vazio.

“Vamos”, Beatty disse calmamente. “Não devemos ficar enrolando.”

Eles se apressaram pelo corredor. Quando chegaram à porta de Jessie, ela verificou o olho mágico para ver se alguém tinha tentado entrar. A luz estava verde. Ela abriu a porta e entrou com Beatty logo atrás dela.

Enquanto ela trancava a porta e passava pelo processo de desativação e reativação dos códigos de segurança, ele atravessou rapidamente o apartamento, acendendo as luzes, checando as portas, os armários, o banheiro.

“Tudo liberado”, disse ele no momento em que Jessie ligou o alarme de perímetro novamente.

“É bom saber”, disse ela, olhando pelo olho mágico mais uma vez.

“Nettles”, disse Beatty no rádio atrás dela. “Beatty aqui, câmbio.”

“Prossiga, Beatty.”

“Estamos bem aqui em cima. O apartamento está limpo e voltamos ao modo de trancados-em-casa.”

“Excelente”, veio a voz de Nettles. “Tudo está limpo aqui embaixo até agora. A segurança nada reporta de incomum. Estou verificando as filmagens das entregas de hoje para ver se alguém parece familiar. Caso contrário, está tudo calmo.”

“Ok. Nós vamos nos instalar aqui. Eu aviso quando Jessie enviar o e-mail.”

“Entendido”, disse Nettles.

“Então”, disse Beatty, voltando-se para Jessie. “Você tem mais daquela pizza?”

*

Jessie mudou de idéia às 19:28.

Ela sabia que isso iria alterar o plano original, mas a idéia de esperar mais meia hora para enviar um e-mail dizendo ao pai para se ferrar a

deixava cada vez mais ansiosa. Era melhor apenas acabar logo com isso. Ela avisou a Beatty e entrou no quarto para escrever um rascunho.

Ela se sentou com seu *laptop* e trabalhou em várias opções de texto antes de finalmente chegar a algo que a satisfez. A versão que ela escolheu era curta e direta. Dizia assim:

Deixe-me ser clara. Você é um assassino que matou a única família verdadeira que eu alguma vez tive. Nós não somos nada parecidos e eu nunca me juntaria à sua missão doentia. Faça a coisa certa. Entregue-se.

Ela releu o texto algumas vezes. Não era uma obra literária, mas passava bem a mensagem. Ela ligou para os técnicos da delegacia para informá-los de que estava prestes a apertar ‘enviar’. Ela tentou fazer o mesmo com Ryan, mas caiu na caixa postal. Ele ainda deveria estar treinando.

“Estou prestes a enviar isso”, ela gritou para Beatty no outro quarto. “Você quer dar um aviso a Nettles?”

“Vou dar”, ele gritou de volta, vindo até à porta enquanto transmitia pelo rádio. “Nettles, Beatty aqui; câmbio.”

“Vá em frente, Beatty.”

“Jessie está cansada de esperar. Ela está enviando o e-mail agora.”

“Entendido.”

“Nós vamos te avisar se recebermos uma resposta”, disse Beatty.

“Entendi. Boa sorte, Jessie.”

Jessie sorriu.

“Ela diz 'obrigada'“, disse Beatty.

Jessie reviu a mensagem uma última vez. Satisfeita, ela apertou em ‘enviar’.

“Está feito”, disse ela, olhando para cima em direção a Beatty.

“Quer uma fatia comemorativa de pizza?”, o agente perguntou. “Está quase pronta para sair do forno.”

“Eu não estou com muita fome”, ela respondeu. “Parte de mim não se importaria com uma dose comemorativa de uísque, mas isso parece ser uma má ideia.”

“Talvez depois que nós o peguemos”, sugeriu Beatty. “Enquanto isso, não me deixe comer sozinho. Pelo menos me faça companhia.”

Jessie se levantou, trazendo o *laptop* com ela para a mesa do café da manhã. Ela se sentou enquanto ele tirava a pizza do forno e começava a cortá-la. Então ele pegou um prato para suas três fatias.

Embora soubesse que não havia sentido, Jessie continuava atualizando seu e-mail. Claro que não havia nada. Fazia dois minutos, quase nem o tempo suficiente para sequer abrir e ler uma mensagem, muito menos enviar uma resposta.

“Eu me sinto mal”, disse Beatty enquanto dava uma grande mordida na pizza, tentando sugar um pedaço solto de queijo derretido. “O pobre Nettles está olhando para filmagens de vigilância enquanto eu estou comendo. Achei que o subalterno sempre recebesse o trabalho mais difícil.”

“Bem, convide-o” sugeriu Jessie. “Se ele acabou de ver as imagens, não há razão para ficar lá até às nove. Esse tempo parece arbitrário.”

“Ok, vou sugerir isso. Mas ele é um pouco apegado demais às tarefas, então não crie expectativas.”

Jessie assentiu, olhando a pizza ao mesmo tempo em que dizia a si mesma que não precisava comer nada.

“Nettles”, disse Beatty no rádio com a boca cheia, “Beatty aqui; câmbio.”

Não houve resposta. Depois de esperar alguns segundos, Beatty engoliu e tentou novamente.

“Nettles, Beatty aqui. Câmbio.”

O único som na outra extremidade do rádio era de estática misturada com estalidos intermitentes.

“Nettles, aqui fala o Beatty. Por favor responda. Câmbio.”

Ainda assim, não havia nada.

Beatty olhou para Jessie. O olhar dele sugeria que ele não achava que isso fosse apenas uma questão de rádio.

“Tente de novo”, disse ela com urgência.

“Nettles, aqui é Beatty. Eu preciso que você responda agora. Confirme sua posição, por favor. Câmbio.”

Eles esperaram uns bons dez segundos. Nada.

Beatty, que estava encarando o rádio como se quisesse que o aparelho respondesse, olhou para Jessie.

“Eu vou lá embaixo”, disse ele.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Jessie não tentou dissuadi-lo. Apesar de suas dúvidas, ela sabia que seria inútil.

“Eu vou pedir reforços”, disse ela.

“Provavelmente não é nada”, disse Beatty, sem convicção. “Aposto que ele só foi ao banheiro e esqueceu o rádio.”

“Isso não soa como Nettles.”

“Não, não”, ele concordou.

“Tenha cuidado”, disse ela. “Se isso for obra do Thurman, ele é adepto de disfarces. Não confie em ninguém que você encontrar, não importa o quão inócuo eles pareçam, ok?”

“Acredite em mim, não vou me arriscar. Você pode verificar as câmeras para mim antes de eu entrar no corredor? Eu prefiro não ir lá fora às cegas.”

Jessie mudou para o canal da TV que tinha as imagens das câmeras de segurança. De acordo com as várias cenas do lado de fora, o corredor estava vazio.

“Lá fora tudo limpo”, ela disse a ele.

“Tudo bem. Tranque tudo novamente no segundo em que eu sair. E peça os reforços o mais rápido possível. Melhor lidar com um alarme falso do que... outra coisa.”

Ele destrancou a porta e entrou no corredor do andar enquanto Jessie fechava as portas e ligava o alarme de volta. Ela pegou o celular e discou para a delegacia enquanto observava Beatty caminhar pelo corredor, com a arma empunhada. Ele passou pelo elevador e foi até à escada, empurrando a porta lentamente. Quando ele desapareceu da imagem, alguém atendeu na linha.

“Delegacia Central”, veio uma voz feminina brusca.

“Sim, daqui fala a especialista em perfis criminais Jessie Hunt. Por favor, me ligue ao Capitão Decker. Isto é uma emergência.”

“Conectando”, disse a voz sem hesitação. Ela deve ter sido alertada sobre a situação da noite, porque não houve qualquer negativa.

O telefonema foi direto para o correio de voz do escritório de Decker. Aparentemente, o agente não tinha sido informado da natureza da situação, afinal de contas. Jessie deixou uma mensagem rápida explicando suas preocupações, esperando que a ligação fosse encaminhada para o celular dele, da forma como muitos policiais programam seus sistemas para fazer.

Ela tentou ligar para a linha de tecnologia e caiu no correio de voz deles também. Ao invés de deixar outra mensagem, ela desligou e decidiu ir direto ao assunto e ligar para o 911. Ela foi imediatamente colocada em uma fila de espera. Enquanto esperava, colocou a ligação no viva-voz, calçou os tênis e pegou o cassetete ao lado da porta.

De repente, a ligação caiu. Ela se aproximou e olhou para a tela do telefone. Não havia barras de sinal. Ela olhou para seu laptop e viu que a tela agora dizia ‘conexão com a internet perdida’. Ela olhou para a TV.

As imagens do corredor, em quatro telas mostrando ângulos diferentes, ainda estavam ligadas. Mas, como precaução, essa conexão era privada e independente da internet, justamente por causa daquilo que estava acontecendo. Ela mudou de canais e as telas apareciam em branco. O único canal que funcionava era o que não estava conectado à internet.

Ela estava apenas começando a questionar se isso poderia ser uma coincidência quando ela viu um movimento no final do corredor na tela. Olhando de perto, viu alguém sair do elevador. Era Nettles.

Ele estava cambaleando pelo corredor com as duas mãos segurando a garganta. O sangue estava visivelmente vazando pelos seus dedos. Jessie partiu para a porta e se obrigou a se conter. Ela voltou novamente sua atenção para a tela, procurando por qualquer movimento adicional no elevador. Thurman estaria escondido lá, esperando que ela abrisse a porta para que ele pudesse atacar?

Embora a imagem doesse, ela esperou até que Nettles estivesse quase à sua porta antes de destrancá-la, seus olhos fixos no monitor o tempo todo. Ele estava quase levantando a mão para bater quando ela abriu a porta e o puxou para dentro. Ela deu um rápido olhar para as duas

extremidades do corredor antes de fechar e trancar a porta e ligar o alarme novamente.

Nettles parecia estar tentando falar, mas seus esforços eram em vão.

“Não tente falar”, disse ela enquanto o deitava no chão e corria para a cozinha para pegar um rolo de papel toalha.

Ela afastou as mãos dele da garganta para que pudesse dar uma olhada melhor. Levou vários segundos para enxugar o sangue o suficiente e conseguir ver o que estava acontecendo. A garganta dele tinha sido cortada por uma faca grande e afiada. A incisão era larga, mas não especialmente profunda. Ela não era especialista, mas não parecia que a artéria carótida havia sido cortada.

“Foi Thurman?”, ela perguntou.

Nettles assentiu fracamente.

Enquanto pressionava a garganta dele com um pedaço de papel toalha, Jessie sentiu as engrenagens girando em sua mente. O que quer que ele fosse, Xander Thurman não era um amador. Se ele quisesse matar Nettles, ele teria matado. Então, por que ele o deixou viver?

Nettles tossiu e um borrifo de névoa vermelha saiu pela abertura em seu pescoço. O homem agora estava sangrando mais profusamente.

“Espere”, disse ela para Nettles. “Eu vou conseguir algo para amarrar isso.”

Ela correu para o armário e tirou um lenço. Em seu caminho de volta, viu o telefone fixo e o pegou para chamar o 911. Não havia linha. Teria Thurman cortado as conexões telefônicas também?

Enquanto ela enrolava o lenço firmemente no pescoço de Nettles, ela notou que a arma dele havia sumido. Um movimento captado pelo canto do olho a fez olhar para o monitor da TV novamente. A porta da escada no final do corredor estava se abrindo lentamente. E foi aí que ela percebeu por que seu pai deixara Nettles viver.

Ele não sabia em qual unidade ela morava. De alguma forma, ele havia encontrado o prédio dela, mas ele não podia ter certeza sobre qual apartamento era o dela. Então ele havia deixado Nettles ‘fugir’ para que pudesse acompanhá-lo pelo monitor de segurança no saguão. E agora que ele tinha encontrado, ele estava vindo na direção dela.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Um calafrio desceu pela espinha de Jessie.

Ela observava o monitor da TV, congelada de medo, enquanto uma figura atravessava a porta da escada até o corredor. Andava devagar e metodicamente pelo corredor. Uma máscara de esqui cobria seu rosto, exceto a boca e os olhos, mas ela sabia que era ele. Ela reconhecia aquela figura alta e magra.

De repente, Jessie teve um *flashback* de uma lembrança meio sem forma de sua infância, seu pai caminhando em direção a ela enquanto ela estava sentada e amarrada naquela cadeira de madeira na cabana. Este homem andava do mesmo modo, inclinando-se ligeiramente para frente enquanto se movia, como se impulsionado por alguma força exterior mais forte do que ele, guiando-o pelo seu caminho brutal.

Outra tossida de Nettles a tirou de seu devaneio de pesadelo. Ela olhou para ele. Ele não podia falar, mas seus olhos pareciam estar dizendo ‘saia’. Ele queria que ela o deixasse e escapasse. Mas não havia para onde ir. Xander estava quase na porta. Ela não podia pular da janela a mais de dez metros de altura. Mesmo se ela sobrevivesse, simplesmente ficaria deitada na calçada com as pernas quebradas esperando que ele descesse e acabasse com ela. Ela estava presa.

Isso não é verdade.

Ela se lembrou agora do que o pavor a havia impedido de se lembrar momentos antes. Havia outra saída - o poço com a escada de corda escondida atrás do armário do banheiro. Aquilo tinha sido pensado justamente para esse tipo de situação.

Ela olhou para Nettles novamente, cujos olhos estavam tremulando. Ele parecia estar quase inconsciente. Não havia como ela conseguir fazê-lo descer por aquele poço estreito. Mesmo que ela fosse forte o suficiente, ele nunca sobreviveria a todos aqueles empurrões e pancadas.

Ela olhou para o monitor novamente. Seu pai estava bem do lado de fora do apartamento. Ele estava olhando para a porta, imóvel. Ela sabia que ele precisaria de mais do que apenas um chute rápido para abri-la. Ela tinha tempo, se ela começasse a se mexer agora.

Jessie se levantou e olhou para Nettles, cujos olhos estavam abertos novamente, embora parecessem nebulosos.

“Eu vou ter que deixar você aqui”, ela disse calmamente. “Mas eu prometo que vou voltar.”

Ela não esperou pela resposta dele ao agarrá-lo pelos braços e arrastá-lo para o quarto. Ela o puxou para o outro lado da cama, onde ele não ficaria visível da porta do cômodo, e depois voltou para a sala de estar.

Xander não estava mais encarando a porta. Em vez disso, ele parecia estar pressionando algo contra ela. Jessie se aproximou do monitor e viu que era algum tipo de massa. Quando ele puxou vários fios do bolso, ela percebeu o que ele estava fazendo: colocando um explosivo. Ele não ia tentar arrombar a porta. Ele ia explodi-la.

Jessie sabia que não tinha muito tempo. Ela pegou o cassetete que estava na mesa do café da manhã, enfiou o celular ainda inútil no bolso e estava prestes a voltar para o quarto quando teve uma ideia.

Talvez ela não pudesse pedir ajuda pelo telefone. Mas havia outra forma de fazê-la chegar. Tão depressa quanto pôde, ela moveu uma de suas cadeiras para o centro da sala de estar. Então ela enrolou um monte de toalhas de papel, ligou uma boca do fogão e acendeu aquele rolo. A ponta imediatamente se acendeu em chamas.

Ela correu até à cadeira, ficou em pé sobre ela e segurou a ponta que pegava fogo diretamente sob o detector de incêndio no teto. Demorou cerca de sete segundos para o dispositivo detectar as chamas e começar a jorrar água pela sala. Ao mesmo tempo, o alarme de incêndio disparou, emitindo um som alto de uma sirene em todo o edifício.

Ela olhou para a tela da TV e viu que seu pai estava sorrindo. Ela não sabia se ele estava orgulhoso ou se divertindo. De qualquer forma, mesmo com a água caindo por todos os lados, ele rapidamente voltou a trabalhar no explosivo. Ele parecia estar quase pronto.

Ela desligou a TV, pegou o cassetete e correu para o quarto, onde fechou a porta, trancou-a com uma trava e uma corrente e depois baixou

a barra de segurança. Logo em seguida, ela foi para o banheiro e repetiu aquela rotina, perguntando-se rapidamente quantas pessoas tinham correntes, fechaduras e barras de segurança nas portas do banheiro.

Ela abriu a porta do armário, abriu o fecho oculto do lado esquerdo, sacudiu o trinco e puxou a estante, que se abriu para revelar o vão do poço e a escada de corda presos à parede de tijolos atrás.

Ela prendeu o cassetete na parte de trás das calças, saiu para a escada, depois puxou a estante para fechá-la até ouvir um clique. Agora completamente cercada pela escuridão, ela descia aquela escada frágil o mais rápido que podia dentro dos limites da segurança. A cada passo cauteloso, o som do alarme de incêndio tornava-se mais distante. Ela podia ver a luz fraca da lavanderia lá embaixo e estava quase no fundo quando ouviu a explosão. Thurman quase certamente estava em seu apartamento agora.

Ela saltou quando faltavam poucos centímetros do chão e se apressou engatinhando pelo pequeno espaço que dava para a lavanderia. Um cara de trinta e poucos anos que estava colocando sabão líquido em uma máquina de lavar gritou quando a viu aparecer do nada. O alarme de incêndio não era audível aqui e não havia água sendo jorrada do teto. Aparentemente, as pessoas que lavavam a roupa ficariam totalmente por sua conta em um incêndio.

“Há um intruso no prédio”, disse ela enquanto passava rapidamente por ele. “Vá até ao café aqui do lado e ligue para a polícia!”

Ele olhou para ela, atônito.

“Vá logo!”, ela gritou antes de sair correndo pela porta e subir as escadas para o andar do saguão. Quando ela saiu, viu que o chão estava encharcado de água que saía dos detectores de incêndio. Moradores brotavam dos elevadores e das escadas e saíam do prédio, confusos com a combinação de água, barulho e vidro quebrado, provavelmente causados pela explosão que tinham acabado de ouvir.

Jessie correu para a guarita de segurança, empurrando moradores desnorteados ao passar. Quando chegou à mesa, viu Fred, o guarda de segurança, deitado no chão em uma poça de sangue que saía de seu pescoço. Aparentemente, Xander não tinha sido delicado ao lidar com ele.

No chão ao lado dele estava Jimmy, o porteiro. Ele não estava sangrando tanto, mas o pouco que saía da parte de trás da cabeça dele indicava que ele não tinha tido melhor sorte também. Parecia que Xander tinha enfiado a faca na parte de trás de seu crânio.

Ela desviou o olhar rapidamente, tentando afastar o horror ao seu redor. Ela lamentaria por aqueles homens mais tarde. Agora ela tinha um trabalho a fazer. No chão, ao lado do corpo de Jimmy, havia uma arma. Ela a reconheceu como uma arma padrão dos oficiais uniformizados do Departamento da Polícia de Los Angeles. Devia ser a arma de Nettles. Ela a pegou.

Um grito de algum lugar no meio da multidão a fez olhar para cima. Duas mulheres estavam debruçadas sobre um homem deitado de costas, imóvel.

Beatty!

Ela correu e abriu caminho através da multidão que se aglomerava para chegar até ele. Ele estava sangrando na parte de trás da cabeça, assim como Jimmy. Ela sentiu um grito de tristeza começar a subir em seu peito quando de repente ele gemeu.

“Beatty, você está vivo!”, ela disse, apertando as mãos dele nas dela. Ela olhou para a cabeça dele. Parecia que o sangue era resultado de um traumatismo e não de um esfaqueamento.

“Jessie”, ele murmurou de forma quase ininteligível.

“Estou aqui”, disse ela.

“Thurman está aqui”, ele murmurou.

“Eu sei. Ele está no meu apartamento. Vou voltar lá para cima. Você está bem?”

“Espere...”, ele sussurrou. “Espere por reforços.”

“Eu não posso”, disse Jessie. “Nettles está lá em cima, ele está muito machucado. Xander vai matá-lo quando o encontrar. Eu tenho que ir.”

Beatty tentou agarrar o pulso dela enquanto ela se levantava, mas Jessie se libertou. Ela se virou para uma das mulheres que haviam gritado antes.

“Ele é um policial”, disse ela. “Leve-o para fora. Cuide dele. Ligue para o 911. Quando a ajuda chegar, diga-lhes para irem ao quarto andar. E avise-os para terem cuidado. Há um assassino lá em cima.”

A mulher abriu a boca para falar, mas Jessie se foi antes de ela dizer uma palavra.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Jessie estava sem fôlego.

Os elevadores não estavam funcionando, então ela teve que subir as escadas. A combinação de subir correndo e seu coração batendo quase fora de seu peito a fazia ofegar por ar.

Ela abriu a porta da escada no quarto andar e espiou para fora. Estava aparentemente vazio, mas uma espessa nuvem de fumaça tornava a visibilidade difícil. Ela se abaixou, tentando se lembrar de seu treinamento na academia.

A maior parte estava nebulosa, mas ela sabia que deveria procurar potenciais esconderijos contra ameaças, ficar ciente do que havia atrás dela e não disparar sua arma até ter certeza de que seu alvo era uma fonte de perigo.

Ela se moveu com cuidado, seus olhos percorrendo todos os lugares enquanto suas costas iam juntas à mesma parede de sua porta. Uma sombra emergiu da fumaça e ela levantou a arma de Nettles, tirando a trava de segurança. Seu dedo permaneceu no gatilho enquanto ela tentava descobrir o que estava vindo para ela.

Ela estava prestes a disparar quando uma mulher mais velha, uma vizinha que ela via ocasionalmente, mas nunca tinha falado, exceto para cumprimentar, emergiu da fumaça. Ela estava segurando um pequeno cão em seus braços e parecia desnorteada. Jessie baixou a arma e fez sinal para a mulher.

“Desça as escadas no final do corredor e saia do prédio”, ela sussurrou. “Os elevadores estão inoperantes. Você entende?”

A mulher assentiu e fez o que lhe foi dito, desaparecendo mais uma vez na fumaça espessa. Jessie estava voltando sua atenção para o apartamento quando foi derrubada no chão por uma segunda explosão.

Seus ouvidos ficaram zumbindo. Enquanto ela se sentava, ela tentava se orientar. Depois de alguns momentos, ela começou a se levantar,

usando uma das mãos para se firmar contra a parede enquanto a outra segurava a arma com força.

Por que houve outra explosão?

Ela imaginou Xander em seu apartamento e se perguntou o que poderia ter feito ele usar um segundo explosivo. Levou apenas um segundo para ela entender. Ele não tinha conseguido acessar o quarto dela e usara a mesma técnica que empregara na porta da frente.

A percepção deu-lhe uma súbita onda de esperança, a primeira que sentia desde que tinha visto Nettles agarrando a garganta sangrenta dele. Se ele tinha acabado de detonar a explosão na porta do quarto dela, então ela tinha uma vantagem significativa, ainda que por pouco tempo. Xander pensava que ela estava no quarto e ela sabia que era onde *ele* estava. Ele não tinha a menor idéia de sua localização, mas ela sabia exatamente a dele.

Ela correu para a entrada do apartamento, movendo-se o mais rápido que podia enquanto estava meio cega pela nuvem cinzenta nociva ao seu redor. Quando ela alcançou o que sobrava da porta, essencialmente um grande buraco que se estendia por cerca de quatro metros de diâmetro, ela parou, permitiu-se um segundo para se preparar, e então girou rapidamente seu corpo de forma que ela agora estava encarando os restos de seu apartamento, com sua arma apontada, e seus olhos procurando por qualquer movimento.

Estava muita fumaça para enxergar direito, mas ela se baixou de qualquer maneira, correndo ao longo da bancada de café da manhã carbonizada até que ela pudesse espiar na direção de seu quarto. Foi quando ela o viu.

Xander Thurman apareceu pela fumaça que dominava o quarto dela e entrou na sala. Ele não estava mais usando a máscara de esqui e ela podia vê-lo claramente. Ele segurava uma longa faca de caça em sua mão direita. O cabelo dele, que já tinha sido preto, estava agora coberto por mechas grisalhas. Seu rosto, ainda surpreendentemente jovem, estava apenas começando a desenvolver marcas e rugas apropriadas para sua idade. Seus chamativos olhos verdes brilhavam com a mesma energia frenética que ela se lembrava de quando era pequena, de quando ele ficava consumido pelo entusiasmo provocado pelo que estava fazendo. Ele parecia... feliz.

Jessie se levantou e apontou a arma para ele. Ele a viu e se virou para encará-la diretamente. Ela não pôde deixar de notar que o homem que uma vez considerara um gigante era agora apenas alguns centímetros mais alto do que ela.

“Largue a faca, coloque as mãos atrás da cabeça e fique de joelhos”, ordenou ela com voz firme e clara.

Ele sorriu para ela, aparentemente não surpreso em vê-la.

“Joaninha”, disse ele carinhosamente, aparentemente sem problemas em ver sua filha apontando uma arma para ele. “Já faz tanto tempo. Você não tem idéia de quanto tempo eu estive procurando por você. E agora, finalmente, a reunião!”

“Fico feliz que você esteja tão animado”, disse Jessie. “Ficarei muito feliz em relembrar esse momento depois que você estiver algemado e atrás das grades. Tudo que você tem a fazer é largar a faca, entrelaçar os dedos atrás da cabeça, e ficar de joelhos. Faça isso agora!”

“Isso é jeito de tratar seu pai sumido há muito tempo?”, Thurman perguntou, dando um passo em direção a ela. “Como podemos ser uma grande e feliz família novamente se você tratar um ente querido dessa maneira?”

“Eu vou terminar esta reunião rapidamente com uma bala na sua testa se você não fizer o que eu digo. Não pedirei de novo - faca, mãos, joelhos. Agora!”

“Ok, ok”, ele respondeu, soltando a faca para que ela caísse na vertical com a ponta no chão. “Eu suponho que eu não deveria estar surpreso que você queira cérebros espalhados por todo o lugar. É a sede de sangue de nossa família falando mais alto, eu acho. Veja, Joaninha, não somos assim tão diferentes.”

“Eu não sou nada como você”, ela disse a ele.

O sorriso desapareceu dos lábios dele e quando ele falou novamente, sua voz era dura.

“Você é exatamente como eu”, ele disse, com uma voz soturna.

Houve um bipe alto vindo do quarto que fez os dois virarem a cabeça. Então Xander voltou sua atenção para Jessie novamente e sorriu.

“Oh, certo”, ele disse. “Eu acho que afinal de contas você não está no banheiro. É melhor você se baixar.”

Jessie teve meio segundo para processar que Xander havia colocado outro explosivo na porta do banheiro antes que tudo ao seu redor explodisse em um tornado de fogo e detritos.

*

Quando Jessie se orientou novamente, Xander Thurman não estava mais em lugar nenhum. Com sorte, ele tinha ficado em pedaços com a explosão.

Ela se apoiou no que restava da bancada do café da manhã e se levantou. A arma tinha sumido e chamas lambiam o teto e as paredes do apartamento.

Ela queria ir para o quarto e pegar Nettles, mas o calor que emanava da sala era demais para suportar. Ela lembrou que havia um extintor de incêndio na parede do corredor, assumindo que o corredor ainda estava lá.

Ela cambaleou para fora do apartamento e se moveu para a direita, usando mais a memória do que a visão para encontrar o extintor. Estava mais perto do que ela pensava e ela quase bateu nele quando tropeçou no carpete surrado e queimado.

A maior parte do vidro da caixa de metal tinha ficado quebrado, deixando apenas alguns cacos aleatórios, fazendo com que o extintor se tornasse difícil de acessar com segurança. Jessie lembrou-se do cassetete ainda guardado na parte de trás de suas calças e puxou-o para fora, usando-o para derrubar os cacos restantes. Enquanto ela fazia isso, no reflexo do maior fragmento de vidro ainda agarrado à caixa, ela viu um movimento atrás dela.

Ela se virou, girando o cassetete na frente dela. Atingiu firmemente o antebraço direito do pai, que segurava a faca na mão enquanto golpeava em direção a ela. A faca voou. Agora desarmado, ele correu para cima dela, derrubando-a no chão.

Jessie sentiu uma súbita falta de ar ao bater no chão e então sentiu o peso dele pousar em cima dela. Ele olhava para ela, aparentemente sem se importar com a queimadura maciça que ele tinha no lado direito de seu rosto e com o sangue escorrendo pela testa, vindo do que parecia ser um pedaço da parede de gesso encravado nela.

“Você traiu a família, Joaninha”, ele rosnou. “Assim como sua mãe fez. Eu queria que você fosse a salvadora da família Thurman. Mas parece que você vai ser o sacrifício.”

Agora conseguindo puxar um pouco de ar, Jessie segurou o cassetete com força e desferiu um golpe em direção à cabeça dele. Ele foi atingido diretamente, e ela ouviu o som nauseante da cabeça dele rachando. Grunhindo furiosamente, ele a colocou em pé e a arremessou contra a parede. O cassetete caiu da mão dela. Ela tentou mudar para uma posição que permitisse dar uma joelhada na virilha dele, mas ele estava muito perto e ela não conseguia levantar a perna.

Ela viu a mão dele indo para as costas dele e tirando algo do bolso de trás. Ele segurou isso na palma da mão para que ela pudesse ver o que era. Era um canivete. Ele abriu a lâmina com um movimento rápido e levantou-a acima de sua cabeça, com seus olhos brilhando. Então ele repetiu as mesmas palavras que havia sussurrado em seu ouvido vinte e três anos atrás quando ela estava sentada amarrada a uma cadeira, prestes a ver sua mãe morrer.

“Você tem que ver, pequena Joaninha. Você tem que saber a verdade.”

E então ele levou a lâmina para baixo, rápido e com força, enquanto um som de tiro distante soava.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Jessie ainda estava encostada na parede, mas o pai não estava mais na frente dela. Ela olhou para a esquerda e o viu deitado no chão, curvado em si mesmo. E então ela olhou para a direita até o final do corredor e viu alguém com uma arma apontada na direção deles. A fumaça se dissipou e ela percebeu que era o oficial Tim Beatty.

“Não se mexa!”, ele gritou.

Ela não tinha intenção de se mover. Mas seguindo a linha de visão dele, ela percebeu que aquela ordem não era para ela. Ela olhou para a esquerda e viu seu pai lentamente se levantando. O braço esquerdo dele pendia frouxamente, com um buraco aberto e polpudo ocupando a maior parte do ombro esquerdo.

Ele deu um passo em direção à Jessie e outro tiro soou. Desta vez, a bala o atingiu no lado esquerdo do abdômen. Todo curvado, ele cambaleou para trás, através da névoa esfumaçada entrando pela porta aberta do apartamento mais próximo a ele.

Alguns segundos depois, quando Beatty se aproximou dela, Jessie ouviu um som estridente, algo quebrando.

“Fique aqui”, disse o oficial enquanto ele passava por ela e entrava pela névoa da unidade onde Xander tinha ido.

Incapaz de ficar em pé mais tempo, Jessie deslizou pela parede até que ficou sentada. Alguns momentos depois, Beatty emergiu do apartamento.

“Ele se foi”, disse ele. “Ele jogou uma cadeira por uma janela e pulou para fora.”

“Ele está morto?”, Jessie perguntou.

“Eu não sei. Não vejo um corpo. O toldo do edifício fica logo abaixo desse apartamento, então pode ter amortecido a queda dele. Mas mesmo que ele tenha sobrevivido, não posso imaginar que ele vá longe com aquela ferida no estômago. Como você está?”

“Estou bem”, ela estremeceu. “Você deveria ir atrás dele, só para ter certeza. Nós não podemos deixá-lo ir embora.”

“Está certo”, disse ele. “Você está mesmo bem?”

Ela assentiu e ele começou a andar pelo corredor, passando pelo que restava do apartamento dela. Isso ativou a memória dela.

“Espere”, ela gritou, apesar da dor. “Nettles. Você tem que pegá-lo. Ele está no meu quarto, no chão perto da parede. Ele está muito ferido. Meu pai cortou a garganta dele.”

“O quê?!”, Beatty gritou enquanto corria para o apartamento, sem esperar por uma resposta.

Jessie esperou vários segundos, tentando recuperar as forças. Por fim, ela conseguiu ficar de pé e foi tropeçando na direção de seu apartamento. Assim que ela chegou lá, Beatty apareceu. Ele havia colocado Nettles sobre o ombro direito dele.

“Ele está vivo?”, Jessie perguntou apreensivamente.

“Ele tem pulso”, disse Beatty. “Mas não tenho certeza por quanto tempo mais.”

“Eu vou cuidar dele. Você vá atrás de Thurman”, ela disse.

“De jeito nenhum”, argumentou Beatty. “Não podemos deixá-lo aqui. Os paramédicos ainda vão levar mais dez minutos para chegar até aqui. Ele não vai aguentar tanto tempo assim. Nós temos que ir até eles. E ele é muito grande para você carregar.”

“Vamos levá-lo para baixo”, disse Jessie, percebendo que ele estava certo. “Tem que haver uma ambulância aqui agora. Se você puder carregá-lo, eu cuido das portas.”

Beatty assentiu, embora sua expressão sugerisse que seria uma luta. Ele mesmo tinha estado inconsciente apenas há alguns minutos e sua cabeça provavelmente estava gritando. Eles foram pelo corredor e estavam quase no vão da escada quando a porta se abriu e três homens em um equipamento das Forças Especiais entraram.

“Ninguém se move!”, o da frente gritou enquanto apontava a arma para eles. “Identifiquem-se.”

Jessie olhou para Beatty, que parecia estar se esforçando muito para segurar Nettles, sem condições de falar. Ela decidiu tomar a iniciativa.

“Eu sou Jessie Hunt, especialista em perfis criminais do departamento. Estes são os oficiais Beatty e Nettles da Delegacia Central

do Departamento da Polícia de Los Angeles. Este é o prédio onde moro. Esses oficiais foram designados pelo Capitão Roy Decker para me proteger de meu pai, o assassino em série Xander Thurman. Ele nos atacou momentos atrás."

"Eu vou precisar de identificação", o oficial das Forças Especiais gritou, interrompendo-a.

"Eu ficarei feliz em lhe mostrar minha identificação", ela respondeu, mantendo o tom calmo, mas resoluto. "Mas há mais dois problemas mais urgentes. Primeiro, este oficial foi gravemente ferido por Thurman. Sua garganta foi cortada. Ele precisa de atenção médica imediata. Em segundo lugar, Thurman pulou de uma janela em cima do toldo em frente ao prédio. O oficial Beatty atirou nele no abdômen e no ombro e acho que fraturei seu crânio com um cassetete. Mas ele ainda é extremamente perigoso. Você deveria ter homens procurando por ele antes que ele fuja."

Antes que o oficial das Forças Especiais pudesse responder, Beatty grunhiu de dor. Jessie olhou e percebeu que ele estava prestes a desmoronar.

"Eu preciso de ajuda", ela exigiu. "Ele não consegue segurar Nettles por mais tempo. Ou eu o ajudo ou um de vocês o faz."

Nenhum dos oficiais das Forças Especiais se moveu, e então ela tomou a iniciativa, indo até Beatty e ajudando-o a colocar Nettles do chão. As armas da equipe das Forças Especiais continuavam apontadas para eles.

"Sinto muito", Beatty bufou. "Eu pensei que eu conseguiria carregá-lo, mas estou me sentindo tonto."

"Tudo bem. Você foi atingido na cabeça. Você provavelmente tem uma concussão", ela disse antes de se virar para o oficial líder das Forças Especiais e implorar. "Você pode por favor chamar um paramédico e pedir a alguém no andar de baixo para ficar à procura de um homem alto, na casa dos cinquenta, com um buraco de bala no estômago?"

Isso pareceu virar a maré.

"Faça o aviso", ele ordenou a um dos agentes. "Paramédicos primeiro, depois faça a descrição. Eu vou ajudar aqui. Jeb - mantenha sua arma apontada nesses dois. Qualquer movimento repentino atire nos joelhos."

Jessie não se ofendeu, feliz por ficar apenas com um joelho estilhaçado se isso significasse que Nettles sobreviveria.

*

Dez minutos depois, Jessie sentou-se no banco de trás de uma ambulância, observando um paramédico cuidar de Beatty.

Nettles havia sido estabilizado e imediatamente transportado para o hospital Dignity Health, a menos de cinco minutos de carro, onde passaria por uma cirurgia de emergência. As unidades estavam na rua, vasculhando a vizinhança por qualquer sinal de seu pai. Até agora, eles tinham voltado sem novidades e ela temia que continuasse assim.

O paramédico que tinha tratado das várias queimaduras dela provocadas pelas explosões e também daquilo que ele suspeitava ser uma concussão, veio até ela.

“Seu Capitão quer que nós transportemos vocês para o hospital. Ele vai nos encontrar lá. Nós vamos partir em um minuto. Outros policiais estão apenas verificando se não há outros feridos que possam fazer a viagem conosco.”

Jessie assentiu. Quando ele se afastou, ela observou a van da Unidade de Cena do Crime encostar, para processar a cena. O médico legista provavelmente chegaria em breve para cuidar dos corpos de Fred e Jimmy, dois homens que estariam vivos agora se ela não tivesse se mudado para esse prédio. Um feio coquetel de culpa e pavor estava se formando nas suas entranhas quando o telefone tocou. Era Brady Bowen.

“Ei, Brady”, ela respondeu, impressionada com o quão normal sua voz soava.

“Oi, Jessie. Desculpe incomodá-la durante noite, mas eu estava esperando que você pudesse me dar uma mão.”

A voz dele soava ansiosa, mas ela teve a nítida impressão de que ele não fazia ideia de qual era a situação dela. Tudo bem. Se isso significasse desviar sua atenção do que acabara de acontecer, ela estava mais do que disposta a deixar de lado seu pesadelo pessoal e concentrar-se no de outra pessoa.

“Como posso ajudar?”

“Nós definitivamente perdemos Gray Longworth”, disse ele. “É como se ele tivesse simplesmente desaparecido. Investigamos as finanças dele e descobrimos que ele tem um pequeno galpão de armazenamento em Venice, não muito longe do escritório dele. Estamos designando uma equipe para arrombar aquilo, caso ele esteja escondido lá. Eu vou me juntar a eles.”

“Ok”, disse Jessie, sem muita certeza para onde aquela conversa estava indo. “Parece que você tem as coisas sob controle. O que você precisa de mim?”

“Porque uma das últimas comunicações que Longworth enviou antes de ele sumir foi uma mensagem de texto para a esposa dele dizendo que era culpa dela que tudo isso estivesse acontecendo e que ela iria se arrepender de como ela o estava tratando.”

“Isso soa sinistro”, disse Jessie.

“Eu concordo. Eu liguei para ela há pouco tempo. Eu não disse a ela o que está acontecendo. Eu disse que queria apenas verificar se estava tudo bem. Ela está em casa e parecia que tudo estava normal. Mas achei que valeria a pena alguém ir até lá e verificar, talvez permanecer um pouco lá até resolvermos isso.”

“E você quer que eu vá?”, Jessie perguntou, surpresa. “Você sabe que eu não sou policial, certo? Além disso, nós não nos demos bem.”

“Eu sei. Mas eu imaginei que mandar você a assustaria menos do que ter dois policiais uniformizados parados do lado de fora da casa. Além disso, eu não consigo falar com Ryan. Minhas chamadas continuam indo para o correio de voz dele.”

“Ele está na academia”, Jessie informou a ele. “Ele estava se sentindo incapaz depois que Percival o agarrou pelas costas. Ele deve terminar em breve. Tem certeza de que não está me ligando apenas porque acha que uma garota seria melhor em consolar outra garota?”

“Primeiro de tudo, isso magoa”, disse Brady, fingindo-se ofendido. “Eu sou um homem moderno e nunca faria tais suposições arcaicas. Segundo, como você disse, eu vi vocês duas interagindo. Não há como descrever sua maneira como sendo ‘consoladora’. Eu só preciso de alguém que ela conheça para cuidar dela até resolvermos isso.”

Jessie queria dizer não. As queimaduras que ela tinha sofrido na explosão precisavam de cuidados e sua cabeça ainda estava ligeiramente

zonza. Mas decepcionar um detetive da polícia de Los Angeles que estava lhe pedindo diretamente ajuda parecia um passo errado. Mais importante, se Gray Longworth acabasse matando Eliza e ela pudesse ter estado lá para ajudar a prevenir, ela sabia que nunca seria capaz de se perdoar.

“Ok, eu vou.”

“Obrigado”, ele disse, parecendo genuinamente grato. “Eu vou ver se Ryan pode te encontrar quando eu finalmente conseguir falar com ele. Eu a aviso assim que conseguir, pode levar algumas horas. Estamos com a equipe reduzida para fazer essa busca. Houve um engavetamento gigantesco na autoestrada Pacific Coast cerca de uma hora atrás. Aconteceram várias mortes e metade das nossas unidades estão lá. Você ainda está bem com isso?”

“Eu já me comprometi, Brady. Eu pareceria muito idiota se desistisse agora.”

“Sim, você pareceria. Obrigado novamente. Eu vou mantê-la informada sobre o andamento da busca.”

Ele desligou sem dar outra palavra.

O paramédico se aproximou, segurando o antebraço de uma mulher de vinte e poucos anos que estava mancando levemente.

“Estamos levando esta jovem como precaução”, disse ele, claramente irritado. “Ela pode ter uma torção no tornozelo. Se você puder entrar, Senhora Hunt, sairemos.”

“Ela pode tomar o meu lugar”, Jessie disse a ele. “Algo surgiu. Eu vou ter que ir para o hospital mais tarde.”

“Não acho que seja uma ótima ideia. Essas queimaduras podem estar infectadas e eu gostaria que alguém avaliasse sua cabeça. Estou quase certo de que você teve uma concussão. Além disso, seu Capitão ficaria muito chateado se você não aparecesse.”

“Eu aprecio a preocupação”, disse Jessie enquanto saía da ambulância. “Eu prometo fazer o exame assim que terminar essa outra coisa. E eu prometo ligar para Decker para que ele saiba o que está acontecendo. Você está liberado.”

“De alguma forma, eu duvido disso.”

Considerando que ela não tinha intenção nenhuma de chamar o Capitão, o pobre rapaz provavelmente estava certo.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Jessie quase saiu da estrada.

Quando chegou a Pacific Palisades, estava escuro. E com a iluminação limitada daquela comunidade isolada à beira do oceano, percorrer as estradas sinuosas já era um desafio, mesmo sem ferimentos na cabeça. Pelo menos duas vezes, ela teve que virar rapidamente o volante para não despencar do desfiladeiro.

Ela parou na casa dos Longworth e saiu. Enquanto caminhava para a porta da frente, ela mandou uma mensagem para Ryan e Brady para que eles soubessem que ela tinha chegado. Ela não obteve resposta de Ryan, mas Brady mandou uma mensagem de volta imediatamente.

Sua mensagem dizia: *O galpão de armazenamento de Venice foi um fracasso. Verificando o escritório novamente. Analisando os cartões de crédito dele para ver se alguma coisa aparece. Enviando uma unidade para ir ao seu encontro como precaução. Fique alerta.*

Ficar alerta era uma coisa. Fazer alguma coisa sobre uma ameaça em potencial era outra. Ela estava sozinha com uma mulher e seus filhos em uma casa isolada sem uma arma. Ela não passava exatamente a imagem de força e segurança.

Finja, Jessie. Se você parecer confiante, ela se sentirá segura.

Ela bateu na porta. Demorou quase um minuto para Eliza responder. No segundo que ela o fez, Jessie soube que a mulher estava bêbada.

“O que você quer?”, Eliza perguntou, beirando a hostilidade.

“Seus filhos estão aqui?”, Jessie perguntou antes que ela pudesse se conter.

“Não. Eles estão na minha mãe em Orange County. Eu precisava de uma noite de folga. Caso você ainda não tenha percebido, eu tenho estado um pouco estressada ultimamente. Você está aqui para me estressar ainda mais?”

Ela não estava falando arrastado, mas Jessie podia ouvir os efeitos suaves da lubrificação líquida no discurso dela. Ela decidiu que se fosse para convencer essa mulher a deixá-la entrar, o melhor curso de ação seria apaziguar as coisas.

“Espero que não”, disse ela suavemente. “Eu estou realmente aqui para ajudar, se você me permitir. Posso entrar?”

“Promete não me interrogar novamente?”, Eliza perguntou.

“Eu prometo”, Jessie assegurou-lhe.

“Tudo bem”, disse Eliza, e voltou pelo corredor, deixando Jessie sozinha fechando e trancando a porta.

“Você se importa se ligarmos o seu sistema de segurança?”, Jessie perguntou tão despreocupadamente quanto podia.

“Eu não deveria estar segura com o Departamento da Polícia de Los Angeles na minha casa?”, Eliza respondeu do fundo do corredor.

“Na verdade, eu não sou uma policial” disse Jessie. “E é melhor prevenir do que remediar, certo?”

“Acho que sim. O código é nove, oito, sete e seis. Eu mudei depois que expulsei Gray.”

Jessie ativou o alarme e seguiu a outra mulher pelo corredor até à sala de estar, onde Eliza já estava deitada no sofá com um copo e uma garrafa de vodka na mesa de café em frente a ela.

“Você mudou o código na noite em que ele saiu?”, Jessie perguntou.

“Sim. Também chamei um chaveiro para trocar as fechaduras. Custou uns belos trocados.”

“Você estava preocupada com sua segurança?”

“Nah”, disse Eliza com desdém. “Eu só não queria que ele se esgueirasse aqui para dentro e pegasse roupas extras ou dormisse no sofá ou algo assim. Ele merece se virar num hotel com as poucas coisas que conseguiu colocar na mala.”

“É por isso que você não informou sobre a mensagem que ele lhe enviou esta tarde?”, Jessie perguntou, sentando-se na cadeira de madeira maciça em frente a Eliza. “Você não o vê como uma ameaça, mesmo depois do que aconteceu com Penelope?”

“Talvez ele fosse uma ameaça para ela, mas não para mim. Você tem que ter paixão por alguém para fazer o que foi feito com ela. Ele não tem mais isso comigo. De uma maneira estranha, acho que nós dois

amavamos Penny mais do que um ao outro. De qualquer forma, acho que o papo dele na mensagem de que eu ficaria ‘arrependida’ era principalmente uma ameaça financeira.”

“Ele desapareceu”, Jessie disse a ela categoricamente.

Os olhos de Eliza embotados de vodka se animaram com isso.

“Mesmo?”, ela perguntou. “Isso não é muito o gênero de Gray. É por isso que você está aqui - para me proteger, caso ele venha me fazer pagar pelo meu crime de me sentir injustiçada?”

“Mais ou menos. Você não está preocupada?”

“Eu não estava até cerca de dez segundos atrás. Mas agora você me assustou um pouco.”

“Ele sabia que as crianças não estariam aqui esta noite?”, Jessie perguntou.

“Sim. Ele ligou esta manhã e disse que queria levá-las para jantar hoje à noite. Eu disse a ele que elas estavam na casa da minha mãe e que ele não poderia se aproximar delas ou eu chamaria os policiais alegando tentativa de sequestro.”

“Tenho certeza que ele adorou isso”, Jessie refletiu.

“Vamos apenas dizer que a mensagem dele foi mansa em comparação com o que ele me disse ao telefone depois que eu falei aquilo”, ela admitiu, e depois franziu a testa. “Por que você se importa, afinal? Pelo jeito que você me confrontou no outro dia, parecia que você queria me jogar atrás das grades mais do que a ele.”

“Eu estava apenas fazendo meu trabalho, Senhora Longworth”, disse Jessie. “Ser simpática não te torna inocente. É meu trabalho seguir todas as pistas, mesmo que uma delas seja uma mulher traída pelo marido e pela sua melhor amiga.”

“Sim, bem, eu acho que você entende sobre maridos traidores”, Eliza murmurou.

“O que você quer dizer?”

“Como eu disse, minha mãe mora em Orange County. Quando contei a ela sobre o caso e mencionei seu nome, ela sabia exatamente quem você era - a esposa do marido traidor que tentou matá-la. Eu pensei que você iria ser mais compreensiva sobre o lugar que eu me encontro hoje em dia.”

“Eu compreendo”, insistiu Jessie. “É por isso que eu tive ser mais dura com você, porque estou inclinada a ser solidária com você.”

“Sim, bem, o que você chama de ’ser mais dura’, eu chamo de ser uma vadia. Mas tudo bem.”

“Olha, eu não quero entrar em uma discussão agora”, disse Jessie, tentando se manter tranquila, mesmo com a cabeça latejando, provavelmente um efeito posterior da concussão. “O detetive Brady me pediu para vir aqui até que localizem seu marido e fiquem de olho nas coisas. Isso é o que eu gostaria de fazer. Você se importa se eu der uma olhada ao redor?”

“Como quiser”, disse Eliza, enchendo seu copo meio vazio.

Jessie percorreu todo o andar principal, verificando se as portas e janelas estavam trancadas. Então ela fez o mesmo no andar de cima. Quando ela voltou, Eliza estava na cozinha, fazendo pipoca no micro-ondas.

“Eu estava prestes a assistir algum *reality show* de baixa qualidade”, disse ela quando viu Jessie entrar novamente na sala. “Quer se juntar a mim?”

“Talvez em um minuto”, disse Jessie. “Mas do lado de fora, achei que esse lugar tinha três andares. Eu só vejo dois.”

“A porta para o andar de baixo fica na lavanderia perto da garagem”, disse Eliza, apontando o caminho. “A casa parece impressionante com três andares e tudo. Mas a verdade é que o nível mais baixo é mais um porão. Nós o usamos para armazenar suprimentos e outras coisas. É um pouco decepcionante.”

“Esse nível tem algum ponto de acesso? Portas, janelas?”

O rosto de Eliza de repente mudou, perdendo a expressão desinteressada.

“Na verdade, há uma janela voltada para o quintal.”

“Você verificou se está trancada?”, Jessie perguntou.

“Não. Eu não vou lá embaixo há dias.”

“Ok”, disse Jessie, sentindo-se um pouco apreensiva. “Eu vou descer e dar uma olhada. Você tem alguma coisa tipo um ferro espalhador de brasas da lareira ou um taco de golfe que eu possa pegar emprestado?”

“Os tacos de Gray estão na garagem, bem ao lado da porta. Mas você não acha realmente que ele tenha entrado, não é?”

“Quase certamente não”, Jessie disse tranquilizadoramente. “Mas vou dar uma olhada só para ter certeza de que a janela está trancada e tudo está em ordem.”

“Talvez eu deva ir até lá com você”, Eliza sugeriu, “para mostrar onde tudo está. É fácil tropeçar em coisas lá embaixo.”

“Não. Minha prioridade é mantê-la segura. Eu prefiro que você fique aqui em cima. Mas pode ficar com o telefone em mãos e se ouvir alguma coisa... incomum, ligue para a emergência.”

“E aquela coisa toda de “juntos somos mais fortes”?”, Eliza perguntou. “Você pode precisar de mim.”

“Essa coisa pode ser verdade em geral, mas quando uma dessas pessoas está encharcada de vodka, a força tende a ser minimizada. Sem ofensa.”

“Ofensa meio que tomada”, Eliza respondeu.

“Desculpe”, disse Jessie, embora fosse claro para as duas que ela não estava arrependida.

“Eu tenho que te dizer, Senhora Hunt, você está seriamente estragando o meu clima.”

Jessie não respondeu e, em vez disso, caminhou pelo corredor até à garagem, pegou um taco da sacola de golfe de Gray e abriu a porta da lavanderia. Eliza colocou a cabeça para fora da sala e acenou com o telefone para indicar que estava a postos.

Jessie assentiu, abriu a porta que ligava a lavanderia até ao andar inferior, acendeu a luz tremulante e deu o primeiro passo pela escorregadia escada de madeira.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Jessie não tinha certeza se as escadas se sustentariam.

A cada passo ela rangia alto, alertando sobre sua presença para qualquer um que estivesse potencialmente abaixo e fazendo-a temer que a madeira simplesmente rachasse, e a jogasse para o chão.

Apesar de suas dúvidas, as escadas não desmoronaram. Quando chegou ao fundo, ligou o interruptor de luz preso a uma viga de madeira. A luz que aquilo oferecia era de um amarelo inexpressivo, monótono e tremeluzente, que enviava raios fracos e não penetrantes através do que se revelava ser uma sala grande, cheia de caixas, suprimentos e alguns móveis jogados. Ela notou que a oscilação instável da lâmpada exacerbava a dor em sua cabeça.

Com o taco de golfe posicionado por trás de seu ombro, como se fosse um taco de beisebol, Jessie se aproximou da única janela do lugar, na parede dos fundos, que margeava a encosta. Ela se aproximou e viu que a única trava estava no lugar.

Ela largou o taco e tentou abrir a janela, só por precaução. Ela não cedeu. Jessie rapidamente agarrou o taco novamente e virou-se de frente para o cômodo. Só porque a janela estava trancada agora não significava que alguém não tivesse entrado mais cedo e feito isso sozinho.

Ela se moveu metodicamente pelo resto da sala, checando atrás de caixas grandes e do aquecedor de água. O cômodo parecia desocupado. Ela estava prestes a voltar a subir as escadas quando percebeu que o que inicialmente parecia ser um desenho decorativo ao longo da parede oposta era na verdade a porta estreita de um pequeno armário.

Ela se moveu lentamente, tentando respirar em silêncio para poder ouvir se havia alguém fazendo o mesmo atrás da porta. Quando ela estava perto, segurou a maçaneta com a mão esquerda, mantendo um aperto forte no taco de golfe com a direita. Sem parar para reconsiderar, ela abriu e deu um passo para trás.

Não havia ninguém lá. Na verdade, o closet era ocupado por um velho aspirador de pó, algumas luminárias, uma velha vassoura e uma maleta de aparência surrada e macia no canto de trás.

Jessie estava prestes a fechar a porta quando seus olhos se voltaram novamente para a mala. Ela notou que estava inchada ligeiramente no meio, como se houvesse algo dentro dela. Aquilo não era tão incomum assim. Jessie colocava mochilas e mais mochilas dentro das malas para economizar espaço em seu apartamento.

Mas algo sobre a forma daquela protuberância parecia familiar de uma maneira que ela não conseguia identificar. Ela puxou uma cordinha pendurada para acender a luz do teto do armário. Então tirou um lenço de papel do bolso e o usou para abrir o zíper da mala lentamente.

Dentro da mala havia uma embalagem de água sanitária. No rótulo havia o nome *Green Clean*, a mesma marca ecológica que Ryan dissera ter sido usada para limpar a faca que matou Penelope; a marca que ele disse ser difícil de encontrar, mesmo neste bairro.

Jessie involuntariamente agarrou o taco de golfe com mais força. Ela fechou a porta e começou a subir as escadas, tentando calcular a probabilidade dessa marca específica de água sanitária estar armazenada em um armário na casa de pessoas suspeitas do assassinato da vizinha.

Ela parou no meio das escadas para ver se seu celular tinha sinal, para que ela pudesse enviar uma mensagem para Brady e Ryan sobre sua descoberta. Ela não ficou surpresa ao descobrir que não havia nenhuma barra no indicador de rede. Quando chegou ao topo, quase esperava encontrar Gray Longworth parado com uma faca de cozinha sangrenta na mão. Mas não havia ninguém.

Ela olhou ao redor da lavanderia, procurando por outra embalagem de água sanitária da marca *Green Clean*. Nenhuma estava imediatamente visível. Ela abriu o armário acima da máquina de lavar e não encontrou nada ali.

Cada vez mais perturbada e sentindo-se levemente enjoada pela dor em sua cabeça, ela voltou pelo corredor até à sala, onde encontrou Eliza parada na cozinha, mastigando pipoca em uma tigela no balcão com uma mão enquanto ainda segurava o telefone com a outra.

“Tudo bem?”, ela perguntou. “Preciso ligar para o 911 ou a janela estava trancada?”

“Estava”, disse Jessie. “Nada para se preocupar com isso.”

“Então por que você ainda está segurando o taco de golfe?”, Eliza perguntou, acenando em direção ao objeto que Jessie ainda estava apertando com força.

“Oh. Eu imaginei que isso teria que cumprir o papel de uma arma. Você não se importa, não é?”

“Não”, disse Eliza, enquanto colocava o telefone de volta na base. “Mas só tenha cuidado onde você balança isto. Nossa arte não é cara, mas eu ainda assim gosto dela.”

“Não há problema”, disse Jessie, enquanto uma série de pensamentos começaram a bombardear seu cérebro por todos os lados. “Posso lavar minhas mãos? Elas ficaram um pouco sujas lá embaixo. E eu adoraria também um ibuprofeno, se você tiver algum. Minha cabeça esta me matando.”

Eliza entregou-lhe uma xícara e um frasco de pílulas que estavam no balcão, depois apontou na direção da pia da cozinha, repleta de adornos chamativos. Jessie se aproximou, apoiou o taco de golfe chão contra o armário e ligou a torneira. Ela esfregou as mãos em uma espuma ensaboada enquanto o som da água funcionava como uma espécie de ruído calmante, ajudando-a a organizar seus pensamentos acelerados.

A água sanitária é difícil de encontrar, mas os vizinhos da vítima a têm. Eles não guardaram na lavanderia, mas a colocaram em uma mala em um armário pouco usado em um cômodo de estilo porão raramente utilizado.

Ela lembrou-se do interrogatório inicial com Eliza Longworth, quando a mulher disse que Gray nem sabia como lavar as roupas.

Qual a probablidade dele saber que eles tinham água sanitária, muito menos que soubesse onde encontrá-la?

Então ela se lembrou de como Eliza havia dito, apenas alguns minutos antes, que havia trocado as fechaduras e o código de segurança do alarme da casa no mesmo dia em que havia descoberto o caso, quando Penelope ainda estava viva. A limpeza da faca com a água sanitária não tinha acontecido até à manhã seguinte, quando Gray nem sequer tinha mais acesso à casa.

Uma sensação arrepiante de desconforto tomou conta de Jessie. Enquanto secava as mãos, ela olhou para Eliza, que parecia alheia a ela,

jogando pipoca em sua boca enquanto assistia a um show da *Real Housewives*.

Nesse momento, o telefone de Jessie tocou várias vezes de seguida.

“Uohhh”, disse ela, puxando-o do bolso.

“Isso provavelmente devem ser todas as suas mensagens chegando de uma só vez”, disse Eliza sem se virar. “Por alguma razão, a recepção dos celulares é melhor na cozinha. É por isso que passo metade de meu tempo aqui.”

“É bom saber”, disse Jessie, enquanto percorria as cinco mensagens que haviam chegado ao mesmo tempo. Ela viu que também tinha várias mensagens de voz.

A primeira mensagem de texto era do Capitão Decker, repreendendo-a por não estar no hospital para se encontrar com ele. A segunda era de Ryan, dizendo que ele a encontraria no apartamento dela em vinte minutos. Aparentemente, ele não sabia o que tinha acontecido quando a enviou. A terceira mensagem era de Decker novamente, ameaçando suspendê-la se ela não respondesse a ele o mais rápido possível. A quarta era de Ryan, dizendo que ele havia acabado de falar com Brady e estava a caminho da casa de Eliza para ajudar a ficar de olho nas coisas. Ele não fez qualquer menção ao incidente no apartamento, o que significa que ele ou não sabia ou tinha decidido deixar para lá. A mensagem final era de Brady. Dizia:

Encontramos Longworth. Estava bêbado em um bar. O telefone estava sem bateria. Nenhuma ameaça para a esposa. Você pode ir embora.

“Você é uma garota popular”, disse Eliza, olhando para ela.

Jessie engoliu em seco, percebendo que a mulher que estava em frente a ela quase certamente não era o que parecia. Ela tentou responder casualmente.

“Talvez popular demais”, disse ela, notando um ligeiro tremor em sua voz. “Parece que meu apartamento foi arrombado hoje à noite.”

“Oh, isso é uma merda”, disse Eliza, virando-se para encará-la. Ela parecia mais sóbria do que estava antes.

“Obrigada. Más notícias para mim. Mas tenho boas notícias para você.”

“Que notícias?”

“O detetive Bowen mandou uma mensagem. Parece que seu marido não está atrás de você. Eles o encontraram em um bar, afogando suas mágoas em um copo. O telefone dele tinha ficado sem bateria, e era por isso que eles não conseguiam encontrá-lo.”

“Isso é reconfortante”, disse Eliza sem ser sincera. “Então eu estou segura?”

“Parece que você está. Isso significa que eu posso te deixar em paz. Você pode voltar para as *Real Housewives* e eu posso ir lidar com a invasão do meu apartamento.”

Eliza assentiu. Ela não estava mais olhando para Jessie, mas sim encarando fixamente num ponto qualquer à distância. Depois de um momento, ela voltou sua atenção para Jessie. Sua mão sem pipoca estava sobre um pano de louça no balcão.

“Você sabe, não é?”, ela disse, sua voz com uma mistura de apreensão e aceitação.

Jessie a observou sem falar nada. Eliza parecia alerta, apesar dos múltiplos vodkas. Os olhos dela estavam fixos em Jessie, que percebeu existir um certo volume sob o pano de louça, como se houvesse algo descansando embaixo dele no balcão. Dando uma olhadela rápida, ela viu que o bloco de cutelaria que estava no canto tinha uma faca faltando.

Ela olhou para Eliza, percebendo que suas próximas palavras poderiam mudar a vida das duas.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

“Sei o quê?', ela perguntou, tentando manter a voz alegre enquanto o coração acelerava.

Eliza parecia estar pensando em como responder. Ela tinha parado de comer pipoca e a mão direita ainda pressionava o pano de louça com aquele volume suspeito abaixo dele. Finalmente, ela respondeu, com um tom de resignação.

“Assim que você disse que ia verificar o andar de baixo da casa, eu sabia que teria um problema”, ela disse com naturalidade. “Eu esperava que, se eu fosse lá com você, pudesse distraí-la. Mas você estava tão preocupada com a minha segurança, que eu tive que deixar para lá e torcer para que você fosse desatenta. Mas você não foi desatenta, certo?”

“Do que você está falando, Eliza?”, Jessie perguntou inocentemente, forçando-se a não olhar para o taco de golfe encostado no balcão a poucos metros de distância. “Eu disse que não havia ninguém lá embaixo.”

Ela sabia que essa enrolação não iria funcionar por muito mais tempo, mas precisava de alguns segundos para formular um plano antes que Eliza fosse direto ao ponto e as coisas esquentassem.

“Você tem que entender”, insistiu Eliza, ignorando os protestos de Jessie, sua voz aumentando em volume e intensidade. “Nunca foi minha intenção que as coisas desmoronassem da forma que aconteceu. Eu realmente pensei que seria capaz de deixar para lá tudo aquilo. Mas então a encontrei e ela não parecia tão arrependida quanto eu achava que ela deveria estar. Ela deveria exalar remorso. Ela sabia o que eu tenho passado. Você sabe o que quero dizer, Senhora Hunt?”

“Eu sei, Eliza”, disse Jessie, tentando compensar a angústia óbvia da outra mulher, agindo o mais calmamente possível.

“Quando eu estava na faculdade”, Eliza continuou, claramente não aliviada, “eu era… vitimizada. Penny me ajudou com isso. Ela era minha

rocha. Então, depois ter que ver a pessoa que mais entendia as minhas vulnerabilidades, simplesmente ignorá-las? Isso realmente doeu. Quero dizer, isso nem começa a descrever o que senti. Foi esmagador. Foi como um terremoto que só eu podia sentir. Isso faz algum sentido?"

"Sim", Jessie acalmou. "Eu entendo. Lembre-se, eu estive onde você estava."

Eliza respondeu, embora não estivesse claro que ela tivesse ouvido Jessie.

"Mas eu não senti a vergonha ou penitência apropriada vindo dela", ela disse, sua voz ficando perigosamente calma. "E então, eu não sei, essa fúria explodiu em mim e eu cedi a ela."

"Você está admitindo para mim que matou Penelope", disse Jessie, decidindo que ser direta teria que substituir a tática de ser cautelosa.

"Pode ser, não é?", Eliza disse, de uma forma que Jessie achou inquietante. "Nós duas sabemos que você viu a água sanitária original, ecológica, super-cara, comprada pela internet, fácil de identificar. E quem é que guarda água sanitária no porão em vez de na lavanderia, não é? Eu queria jogar fora, mas sabia que vocês tinham policiais me observando. Mesmo se eu despejasse a coisa toda pelo ralo, eu ainda teria que me livrar da embalagem vazia de alguma forma. Ninguém notou quando fizeram aquela varredura na casa no outro dia. Mas eu sabia que eles voltariam. Ainda assim, eu esperava poder fazer isso em breve, quando tudo se acalmasse e ninguém estivesse me seguindo por aí."

"Então você limpou a faca e decidiu lançá-la na trilha para fazer com que Gray parecesse culpado?"

O olhar frenético nos olhos de Eliza pareceu desvanecer-se um pouco quando ela se lembrou das particularidades de como isso tinha acontecido.

"Eu gostaria de poder dizer que planejei tudo isso", ela admitiu. "Depois que eu matei Penny - é estranho dizer isso em voz alta - eu levei a faca para casa para limpar as impressões e checar se eu não tinha sangue em mim. Eu estava surpreendentemente limpa considerando o que tinha acabado de fazer."

"Eu estava realmente voltando para a aula de ioga, na esperança tanto de usar aquilo como um álibi como para colocar a faca de volta no

bloco de cutelaria, antes que Beth chegasse lá. Olhando para trás, é estranho o quão tranquila e certa eu estava naquele momento. Era como se eu estivesse me olhando de cima, como se não fosse realmente eu fazendo todas aquelas coisas. É isso que geralmente acontece quando você mata alguém? Essa foi minha primeira vez."

"Eu não sei" Jessie disse suavemente, sem saber como responder, incerta sobre o que poderia atiçar a outra mulher.

"De qualquer forma", Eliza disse, retomando sua história como se ela estivesse contando a uma amiga sobre o seu dia "então eu vi o carro de Gray no caminho e percebi que ele devia ter ido dar uma corrida. Foi quando eu pensei que valia a pena tentar jogar a faca na trilha. Eu não sabia qual caminho ele tomava, mas seria suspeito de qualquer forma, certo?"

Sua voz era clara, mas ela estava falando rápido, com uma pitada de loucura.

"Certo", Jessie concordou, tentando desacelerar tudo. "Então, foi apenas um crime passional? Você não planejou tudo?"

"Deus, não", ela disse, genuinamente chocada com a idéia. "Eu estava improvisando tudo. Eu tive que rezar para que Beth não me visse vindo da parte de trás da casa quando ela estava encostando o carro lá. Eu tive sorte ali. E também tive sorte porque havia tantos outros suspeitos - o marido viscoso de Penny, o meu marido viscoso, outros caras com quem ela tinha dormido ao longo dos anos. Comecei a pensar que poderia realmente sair dessa. Você sabe, então isso poderia me consumir em silêncio pelo resto da minha vida."

"E agora?"

"Eu acho que você sabe o que acontece agora", respondeu Eliza, sua voz de repente mais firme enquanto a mão apertava o item sob o pano de louça. "Eu não posso deixar que isso se saiba. Eu não posso ir para a cadeia e ser afastada dos meus filhos."

Jessie começou a falar, mas Eliza estendeu a mão livre. Ela não havia terminado.

"Eu estava pensando enquanto você estava lá embaixo. E ocorreu-me que se você fosse morta com uma faca e eu estivesse gravemente ferida também, todo o caminho da investigação poderia mudar. Eu poderia dizer à polícia que tinha sido um assaltante mascarado. Então toda a

teoria do assassino ser alguém que ela conhecia iria embora. Eles iriam começar a olhar para invasões locais e crimes violentos aleatórios na área. Na verdade, poderia ser um salva-vidas; da minha vida, claro."

"Mas há um problema em relação a isso," Jessie disse cuidadosamente, tentando manter as coisas civilizadas, para que o aperto de Eliza na faca grande sob o pano não ficasse mais firme. "Não vai funcionar."

"Como você pode ter certeza?", Eliza interrogou.

"Você não está pensando claramente. Eu entendo - você está em uma situação desesperada e está procurando por alguma saída. Mas, Eliza, esses detetives são espertos. Eles não vão simplesmente aceitar a teoria de que foi um ataque aleatório. Eles vão investigar os ângulos das feridas de faca em mim. Eles vão ser capazes de dizer que as suas foram auto-infligidas. O detetive Hernandez vai perceber que eu descobri uma coisa nesta casa que te desestabilizou. Ele me conhece."

"Ele certamente parece que gostaria de conhecê-la melhor", disse Eliza, seu tom cheio de farpas.

"Vamos manter o foco em seu futuro, Eliza", Jessie disse com firmeza. "Porque você ainda pode ter um."

"Como você o imagina? Eu matei minha melhor amiga", sua voz falhou quando ela disse isso.

"Em um ataque passional", Jessie lembrou. "Depois você tentou encobrir o crime. Isso é tudo verdade. Mas isso não tem que ser o fim da história. Se você for a julgamento, seu advogado provavelmente poderá ser convincente ao alegar insanidade temporária. Sua melhor amiga há vinte e cinco anos estava tendo um caso com seu marido. Você surtou. Qualquer um poderia entender isso. Eu garanto a você que eu posso. Eu queria torcer o pescoço do meu marido. E se ele já não tivesse assassinado a amante dele, eu mesma poderia ter feito isso. Você pode até ser absolvida."

"Eu acho que nós duas sabemos que é improvável", disse Eliza, apesar de sua voz sugerir que ela não estava totalmente convencida.

"Talvez, talvez não", disse Jessie, mantendo a pressão. "Você nunca sabe como vai ser no júri. Mesmo se eles te condenarem, pode ser por pouco tempo. Isso não é incomum com crimes passionais. O promotor talvez nem queira ir a julgamento porque você é uma ré simpática. Eles

podem se preocupar com a anulação do júri e oferecer um pedido. Há uma chance razoável de que você possa sair daqui a alguns anos e ainda estar por perto para ver seus filhos crescerem."

"Mas...", Eliza disse, sentindo que havia um 'mas'.

"Mas não se você pegar a faca que está escondida debaixo desse pano. Pois aí você está tentando cometer um segundo assassinato. E tenha você sucesso ou não, você vai ser pega. E ninguém vai mais comprar a defesa da 'esposa injustiçada'. Você será apenas alguém que atacou uma agente da lei para tentar se safar - sem circunstâncias atenuantes. Eles vão pegar pesado com você."

Ela sentiu Eliza pesando tudo na mente e continuou, querendo manter o ritmo.

"Se você for bem sucedida em me matar - e você não será", ela disse com uma confiança que não sentia, "você vai para a cadeia por décadas. Gray, o homem que te traiu, vai criar seus filhos e eles terão seus próprios bebês antes de você sair. E se você realmente matar uma especialista em perfis criminais do Departamento de Polícia de Los Angeles, você provavelmente vai encarar a pena de morte, mesmo na Califórnia. Se eu fosse você, escolheria a porta número um, largaria a faca, viraria e ficaria de joelhos. É a única maneira de ver sua família novamente em breve em qualquer lugar, sem ser por trás do vidro."

Eliza olhou para ela por um longo tempo, a mão congelada no pano, seus olhos se movendo loucamente. Quando ela finalmente falou, foi com uma certeza que Jessie achou desconcertante.

"Eu acho que você está brincando comigo, Senhora Hunt", disse ela. "Eu acho que você está pintando um quadro do pior cenário, que pode nunca acontecer. Não há razão para a história do intruso não funcionar. Graças a sua dica, eu me certificarei de me dar feridas convincentes, que são terríveis demais para qualquer um pensar que eu mesma as faria em mim. Eu vou..."

Naquele momento, Jessie tomou uma decisão. Era claro que Eliza tinha feito a escolha dela, mesmo que ainda não tivesse agido. Não havia sentido em esperar que ela desse o primeiro passo. Esta poderia ser a única chance de Jessie surpreender aquela mulher desequilibrada à sua frente.

Então, enquanto Eliza estava no meio da frase, Jessie tentou pegar o taco de golfe. Infelizmente, ela se moveu muito rápido e, em vez de agarrá-lo, ela acidentalmente bateu na empunhadura, derrubando-o e fazendo-o deslizar ruidosamente por todo o chão da cozinha.

Eliza olhou para ela boquiaberta por uma fração de segundo. E então agarrou a faca.

CAPÍTULO QUARENTA

Jessie não esperou.

Ela pulou em Eliza enquanto ela levantava a faca de açougueiro acima da cabeça. A outra mulher estava apenas começando a dar o golpe para baixo quando Jessie fez contato, arremessando-a contra o balcão da cozinha com o ombro enquanto bloqueava a faca que vinha descendo em sua direção com o antebraço.

A força fez Eliza ir tropeçando para trás antes que Jessie pudesse tentar pegar a arma dela. Quando a mulher reencontrou o equilíbrio, Jessie olhou em volta desesperadamente, ignorando a dor de cabeça latejante. O taco de golfe estava perto dos pés de Eliza, era inútil. Ela não tinha arma. Estava indefesa.

A única coisa a seu alcance era a tigela de pipoca. Ela pegou e jogou o que havia sobrado em Eliza. Quando os grãos fofos ricochetearam em seu corpo, a outra mulher sorriu diante do absurdo da situação.

“Isso é simplesmente incrível”, ela ficou maravilhada, segurando a longa faca acima, perto do rosto dela. “Eu não teria previsto esse cenário no início da minha semana.”

“Eliza, não faça isso”, implorou Jessie, agarrando a tigela pelas bordas, com o fundo arredondado virado para Eliza. “É assim que você quer que seus filhos te vejam? Se você não deixar cair essa faca, não estará apenas destruindo sua própria vida. Você estará arruinando o futuro deles também.”

“É um pouco tarde para se preocupar com isso, você não acha? Estou decidida.”

Com isso, ela começou a avançar novamente, a faca levantada. Ela era menor do que Jessie, mas tendo o porte de uma ex-atleta que ainda se mantinha em forma, ela não seria facilmente subjugada.

Jessie não tinha tempo de se lembrar de todo o treinamento de autodefesa que aprendera no FBI, mas uma regra surgiu em sua mente.

Deixe seu atacante fazer o primeiro movimento e depois revide. Quando Eliza correu na direção dela, ela se manteve firme.

Deixe-a sair da posição.

Eliza levantou novamente a faca e a mergulhou bruscamente. Jessie levantou a tigela para bloquear o golpe. A lâmina bateu no fundo da tigela e deslizou inofensivamente para o lado. Em vez de recuar, Jessie continuou a empurrar a tigela para a frente com força. A base da tigela bateu diretamente no rosto de Eliza, atingindo-a com força na boca e no nariz.

Ela parecia mais chocada do que machucada, mas Jessie aproveitou o momento para atingi-la novamente na cara com o objeto. Então, com toda a força que conseguiu reunir, ela mais uma vez golpeou com a tigela, dessa vez atingindo o cabo da faca e o pulso direito de Eliza. A arma voou da mão dela e caiu no chão.

Jessie não esperou para ver o que aconteceria. Enquanto Eliza tentava perceber onde a faca tinha caído, Jessie golpeou com a tigela de pipoca de novo, atingindo diretamente a mandíbula da outra mulher antes que ela pudesse levantar os braços para se proteger.

Eliza cambaleou para trás, claramente atordoada. Jessie permaneceu agressiva, se livrando da tigela e dando um passo à frente antes de levantar a perna e chutar a outra mulher no estômago. Eliza voou para trás e bateu na parede oposta da cozinha antes de desabar sentada no chão.

Jessie se aproximou dela com cuidado. Eliza estava consciente, mas obviamente desorientada. Jessie rapidamente agarrou-a pelos tornozelos e a puxou, virando-a com força de bruços. Quando ela caiu deitada, a testa de Eliza bateu com força no chão da cozinha. Jessie ignorou e se colocou em cima da mulher, apoiando o joelho em cima da lombar de Eliza.

Jessie procurou no balcão por qualquer coisa para ajudá-la a conter Eliza e viu um liquidificador no canto. Ela desplugou o aparelho da parede, pegou uma tesoura do bloco de cutelaria e cortou o fio. Ela agarrou os pulsos de Eliza e os amarrou atrás das costas com aquilo.

Quando teve certeza de que o fio estava bem preso e sem tirar o joelho das costas de Eliza, ela pegou o celular.

“Ei, veja”, ela disse, embora respirando pesadamente, “a recepção *é mesmo* melhor na cozinha.”

Então ela ligou para Ryan.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Jessie tinha contido as lágrimas por tanto tempo que, quando finalmente eles chegaram, elas não pararam mais.

Foi só quando o funeral acabou e eles estavam deixando o cemitério que ela finalmente começou a retomar algum controle.

A temperatura ainda estava fria em Las Cruces em março e havia uma leve camada de neve no chão. Enquanto ela voltava para a limusine que a levaria para a recepção memorial no bar favorito de Pa, Kat Gentry e Ryan Hernandez acertaram o passo ao lado dela. Todos ficaram em silêncio por um tempo.

“Eu nunca tinha visto tantos tipos de policiais velhos e frágeis juntos de uma só vez”, Ryan finalmente disse. “Eu pensei que talvez máquinas de oxigênio e cadeiras de rodas deveriam ter sido fornecidas.”

Jessie sorriu fracamente com aquela tentativa de humor. Ela apreciou o esforço.

“Eles *são* um grupo maduro”, ela finalmente conseguiu responder, quando chegaram à limusine. “Nós vamos ter que ficar de olho neles no bar. Algumas das pessoas têm dificuldade em ficar de pé quando estão sóbrias. Bêbados podem ser feios.”

Jessie ficou um pouco surpresa com o quão emotiva ela tinha ficado quando seus pais foram enterrados. Ela não conseguia se lembrar de ter se descontrolado desse jeito em todos os anos que vivera com eles. Sempre tinha havido essa casca exterior dura em torno dela, desde que ela tinha visto sua mãe ser assassinada. Era como se alguém tivesse desligado a parte dela que lhe permitia sentir realmente a dor, porque se ela o fizesse, seria muito difícil de processar.

Ela pensou que seria assim também hoje. Afinal, os últimos dias tinham sido um turbilhão de atividades que a tinham obrigado a manter suas emoções sob controle. Primeiro, ela teve que ajudar a encerrar o

caso do assassinato de Penelope Wooten, incluindo todos os relatórios que ela teve que preencher sobre a captura de Eliza Longworth.

No meio do caminho houve várias visitas a hospitais para que sua cabeça fosse checada após a briga com Eliza e aquela em seu apartamento com seu pai. Suas queimaduras foram tratadas e seu diagnóstico de concussão confirmado. Ela tinha sido ordenada a pegar leve por um tempo e retornar para uma consulta de checagem final antes de retomar o trabalho. Isso até veio a calhar, porque ela tinha outro trabalho a fazer: encontrar um novo lugar para morar. Por enquanto, ela estava morando em um quarto de hotel.

Tudo isso tinha sido tão cansativo e puxado que ela simplesmente não tinha tido nenhum momento verdadeiramente calmo para lidar com o que tinha acontecido à sua família ou pensar sobre o homem que tinha feito isso com eles. Mas no cemitério mais cedo, sem nenhuma responsabilidade além de dizer adeus às duas pessoas que a tinham criado - que a tinham salvado - depois que o mundo dela havia se desfeito, ela não conseguiu mais manter os escudos erguidos.

Ela tentou não se punir, lembrando-se do que Pa sempre lhe dissera: eles sabiam do risco que tinham tomado adotando-a todos aqueles anos atrás. Eles sabiam quem era seu pai biológico e que um dia ele poderia encontrá-la. Eles sabiam que estavam colocando suas próprias vidas em perigo juntando-se a ela. O fato de que o perigo tinha se materializado mais de duas décadas depois não mudava isso.

Ainda assim, ela se permitiu pensar que a ameaça - pelo menos para eles - havia passado. Ela nunca imaginou que Xander iria buscar vingança matando dois aposentados que estavam vivendo seus anos dourados. Mas eles tinham eventualmente pago o preço por ficar perto dela, tal como Fred, o guarda de segurança e Jimmy, o porteiro, tinham pago o preço por trabalhar no edifício onde ela morava. Os funerais desses dois homens seriam no começo da próxima semana.

Enquanto eles iam para o bar, Jessie se perguntava como iria aguentar aquilo. As famílias daqueles homens não sabiam que as mortes deles estavam ligadas a ela e não teriam qualquer ressentimento com ela quando ela fosse oferecer suas condolências. Mas *ela* saberia.

O oficial Nettles era outra história. Ele estava no caminho da recuperação - os médicos lhe haviam dito que ele seria capaz de falar

novamente em algumas semanas e provavelmente retornaria ao trabalho em alguns meses. Mas sua esposa estava furiosa por quase tê-lo perdido enquanto protegia Jessie e a proibira de visitá-lo no hospital. Jessie entendia isso.

O Capitão Decker estava pegando leve com ela, dando-lhe duas semanas de folga para se recuperar física e emocionalmente. O fato de ter sido atacada duas vezes na mesma noite por assassinos, deu a ela uma espécie de passe livre para não se encontrar com ele no hospital ou entrar em contato, embora Ryan a tivesse avisado de que ela talvez não fosse receber muitos desses novamente.

Havia ainda outras questões que ela precisava resolver, mesmo que ela não estivesse trabalhando. A mais importante da lista era determinar o que havia acontecido com o pai dela depois que ele tinha pulado pela janela no prédio dela.

Ele estava fisicamente mal, com ferimentos de bala no abdômen e no ombro, várias queimaduras das explosões que ele mesmo havia provocado e, ela tinha certeza, um crânio fraturado. E como não podia ir a um hospital na área para receber tratamento, ele provavelmente estava se recuperando às escondidas, no submundo.

Decker parecia convencido de que ele estava morto. Essa crença baseava-se em detetives que encontraram um corpo gravemente queimado a cerca de um quilômetro de distância, à beira de um acampamento de desabrigados. Estava carbonizado demais para identificação, mas o médico indicou que o homem tinha cinquenta e poucos anos e estava com estilhaços de balas no ombro esquerdo e nas costelas. A hora aproximada da morte se correlacionava com quando Xander tinha sido baleado.

Mas Jessie não comprava aquela ideia. Xander Thurman não teria acabado queimado até à morte pelas mãos de um mendigo. Ele teria criado alguma história para despistar e ido para o submundo, para poder se recuperar e se reerguer sem a polícia procurando por ele. Ele ficaria escondido até que a poeira baixasse e estivesse forte o suficiente para cumprir sua missão. Jessie tinha certeza de que a tal missão era fazê-la pagar por tê-lo rejeitado; por não ter se juntado a ele em seu grande empreendimento para reduzir o rebanho e livrar o mundo das almas

indignas. Ele pode estar fora de serviço por um tempo, mas não estará para sempre.

Eles ainda estavam tentando determinar exatamente como ele havia conseguido encontrá-la. Um dos caras da tecnologia tinha descoberto imagens de alguém que parecia com ele no aeroporto de El Paso, captadas na manhã em que Jessie tinha voado de volta para Los Angeles. Se ele a tivesse visto entrar no terminal, mesmo que ele não pudesse entrar lá sem um bilhete, não teria sido difícil filtrar os possíveis destinos dela.

Como ele havia encontrado o prédio dela, no entanto, ainda era um mistério. Jessie sabia que ela teria que ter uma resposta a essa pergunta se ela quisesse se sentir segura onde quer que ela fosse fincar raízes. E ela também decidiu que sua nova casa deveria incluir um outro elemento essencial. Tinha que ser um lugar onde ninguém mais estivesse em risco, como Fred e Jimmy tinham ficado.

Nesse meio tempo da procura por uma casa nova, ela tinha ainda uma outra grande responsabilidade. Ela deveria prestar depoimento em antecipação da audiência preliminar de Eliza Longworth, na qual ela seria acusada de assassinato e tentativa de homicídio, entre outras coisas.

Brady Bowen, que pediu desculpas mais vezes do que conseguia contar por colocá-la ‘em perigo’, concordou que se Eliza tivesse apenas se entregado em vez de atacar Jessie, ela poderia ter saído em menos de uma década e visto os dois filhos se formarem na escola

Agora ela iria definhar na prisão por décadas, presa e sabendo que o homem que traiu sua confiança estava criando os filhos dela. Mas ela fizera uma escolha e Jessie já quase não tinha nenhuma simpatia por ela em estoque.

No bar, aparentemente todo policial aposentado do Novo México queria oferecer um brinde a Bruce e Janine Hunt. Se Jessie tivesse participado de todos eles, ela não conseguiria ficar de pé, muito menos conseguiria ir para o aeroporto para apanhar seu vôo noturno de volta para Los Angeles. Depois dos primeiros dois *drinks*, ela mudou para água mineral, assim como Kat e Ryan.

Cada música tocada era uma das favoritas de Bruce ou Janine. Algumas vezes, especialmente durante a interpretação de Patsy Cline de ‘*Crazy’*, ela flagrou Ryan olhando para ela quando ele pensava que ela

não iria notar. Ela se viu fazendo a mesma coisa com ele e percebeu que, em algum momento, quando sua vida se acalmasse, ela precisaria descobrir exatamente o que estava acontecendo ali.

Os pensamentos sobre Ryan desapareceram quando a música seguinte começou a tocar. Foi '*Don't Worry, Be Happy*', de Bobby McFerrin. Uma onda de memórias em cascata caiu de repente sobre ela ao mesmo tempo. Ela imaginou Pa oferecendo-lhe ajuda depois que ela tinha caído enquanto esquiava na pista de iniciantes. Ela viu Ma esperando na porta da frente quando chegava em casa da escola, segurando uma caneca de chocolate quente coberta com um enorme monte de creme chantilly. Lembrou-se de ambos correndo para seu quarto quando ela gritava na hora de dormir e ficavam ali a noite toda, amassados em sua pequena cama, para que eles fossem a primeira coisa que ela visse quando acordasse pela manhã. Ela se afastou de Kat e Ryan e usou a manga para enxugar as lágrimas que rolavam por suas bochechas.

Eles ficaram lá cerca de uma hora quando Kat recebeu uma ligação. Jessie não podia ouvir o que estava acontecendo no bar barulhento, mas ela viu o rosto da amiga ficar assustado e percebeu que era algo ruim. Kat acenou para chamar a atenção do barman.

"Existe uma sala extra onde eu possa atender essa ligação?", ela gritou. "É assunto de polícia"

"Igual a todos os assuntos daqui?", o cara gritou com um sorriso, antes de acrescentar, "Você pode usar o escritório na parte de trás."

Kat agradeceu e fez sinal para que Jessie e Ryan a seguissem. Os três seguiram pelo corredor até ao escritório dos fundos e fecharam a porta, o que de certa forma abafou os gritos e aplausos da frente.

"O que está acontecendo?", Jessie perguntou.

Kat ergueu o dedo e apertou um botão no telefone, colocando-o em cima da mesa.

"Administrador Phelan, você consegue me ouvir?", ela perguntou.

"Consigo", disse uma voz masculina mais velha.

"Administrador, eu coloquei você no viva voz. Estou aqui com o detetive do Departamento de Polícia de Los Angeles, Ryan Hernandez, e com a especialista em perfis criminais Jessie Hunt. Pessoal, Paul Phelan é o administrador supervisor da instalação da DNR. Ele é meu chefe.

Pode dizer, Administrador - você disse que tinha uma atualização prioritária."

"Correto", disse Phelan. "Acabei de lhe enviar imagens da câmera de segurança sobre um incidente ocorrido há menos de trinta minutos. Parece que Bolton Crutchfield escapou do anexo de alta segurança da DNR."

"O quê?", Kat exigiu saber. "Como isso é possível?"

"Parece que ele teve assistência. Você pode rever a filmagem, mas a versão curta é que quatro membros da equipe de segurança interna da nossa unidade foram mortos. Outro foi encontrado inconsciente na sala de descanso. Dois guardas exteriores também foram mortos e um outro está em estado crítico. Além disso, todos os outros prisioneiros foram libertados por Crutchfield."

"Aqui é o detetive Hernandez, administrador", interveio Ryan. "Foram destacadas equipes para recuperar os prisioneiros?"

"Muitas equipes, Detetive. Temos o Departamento da Polícia de Los Angeles, o Departamento do Xerife, a Polícia Rodoviária e até o FBI lá fora agora. Infelizmente, até agora apenas um prisioneiro foi resgatado."

"Crutchfield fez isso de propósito", disse Jessie, sua mente já acelerando. "Ele quer que os recursos policiais se dispersem, tendo que caçar vários fugitivos, em vez de apenas ele."

"Bem, está funcionando até agora", disse Phelan. "Não há sinal dele desde que ele deixou a instalação. Em quanto tempo você consegue estar aqui, oficial Gentry?"

"Nós temos reservas em um vôo esta noite", disse Kat. "Mas eu vou para o aeroporto agora e vou ver se consigo embarcar mais cedo."

"Por favor, certifique-se que consegue. Eu te informarei sobre quaisquer atualizações relevantes nesse ínterim."

Ele desligou sem outra palavra.

"Eu vou com você", disse Jessie.

"Não, você deveria ficar aqui para o resto do velório. Não há nada que você possa fazer lá agora."

"Deixe-me pelo menos ver a filmagem de segurança", insistiu Jessie. "Talvez haja algumas dicas úteis nela."

Kat abriu as imagens em seu celular e colocou na mesa onde os três podiam ver. Não havia áudio. Iniciava com uma visão ampla da estação

de segurança principal no centro da instalação. Havia três oficiais na mesa. Depois de alguns segundos, Ernie Cortez, o enorme e simpático oficial que sempre dava cantadas em Jessie, apareceu na tela.

Ele estava segurando algo em sua mão direita quando foi para trás do oficial à direita, estudando um monitor na frente dele. Com um movimento rápido e hábil, Ernie sacou do item, que agora se revelava como sendo uma faca de caça, e cortou a garganta do oficial. A policial ao lado dele olhou bem a tempo de ver Ernie mergulhar a faca na testa dela. Quando ela caiu para trás, o terceiro guarda, logo à sua esquerda, se levantou, pegando na arma. Mas antes que ele pudesse tirá-la do coldre, Ernie estava em cima dele, agarrando a mão da arma enquanto esmagava a cabeça do guarda contra a parede da mesa da estação. Os dois homens saíram cambaleando da imagem, de modo que apenas suas pernas eram visíveis. Depois de alguns segundos, as pernas do outro guarda pararam de se mover.

Ernie voltou à imagem, quando tirou a faca da cabeça da oficial e se moveu ao redor da mesa para ficar perto de onde um dos raios do corredor se encontrava com a área central. Ele se escondeu lá, imóvel, com as costas pressionadas contra a parede. Alguns segundos depois, um quarto guarda apareceu daquela direção com um olhar perplexo no rosto. Ele estava claramente confuso com a falta de pessoal no posto de segurança.

Ao passar por Ernie, o homem maior passou o braço esquerdo ao redor dos braços do guarda enquanto cortava simultaneamente a garganta dele. O guarda caiu no chão, contorcendo-se levemente. Ernie, indiferente, andou até ao balcão de segurança e digitou algo em um dos teclados. Então ele desapareceu da imagem novamente.

Cerca de um minuto depois, ele ressurgiu. Só que desta vez ele não estava sozinho. Bolton Crutchfield estava com ele. Quando Ernie saiu novamente, aparentemente liberando os outros prisioneiros, Crutchfield vestiu o uniforme do guarda que tinha tentado pegar a arma. Quando terminou de se vestir, começou a falar algo. Jessie podia ver outros prisioneiros circulando ao fundo, ouvindo atentamente o que ele estava dizendo.

Então, Bolton Crutchfield virou-se e encarou a própria câmera que eles estavam observando. Ele sorriu para eles e acenou. Então ele se

virou e concentrou sua atenção no primeiro guarda cuja garganta tinha sido cortada e que ainda estava sentado em sua cadeira.

Jessie não podia ver o que ele estava fazendo. Mas depois de cerca de trinta segundos, ele se virou novamente de frente. Ele estava segurando alguma coisa. Enquanto ele se aproximava da câmera, ele segurou aquilo no ar.

Era uma prancheta com uma única folha de papel branca presa. Nela, ele havia escrito alguma coisa. Ao aproximar-se, Jessie percebeu que ele havia escrito a mensagem com o sangue do guarda, usando o dedo indicador como caneta.

Ele levantou o papel bem na frente da câmera para que as palavras fossem claramente visíveis, embora elas pingassem um pouco.

Jessie olhou para aquilo, incapaz de impedir que o caldeirão subitamente borbulhante de medo fizesse suas entranhas se contorcerem. Ela estendeu os braços para se apoiar na mesa, com medo de que caísse se não tivesse um apoio. Ryan agarrou seus ombros enquanto ela olhava para Kat, cujo rosto refletia o horror que ela sentia.

A mensagem dizia:

Vou me encontrar com você, Menina Jessie.

Depois de segurar o cartaz pelo que pareceu ser uma eternidade, Bolton Crutchfield deixou cair a prancheta no chão, deu-lhes um último e frio sorriso e desapareceu de vista.

AGORA DISPONÍVEL PARA PRÉ-ENCOMENDA!



O SORRISO PERFEITO
(Um Thriller Psicológico de Jessie Hunt—Livro Quatro)

Em O SORRISO PERFEITO (Livro #4), a especialista em perfis criminais Jessie Hunt, de 29 anos, recém-saída da Academia do FBI, recebe um novo caso perturbador: uma mulher com cerca de 30 anos foi assassinada depois de usar um *site* de encontros para seus casos com homens casados.

Teria ela chegado demasiado perto de um dos homens casados?

Teria ela sido vítima de chantagem? De um *stalker*?

Ou havia algum motivo muito mais nefasto em jogo?

A lista de suspeitos leva Jessie a bairros ricos e bem cuidados, por trás do véu de vidas aparentemente perfeitas, vidas que na verdade são bem podres.

O assassino, ela percebe, deve estar por trás de um desses falsos sorrisos de plástico.

Jessie precisa entender as profundezas da psicose dele enquanto tenta pegar um assassino e aguentar sua própria frágil psique - com seu próprio pai assassino à solta, disposto a tudo até que ele a mate.

Um thriller psicológico em ritmo acelerado com personagens inesquecíveis e suspense de cortar a respiração, O SORRISO PERFEITO é o livro # 4 de uma nova série fascinante que vai fazer você ler pela noite dentro.

Livro #5 na série Jessie Hunt estará disponível em breve.



O SORRISO PERFEITO
(Um Thriller Psicológico de Jessie Hunt—Livro Quatro)

Sabia que eu já escrevi múltiplas séries de mistérios? Se não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo e faça o *download* do primeiro livro de cada série!



Blake Pierce

Blake Pierce é a autora da série bestselling um mistério de RILEY PAGE, composta por quinze livros (a continuar). Blake Pierce é também a autora da série um mistério de MACKENZIE WHITE, composta por nove livros (a continuar); da série um mistério de AVERY BLACK, composta por seis livros; da série um mistério de KERI LOCKE, composta por cinco livros; da série um mistério dos PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta por três livros (a continuar); da série um mistério de KATE WISE, composta por dois livros (a continuar); da série um thriller psicológico de CHLOE FINE, composta por três livros (a continuar); série um thriller psicológico de JESSIE HUNT, composta por três livros (a continuar).

Uma leitora ávida e uma fã desde sempre dos géneros de mistério e thriller, Blake adora ouvir sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à

vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e para se manter em contacto.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)
O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)
A CASA PERFEITA (Livro #3)
O SORRISO PERFEITO (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)
A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)
BECO SEM SAÍDA (Livro #3)
VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)
VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)
SE ELA VISSE (Livro #2)
SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)
À ESPERA (Livro #2)
A CORDA DO DIABO (Livro #3)
AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)
ACORRENTADAS (Livro #2)
ARREBATADAS (Livro #3)
ATRAÍDAS (Livro #4)
PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)
ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)
ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE
ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK
RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE
RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

{1} DTLA (‘*Downtown Los Angeles*’), no original.

{2} ‘*Don’t worry. Be happy*’, no original.